



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

PAULO CÉSAR GOMES

HISTÓRIA, MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: UM OLHAR SOBRE A MODERNIDADE
NA CIDADE DE SERRA TALHADA – PE (1940 - 1980)

CAMPINA GRANDE - PB

AGOSTO - 2017

**HISTÓRIA, MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: UM OLHAR SOBRE A MODERNIDADE
NA CIDADE DE SERRA TALHADA – PE (1940 - 1980)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de mestre em História, na linha de pesquisa: Cultura e Cidades.

ORIENTADOR

PROF. DR. SEVERINO CABRAL FILHO

CAMPINA GRANDE - PB

AGOSTO - 2017

PAULO CÉSAR GOMES

**HISTÓRIA, MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: UM OLHAR SOBRE A MODERNIDADE
NA CIDADE DE SERRA TALHADA – PE (1940 - 1980)**

Texto Avaliado em 31 /08 /2017 Conceito: A

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Severino Cabral Filho – PPGH\UFCG Orientador

Prof. Dr. Gervásio Batista Aranha - PPGH\UFCG Examinador Interno

Profª Drª Patrícia Aragão - UEPB Examinadora Externa

Prof. Dr. Iranilson Buriti – PPGH\UFCG Suplente Interno

Prof. Dr. Giuseppe Roncalli Ponce Leon de Oliveira - UEPB Suplente Externo

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado *in memoriam* do meu pai, Raimundo Rodrigues dos Santos, de quem eu aprendi a seguir em frente e nunca desistir dos meus sonhos e da vida, e que infelizmente não pode ver o fim desse trabalho e compartilhar comigo este momento. E ao meu grande amigo Alejandro J. Garcia, o *Hombre*, que nos deixou órfãos da sua teimosia e de sua generosidade, e aqui nesta simples pesquisa, fica registrado, com todo o meu orgulho, um pouco do talento desse argentino de alma sertaneja, que soube como ninguém registrar todos os canto e recantos da cidade e as diversas 'faces' do povo serra-talhadense.

“Um passo a frente e você já não está mais no mesmo lugar”

Chico Science

AGRADECIMENTOS

Gostaria de inicialmente agradecer a Deus por ter me dado forças para chegar até aqui, após ter passado por tantos desafios, desde as dificuldades para passar na seleção e até na proteção em cada viagem, aos professores Severino Cabral Filho, Luciano Mendonça, Gervácio Batista Aranha e também a Benjamin Montenegro (suplente), componentes da banca de seleção do PPGH – UFCG (turma 2015), que confiaram no meu trabalho e por isso me selecionaram para o ingresso como aluno regular no referido programa de pós-graduação. Expressar minha gratidão a todo equipe do Farol de Notícias, a Casa da Cultura de Serra Talhada, a Câmara de Vereadores de Serra Talhada, a Academia de Letras do Sertão de Pernambuco, ao Instituto Histórico e Geográfico do Pajeú, pelo apoio e o incentivo, aos meus amigos professores e alunos da Escola Antonio Timóteo, ao Professor e amigo Dierson Ribeiro, a Seu Madeira, a Maria do Carmo Gomes, a Francisco Charles, a Tereza Bené, e sua família, a Adelmo Santos, a Teté de João Lucas, a Maria José Carvalho e a todos os outros que contribuíram com imagens e depoimentos, aos amigos José Pequeno, Ariosvalber, Jamilyles Nogueira e a Valesca Kehrlé, que me ajudaram com orientações importantes sobre o processo seletivo e nas correções da dissertação, assim como a Leandro Carlos, que no início de tudo, quando entrar no curso de mestrado parecia ser impossível, foi o meu companheiro em diversas jornadas. Agradeço também aos professores Patrícia Aragão e Giuseppe Roncalli, que se dispuseram a participar das bancas de qualificação e avaliação final, e em especial ao meu orientador, o Professor Severino Cabral Filho, pela confiança em mim depositada e pela maneira sempre humilde com a qual me tratou durante todo o período de orientação. Levarei comigo as suas lições de erudição, ética profissional e, sobretudo, de humildade. Meus agradecimentos se estendem a todos os professores ligados ao programa de pós-graduação, em especial aos professores Luciano Mendonça, Luciano Queiroz, José Otávio, Keila Queiroz e Iranilson Buriti. Aos funcionários da PPGH-UFCG, Arnaldo e Felipe. Registro a minha mais sincera gratidão aos colegas do mestrado: Alexandro dos Santos, Baiza Faustino Soares, Cid Douglas Souza Pereira, Evandro Elias de Barros Neto, Ewennyne Rhoze Augusto Lima, Gutierre Farias Alves, Hugo Paz de Farias Braga, Jaqueline Leandro Ferreira, Jonathan Vilar dos Santos Leite, Junia de

Lima Nascimento, Leiliane Louise Lucena da Costa, Lenildo da Silva Ferreira, Leonardo Augusto Silva Leite, Marcos Fernandes de Oliveira, Marizélia Gomes da Cantalice, Neusa de Almeida Victor, Priscila Gusmão Andrade, Roberta Gerciane Viana de Araújo, Roberto Viana de Oliveira Filho, Ronyone de Araújo Jeronimo, Talita Rosa Mística Soares de Oliveira e Tereza Cândida Alves Diniz. A minha gratidão a Secretária de Educação de Pernambuco, pela licença que foi concedida para poder estudar e a realizar minha pesquisa, aos funcionários da Fundaj (Recife), pela gentileza e prestatividade com a qual me trataram. Finalmente, mas com muito respeito, agradeço a todos os meus familiares e amigos pelo apoio e confiança que sempre depositam em mim. A minha gratidão vai em especial a minha família, esposa Michelly, filha Júlia e minha mãe Adeilde, pelo apoio, pela torcida e pelas muitas orações que foram feitas ao longo dos últimos dois anos. Ao meu irmão Roberto, que por muitas vezes foi meu companheiro de viagens e de discussões teóricas importantes para o meu trabalho, e também ao meu sobrinho Leandro Leon, pela sua disposição na árdua tarefa de transcrever textos de jornais antigos. A todos e a todas, o meu muito obrigado!

RESUMO

A presente dissertação pretende discutir a questão da modernidade e os aspectos cotidianos nas cidades, tendo como objeto de estudo a cidade de Serra Talhada, Pernambuco, no recorte temporal que vai de 1940 a 1980. Desta forma, buscamos perceber como as mudanças políticas e econômicas, a modernização nos transportes, nas comunicações e nos aspectos sociais e culturais, influenciaram na mudança de hábitos e nas características urbanísticas de Serra Talhada. Na busca por respostas para as nossas perguntas sobre o moderno na cidade de Serra Talhada, nos servimos de diferentes fontes historiográficas, entre elas: livros de memória, relatos orais de memória, jornais e principalmente das fotografias. No diálogo com essa diversidade de fontes o método indiciário foi muito importante para nossa pesquisa.

Palavras – Chave: Serra Talhada - modernidade - fotografia - memória – cotidiano

ABSTRACT

The present dissertation intends to discuss the question of modernity and the daily aspects in the cities, having as object of study the city of Serra Talhada, Pernambuco, in the temporal cut that goes from 1940 to 1980. In this way, we seek to realize how the political and economic changes, the modernization of transport, communications and social and cultural aspects, influenced the change of habits and the urban characteristics of Serra Talhada. In the search for answers to our questions about the modern in the city of Serra Talhada, we use different historiographic sources, among them: books of memory, oral reports of memory, newspapers and especially of photographs. In the dialogue with this diversity of sources, the indexing method was very important for our research.

Key words: Serra Talhada - modernity - photography - memory - everyday

LISTA DE ABREVIATURAS

ACISO - Ação Civil Social

AERONORTE – Empresa de Transportes Aéreos Norte Ltda.

ARENA - Aliança Renovadora Nacional

CAGEPE - Companhia de Armazéns Gerais do Estado de Pernambuco

CBA – Comissão Brasileiro-americano de Produção de Gêneros Alimentícios

CCC – Comando de Caça aos Comunistas

CIST - Clube Intermunicipal de Serra Talhada

COMPESA - Companhia Pernambucana De Saneamento

CPDOC/FGV - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil e Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas.

DIE - Divisão de Infantaria Expedicionária

DIVA – Departamento de Informação da Vida Alheia

DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra a Seca

DPA - Departamento de Produção Animal

DPV - Departamento de Produção Vegetal

FAFOPST – Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada

FEB - Força Expedicionária Brasileira

FUNDAJ - Fundação Joaquim Nabuco

HOSPAM - Hospital Professor Agamenon Magalhães

IBGE – Instituto Brasileiro Geográfico e Estático

IFOCS – Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IVC - Imposto de Vendas e Consignações

IPA – Instituto Agrônomo de Pernambuco

PPGH – Programa de Pós-Graduação em História

TAST - Grupo de Teatro Amador de Serra Talhada

SAIC - Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de Pernambuco

SANBRA - Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro

UAST- Unidade Acadêmica de Serra Talhada

UEE- SP - União Estadual dos Estudantes do estado de São Paulo

UFMG – Universidade Federal de Campina Grande

UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco

UNE – União Nacional dos Estudantes

UPE – Universidade de Pernambuco

RELAÇÃO DE IMAGENS

- Imagem 1: Localização do município de Serra Talhada e da Fazenda Saco
- Imagem 2: Açude do Saco I, em outubro de 1949
- Imagem 3: Cópia da escritura pública da compra da Fazenda Saco pelo Governo do Estado de Pernambuco, datada de 05 de dezembro de 1931
- Imagem 4: Montagem com as publicações feitas pelos jornais: Diário de Pernambuco, Folha da Manhã e Jornal Pequeno
- Imagem 5: Agamenon e sua comitiva em meio aos operários da Usina de Beneficiamento
- Imagem 6: Agamenon Magalhães e sua comitiva durante a inauguração da pedra fundamental da Escola Brás Magalhães
- Imagem 7: Conjunto de galpões da Usina Fernando Costa
- Imagem 8: O Marechal Mascarenhas de Moraes e Agamenon Magalhães, durante visita a Fazenda Saco
- Imagem 9: Foto do lago do Açude do Saco I e do interior da Estação Experimental
- Imagem 10: Foto da parede do Açude do Saco I
- Imagem 11: Foto do maquinário usado para arar a terra da Fazenda Saco I
- Imagem 12: Grupo Escolar Rural Solidônio
- Imagem 13: Matéria com Enock Inácio
- Imagem 14: Matéria sobre as ameaças e agressões em Serra Talhada
- Imagem 15: A recepção a Agamenon Magalhães durante a campanha de 1950
- Imagem 16: Comício de Agamenon em Serra Talhada
- Imagem 17: Comício de João Cleofas em Serra Talhada
- Imagem 18: Visita de Agamenon Magalhães ao distrito de Bernado Viera em Serra Talhada
- Imagem 19: Capa do Diário de Pernambuco anunciando a inauguração dos Centros de Puericultura
- Imagem 20: É uma colagem de fotos publicadas no Diário de Pernambuco mostrando os principais fatos que ocorreram durante a inauguração do Centro Puericultura da Fazenda Saco
- Imagem 21: Da esquerda para a direita: a Sra. Carmelita Garcez, a senhorita Letícia Magalhães, o agrônomo Luiz Gois, Agamenon Magalhães e Lucas Garcez
- Imagem 22: Prédio da antiga fábrica de desfibração de caroá
- Imagem 23: Pintura no interior da antiga fábrica de desfibração de caroá com aviso aos funcionários
- Imagem 24: Bandeira de Serra Talhada
- Imagem 25: Foto que mostra uma das salas onde os pesquisadores desenvolviam a semente do algodão mocó
- Imagem 26: Trabalhadores em atividade na Fazenda Saco
- Imagem 27: Visita do Secretário de Agricultura do Estado Barros a Fazenda Saco
- Imagem 28: Visita do Secretário de Agricultura do Estado Barros montando um animal durante visita à Fazenda Saco
- Imagem 29: Foto do arcebispo de Recife e Olinda e dos bispos de Pesqueiras, Nazaré, Caruaru, Petrolina e Garanhuns, quando recebiam explicações do secretário da Agricultura, sobre a “cultura seca” ou o “dry-garming” dos americanos
- Imagem 30: Reunião dos produtores de algodão de Serra Talhada, no Fórum da cidade na década de 1950
- Imagem 31: Pilha de sacos de algodão referentes à produção de 1957
- Imagem 32: Antigo prédio da SANBRA
- Imagem 33: Vista aérea da usina da SANBRA. No centro a BR- 232 e ao lado direito a Estação Ferroviária. Detalhe é que existiam trilhos que levam a produção direto para a estação ferroviária
- Imagem 34: Capa do Diário de Pernambuco do dia da realização da Festa do Algodão em Serra Talhada
- Imagem 35: Capa do Diário de Pernambuco do dia seguinte a realização da Festa do Algodão em Serra Talhada
- Imagem 36: As candidatas a Rainha da Festa do Algodão disputando a prova da colheita de algodão
- Imagem 37: Maria Tereza de Godoy Bené com a coroa e o troféu de Rainha da Festa do Algodão de 1953

Imagem 38: Reportagem sobre a Festa do Algodão
Imagem 39: Comissão de estudantes responsáveis pela organização da Festa do Algodão, visitando a redação do Diário de Pernambuco
Imagem 40: Estacionamento lotado de carros durante a Festa do Algodão
Imagem 41: Ministro da Agricultura João Cleophas cercado pelas candidatas a Rainha da Festa
Imagem 42: Assis Chateaubriand presenteando a Rainha da Festa do Algodão, Maria Tereza de Godoy Bené, com uma jóia
Imagem 43: Visita do Governador de Pernambuco Cordeiro de Farias a Estação Experimental da Fazenda Saco.
Imagem 44: Reprodução do gráfico do perímetro urbano de Serra Talhada, em 1951
Imagem 45: Demolição da Loja Paulistana, de Otacílio Batista, e da A Pajeú, de Manoel Rodrigues, que ficavam na Praça Sérgio Magalhães
Imagem 46: Construção do Grande Hotel Municipal
Imagem 47: Times do Mocidade e do Vila Bela
Imagem 48: Hospital Regional Professor Agamenon Magalhães
Imagem 49: Igreja Matriz de Nossa Senhora Penha ainda em construção
Imagem 50: Rua Monsenhor Afonso Pequeno - Atuais praças Sérgio Magalhães e Barão do Pajeú
Imagem 51: Rua João Pessoa, com destaque para Igreja do Rosário dos Homens Pretos, na década de 1930
Imagem 52: Rua João Pessoa, com destaque para Igreja do Rosário dos Homens Pretos
Imagem 53: Seu Né da Barra e o seu caminhão Ford
Imagem 54: Grupo de Jovens serra-talhadenses posando junto a um automóvel
Imagem 55: A imagem do dia em que o primeiro avião pousou em Serra Talhada
Imagem 56: Avião do Governador Agamenon Magalhães antes da decolagem para a capital
Imagem 57: Anúncio publicitário da empresa AERONORTE
Imagem 58: Imagens dos pilotos e tripulantes e do avião bimotor da FAB danificado
Imagem 59: Casa Nunes, de propriedade de Miguel Nunes de Sousa, popularmente conhecido Dezinho Nunes
Imagem 60: Comércio do Coronel Cornelio Soares
Imagem 61: Inauguração da Estação Ferroviária de Serra Talhada
Imagem 62: Inauguração da estrada de ferro em Serra Talhada, em 07 de fevereiro de 1957
Imagem 63: Várias pessoas deixando a estação em 1957
Imagem 64: Tanque que armazenava a água que abastecia a cidade
Imagem 65: Missionário Horácio Ward batizando jovens nas águas do Rio Pajeú
Imagem 66: Jovens se divertindo no Rio Pajeú
Imagem 67: Antigo Açougue Público
Imagem 68: Construção do Mercado Público de Serra Talhada
Imagem 69: Cheia do Rio Pajeú em 1960
Imagem 70: Cheia do Rio Pajeú em 1967
Imagem 71: Região periférica de Serra Talhada
Imagem 72: Bar Abrigo em 1957
Imagem 73: Banco da Diva
Imagem 74: Matérias publicadas no Diário de Pernambuco
Imagem 75: Time do Odeon Futebol Clube
Imagem 76: Misses Pernambuco 1974 e 1975, Cilene Aubry e Fatima Mourato, marcando presença em jogos de futebol
Imagem 77: Lia Lucas com madrinha do time do Tiro de Guerra da cidade de Caruaru dos anos de 1937 e 1938
Imagem 78 - Lia Lucas a lado do Jogador Garrincha, em jogo amistoso no Pereirão realizado na década de 1970
Imagem 79: Lia Lucas ao lado do goleiro Paulo Vitor (esquerda) e o meio campista Alemão (direita) em jogo do Botafogo-RJ no Pereirão
Imagem 80: Jazz Band Serra Talhada, final da década de 1940 (Fonte: Site Farol de Notícias)
Imagem 81: Antonieta Pereira se apresentando com Banda Edésio e seus Red-Caps no CIST
Imagem 82: A líder do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais Vanete Almeida
Imagem 83: Foto de Cilene Aubry
Imagem 84: Da esquerda para a direita, Isolda Lira Cabral, Miss Caruaru, terceiro lugar; Cilene Aubry, Miss Serra Talhada, primeiro; e Angélica Moura Lins, Miss Gravatá, segundo lugar
Imagem 85: Fátima Mourato

Imagem 86 – Matilde após receber a coroa, a faixa e o centro, e ao fundo uma faixa destacando
Imagem 87: Desfile Cívico realizado em 31 de março de 1970, na Rua Cornélio Soares
Imagem 88: Alunos do Grupo Escolar Antonio Timóteo participando do desfile cívico realizado em 05 de agosto de 1968
Imagem 89: Estudantes desfilando pela Rua Enock Inácio, no dia 07 de Setembro de 1970
Imagem 90: Os alunos do Grupo Escolar Antonio Timóteo ao lado do comandante da Polícia Militar, após o desfile em homenagem ao dia do soldado, em 25 de agosto de 1975
Imagem 91: Colagem com a foto dos alunos do Grupo Escolar Antonio Timóteo, professores e a diretora, ao lado do Prefeito Luiz Lorena, logo após o desfile em homenagem ao dia do soldado, em 25 de agosto de 1975, no Marco Zero da cidade.
Imagem 92: Matéria sobre a operação militar em Serra Talhada
Imagem 93: Encenação da Paixão de Cristo em Serra Talhada
Imagem 94: Grupo de Teatro Amador de Serra Talhada década de 1974
Imagem 95: Janela de onde assassino colocou uma escada e atirou em Carlinhos
Imagem 96: Antônio Alexandre e os participantes do Domingo Alegre
Imagem 97: Rua João Pessoa, atual Praça Agamêmnon Magalhães, com postes já com lâmpadas elétricas
Imagem 98: Prédio onde estava instalado o motor que gerava energia que iluminava a cidade
Imagem 99: Banquete de comemoração chegada da luz elétrica em Serra Talhada
Imagem 100: Primeira iluminação feita na fachada da Igreja de N. Senhora da Penha em 1969
Imagem 101: Praça Sérgio Magalhães toda iluminada durante a Festa da padroeira da cidade no final da década de 1970
Imagem 102: Vilmar Gaia
Imagem 103: Major Ferreira
Imagem 104: Reportagem sobre o clima de medo na cidade
Imagem 105: Reportagem sobre a fuga de Vilmar Gaia da cadeia
Imagem 106: Ingresso de entrada do primeiro cinema de Serra Talhada
Imagem 107: Cine Art (Fonte: Site Farol de Notícias)
Imagem 108: Cine Plaza
Imagem 109: Anúncio do programa de rádio sobre a Festão do Algodão
Imagem 110: Prédio onde as primeiras transmissões da rádio a Voz do Sertão foram realizadas
Imagem 111: Entrevista do locutor Octávio Júnior com o presidente do Comercial para a rádio a Voz do Sertão
Imagem 112: O radialista Gilberto Lima, também começou sua carreira na A Voz do Sertão e hoje atua na Líder FM
Imagem 113: Victor Oliveira, empresário e neto Inocêncio Oliveira, responsável pela administração das emissoras do avô
Imagem 114: Seu Oliveiro Burrego pioneiro da fotografia em Serra Talhada
Imagem 115: Francisco de Assis da Silva, o Pelé da fotografia e sua câmara Yashica
Imagem 116: Foto da feira-livre de Serra Talhada feita por Pelé

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPITULO I – A FAZENDA SACO, O ‘AGAMENONISMO’ E O ALGODÃO MOCÓ; SÍMBOLOS DA CHEGADA DA MODERNIDADE EM SERRA TALHADA	
1.1 O Açude do Saco I e a política: fatores importantes para o desenvolvimento socioeconômico de Serra Talhada.....	31
1.2 Entre a Ditadura do Estado Novo e o estímulo ao desenvolvimento de Serra Talhada e do Algodão Mocó: as contradições da política governamental de Agamenon.....	38
1.3 O apogeu do “algodão mocó” e a Festa do Algodão: Serra Talhada na rota das transformações sociais, econômico e urbanísticas.....	79
CAPÍTULO II: AS TRANSFORMAÇÕES URBANÍSTICAS, SOCIAIS E CULTURAIS VISTAS ATRAVÉS DAS IMAGENS. É A CIDADE ‘CONSTRUINDO’ MEMÓRIAS.	
2.1 As transformações urbanísticas de uma cidade frente à chegada da modernidade.....	128
2.2 Pelas estradas, pelo ar e pelo trilho; é a modernidade chegando no compasso dos meios de transportes.....	149
2.3 O discurso sanitarista e higienista como fator de transformação de uma cidade.	179
2.4 Chuva, sol e fome: o cotidiano da vida do serra-talhadense e o surgimento das periferias urbanas.....	198
2.5 O futebol, a música, as passarelas e o sindicalismo: são as mulheres sertanejas a frente do seu tempo.....	210
2.6 A Ditadura Militar: os desfiles cívicos em Serra Talhada em tempos de ditadura militar entre 1964 e 1970 e os bastidores de uma ação militar na zona rural da cidade.....	235
2.7 A juventude e os palcos: uma geração projeta as suas conquistas e as suas memórias.....	250
CAPITULO III – LUZ, PROJETORES, IMAGENS E SONS: A CIDADE É SEDUZIDA PELO MODERNO	
3.1 Do lampião a gás a energia elétrica; relatos de uma cidade que se ilumina.....	258
3.2 A chegada da TV e a cidade que se que se ver através da sua face mais triste.....	266
3.3 A ascensão e a decadência dos cinemas de Serra Talhada.....	272
3.4 Rádio Voz do Sertão: Primeira rádio de Serra Talhada ainda vive no imaginário popular.....	279
3.5 A história do pioneiro na fotografia de Serra Talhada, do lambe-lambe ao binóculo: ‘olha o passarinho!’	288
CONSIDERAÇÕES FINAIS	294
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	298

INTRODUÇÃO

Graças ao que, na imagem, é puramente imagem (e que, na verdade, é muito pouca coisa), podemos passar sem as palavras e continuamos a nos entender.

Roland Barthes

A epigrafe de Roland Barthes abre o caminho reflexivo pelo qual se pretende através das imagens fotográficas fazer um diálogo entre a história, a modernidade e a memória, isso porque a fotografia é um produto, é um resultado da modernidade na história, possibilitando assim, a elaboração de uma cidade vista a partir das transformações urbanas, culturais, sociais e políticas, bem como as mudanças de costumes e econômicas do município, ocorridas em um espaço temporal de quatro décadas, registradas através das lentes de câmeras fotográficas.

Se a cidade de Serra Talhada é uma das mais importantes do interior de Pernambuco, muito se deve a sua vocação para o comércio atacadista e varejista e por ser o berço de lideranças políticas importantes para o Estado. No entanto, as pesquisas históricas desenvolvidas na cidade têm como principal objeto de estudo o cangaço, isso por que Lampião nasceu no município, além do que, existe uma carência de historiadores dispostos a caminhar em outras direções. Desta forma, o estudo da história de Serra Talhada realizado através de nova perspectiva histórica torna o universo historiográfico da região muito mais abrangente e atrativo.

Sendo assim, a presente dissertação tem como principal preocupação estudar a presença do moderno na cidade de Serra Talhada, no Sertão pernambucano, no recorte temporal que se estende de 1940 a 1980, quando se dá o apogeu e o declínio da produção de algodão mocó, a explosão urbanística da cidade e a chegada de equipamentos modernos, como o avião, o trem, a TV e o rádio. Todos esses fatores levaram as camadas mais pobres a se tornarem em alguns momentos meros expectadores dessa fase histórica e que através deste trabalho serão vistos com “outros olhos”, isto porque as imagens registradas expõem com bastante eficácia a dinâmica elitista da época. Vale destacar a necessidade de se preservar a

memória de quem viveu essas transformações, tanto do ponto de vista do que viveu, como do que sentiu e o que significou que cada mudança.

Entendemos que a primeira dificuldade que se apresenta a quem resolve se debruçar na investigação da temática ligada ao moderno, diz respeito a sua natureza ambígua e mutável. “Ele é transitório por natureza; é aquilo que existe no presente. O moderno do ano passado seguramente não é o moderno deste ano” (VELLOSO, 2010, p.11). Contudo, faz necessário ressaltar que na Idade Média, o moderno era usado para designar o que não era antigo, ou seja, o presente novo. Essa idéia vai se firmar no século XVI com a “periodização da história” (MARIANO, 2010, p.24). Portanto, o uso sistemático do termo moderno, se corporifica na cultura do Renascimento, no século XVI, quando ali se estabelece um debate entre as forças identificadas com o moderno e o antigo.

Por outro lado, a necessidade de discutir o moderno na perspectiva econômica se faz presente, visto que as forças produtivas tinham relação direta com a agricultura e o comércio varejista, sem recorrer assim ao uso da tecnologia industrial, como ocorreu em alguns centros urbanos que vivenciaram transformações similares só a partir da introdução das indústrias.

Um tópico essencial das teorias sobre a modernidade assenta-se na atenção que dedica à experiência urbana nas grandes cidades, através da condição pós-moderna. Harvey (1992) identifica no pós-modernismo uma alteração profunda das experiências da vida cotidiana, que afetam substancialmente a própria percepção e a vivência psíquica dos indivíduos. Ele, de certo modo, atualiza as considerações dos principais teóricos da modernidade, em especial de Charles Baudelaire e Georg Simmel, nas quais se ressalta o processo de abstração patente nos novos estilos de vida, na experiência do choque, na atitude de reserva, na disseminação da relação monetária etc. Para Harvey (1992), o pós-modernismo não significa apenas uma mudança no estatuto da produção cultural, sinaliza também uma modificação no próprio modo de vida com a generalização de novas práticas, experiências e formas de vida.

O historiador no exercício do seu ofício procura guiar-se através dos vestígios deixados pelo passado. Desses rastros, existe uma fonte histórica, que hoje está auxiliando muito o historiador na sua tentativa de compreensão do passado: a

fotografia. Isso se deve ao fato de que a fotografia, a partir do seu surgimento no século XIX, tenha se tornado uma fonte importante, pois contém detalhes que remetem aos costumes, e de como as pessoas se apresentavam frente a determinados acontecimentos, preservando assim a memória histórica de uma cidade e do seu povo.

O estudo das imagens esteve presente em abordagens históricas desde os séculos XVIII e XIX, inicialmente através de pinturas e dos desenhos ilustrativos em revistas e jornais, isso por que em outros períodos históricos o tema investigado não poderia prescindir deste tipo de fonte, como a pré-história ou o Renascimento (c.f BURKE, 2001, p. 13). Nesses casos, as outras fontes como a escrita e oralidade são imprescindíveis. Portanto, feita estas ressalvas, é preciso que se diga que a utilização de imagens nos estudos históricos ainda não é uma prática corriqueira entre os historiadores mais afeitos à tradição de trabalhar com os documentos escritos.

Mesmo assim, o diálogo entre as fontes escritas e os registros fotográficos são fundamentais para o desenvolvimento de determinados trabalhos de pesquisas, principalmente os que têm como pano de fundo a cidade. Nesse sentido Paulo Knauss, destaca:

“Ao longo da história das civilizações, são inúmeros os exemplos em que se percebe como os registros escritos acompanham os registros visuais. Velhas formas de escrita, como os hieróglifos, demonstram essa proximidade. Isso equivale a dizer que a história da imagem se confunde com um capítulo da história da escrita e que seu distanciamento pode significar um prejuízo para o entendimento de ambas. Reconhecer isso implica admitir que imagem e escrita sempre conviveram”. (KNAUSS, 2006, p. 99)

Apesar da relação existente entre as duas fontes, a ausência das imagens nas abordagens históricas é vista por alguns pensadores como uma das características da formação dos historiadores que tendem a privilegiar o texto escrito, o que Peter Burke (2001) definiu como “analfabetos visuais”. Para o historiador, lidar com fontes visuais ainda apresenta inúmeras dificuldades por este não estar equipado teórica e metodologicamente para tal. Inadvertidamente, estas

continuam sendo utilizadas como complemento ou confirmação das informações fornecidas por outros documentos escritos ou, então, sendo concebidas como registros fidedignos do real, servindo para ilustrar épocas e acontecimentos, em abordagens consideradas ingênuas para os profissionais acostumados à problemática visual (c.f. GASKELL, 1992).

Por outro lado, a precariedade da documentação sobre as coleções visuais existentes nos museus e arquivos torna-se mais um empecilho colocado diante do pesquisador, mormente mais propenso à investigação de fontes escritas. Dessa forma, pesquisamos a história de Serra Talhada de “fragmentos” encontrados em fotos, que a partir desse trabalho ganhou nova visão no que se refere ao recorte temporal estudado, onde estabelecemos um diálogo mediante estudos de historiadores que pesquisaram as mudanças e transformações urbanas, políticas, sociais, e culturais advindas com o período de 1940 a 1980. Foi durante essas quatro décadas que se deu a construção da estação ferroviária, do aeroporto, do estádio de futebol, dos colégios públicos e particulares, da faculdade, dos clubes sociais, da quadra esportiva municipal, da emissora de rádio, dos açudes públicos, e também da chegada da energia elétrica e da realização da festa do algodão, entre tantos outros acontecimentos que marcaram a vida da cidade e que foram registrados pelas lentes de câmaras fotográficas, o que nos possibilita construir a história através desses “indícios”.

1.A Fotografia como fonte de pesquisa: a quebra de um paradigma

A investigação de fatos históricos a partir das imagens, sejam estas obras de arte, como pinturas ou desenhos, ou fotografias, pode abrir para o historiador um universo a ser explorado. As imagens visuais são portadoras daqueles elementos que se aproximam mais dos acontecimentos. Moldadas pelas configurações históricas e sociais de sua produção, suas intenções ultrapassam o desejado no momento de sua elaboração pelas múltiplas possibilidades que são oferecidas pelo ato de olhar, deixando indícios da representação do real. As imagens visuais

constroem hierarquias, visões de mundo, crenças e utopias e, neste sentido, podem constituir-se em fontes preciosas para a compreensão do passado.

Entretanto, quando surgiu no século XIX durante a Revolução Industrial em meio a transformações políticas, econômicas, sociais e culturais, a fotografia inicialmente não foi bem aceita pela história metódica predominante, apesar de ter sido encarada como reprodução da realidade. Concebida como documento de segunda categoria, sua utilização, assim como das demais imagens visuais, não ultrapassava os objetivos de confirmação de informações fornecidas por outras fontes. No entanto, só a partir do século XX a fotografia se firma como importante fonte de pesquisa social¹.

Conforme Maria Eliza Linhares Borges (2008), a inclusão da imagem fotográfica entre as preocupações dos historiadores, deu-se a partir de uma mudança de paradigma, a partir da qual um novo tratamento é dado às fontes históricas, entre elas a fotografia, a oral e a escrita, e novos pontos de vista entram nas abordagens históricas. A imagem fotográfica deixaria, assim, de ser considerada mera duplicação da realidade para ser inserida na construção de sentidos e de significações sociais. Passa, dessa forma, a ser tomada como fragmento do real, criado a partir de um quadro fotográfico delimitado pelo autor, o fotógrafo, e determinado por razões de ordem técnica, estética ou cultural.

Assim, conforme Boris Kossoy (2001), a fotografia poderia ser apreciada como uma segunda realidade, diferente da primeira realidade contida num fragmento de tempo e espaço que apenas existiu no momento em que foi dado o *click* no botão e que somente pode ser alcançado como representação visual. A partir dessas considerações, as fotografias podem ser analisadas como imagens que apresentam um imenso potencial de investigação pela História, principalmente, por permitirem o contato com uma realidade passada – a qual não deixa de fazer referência através da sua representação.

Enfim, na medida em que as imagens fotográficas são o resultado direto do esforço de sociedades históricas para imporem-se ao futuro voluntária ou involuntariamente, nos permite pensá-las como uma documentação que torna

¹KOSSOY, Boris. Fotografia e história. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

possível a realização da pesquisa. Visto que, com a revolução das últimas décadas e, com o alargamento do conceito que o termo documento passou a ter, a fotografia começou a ser tratada de forma diferenciada. “Não há história sem documentos assinalou Samaran. Todavia, há que tomar a palavra documento no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira” (APUD KOSSOY, 2001, p.31).

Mesmo estando de forma inexorável ligada à cena registrada, a fotografia não pode ser concebida como mimese do real. Este equívoco muitas vezes toma de assalto o historiador desavisado. Nesse sentido, é importante pensar que as fotografias não são nunca testemunhos da história, pois são elas mesmas históricas (c.f BURKE, 2001). A fotografia congela uma imagem, imortalizada como cena que será objeto de investigação para o historiador. No caso das vistas urbanas, a imagem fotográfica permite observar as transformações ocorridas num determinado espaço através do tempo. O espaço é construído pelo olhar fotográfico através do enquadramento, que seleciona os limites contidos em um espaço maior existente.

Para o historiador o quadro fotográfico interessa como possibilidade de alcançar um extraquadro (c.f COSTA,2001), composto de elementos espaciais excluídos da imagem fotográfica. Esta contiguidade com a cena que deu origem à fotografia aponta ao historiador do urbano a perspectiva de partir de um recorte preciso e chegar a uma configuração maior que, à primeira vista, não fazia parte da imagem, mas que pode ser projetada para além dela.

No que se refere ao Brasil, é possível dispor de alguns estudos históricos, principalmente a partir dos anos 1990, que usam a fotografia como objeto de investigação. Nessas pesquisas o leque de possibilidades é relativamente amplo: estudos temáticos diversos a partir das fontes fotográficas (LEITE, 2001; MAUAD, 1993); estudos sobre a trajetória da fotografia no Brasil (KOSSOY, 2001;); contribuição da fotografia para o conhecimento histórico (MAUAD, 1997). Aproximando o foco para a análise que me proponho, a intersecção entre fotografia e cidade, as pesquisas vão se tornando mais escassas (LIMA, 1997; MICHELON, 2001; CABRAL FILHO, 2007), embora o campo a ser investigado seja vastíssimo, sobretudo no que se refere à existência de acervos a pesquisar.

Cada vez mais de interesse dos historiadores, a fotografia suscita problemáticas de ordem teórica e metodológica que cumpre enfrentar. A abordagem das imagens fotográficas pela História requer inicialmente a delimitação de um corpus visual que possibilite a definição de uma série extensa e homogênea, que, por sua vez, permitirá relações entre as imagens que a compõem, como afirma Ana Maria Mauad (1996, p. 89).

Ainda nesse sentido, se faz necessário destacar o posicionamento de Severino Cabral Filho (2007), que na sua tese de doutorado afirma que “a fotografia impôs uma nova maneira de representar o mundo”, ele acrescenta que essa nova temática metodológica fez “desencadear um apaixonado debate sobre a capacidade de reprodução da realidade, sendo utilizada como *prova*, no sentido jurídico do termo”. Cabral Filho (2007) ainda se posiciona no sentido de classificar as imagens como mecanismos de que se prestam “comprovação” determinadas teorias:

“Com a evolução das técnicas de reprodução de imagens, as fotografias logo passaram a ser utilizadas pelos pesquisadores como ilustração em livros: mas não se tratava de simples ilustrações: elas se prestaram à “comprovação” de determinadas teorias, já que não foram poucos os homens de ciência que saudaram a imagem fotográfica como irrefutável reprodução do real”. (CABRAL FILHO, 2007,p.05)

Dessa forma, procuramos a partir de algumas imagens fotográficas, perseguir os rastros da modernização e sua implicação no imaginário moderno, isto é, relacionar à instalação dos equipamentos modernos a origem de algumas transformações sociais criadas no âmbito de uma cidade encravada no Sertão pernambucano.

2.A Fotografia e a História Cultural

As recentes produções historiográficas são tributárias das propostas lançadas pela Escola dos Annales. Duas grandes contribuições legadas pelos Annales chamam atenção. A primeira foi o incentivo à interdisciplinaridade, a

necessidade da História em dialogar com outros campos do conhecimento humano, em especial as ciências sociais como auxílio na pesquisa histórica. A segunda foi a ampliação das fontes documentais de pesquisas. A abertura para a utilização das novas linguagens.

Ao deslocar o foco das preocupações de ordem política para as preocupações econômicas e sociais, a história mudou, como também mudaram os seus temas, os seus objetivos e os seus historiadores. A diminuição das barreiras com as Ciências Sociais fez com que se passasse a desenvolver pesquisas com documentos iconográficos (CADIU et al. 2007, p.148). Com esse entendimento posto através da *Annales* passou-se a ter um entendimento de que os acontecimentos cotidianos podem ser vistos como objetos de análise histórica. Com essa abertura do campo de investigação, François Dosse (2003, p.83) relata que passou a haver um interesse por estudar a natureza, a paisagem, a população, a demografia, as trocas e os costumes.

Ao se dedicar a discutir como históricas questões de ordens diversas, os *Annales* também trouxeram mudanças para o conceito de fonte histórica, permitindo que os arquivos a serem pesquisados fossem ampliados como nos lembra o historiador José Carlos Reis (2000, p.23): “Os *Annales* foram engenhosos para inventar, reinventar ou reciclar fontes históricas.” Dedicados à tarefa de vencer o esquecimento e preencher muitas lacunas do conhecimento, os estudos históricos passaram, então, a tratar como documentos arquivos bancários, listas de compras, recintos sagrados, narrativas orais, arquivos criminais, medicina popular, cerâmica, túmulos, obras arquitetônicas e iconografia, entre outros.

No caso específico das fotografias urbanas, elas vêm compartilhando espaços com uma diversidade de outras documentações históricas, contribuindo para a história das cidades, para os trabalhos de restauração física de edifícios históricos ou para a recuperação de áreas urbanas degradadas. A fotografia, portanto, foi se firmando como documento dentro de um contexto ao qual Jacques Le Goff (2003, p.531) se refere como revolução documental. Esse alargamento do conteúdo do documento intensificou o interesse da história por temas que não mais se apoiavam apenas nos grandes acontecimentos da humanidade, mas sim pela memória coletiva. Le Goff (2003) dedicou um capítulo a discutir as relações entre

documento e monumento. O autor aponta que o conhecimento de outras épocas só é possível a partir dos suportes da memória coletiva – os monumentos. Ele informa ainda que o método histórico atual considera os documentos como monumentos e que traduzem as experiências vividas pelos seres humanos.

Essas contribuições foram levadas adiante, atendendo a novas características e necessidades, principalmente com a Nova História Cultural. Paradigma que veio à tona no último quartel do século XX, surgindo a partir da Nova História francesa que, após várias críticas à ciência histórica, defende uma aproximação da História com as artes, a filosofia, assim como a fotografia, afastando-se das pretensões científicas tradicionais. Dessa forma, nossa dissertação está alinhada aos pressupostos da História Cultural, que tem como principal característica analisar as representações que os seres humanos fizeram de si e do mundo em que viviam. Trata-se de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados, socializados e construídos pelos homens para e explicar e vivenciar o mundo. Geertz (2008) acredita que a Cultura é formada por construções simbólicas, os significados contidos num conjunto de símbolos compartilhados. Para ele, “a análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa” (Geertz, 2008, p.39)

Com o advento da História Cultural ficou mais bem estabelecido que o historiador pretenda atingir nas suas pesquisas as sensibilidades de uma outra época – traduzindo a experiência humana passada. De modo a ultrapassar a distância temporal e cultural do passado. Chegando mais próximo conhecer esse outro no tempo. Segundo Gervácio Batista Aranha, é preciso assegurar que a experiência humana se apresentem como um “ser-a-dizer”, e ele ainda afirma que isso “implica em assumir uma postura contrária aos que encaram a linguagem como auto-referente”. (ARANHA, 2013, p.7)

Com influência da Escola dos Annales, a partir dos anos trinta do século XX, a noção de fonte documental é ampliada e a imagem também passa a constituir-se como um resíduo do passado, um traço capaz de atestar situações de vivência. Nesta perspectiva, Chartier (1993) observa que a imagem passou a ser apreendida como documento histórico, ou seja, as propriedades técnicas, estilísticas e

iconográficas ligam-se a um modo particular de percepção e uma maneira de ver, moldada em toda a experiência social.

A noção de documento atribuída às imagens pelas primeiras gerações dos *Annales* refere-se principalmente aos quadros, às gravuras, às estampas, às estátuas e aos demais objetos visuais. A utilização das fontes visuais para a construção do conhecimento na história é ainda muito restrita e de certa forma problemática. Sobre esta questão, Meneses (2003) comenta que é possível pensar em uma História Visual, produzida a partir de imagens, tentando assim, examinar a dimensão imagética da sociedade. O mesmo autor pondera que o visual refere-se à sociedade e não às fontes para o seu conhecimento; neste sentido, o objeto é sempre a sociedade, cabendo ao historiador trabalhar com os problemas históricos, buscando a solução por intermédio de fontes visuais, juntamente com outras fontes pertinentes.

A fotografia como uma fonte visual começa a ser trabalhada com mais ênfase na França, a partir da terceira geração dos *Annales*. Le Goff e Nora² avançam nas discussões sobre os novos problemas, as novas abordagens e os novos objetos, atribuindo à fotografia o caráter de fonte documental e afirmando sua importância para o trabalho de construção do passado. Ao mesmo tempo, dar credibilidade às pesquisas realizadas sobre a história social da fotografia.

Para Le Goff³, a fotografia está entre os grandes documentos para se fazer história, por consistir de provas de que algo aconteceu. A fotografia representa uma inegável expressão do indivíduo, da face, do retrato e, também, expressão da vida ordinária do camponês ou do operário. A imagem mostra toda a riqueza do simples ato de ver, por ser um texto visual que exprime a plenitude do humanismo. O autor finaliza salientando que se existem provas concretas do passado, a fotografia é uma delas.

Pierre Nora (1997) observa que, a partir dos anos 70 do século XX, o texto visual, principalmente a fotografia, começava a fazer parte da escrita da história. O autor salienta que o alargamento da história, propiciado pela “Nova História”,

² LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. História – novos problemas, novas abordagens, novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

³ LE GOFF, Jacques. Mirages de l'histoire. In: La Recherche Photographique, Paris, Paris Audiovisuel, n. 18, 1995.

influencia na valorização do arquivo visual. Paralelo a isso, a noção de testemunha passa a ser entendida como noção de traço e o não escrito começava a dilatar o domínio da história. Nora (1997) entende a fotografia como um instantâneo extraído do movimento permanente, uma mostra representativa de uma realidade distante, um análogo do que foi o passado, uma relação de descontinuidade decorrente de uma mistura de distância e de aproximação. Deste modo, cabe ao historiador perceber o valor de diferença do que se apresenta e o movimento que continua a existir. Naturalmente, esse é um longo trabalho que exige muita erudição na restituição de um objeto histórico.

Apesar do entusiasmo de historiadores conceituados, tais como Le Goff e Nora, pouco foi feito relativo à utilização das imagens para a construção do conhecimento histórico. Esta discussão também está presente em algumas obras de historiadores brasileiros, os quais procuram salientar esta diferenciação e/ou aproximação entre a história da fotografia e a história pela fotografia. Outros autores brasileiros que trabalham com fotografias apontam as limitações e as dificuldades neste domínio específico. Para Kossoy (2001), é necessário o estabelecimento de algumas diferenças teóricas, relativas aos objetos de investigação da história da fotografia como na história através da fotografia. No primeiro caso, o autor salienta que é um estudo sistemático da fotografia como um meio de comunicação e expressão em seu processo histórico.

Ele também afirma que é importante conhecer os artefatos representativos dos diferentes períodos, a tecnologia utilizada e os estilos e tendências de representação vigentes em certo período histórico. Também considera fundamentais as circunstâncias ligadas ao processo que originou a imagem, como também o seu uso enquanto testemunho visual, em suas diferentes aplicabilidades ao longo de sua história.

A fotografia possibilita explorar com riquezas os campos das sensibilidades passadas. Traduzir características do passado a partir da fotografia - das subjetividades dos sujeitos através de imagens. Que se fundamenta no que se pode denominar de indícios e fragmentos de historicidade – registro de algo acontecido, os vestígios e rastros do passado. Que é organizado, selecionado pelas mãos do historiador. Cabe destacar que o historiador na sua singular tarefa de traduzir

características de um tempo já transcorrido, pontuar-se em recuperar sensibilidades e não sentir da mesma forma e, tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo pelos rastros que deixou.

Os grupos humanos atribuem valores e sentido ao mundo por meio das representações que constroem e vivenciam do mundo. Dessa maneira entendemos a fotografia, como representações, onde os homens projetam seus anseios, sonhos, vontades, desejos, inquietações. Como indica o historiador Roger Chartier:

“A noção de representação (...) permite (...) o trabalho e classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição.” (CHARTIER, 1988, p.23).

Nesse contexto, acreditamos que a fotografia é uma das fontes indispensáveis para o historiador, já que nela observamos alguns elementos que outras fontes eventualmente não nos fornecem, como por exemplo, o contexto de determinado período, onde o momento foi congelado através das lentes de uma máquina, que produz o registro visual que nos permite ser remetida a determinada época, onde através de roupas, indumentárias, objetos e passagens, podemos então compreender melhor o contexto daquele acontecimento.

3.A Fotografia e a Memória

A fotografia possibilita analisar como as pessoas imaginavam o mundo em que viviam, resgatando assim as memórias até então esquecidas. Barthes (1984) reconhece que na constituição fotográfica operam procedimentos mecânicos, emprego de técnicas, aplicativos de sais, compostos de prata, modos de circulação, maneiras de reprodução e os suportes que auxiliam na difusão da rede imagética. A questão do recurso técnico aplicado à imagem fotográfica, é extremamente ampla.

De modo que Barthes (1984) não vê necessidade de abordar com mais propriedade essa temática. Para esse autor, a questão posta é que a imagem fotográfica opera em correspondência aos valores subjetivos, e que se pode “ver” nessa - na imagem fotográfica-, muito mais do que um “registro realista, ou a mensagem codificada”, ou seja, interessa evidenciar a imagem como representação simbólica, e não apenas como uma técnica.

As imagens fotográficas revelam além de registros e de vestígios, alguns elementos importantes para o conhecimento da memória. Neste sentido, Le Goff (1995) observa que a fotografia revoluciona a memória, multiplicando-a e democratizando-a, dando uma precisão e uma verdade que permite guardar a memória do tempo e da evolução da sociedade, colocando assim a memória e a fotografia como protagonistas do trabalho de pesquisa.

As fotografias possibilitam ampliar a visão do historiador, colocam em cena atores sociais em diferentes situações de atuação e permitem que se conheçam os cenários em que as atividades cotidianas desenvolvem-se, como também, a diversidade das articulações e das vivências dos atores sociais que atuaram em um determinado contexto sócio-cultural, “construindo a memória” até então esquecida.

Para Paul Ricoeur (2007) a diferença entre a Memória e a História é o fato de que a memória tem uma relação íntima com o passado – ela parte de uma imagem inicial –, enquanto que a história é externa – não tem essa imagem. Além disso, o trabalho do historiador é infinito, interminável, sempre levado pela dúvida e solitário, o que o opõe à memória. Ricoeur afirma que a história deve reconhecer na memória sua matriz, mas “após reconhecer sua própria dependência, a história deve afirmar uma outra representação do passado”. Isso por que a história e a memória caminham de mãos dadas.

Nesse momento, a história deve retomar a crítica e “graças à sua capacidade de coordenação, de federação, de 'síntese do heterogêneo', a história mede e corrige a memória – ou, mais exatamente, as memórias, no plural – a partir do princípio de equidade” (LORIGA, 2009: 26). A distância da história da experiência vivida permite-lhe ser justa. Poderá, sobretudo servir como suporte para a memória coletiva desses atores, na medida em que registram cenas de um tempo contínuo

que foram perenizadas no ato fotográfico, podendo ser transportadas para outras temporalidades, mediante uma mistura de passado-presente.

No processo de recordar/rememorar, estão novamente em dupla ação a memória individual e a memória coletiva, pois se a “memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo” (HALBWACHS, 2006, p. 69). Quanto mais inseridos se fazem em um grupo, mais condições terão os indivíduos de recuperarem as suas memórias como também de contribuir para a recuperação e perpetuação da memória do grupo, sempre numa relação de complementaridade.

Em meio ao debate teórico, torna-se necessário se discutir a necessidade de uma história social da fotografia, que entre outras coisas, perpassa pela compreensão de que, em primeiro lugar, a fotografia é um produto social e a sua construção revela as demandas de diferentes grupos sociais. Estes mesmos grupos podem utilizar-se da fotografia para divulgar e legitimar o seu poder em um determinado momento e como forma de divulgação e de imposição de representações sociais.

Sendo estas matrizes para as práticas sociais, que podem interferir na construção de modelos ideais de comportamentos a serem seguidos pelos demais grupos de uma sociedade. Esta forma impositiva de legitimação das representações, por intermédio das fotografias, serve também como um meio importante para a construção da identidade, tanto individual quanto coletiva. Torna-se importante o historiador mensurar que ao utilizar a fotografia enquanto fonte documental de pesquisa está manuseando também uma importante fonte de pesquisa, narrativa que tem compromisso com a veracidade dos fatos vistos através dos indícios. Por isso, é importante o historiador estabelecer o diálogo com essas duas áreas de conhecimentos (história e fotografia), quando valer-se da fotografia enquanto fonte histórica.

O uso da imagem pelos diferentes grupos sociais também se traduz nas formas como os mesmos afirmam o poder na sociedade, pois as formas de representação impressas nas fotografias intencionam o desejo de mostrar-se de uma maneira considerada ideal para os distintos contextos. Nessa perspectiva, o uso da fotografia com fonte de pesquisa para estimular a memória de uma

sociedade, resulta na quebra de um paradigma, que por muitos anos não foi aceito por alguns historiadores. Registros de homens e mulheres trabalhando em plantações ou construções, sendo ao mesmo tempo fiscalizados ou apenas observados por representantes do patrão, são exemplos de relação de poder na sociedade.

Precisamos também nos afirmar na utilização do paradigma indiciário, um método interpretativo no qual os detalhes tidos como secundários ou mesmo negligenciáveis podem guardar a chave para a interpretação de um contexto social. Este método trabalha descobrindo nas fontes e nos documentos dados além daqueles que estes pretendiam revelar, informações que, para a sociedade que produziu o documento, pode ser tido apenas como um fato posto, mas quando analisada e desconstruída pelo historiador, pode revelar um sistema vigente na época de produção de tal documento. Nesse sentido, esse tipo de conhecimento entra em jogo elementos imponderáveis: “faro, golpe de vista, intuição”. (Ginzburg, 2003).

Dessa forma, a linha condutora das suas investigações, valoriza os fenômenos aparentemente marginais desempenhados pelos pequenos e pelos excluídos, através dos quais acaba demonstrando uma verdadeira dimensão cultural e social.

“A nossa proposta pretende combinar a ótica não elitista da corrente quantitativa com a análise particularizada da corrente qualitativa centrada no estudo das elites -análoga a proposta de E. P. Thompson -...Os casos marginais, põem em causa o velho paradigma e por isso mesmo ajudam a fundar um novo, mais articulado e mais rico. Quer dizer, funcionam como espias ou indícios de uma realidade oculta que a documentação, de um modo geral, não deixa transparecer ... a história que os homens não sabem que fazem”. (GINZBURG,1991: 176-177).

Para Ginzburg (2003) a história pertence ao quadro das ciências que prescindem de um paradigma indiciário, ou semiótico. Ele diz que “o que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente”⁴. Ele nasce da

⁴ GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____ Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. P. 152.

concretude da experiência, da capacidade de elaborar e perceber similaridades. Essas experiências, afirma o autor, acabam por originar uma série de estudos de caso, daí a importância da contribuição do modelo e das investigações de Ginzburg para a compreensão do funcionamento das camadas populares. É por essas razões que o nosso trabalho seguiu a interpretação indicada por Ginzburg (2003). Nesse sentido, os textos publicados em periódicos da capital e dos estados brasileiros são fontes importantes já que como bem diz Cabral Filho (2007), são “outros indícios que também significam esta cidade”.

O procedimento metodológico se deu com base na análise das fontes primárias, que foram encontradas nos acervos fotográficos público e particular de Serra Talhada, sendo que algumas nunca foram usadas em outra pesquisa, bem como o conteúdo visual publicado em jornais e revistas do período em enfoque. Boa parte dessa documentação visual que foi analisada está sendo utilizada pela primeira vez em uma pesquisa, como afirmam os funcionários dos órgãos públicos e as famílias que se dispuseram a contribuir com o trabalho. Além dessas fontes, foram inseridos depoimentos realizados através de entrevistas presenciais e feitas através de perguntas enviadas por e-mails e pelo facebook.

Para estudar a história de Serra Talhada através da fotografia, foi necessário um mapeamento da documentação nos órgãos públicos como os Museus da Cidade e do Cangaço, para verificar as datas, locais, nomes e os autores (fotógrafos e repórteres), infelizmente algumas fotos são de fotógrafos não identificados -, e sem uma data precisa, mesmo assim, a qualidade da produção científica não foi comprometida.

Entres essas imagens fotográficas encontramos aquelas que foram “encomendadas”, ou seja, produzidas atendido às orientações dos administradores públicos, ou por comerciantes, que buscavam retratar eventos específicos de transformações técnicas e urbanísticas identificadas na cidade, sobretudo aquelas que buscavam enquadrar a presença de autoridades políticas (inaugurações, festividades, etc.) e outras que demonstram a instalação de equipamentos modernos de uso coletivo, os maquinários de grande porte. Sobre estas possibilidades pedagógicas das imagens, Cabral Filho nos alerta que:

“Portanto, a fotografia não expressaria nem neutralidade nem tampouco a produção realista e objetiva das coisas do mundo, mas é ela própria o resultado de condicionantes históricos interessados em construir uma realidade idealizada para atender a demandas bem objetivas de grupos no poder. Este esforço implica a instituição de uma forma de educar o olhar.” (CABRAL FILHO, 2007. p. 08)

Também foram usados arquivos privados (fotos de álbuns particulares e recortes de revistas e jornais) de famílias tradicionais no município que identificamos e que foram muito importantes. Nesse sentido destacamos que os álbuns familiares nos levaram a encontrar novos vestígios da história da cidade, como os registros fotográficos de festas tradicionais e eventos políticos, culturais e esportivos, muitas das fotos encontram-se com registros grafados no verso com a data e a listagem nominal das pessoas fotografadas.

Encontramos outros registros em institutos históricos e arquivos públicos fora da cidade, a exemplo, de fotos na Fundação Getúlio Vargas e IBGE, além de documentos encontrados na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), em Recife, onde encontramos vasto acervo jornalístico, em particular do Diário de Pernambuco, Diário da Manhã e Jornal Pequeno, e bem como revistas de circulação nacional publicadas no período estudado, e que contribuíram de forma decisiva para a realização de trabalho.

Nas imagens estudadas está a idéia que se esboça e que tomou forma. Ao final, resultado é que estas imagens e todas outras que, hoje, temos de Serra Talhada, forma uma espécie de museu imaginário dos 40 até os 80 do século XX, muito mais, forma uma imagem da cidade que se apresenta, a despeito das caracterizações da época.

Esta dissertação se divide em três capítulos. No capítulo I, a discussão se constitui em torno da análise do processo de modernização através da atividade política, principalmente de Agamenon Magalhães, bem como as mudanças no modo de vida e nos meios de produção. Uma transição entre a cidade em que a economia era baseada na agricultura e que logo depois da metade do século começa, após a crise na produção de algodão mocó, passa a ter como foco principal o comércio varejista.

Inicialmente buscamos entender a importância desses fatos que marcaram a história da cidade de Serra Talhada, que na década de 1940, foi alçada a condição de pólo regional na produção do algodão mocó, isso em função da implantação, pelo governo do estado, da Estação Experimental, na Fazenda Saco, na zona rural da cidade, que virou referência regional no estudo e aperfeiçoamento da cultura algodoeira. O ponto alto dessa fase se deu com a realização da Festa do Algodão, evento que contou com a presença de várias lideranças políticas e empresariais do país.

No capítulo II, analisaremos as atividades cotidianas nos espaços públicos e as movimentações humanas frente à cidade que em meio à modernidade, as pessoas buscam lazer e entretenimento, a construção de novos espaços públicos amplos, confortáveis e com traços arquitetônicos modernistas. Sem esquecer das novas dinâmicas sociais e culturais criadas em função dos “novos ares” trazidos pela modernidade e que adentraram a cidade.

Nessa abordagem evidenciaremos as transformações urbanas com o objetivo de “embelezar” o centro da cidade, ao mesmo tempo em que a pobreza era “empurrada” para a periferia, visando entre outras coisas, comemorar o centenário de emancipação política e para “abrir espaço” para novos equipamentos modernos. Ao mesmo tempo em que a chegada do avião e do trem, registradas através de imagens, desperta a curiosidade de uma população que se apresenta apenas na condição de “observador” dos acontecimentos. Também analisaremos os possíveis motivos que levaram o Exército Brasileiro a realizar manobras militares na cidade, assim como uso dos desfiles cívicos como propaganda do regime ditatorial.

Também destacaremos em particular a presença de mulheres atuando no meio cultural, e que buscam através da conquista desses espaços que antes eram restritos aos homens, realizar os seus sonhos de uma sociedade sem barreiras, igualitária e que respeite a livre escolha. Nesse sentido, verificaremos os espaços conquistados pelas mulheres, principalmente em ambientes com forte controle masculino, a exemplo, e que foram sintomaticamente sendo ocupados pelas mulheres, que deixaram a rotina de dona de casa, para serem “estrelas” da vida cultural e social da cidade.

Abordaremos a participação das mulheres serra-talhadenses nos concursos de beleza, em festas e apresentações, e também na vida sindical, o que para muitos pode parecer apenas um ato de valorização e de estímulo a futilidade, foi na verdade uma forma das moças se libertarem do machismo e da violência familiar existente na região, um estigma muito ligado ao Cangaço, visto que Lampião era natural da cidade, bem como, por ciclos de vingança entre clãs. Até meados da década de 1970, o principal clube da cidade, o CIST (Clube Intermunicipal de Serra Talhada), formado pela elite local, a presença de moças sem a companhia dos pais, familiares, ou do namorado, noivo ou do marido, não era permitida, em alguns casos era preciso um exame médico para comprovar a honradez da moça para que a mesma pudesse participar dos eventos realizados no clube.

A partir de fotos, depoimentos e reportagens de jornais compreenderemos como foi que três moças da cidade alcançaram o feito de serem Miss Pernambuco, o que levou Serra Talhada se tornar tricampeã da beleza feminina, de forma consecutiva, 1974, 1975 e 1976, as conseqüências nos meios sociais, político e cultural, e também veremos a postura dos jovens que passam a ocupar um lugar de destaque ao promoverem atividades culturais, como peças de teatro e eventos musicais, rompendo com ostracismos que as autoridades locais impunham à juventude, visto que todas as iniciativas eram independentes e autônomas.

No capítulo III, buscamos verificar as mudanças trazidas com a chegada da energia elétrica vinda da usina de Paulo Afonso- BA, visto que a cidade que era iluminada com energia gerada através de um motor que tinha hora certa para ser desligado, o que obrigava a população a ter hora certa para chegar a noite em casa, bem como as novas práticas vivenciadas a partir da chegada da nova matriz energética, a exemplo da transformações ocorridas durante as comemorações da tradicional Festa de Nossa Senhora da Penha, que em 2017 viverá a sua 227ª edição. Paralelamente discutiremos o cotidiano de quem ia ao cinema em Serra Talhada, e focaremos nossa discussão no auge dos principais cinemas do período pesquisado: o Cine Art e o Cine Plaza, visto que os dois cinemas eram locais, que além da exibição de filmes e que funcionaram também como ponto de encontro, local de passeio público, e flerte, funcionando com um ponto privilegiado para a construção de novas relações sociais, e que por várias razões, ainda habitam as memórias de muitos serra-talhadenses.

Concluiremos o capítulo III como uma análise sobre a popularização dos aparelhos TV e dos programas televisivos, que acabaram sendo determinante para que os cinemas encerrassem as suas atividades já início dos anos 80, além de analisarmos a repercussão da exibição do programa Globo Repórter sobre o pistoleiro Vilmar Gaia. E ainda focaremos a chegada da rádio A Voz do Sertão-AM, com as suas coberturas esportivas e os eventos em clubes, o uso para fins políticos e as relações criadas entre os ouvintes e a emissora.

Com base na narrativa acima apresentada, que tive início durante a elaboração do projeto de pesquisa que foi submetido à seleção do PPGH – UFCG, em 2014, compreendemos que a realização desta dissertação venha a suprir uma lacuna existente na historiografia de Serra Talhada e de parte do Sertão pernambucano, bem como atingir alguns dos objetivos, os quais motivaram a realização desse trabalho: a importância do uso da fotografia como elemento de pesquisa, a preservação da memória política, social e cultural da cidade e o aprofundo dos estudos de temáticas como a modernidade e as transformações urbanísticas no município de Serra Talhada.

CAPITULO I – A FAZENDA SACO, O ‘AGAMENONISMO’ E O ALGODÃO MOCÓ; SÍMBOLOS DA CHEGADA DA MODERNIDADE EM SERRA TALHADA

1.1 O Açude do Saco I e a política: fatores importantes para o desenvolvimento socioeconômico de Serra Talhada

O final da primeira metade do século XX, em Serra Talhada, cidade localizada no Sertão do Estado da Pernambuco, a cerca de 420 km da capital, figurou como o início de um período de extremas transformações materiais e simbólicas no que diz respeito à (re)invenção e (re)organização do espaço urbano. Uma significativa percepção de que a cidade experimentava uma atmosfera de progresso, de acordo com alguns olhares, sobretudo no que diz respeito a aspectos caros aos processos de modernização, civilização e progresso, pairava no ideário dos projetos e projeções elaboradas pelas elites, em políticos que serra-talhadenses, desejosos por presenciar o novo, o inusitado e o transformador, e fazer cair por terra os “possíveis” motivos de “atraso” para o crescimento e esplendor da “progressiva cidade”.

Os impactos do processo de modernização ‘sem mudanças’ - visto que não contemplou a todos - ocorridos a partir de 1940, alterou o cotidiano da cidade, influenciando a vida econômica, social e cultura dos serra-talhadenses. Todas essas alterações vivenciadas em Serra Talhada se configuram também como uma importante peça para o entendimento dessa modernização, visto que nesse período vários equipamentos com tecnologia bastante avançada para a época foram incorporados ao cenário, o que nos levou a estudá-las, uma a uma. Vemos em, Cabral Filho (2010), que “o estudo de apenas uma destas experiências resultaria lacunar, dada a complementaridade indispensável que o estudo da outra pressupõe”. Ele ainda reforça a idéia que esses equipamentos deixam marcas importantes na vida da população:

“Este processo de modernização, reflexo no aporte de equipamentos marcados por uma tecnologia bem atualizada, as transformações de natureza social, econômica, política e mental experimentadas ao longo deste percurso, imprimiram marcas no viver cotidiano dos indivíduos, com

eles estabelecendo relações às vezes tensas e conflituosas e às vezes de franca harmonia. Acreditamos que a vida cotidiana expressa os agentes sociais em sua plenitude, em suas formas de relacionamento com o mundo em que vivem e esse aspecto já denuncia o caráter heterogêneo e hierárquico da diversidade de maneiras de viver o cotidiano”. (Cabral Filho, 2010).

É evidente que todo esse processo criou em determinados momentos situações “tensas” e “conflituosas”, conforme afirma Cabral, visto que a população do município era essencialmente rural, e diante da nova realidade, iniciou-se o processo de migração para a zona urbana. No entanto, para que se estabeleça o nível compreensão elevado, é preciso que estude a partir do ponto inicial que desencadeou toda essa transformação em Serra Talhada.

Sendo assim, entendemos que o ponto de partido dessas transformações ocorreu ainda na primeira metade do século XX, especificamente a partir de 1940, graças à influência política do então interventor federal, Agamenon Magalhães, que era natural de Serra Talhada, que usou a sua posição política à frente do governo do Pernambuco para realizar obras estruturais que proporcionaram a população uma sensação de “bem estar”. Nessa mesma década foi implantada no município a Estação Experimental da Fazenda Saco, um equipamento que tinha como objetivo desenvolver novas técnicas e o aperfeiçoamento de produtos agrícolas, entre esses produtos estava o algodão mocó.

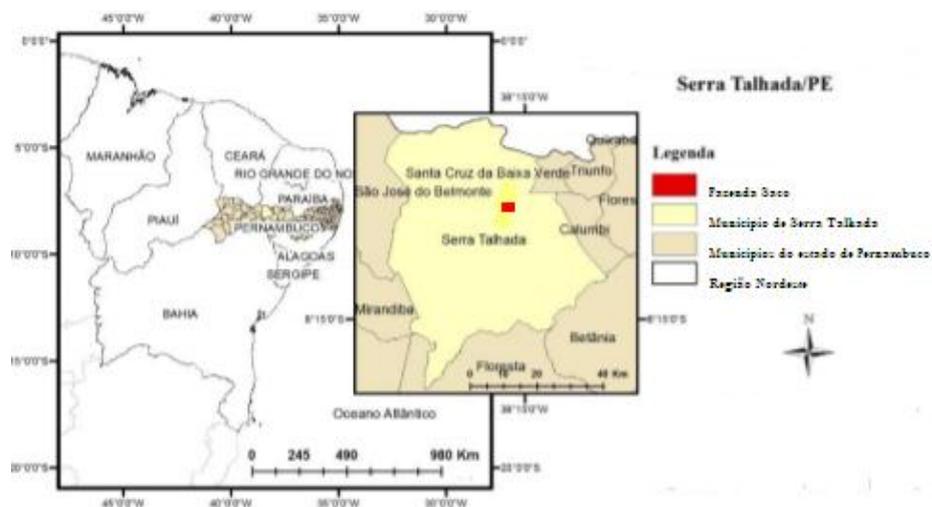


Imagem 1: Localização do município de Serra Talhada e da Fazenda Saco (Organização do autor – 2017)

Os incentivos ao plantio do algodão mocó acabaram desbancado a cultura do caroá, que até então era predominante no Sertão pernambucano. A Estação Experimental e o algodão mocó viraram “a menina dos olhos” da classe política regional, o que acabou projetando a Fazenda Saco (imagem 1) e Serra Talhada ao cenário nacional. Porém, toda essa conjuntura foi propiciada a partir de dos fatores: a ascensão política de Agamenon Magalhães e suas raízes familiares com a Fazenda Saco. Sendo assim, para se compreender a importância da Fazenda Saco⁵ se torna imprescindível que seja apresentado o contexto histórico, político e econômico da cidade, desde a origem da fazenda.

Segundo Luiz Lorena⁶, pesquisador e também ex-prefeito de Serra Talhada, diz em sua pesquisa que o primeiro foreiro (morgado) da Fazenda Serra Talhada, onde está inserida a Fazenda Saco, foi o Sr. Agostinho Nunes de Magalhães. Como foreiro, fez seu primeiro pagamento à Coroa em 1757. Na época, representava a Coroa a casa da Torre de Garcia D’ávila em Salvador, BA. Lorena (2001) apresenta em seu trabalho documentos não datados, dentre os quais, os da Fazenda Saco, identificando Agostinho Nunes de Magalhães como o titular que se obrigava a pagar 6.000\$000 (seis contos de reis) por ano, à Coroa.

O Coronel Braz Magalhães, descendente de Agostinho e bisavô de Agamenon Magalhães, passou a titular da Fazenda Saco e decidiu pela construção da parede de terra do primeiro Açude do Saco, em 1848. No entanto, foi quando da

⁵ A Fazenda Saco, na sua extensão original, ocupava 3.200 hectares. O Açude Saco, quando em sua cota máxima cobre 500 hectares. O açude resulta da barragem do Riacho do Medéia, que nasce na Serra do Triunfo, drena metade do município de Triunfo e, praticamente, todo o município de Santa Cruz da Baixa Verde. A margem direita do lago é denominada Haras e alberga, hoje, um assentamento do Incra. As terras da margem esquerda são divididas pelos lugares conhecidos pelos nomes de Barragem, Trinta e Sete, Guiné, Vila, Pedra Branca, Cumbuco, Piau, Xique-xique, Mandaçaia e Pimenteira. Em 1984, a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) construiu o Centro de Treinamento para Pequena Irrigação com dotação financeira do Ministério da Irrigação, em área de cinco hectares da Estação Experimental do IPA (Fazenda Saco) cedida em regime de comodato. Posteriormente, em 2006 foi criada a UAST (Unidade Acadêmica de Serra Talhada), também vinculada a UFRPE. Para viabilização desse processo, inicialmente, foi transferida uma área de 17 hectares, e posteriormente, complementada com mais 50 hectares, em caráter definitivo. Em 2011, foi de forma semelhante, cedida uma área denominada Haras com 900 (novecentos) hectares para o INCRA, a fim de assentar 56 (cinquenta e seis) pequenos produtores rurais, ditos sem terra. Outra gleba de 8 (oito) hectares ao lado da UAST-UFRPE, destinada às edificações dos prédios a serem ocupados com os cursos de ciências médicas da Universidade de Pernambuco - UPE. Finalmente, em 2012 foi criado pelo Decreto Estadual Nº 37.823, de 30 de Janeiro de 2012, o Parque Estadual da Mata da Pimenteira, área destinada a preservação permanente, com extensão territorial de 300 (trezentos) hectares.

⁶ LORENA, Luiz. Serra Talhada. 250 anos de história. 150 anos de Emancipação política. Serra Talhada: Sertográfica, 2001.

visita do engenheiro francês Louis Émile Dombre⁷, que foi contratado pelo Presidente da Província, o Barão de Lucena⁸, para pesquisar e apresentar projetos em relação ao armazenamento e aproveitamento de água, bem como avaliar e sugerir a construção de cadeias em diversos municípios do interior do estado, que o Açude passou a ter sua importância destacada.

Dombre viajou por cidades do Agreste e do Sertão do estado, entre os anos de 1874 e 1875. O engenheiro Dombre visitou Serra Talhada, que na época era chamada oficialmente por Villa Bella, em setembro de 1875. Em suas anotações, posteriormente publicadas em um livro⁹ após a sua morte, o engenheiro fez as seguintes observações sobre o Açude do Saco:

“O açude é feito de barro, e arrombou-se no meio, d’uma largura de 30 metros. Os reparos do dito açude hão de custar não menos de 5 (cinco contos). Porém nunca ficará a barragem segura. O comprimento de dita barragem é de 250 metros, a altura no meio é de quasi 5 metros; além da quantidade d’agua, as formigas, segundo minhas verificações, teem feito estragos immensos em todo o comprimento do paredão. Devo dizer que a grande quantidade d’agua espalhada é ruim para a salubridade da povoação, apesar de o açude ser bastante distante da vila” (DOMBRE, 1893, p. 85).

⁷ Louis Émile Dombre (1851-1876), era um engenheiro francês que foi comissionado pelo governo provincial de Pernambuco para fazer uma verificação das obras públicas mais importantes que deveriam ser realizadas no interior da província. Partiu do Recife, via Jaboatão, em direção à Vitória, Bezerros, Caruaru, Garanhuns, Villa Bella (atual Serra Talhada) percorrendo praticamente todo o interior de Pernambuco. Mandava relatórios periódicos sobre as obras que considerava necessárias, para o diretor de obras da província, assim como informações geológicas, climáticas e geográficas sobre a região. Recomendou, de maneira geral, a construção de açudes e prisões, em várias localidades. Dombre ficou doente durante a viagem e morreu na capital, Recife, em 11 de abril de 1876.

⁸ Henrique Pereira de Lucena, o Barão de Lucena - Começou sua carreira como delegado no Recife. Durante cinquenta anos viveu e se projetou como homem público, exercendo funções administrativas e políticas importantes: presidente das províncias de Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul; ministro de Estado; desembargador; juiz do Supremo Tribunal Federal; deputado eleito por mais de uma legislatura, tendo a honra de ser presidente da Câmara dos Deputados que discutiu, votou e aprovou a Lei Áurea, de 13 de maio de 1888. Durante o seu governo em Pernambuco, no período de 5 de novembro de 1872 a 10 de maio de 1875. Como juiz, criou a Comarca de Vila Bela, atual Serra Talhada, e se preocupou com a organização judiciária de Pernambuco. Lucena enfrentou vários problemas políticos e fez muitos inimigos (talvez por isso tenha incentivado a criação de prisões no interior do estado. Depois que deixou a administração de Pernambuco, foi presidente das províncias da Bahia e do Rio Grande do Sul. (Fonte: GASPAR, Lúcia. *Barão de Lucena (Henrique Pereira de Lucena)*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 19 de junho de 2017).

⁹ Após a morte de Dombre, as suas anotações foram publicadas em um livro mantendo a originalidade dos textos, apenas o final do livro foi publicado na língua portuguesa da época.

Apesar das ponderações feitas, o engenheiro deixa claro nas suas anotações em francês, a importância da construção de um açude de grande porte para o abastecimento de água para a cidade¹⁰. Anos mais tarde, mas precisamente em 10 de janeiro de 1932, o jornalista e escritor Mário Melo, ressalta no seu artigo intitulado “Um oceano de d’Água doce no sertão de Pernambuco”, publicado no Diário de Pernambuco, a importância dos estudos apresentando por Dombre em relação ao Açude do Saco. Neste mesmo período o reservatório sofreu umas das suas primeiras ampliações.

Em outro artigo, denominado de “Assuntos Sêrtanejos (V), Mário Melo (1932), descreve a sua empolgação em relação aos aspectos geográficos e aos proveitos futuros que o açude poderia trazer para a cidade e para o Rio Pajeú, que corta toda a região denominada de Vale Pajeú:

[...Dentro de pouco tempo quem empreender uma viagem no sertão terá, como itinerário forçado, a visita a Vilabela para ver o açude do Saco, para maravilhar-se com um grande lago na região seca. Fechada, pela engenharia nacional, a estreita garganta dum quasi um circulo montanhoso, para a retenção das aguas, o açude do Saco ficará em relativa situação, identico a Titicaca sobre os Andes. Será espetaculo maravilhoso. E assim como as águas do Titicaca fertilizam o vale do Amazonas, guardada a proporção, a vasante do Saco fertilizara o do Pajeú, enriquecendo aquelas terras embobrecidas e chumbando o homem ao rincão...] ¹¹

O Açude do Saco I foi construído entre duas montanhas, uma delas chega a medir mais de 180 m de altura, a distância entre as duas estruturas rochosas fica em torno de 20 m. Na imagem 2 (abaixo), datada do ano 1949, é possível verificar a extensão do açude em período de estiagem no Sertão nordestino. A sede do município está situada a 420 metros¹² em relação ao nível do mar, enquanto o Açude fica a pouco mais de 473 metros ao nível do mar¹³. A cidade fica localizada por trás da montanha do lado direito da parede, conforme a imagem abaixo.

¹⁰ DOMBRE, Louis Émile. Viagens do Engenheiro Dombre ao Interior da Província de Pernambuco em 1874 e 1875. Recife: Typographia de M.Figuerôa de F. & Filhos, 1893. P. 66.

¹¹ Diário de Pernambuco, sexta-feira, 22 de abril de 1932, (número da página ilegível), trecho do artigo “Assuntos Sêrtanejos (V), de Mário Melo.

¹² IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

¹³ IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.



Imagem 2: Açude do Saco I, em outubro de 1949 (Acervo: Dierson Ribeiro)

Entre o final do século XIX e início do século XX, a Fazenda Saco teve vários donos, a maioria deles era oriundo da família Magalhães. Braz Magalhães era pai de um único filho, Tenente João Luiz Lopinho, este, portanto herdeiro da Fazenda Saco. Após a morte do Tenente João Luiz, a viúva vendeu sua posse para o Major Sebastião José Lopita de Magalhães, conhecido como Major Lopita, em 1870. O major Lopita, que residia na Fazenda Malhada de Pedra, na zona rural do município, mudou-se então para a Fazenda Saco, onde permaneceu até 1904, quando faleceu aos 84 anos de idade. Destaque-se que o Tenente João Luiz era o pai do Dr. Sérgio Magalhães, e portanto, o avô do governador Agamenon Magalhães.

Após a morte do Major Lopita a posse da Fazenda Saco passou para seu sobrinho Manoel Puça Magalhães, que a vendeu para o Dr. Diniz, em 1909. Dr. Diniz era sogro do Coronel Cornélio Soares e do Major Valgueiro, tendo então entregue a administração do imóvel ao Major Valgueiro, que permaneceu à frente do empreendimento até 1920. Nesse mesmo ano o Coronel Cornélio Soares comprou a Fazenda ao sogro. A Fazenda Saco permaneceu com o Coronel Cornélio Soares até 1930, quando a mesma foi alienada para o Estado de Pernambuco, pela quantia de 26.000\$000 (vinte e seis contos de réis). Na época, o estado era governado Estácio Coimbra.

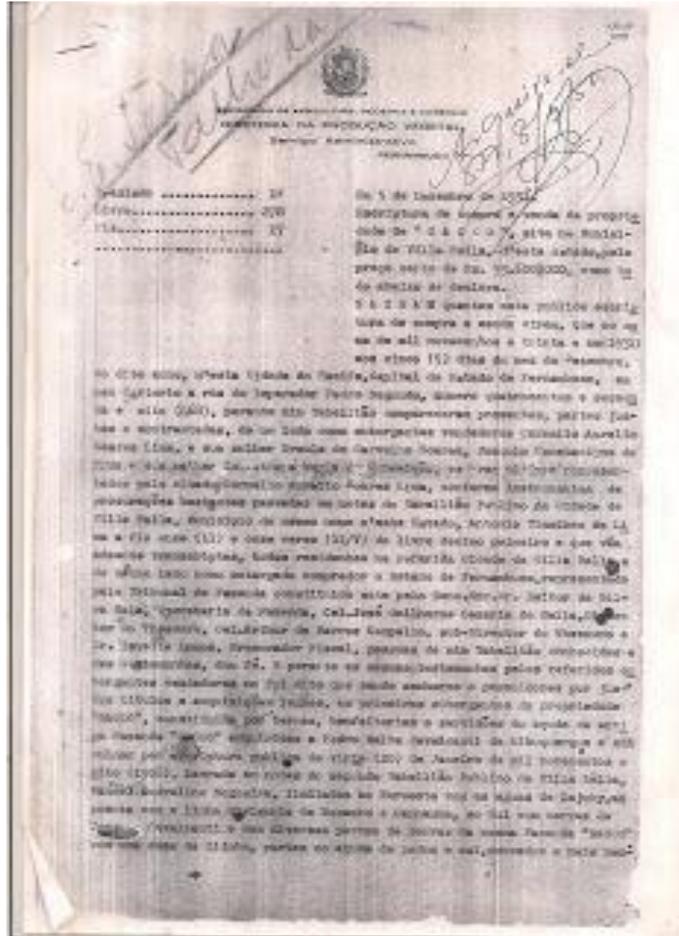


Imagem 3: Cópia da escritura pública da compra da Fazenda Saco pelo Governo do Estado de Pernambuco, datada de 05 de dezembro de 1931. (Arquivo: IPA – Instituto Agrônomo de Pernambuco).

Segundo a escritura pública existente no IPA (imagem 3), lavrada em um Cartório da cidade do Recife, situado a Rua do Imperador, 468 (não há nome do cartório nem do tabelião), traslado do livro 278, folhas 17, datada de 05 de dezembro de 1931, a referida Fazenda foi comprada pela quantia de 55.600\$000 (Cinquenta e cinco contos e seiscentos mil réis) aos proprietários Cornélio Aurélio Soares de Lima (Coronel Cornélio Soares) e Joaquim Constantino da Cruz e respectivas esposas. Era então Governador do Estado o Sr. Carlos de Lima Cavalcante. Assinam a escritura seus legítimos procuradores.

Decorrente de um convênio firmado entre o Governo do Estado de Pernambuco e o IFOCS (Inspetaria Federal de Obras Contra as Secas), hoje DNOCS, construiu-se o grande paredão de pedra e cal que deu origem ao atual

Açude do Saco I¹⁴, a partir de 1932. A construtora da obra foi a empresa Collier. Em 1935, o Engenheiro Agrônomo Lauro Bezerra assumiu a chefia da Fazenda Saco, onde eram desenvolvidas as atividades dos Departamento de Produção Vegetal (DPV) e Departamento de Produção Animal (DPA) da Secretaria da Agricultura. Lauro Bezerra permaneceu à frente das atividades desenvolvidas na Fazenda Saco até 1947, quando já existia o DNCOS.

Foi nesse contexto histórico - onde se percebe que desde a sua origem a Fazenda Saco sofreu forte influência política - que o Açude e a própria Fazenda passaram a cumprir um papel importante para o processo de modernização da cidade, que até então tinha a maior parte da sua população morando na zona rural, e sofreu profundas transformações a partir da criação do Centro Experimental da Fazenda Saco, um órgão ligado à Seção de Fomento Agrícola, que por sua vez era vinculada à Secretaria de Agricultura do Estado de Pernambuco. A criação da estação estava em sintonia com a política do governo Vargas, capitaneada pelo Ministro da Agricultura, Fernando de Sousa Costa, que na sua gestão criou, entre outros órgãos, o Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas e os Serviços de Informação Agrícola e Economia Rural. Fernando Costa deixou o ministério em 03 de junho de 1941 para ser interventor federal no estado de São Paulo.

1.2 Entre a Ditadura do Estado Novo e o estímulo ao desenvolvimento de Serra Talhada e do Algodão Mochô: as contradições da política governamental de Agamenon

Agamenon Magalhães foi Ministro do Trabalho de Getúlio Vargas e logo após a decretação do Estado Novo foi nomeado interventor de Pernambuco em 1937, no

¹⁴ A barragem do Açude do Saco II, fica situada no município de Santa Maria da Boa Vista (antigo Coripós), no estado de Pernambuco barra o rio das Garças, afluente do rio São Francisco, a 16km do povoado de Jutaí. A barragem foi construída por administração direta do DNOCS e teve início em 1962, tendo sido concluída em 1970. A obra faz parte do sistema de perenização do rio das Garças e tem como finalidade principal a irrigação. O lago criado pela construção da barragem cobre uma área de 2.022 ha e acumula um volume de 123.524.000 M³ oferecendo um potencial para irrigar 4.500 ha, além de proporcionar o cultivo de vazante e a prática de piscicultura, capaz de gerar um potencial hidrelétrico de 540 CV.

lugar de um antigo aliado, o governador Carlos Lima Cavalcanti, que estava dando sinais de que iria apoiar a oposição.

Durante a sua gestão Agamenon imprimiu um populismo ao melhor estilo Vargas e por isso mesmo essa fase foi chamada de “agamenonismo”, que também foi marcada pela forte repressão a adversários, às minorias e também ao Cangaço. Este último teria sido uma das razões pela qual Magalhães, através de decreto publicação em 1939, retirou o nome da cidade de Villa Bella e devolveu o nome de Serra Talhada. Segundo as informações de domínio popular, o interventor queria desvincular o nome da cidade ao do banditismo patrocinado pelo seu conterrâneo Lampião. Muitas das contradições apresentadas por Agamenon são postas por Michel Zaidan (2005), que entre outras coisas afirma:

“A obra administrativa de Magalhães pode ser dividida, primeiro, pela busca desenfreada do ‘consenso máximo’ na sociedade pernambucana, a partir de uma falsa imagem de paz e harmonia social no Estado. Objetivo perseguido através de uma feroz repressão aos adversários, críticos, comunistas, prostitutas, afro-brasileiros, vadios e homossexuais, bem como da criação do Departamento de Imprensa e Propaganda. Esses foram os instrumentos utilizados por Agamenon, além de seu jornal diário, a Folha da Manhã, para a produção do ‘consenso máximo’ em Pernambuco. É preciso acrescentar que o anticomunismo foi utilizado como matéria-prima de primeira classe para induzir a opinião pública a aceitar as idéias do interventor, a pretexto de se desenvolver o sentimento de brasilidade entre os pernambucanos”¹⁵.

Apesar das críticas contundentes a Magalhães, Zaidan (2005) aponta alguns pontos positivos na gestão do interventor, principalmente ao que se refere “as transformações por ele produzidas”, como por exemplo, “a campanha contra os mocambos¹⁶, que assumiu um caráter ressocializador, na medida em que vinculava

¹⁵ Z Aidan, Michel. Tradição Oligárquica e Mudança, Tempo Histórico - Ano I Número I - Jun-Dez/2005. Disponível em:

<http://www.revista.ufpe.br/revistatempohistorico/index.php/revista/article/viewFile/8/4>

¹⁶ LIGA SOCIAL CONTRA O MOCAMBO - Associação criada em Recife no dia 12 de julho de 1939, durante a interventoria do Agamenon Magalhães, com o objetivo de extinguir os mocambos — habitações miseráveis erguidas sobre palafitas em áreas alagadas — e de incentivar a construção de casas populares. Foi extinta em 1945, surgindo em seu lugar o Serviço Social contra o Mocambo.

estritamente habitação, saúde, integridade física e moral da família, trabalho e cidadania¹⁷”.

As transformações introduzidas por Agamenon também alcançaram a o setor de educação agrícola. Uma de suas iniciativas foi transferir através do decreto No. 82, de 12 de março de 1938, a Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (ESAP) para uma fazenda do estado, em Dois Irmãos, no Recife, onde permanece até os dias atuais. Nesse mesmo período, o interventor deu ordens para a construção da Usina de Beneficiamento de Algodão na Estação Experimental da Fazenda Saco. Estação Experimental havia sido criada pelo governo estadual em 1932 e depois repassada a União. Somente em 1945 a Estação foi devolvida ao Estado, com uma Área total de 3.070 hectares km. Foi no início dos anos 1940 que a Estação passou a receber grande atenção do interventor, haja vista as constantes viagens realizadas ao local.

Segundo o Zaidan (2005) objetivo de Agamenon era afastar os trabalhadores, tanto da zona urbana como da rural, do contato com doutrinas ideológicas, principalmente de esquerdas, já que o seu receio era surgimento de adversários ao seu governo e ao Estado Novo.

“Outro aspecto dessa obra que merece atenção é a criação dos Centros Educativos Operários, cujo fim era “educar, regenerar, civilizar e integrar” os trabalhadores no seio da sociedade. A meta principal era fazer um trabalho de saneamento e profilaxia social, afastando os operários da doutrina marxista da luta de classes.”¹⁸.

Foi em meio a essas contradições que o interventor iniciou uma viagem de carro pelo interior do estado, tendo como destino final a cidade de Serra Talhada. A viagem teve início no dia 03 de agosto de 1940, com saída da capital e parada na cidade Pesqueira, na região agreste, percorrendo uma distância de cerca de 220

¹⁷ Z Aidan, Michel. Tradição Oligárquica e Mudança, Tempo Histórico - Ano I Número I - Jun-Dez/2005. Disponível em:

<http://www.revista.ufpe.br/revistatempohistorico/index.php/revista/article/viewFile/8/4>

¹⁸ Z Aidan, Michel. Tradição Oligárquica e Mudança, Tempo Histórico - Ano I Número I - Jun-Dez/2005. Disponível em:

<http://www.revista.ufpe.br/revistatempohistorico/index.php/revista/article/viewFile/8/4>

km. Na época Pesqueira se destacava por ser uma das grandes produtoras de algodão do estado e por sede da indústria Peixe. Naquele dia o interventor e sua comitiva pernuitaram na cidade de Rio Branco, atual Arcoverde. Na manhã do dia 04 de agosto a comitiva partiu de Rio Branco e percorreu cerca de 160 Km até chegar em Serra Talhada. O detalhe é que o percurso foi feito em sua maior parte via estradas de terra, visto que a BR 232, que liga Recife à cidade de Salgueiro, no Sertão, só foi inaugurada na década de 1970, ou seja, mais de 30 anos depois.



Imagem 4: Montagem com as publicações feitas pelos jornais: Diário de Pernambuco, Folha da Manhã e Jornal Pequeno (Montagem feita pelo autor)

Conforme a imagem 4, é possível perceber que a viagem de Agamenon pelo Sertão e a série de eventos programados para Serra Talhada, chamou bastante a atenção da imprensa recifense, que não poupo esforços em mandar equipes de reportagens para cobrir *in loco*, algo que não era muito comum para aquela época. Três dos maiores jornais do estado: O Diário de Pernambuco, Folha da Manhã e o Jornal Pequeno enviaram repórteres e fotógrafos, que atualizavam as informações telegrafadas¹⁹. Sendo essa uma das maiores coberturas jornalística já realizadas a partir de uma cidade do interior do estado.

O Diário de Pernambuco publicou reportagem somente após o retorno de Magalhães. No texto o jornal faz a seguinte narrativa do evento:

¹⁹ Jornal Pequeno. Recife- PE. No. 179, de 07 de agosto de 1940, página 3.

[SERRA TALHADA – Varias manifestações foram promovidas nesta cidade ao interventor Agamenon Magalhães e sua comitiva official, e que se incorporaram o dr. Celso de Azevedo Marques, representante do ministro Fernando Costa e dr. João Mauricio de Medeiros, alto funcionário do Ministério de Agricultura, os quaes viajaram a este Estado pelo avião de carreira da Panair, sabbado ultimo. O chefe do governo foi recebido pelo povo dirigindo-se à residência do prefeito local, Sr. José Bené de Carvalho , onde lhe foi oferecido um lauto almoço. Em seguida, o dr. Agamenon Magalhães, com sua comitiva, deram um legeiro passeio pelas ruas da cidade, entretendo-se, na feira, em contato com os sertanejos vendedores do produtos do sertão. O interventor federal visitou a Estação Experimental, departamento da Secção de Fomento Agrícola, localizado em terras da antiga Fazenda do Saco, distante da cidade cerca de um légua, onde presidiu a inauguração de importantes melhoramentos à vida agrícola local. Essas inaugurações tiveram lugar no dia seguinte o da chegada do chefe do governo e consistiram de um conjunto de prédios conquistando uma usina beneficiadora de algodão, que tomou o nome de Ministro Fernando Costa, em homenagem ao titular da agricultura e de um vila operaria rural, além do lançamento da pedra fundamental do edificio já contratado e destinado à Escola Rural Brás Magalhães.] (Diário de Pernambuco, 09 de agosto de 1940)

O jornal Pequeno também narrou a presença do interventor ao seu modo, dizendo que “o chefe do governo de Pernambuco recebeu verdadeira consagração popular”, ao citar o fato de que além das homenagens recebidas no dia da chegada “uma missa solene foi celebrada” (Jornal Pequeno) na manhã seguinte, e em seguida ele partiu para lançar a pedra fundamental do Hospital Regional.

Entrevistamos a Senhora Adeilde Gomes dos Santos, de 82 anos, que na época era uma criança e morava na Rua XV de Novembro, que fica paralela à praça onde fica a Igreja Matriz. “Estava com os meus pais e os dois irmãos mais velhos na praça e me lembro de ter ouvido muitos gritos de: Viva Agamenon! Viva Agamenon! E depois colocaram uma pessoa nos ombros em saíram em direção que hoje acho que seja o hospital. Nesse dia tinha muita gente e muito movimentação, por essas coisa ficaram bem nítida nas minha cabeça”. O relato feito por Adeilde reforça a temática apresentada pelos jornais sobre a recepção a Agamenon Magalhães.

No entanto, uma outra vertente dessa visita é muito pouco explorada e diz respeito a questão da ideologia política defendida e praticada pelo interventor, ‘uma cria’ do Estado Novo, e como tal, fez questão de defender o regime ditatorial diante dos seus conterrâneos. Durante a solenidade de lançamento da pedra fundamental para a construção do hospital, Agamenon foi saudado pelo Dr. Brás Lucena,

Promotor Público, e em seguida fez um discurso enaltecendo o regime ditatorial implantado por Getúlio Vargas e com palavras de afago à população da região. Ele encerrou a sua fala proferindo as seguintes palavras:

[O Estado Novo que está resolvendo todos os problemas procura valorizar o home. Vamos começar lançando a pedra fundamental do Hospital. E que começar por que começa pelo hospital? Porque é preciso assistir ao homem do sertão, que é maior do que a terra. Vamos inaugurar a usina de beneficiamento do algodão e dar a Serra Talhada um posto de monta, uma fabrica lacticínios. Vamos da technica e melhoramentos. O meu programma não é de palavras, é de factos. Assistir ao sertão, meu dever, como governo e filho de Villa Bella. Eu vos saúdo e quero passar trez ou quatro dias comvosco, sentido as suas necessidades.] (Jornal Pequeno, 06 de agosto de 1940).

O Jornal Pequeno ainda registrou que foi “vibrante discurso de agradecimento”. Fica claro que o papel da imprensa nesse evento foi a de retransmitir para a capital e os outros centros importantes da política, a idéia de Agamenon era querido e popular, além de ser um gestor comprometido com as causas do povo.

Nesse sentido, a Folha da Manhã, jornal criado pelo próprio Agamenon também corroborou para disseminar a mensagem política do “Agamenonismo”, a partir de um cenário propicio para isso, a cidade de Serra Talhada. Não foi à toa que esse foi até aquele momento o maior acontecimento da história política da cidade, nunca antes, tantas autoridades tinham visitado a localidade. Ao mesmo tempo, que era a primeira vez que Agamenon visitava a cidade na condição de interventor federal. Sobre essa chegada a Folha da Manhã deu mais detalhes na matéria que publicou, dias depois do acontecimento:

[CHEGADA A SERRA TALHADA. Às 10 horas de segunda-feira ultima, chegava a Serra Talhada o interventor federal e sua comitiva, inclusive os drs. Celso Azevedo Marques e João Mauricio, representantes do Ministro Fernando Costa. Grande massa popular aguardava na entrada da rua, o chefe do governo que também é filho daquela terra, ao descer do carro que o conduzia, o interventor Agamenon Magalhães, recebeu manifestações tendo falado em nome da cidade, o dr. Braz Lucena, promotor publico falando o interventor Agamenon Magalhães, agradecendo. Em seguida, deu-se início na residência do Sr. Cornelio Soares, um almoço no qual tomou parte toda comitiva, tocando, durante o mesmo, a jazz local dirigida

pelo sargento Luiz Benjamim. Após o almoço o interventor federal deu audiência pública. A tarde visitou o campo de aviação em construção e os locais onde serão construídos o hospital regional e a estação de monta.] (Folha da Manhã, sexta-feira, 09 de agosto de 1940).

O Diário da Manhã ainda publicou algumas imagens que ajudam a compreender a passagem de Agamenon Magalhães por Serra Talhada em agosto de 1940, assim como, também norteia a idéia de que foi a partir desse momento que a modernidade chega à cidade, mesmo que seja com viés político, mas que com o passar do tempo alcança o setor econômico. Porém, é preciso ressaltar que todo esse processo têm como características a chamada “modernização conservadora”²⁰, além do que, boa parte dessas etapas aconteceram no entorno da Fazenda Saco.



Imagem 5: Agamenon e sua comitiva em meio aos operários da Usina de Beneficiamento. (Fonte: Diário da Manhã)

Na imagem 5, publicada em reportagem do Jornal de Diário da Manhã, do Recife, de 09 de agosto de 1940, é possível perceber a grande aglomeração de

²⁰ A expressão “modernização conservadora” foi cunhado por Moore Junior (1975) para analisar as revoluções burguesas que aconteceram na Alemanha e no Japão na passagem das economias pré-industriais para as economias capitalistas industriais. Desta forma, o eixo central do processo desencadeado pela modernização conservadora é entender como o pacto político tecido entre as elites dominantes condicionou o desenvolvimento capitalista nestes países, conduzindo-os para regimes políticos autocráticos e totalitários.

pessoas que moravam na fazenda saco e os possíveis moradores das casas da nova vila, todos no entorno do interventor e de sua comitiva. Algumas pessoas se dividem, em meio à curiosidade, entre olhar para as autoridades ou para os fotógrafos, talvez alguns deles nunca tenham visto uma máquina fotográfica antes, assim como, tantos homens de paletó e gravata juntos. Percebe-se na foto a presença de várias mulheres e crianças, o que deixa claro que ali seria estava sendo criando um ambiente para o convívio familiar, com condições de desenvolver as atividades domésticas, e também um melhor desempenho na produção de beneficiamento de algodão, visto que a usina foi construída a uma distância de 200 metros.

A vila foi inaugurada com 08 casas, todas com uma sala, dois quartos, cozinha, w.c e um quintal de 10 metros ao fundo, obedecendo a uma planta moderna e com luz elétrica. Segundo o Jornal Pequeno (1940), as casas seguiam um modelo já adotado em reforma urbana e higiênica, feita na periferia do Recife, “a planta obedece ao mesmo desenho da Villa das Lavadeiras”. A Villa das Lavadeiras, construído no bairro de Areias, foi uma das etapas da chamada campanha contra o mucambo implantada por Agamenon na capital. Sobre essa perspectiva Michel Zaidan afirma que a idéia de civilizar as habitações era bastante controversas e gerou questionamentos de vários intelectuais pernambucanos da época:

“A campanha contra os mocambos, que assumiu um caráter ressocializador, na medida em que vinculava estreitamente habitação, saúde, integridade física e moral da família, trabalho e cidadania. A campanha de erradicação do mocambo foi objeto de intensas e apaixonadas controvérsias entre sociólogos, antropólogos, engenheiros, sanitaristas e urbanistas. Na verdade, ela escondia uma intenção civilizatória com a qual muitos não concordavam, como Gilberto Freyre, Mario Sette, Manuel Bandeira e outros”. (ZAIDAN, Michel. 2005.P.4)

Diferente da capital, onde ocorreu o intenso debate sobre os reais objetivos da construção de casas confortáveis e padronizadas, na Fazenda Saco e na cidade não houve questionamento, já que para os padrões de uma cidade do interior, aquelas eram casas muito modernas para a época. No entanto, Michel Zaidan (2005), levanta uma discussão que pode explicar a necessidade da construção

dessas casas padronizadas na vila operária. Segundo ele, os Centros Educativos Operários que o interventor criou em outras cidades, tinha o objetivo de “educar, regenerar, civilizar e integrar”, o que para Zaidan (2005) na verdade visava “fazer um trabalho de saneamento e profilaxia social, afastando os operários da doutrina marxista da luta de classes”. Nesse sentido, é possível que o interventor tenha pensado em construir a vila com objetivo de isolar os operários de sindicatos ou associações que defendessem os trabalhadores.

Durante a inauguração da Vila Operária, batizada de Gastão de Farias em homenagem ao Diretor Nacional da Divisão de Fomento da Produção Vegetal do Ministério da Agricultura, o interventor fez um discurso que foi assim descrito pelo Jornal Pequeno:

[Repetiu que se sentia feliz entre os sertanejos, entre aqueles que, ali, se encontravam, aqueles que desconhecem os mocambos, que vão viver em casas higienicas. A construção de uma vila operaria é a repercussão technica do esforço do homem em prol do homem. Agora o trabalho não é mais castigo. Espera que o exemplo de Vila Bela floresça por todo o sertão. O interventor federal, perseguindo, salientou a acção do ministro Fernando Costa, indo fazendo pelo Nordeste. A estalação experimental representa o quanto s. exc. Considera o Nordeste] (Jornal Pequeno, 07 de agosto de 1940).

As palavras ditas por Agamenon só reforçam a imagem de político populista, por isso, a defesa de que o povo deve viver em ambientes higiênicos, tanto os que antes viviam em meio aos mangues, em Recife, como os que viviam em casa de pau-a-pique, as populares ‘casas de taipá’. Ao mesmo tempo em que defende a exploração da mão-de-obra, como algo que não deve ser visto como um castigo. Segundo o Diário da Manhã (1940), logo após a inauguração da vila “seguiu o cortejo, acompanhado pela da banda de música da cidade, onde será construído, muito em breve, a Escola Rural Braz Magalhães²¹”.

²¹ Diário da Manhã, Recife, de 09 de agosto de 1940, p. 1.

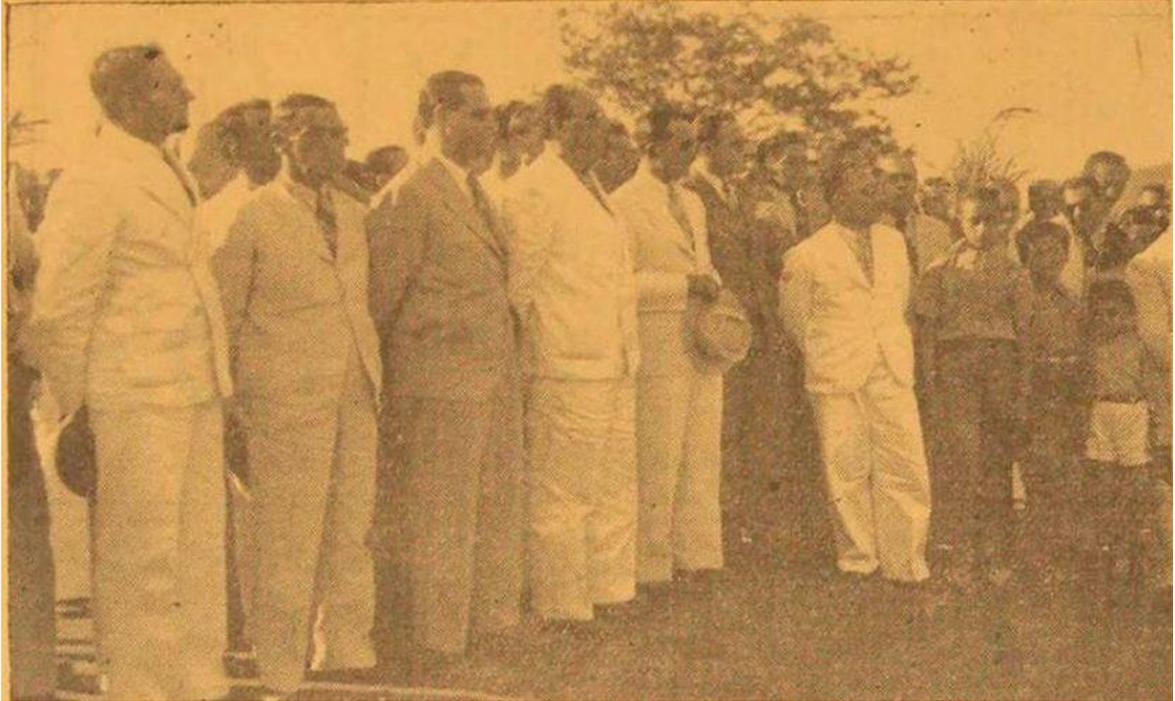


Imagem 6: Agamenon Magalhães e sua comitiva durante a inauguração da pedra fundamental da Escola Brás Magalhães (Fonte: Diário da Manhã)

O registro da imagem 6 também foi publicada no Diário da Manhã, nela podemos perceber a presença de Agamenon ao lado direito de um senhor com o chapéu na mão. O jornal não identificou a sequencia nominal de todas as autoridades que aparecem na foto. Um detalhe que chama atenção é a da proximidade do povo com interventor, na qual varias crianças aparecem em trajes simples, inclusive usando shorts, assim como as pessoas simples da região que também aparecem no registro. Esse cenário nos dias atuais seria praticamente impossível, isso por que as solenidades de inauguração se tornaram grandes eventos, com muita segurança em volta e uma rígida organização por parte do cerimonial. Por outro lado, a imagem também reforça a idéia do líder populista adotado pelo interventor.

O registro feito pelo Diário da Manhã foi do momento em que se iniciava a cerimônia do lançamento da pedra fundamental para a construção da Escola Rural Braz Magalhães. Nota-se que todos então com olhos atentos para o mesmo ponto. Segundo os jornais da época, a primeira a falar foi Estela Godoy, que era a primeira professora da cidade a se formar como educadora. A jovem senhorita lecionava em uma das dependências da Fazenda Saco, que funcionava como escola, a 58 alunos, todos, segundo o Diário da Manhã, filhos de operários. Inicialmente a idéia era que

nova escola a ser construída receberia o nome do interventor, proposta que contava com aval do Ministério da Educação, mas Agamenon declinou da idéia e resolveu batizar o educandário com o nome do seu avô e ex-proprietário da fazenda, o Coronel Braz Magalhães.

Em recente trabalho apresentando por alunos da UAST - Unidade Acadêmica de Serra Talhada, durante a realização do I Congresso de Internacional de Diversidade do Semiárido, que expõem uma radiografia bastante atualizada da comunidade que reside na Fazenda Saco, uma abordagem histórica sobre o papel que a Escola cumpriu após a sua construção chama atenção, principalmente por se tratar de uma proposta de ensino elitista, excludente e antidemocrática. Segundos os pesquisadores “a Escola Municipal Braz Magalhães foi edificada em 1941. Sua função era atender aos filhos dos ‘doutores’ funcionários do IPA (engenheiros e técnicos agrícolas). Tornou-se municipalizada em 1994, como sede de distrito. Seu funcionamento merece mais atenção”²². Ou seja, os investimentos feitos pelo governo também visavam garantir o conforto e a qualidade de vida aos filhos de quem vinha da capital e ou de algum outro grande centro urbano, os pais dessas crianças eram pessoas com conhecimento técnico e que trabalhavam na Estação Experimental ou na Usina de Beneficiamento de Algodão.

Diante dessa questão levantada, uma outra toma forma, a de que as casas da vila operária, poderiam também terem sido usadas por engenheiros e técnicos, já que eram apenas 08 unidades, e com um certo conforto para os padrões da época, como por exemplo, banheiros internos e energia elétrica, algo pouco comum em residências da cidade, e principalmente da zona rural. Ao mesmo tempo, podemos discutir a possibilidade de que os verdadeiros “trabalhadores braçais” permaneceram em suas residências simplórias, e aparentemente, sem reclamar. Desta forma, a idéia de como a Vila Operaria foi apresentada a imprensa e a população também poder ser vista como um jogo de marketing de Agamenon Magalhães.

²² ANDRADE, Maria Waleska Camboim Lopes de; LIMA, Tamires da Silva; RODRIGUES, Gerlânia Francelino; SILVA, José Lucena Nunes. Sociodiversidade, Identidade e Valores no Semiárido. I Congresso de Internacional de Diversidade do Semiárido. Campina Grande. PE. 2016. P.06.

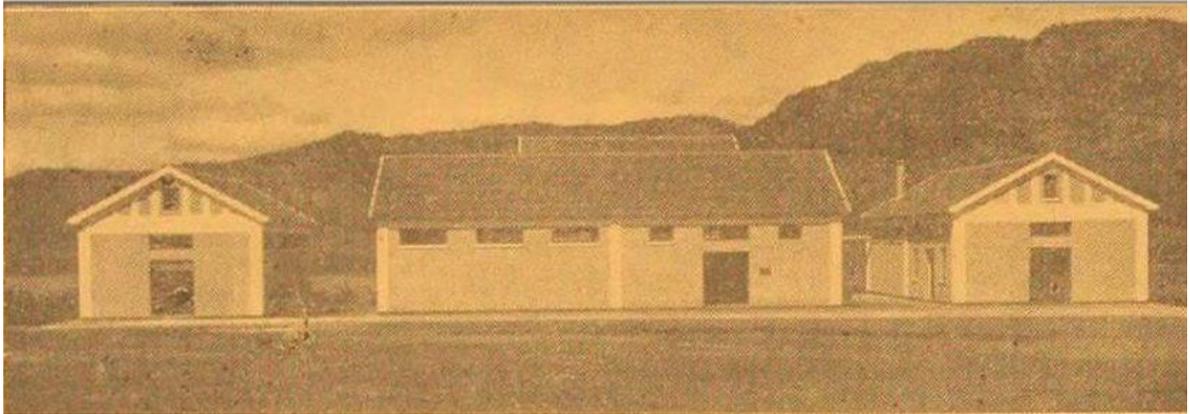


Imagem 7: Conjunto de galpões da Usina Fernando Costa (Fonte: Diário da Manhã)

A imagem 7 também foi registrada pelo fotógrafo do Diário da Manhã. Apesar de não ter pessoa no contexto da foto, as edificações apresentadas merecem algumas considerações, por se tratarem dos galpões que formavam o complexo da Usina de Beneficiamento de Algodão Fernando Costa, que agregou ainda mais importância à estrutura que estava sendo montada na Estação Experimental da Fazenda Saco. Desses galpões saíram o que foi considerado por muitos como uma das melhores fibras longa de algodão mocó do Brasil, segundo o Diário de Pernambuco (1953), “ali se produz o melhor algodão mocó brasileiro, o que significa o melhor do mundo²³”.

A Usina foi inaugurada no final da tarde e logo em seguida foi realizado uma homenagem ao Secretário de Agricultura do estado, Apolônio Sales. Segundo o Diário da Manhã (1940), “o evento foi realizado em um dos galpões da usina”, sendo que a iniciativa partiu “classes conservadoras do município”. O jornal ainda destaca na mesma matéria que às 21h, foi oferecido um banquete ao interventor em sua comitiva, fizeram parte da mesa, o prefeito José Bené de Carvalho e outras autoridades da cidade civis e militares. Membros da imprensa também se fizeram presentes, mas os nomes não foram citados. O orador oficial foi Lauro Bezerra, diretor da Estação Experimental, e coube ao secretário Apolônio Sales os agradecimentos ao interventor. Faz se necessário registrar o ato final do banquete, algo típico dos regimes totalitários - a exemplo do Estado Novo -, e que foi narrado

²³ Diário de Pernambuco, 02 de agosto de 1953, página 04. A Conferência de Serra Talhada.

pelo Diário da Manhã (1940), “o Dr. João Mauricio fez o brinde de honra ao presidente da República²⁴”.

Durante a sua estadia em Serra Talhada, Agamenon Magalhães aproveitou para visitar as cidades vizinhas como Triunfo, Flores e Salgueiro. Ele ficou hospedado junto com a sua comitiva na casa da fazenda, durante todos os dias e de onde enviou ordens para os seus subordinados na capital. Esse imóvel serviu de hospedagem para outros governadores e secretários, bem como para engenheiros e técnicos.

Em visita ao local - que hoje é administrado pelo IPA (Instituto Agrícola do Pajeú) - realizada em Dezembro de 2016, percebemos que a casa encontra-se abandonada e sem o mínimo de conservação, ou tão pouco alguma identificação. Outros imóveis também construídos na primeira gestão de Agamenon também estão abandonados, alterados ou demolidos. Algumas exceções ainda são vistas, como os galpões da usina, que hoje é utilizado como armazém para diversos produtos produzidos na área e como freezer para conservar peixes pescados no açude pelos moradores e outros produtos perecíveis. As máquinas de beneficiamento de algodão que ainda restam são usadas para beneficiar cebola.

²⁴ Diário da Manhã, do Recife, de 09 de agosto de 1940. Pagina 01.



Imagem 8: O Marechal Mascarenhas de Moraes e Agamenon Magalhães, durante visita a Fazenda Saco (Fonte: Diário de Pernambuco)

Outras visitas foram feitas por Agamenon, ainda na condição de interventor federal a Serra Talhada e a Fazenda Saco. Um delas foi realizada em 08 de setembro de 1941, durante as comemorações da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Penha, ou seja, o evento de maior aglomerações social do município. Na ocasião o interventor inaugurou o Hospital Regional, que acabou sendo batizado com o seu nome, o posto de monta, e a Escola Braz Magalhães, no Centro Experimental da Fazenda Saco. Ainda na cidade ele participou da missa solene e da inauguração da torre da igreja matriz, que na oportunidade media 33 metros, quando a igreja foi concluída a torre mediu mais de 37 metros.

No entanto, um dos fatos que também chamam a atenção nessa viagem é presença do General Mascarenhas de Moraes na comitiva de Agamenon, conforme a imagem 8 publicada no Diário de Pernambuco. Diferente da primeira vez, o interventor preferiu vir de avião à cidade ao invés de enfrentar uma longa e

cansativa de automóvel. Os dois chegaram de avião à cidade e aproveitaram para fazer a inauguração. Ao lado de Mascarenhas de Moraes Agamenon inaugurou o aeroporto e das outras obras acima citadas. Eles foram acompanhados pelo prefeito, José Bené de Carvalho, o Promotor de Justiça, o Juiz de Direito, e as autoridades policiais do município. Na residência do prefeito Mascarenhas de Moraes foi saudado pelas as autoridades locais presentes. Segundo o Diário de Pernambuco (1941), a cidade recebeu a comitiva em clima de festa, “o interventor, o comandante da Região e comitiva foram recebidos festivamente. Cerca de cinco mil pessoas agitavam a chegada dos visitantes”²⁵.

A imagem publicada no Diário de Pernambuco, apesar da baixa qualidade, foi feita durante o evento na Fazenda Saco, e mostra Agamenon e Mascarenhas lado ao lado. Segundo o Diário de Pernambuco o interventor justificou a presença do General em seu discurso, durante a inauguração do Hospital com a seguinte frase: devido a afinidade do comandante da Sétima Região Militar com o seu governo e a sua leal e sincera colaboração com os poderes civis²⁶.

A visita do general pode ser vista como uma ação meramente protocolar, ao mesmo tempo em que pode simbolizar também um gesto de força e de prestígio político do interventor, visto que Mascarenhas de Moraes havia sido nomeado naquele ano por Getúlio Vargas como comandante da 7ª Região Militar (7ª RM), com sede em Recife. No entanto, é preciso se ater aos fatos históricos que marcam esse período, principalmente no que tange ao desenrolar da Segunda Guerra Mundial.

Getúlio Vargas durante o período inicial do conflito tentou se manter neutro, mas a partir do ataque das forças do eixo ao navio Taubaté, torpedeado em 22 de março de 1941, no Mediterrâneo, próximo ao Egito, causando a morte de uma pessoa. Desta forma o país passou a compor o cenário da guerra, ainda que de forma indireta e não declarado. Foi nesse contexto de pré-declaração de guerra que Mascarenhas de Moraes assumiu o 7ª. Região Militar. Segundo Mattos (1983), a partir desse momento o General passa a se engajar e a traçar estratégias em relação à proteção do país, “a partir desse momento ele começa a se engajar definitivamente nos misteres relativos à eventual preparação militar do Brasil para a II Guerra Mundial. Comandando a 7ª RM, passava a comandar a área estratégica

²⁵ Diário de Pernambuco, 09 de Setembro de 1941. P. 5.

²⁶ Diário de Pernambuco, 10 de Setembro de 1941. P. 5.

mais importante do território brasileiro nessa hora de conflito”²⁷. Sendo assim, o homem que veio a Serra Talhada, no Sertão de Pernambuco, não era apenas um representante do Estado brasileiro ou das Forças Armadas, era alguém que carregava sobre seus ombros poder e muitas informações. Isso foi comprovado mais tarde quando o General, logo após a declaração de guerra ser feita pelo governo federal, quando ele foi nomeado em 1943, comandante da 1ª DIE (Divisão de Infantaria Expedicionária), a única da FEB (Força Expedicionária Brasileira). O general foi o primeiro comandante que chegou à Itália junto com as primeiras tropas brasileiras em julho de 1944 e comandou as forças brasileiras a partir do mês de novembro até a rendição das forças do Eixo na Itália, em 02 de maio de 1945.

Logo após a série de inaugurações ao lado de Mascarenhas de Moraes em Serra Talhada - acontecimento que também recebeu a atenção do Jornal Pequeno, do Diário da Tarde e da Folha da Manhã - Agamenon enviou do Palácio do Campo das Princesas, em Recife, um telegrama para Getúlio Vargas, no dia 13 de setembro de 1941, informando a relação do que havia sido inaugurado, entre eles, o campo de pouso. Essa informação tem sua relevância em função de Serra Talhada estar localizada geograficamente no ponto central da região Nordeste. Vale registrar um trecho do telegrama enviado por Agamenon Magalhães ao Presidente Getúlio Vargas, reproduzido dos jornais pernambucanos publicado no Jornal do Brasil de 12 de novembro de 1941:

[...] Recife – Tenho o prazer de comunicar a V. Ex. que em avião da Navegação Aérea Brasileira e em companhia do General Mascarenhas de Moraes, inaugurei segunda-feira, o campo de pouso de Serra Talhada e hospitais regionais de Serra Talhada e Pesqueira, com 150 leitos cada um e Maternidade. Esses hospitais foram construídos pelo Estado na zona sertaneja, onde existem uma população de 400 mil habitantes, até então sem nenhuma assistência hospitalar. A maternidade do hospital de Pesqueira foi construída com o auxílio de duzentos contos de réis concedidos no ano passado por V. Ex. para aquele fim. [...] Cordiais saudações – Interventor Agamenon Magalhães.

Um das características marcantes da gestão de Agamenon era o permanente contato com o Palácio do Catete, muitas das vezes esses contatos

²⁷ MATTOS, Meira. Mascarenhas de Moraes e sua época. 1º Volume. BiBliEx: Rio de Janeiro, 1983. páginas 75-77.

eram feitos através de relatórios períodos enviados diretamente a Vargas. Essa relação do interventor mantida com o presidente e com a imprensa fez com que a sua gestão fosse uma referência entre os interventores do Estado Novo. Segundo Pandolfi (1984), “o formato talvez mais desenvolvido de uso da imprensa pelo Estado Novo, em suas interventorias regionais, tenha sido em Pernambuco ao longo do governo de Agamenon Magalhães, considerado por Vargas uma interventoria modelo”²⁸.

O modelo de comunicação e marketing do primeiro governo de Magalhães não se restringia apenas ao âmbito regional, suas intenções também alcançavam o cenário. Nessa perspectiva, em 25 de dezembro 1941, a revista *O Cruzeiro* publicou uma edição extraordinária dedicada ao estado de Pernambuco, o foco principal do semanário era as ações positiva do interventor. Ações que iam da capital ao Sertão.

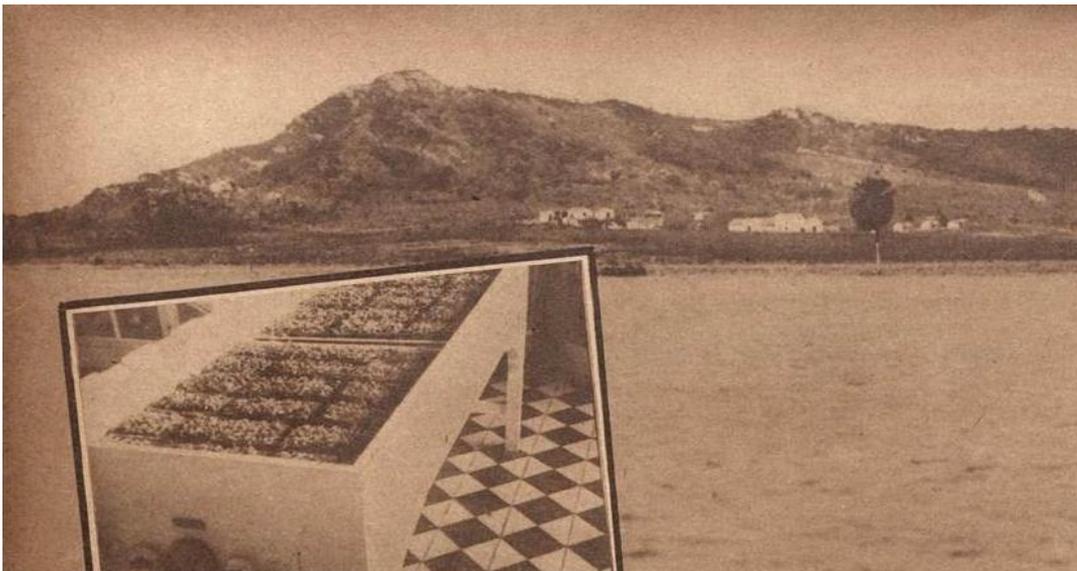


Imagem 9: Foto do lago do Açude do Saco I e do interior da Estação Experimental (Fonte: Revista *O Cruzeiro*)

A imagem 9 é do lago do Açude do Saco, uma visão que para os leitores significava uma espécie de oásis em meio ao Sertão castigado pelo sol, que é tão propagado pelos grandes centros do país. Por outro lado, a extensão do volume de água mostrava a capacidade que produtiva da área, que poderia, através da irrigação, elevar consequentemente o volume da produção agrícola. Também é possível ver ao fundo o casario, as dependências da Usina de Beneficiamento de

²⁸ PANDOLFI, Dulce. Pernambuco de Agamenom Magalhães: consolidação e crise de uma elite política. Recife: Massangana, 1984.

Algodão e a Estação Experimental, mostrando que a região era bastante habitada e com perspectiva de crescimento, visto que área no entorno é bastante ampla. Ainda na imagem, que foi produzida e editada pela própria revista, é possível ver uma espécie de mesa, localizada no interior da estação experimental, onde eram cultivados alguns experimentos com vegetais ou mudas de algodão mocó, que era produto mais desenvolvido e difundido na estação experimental.

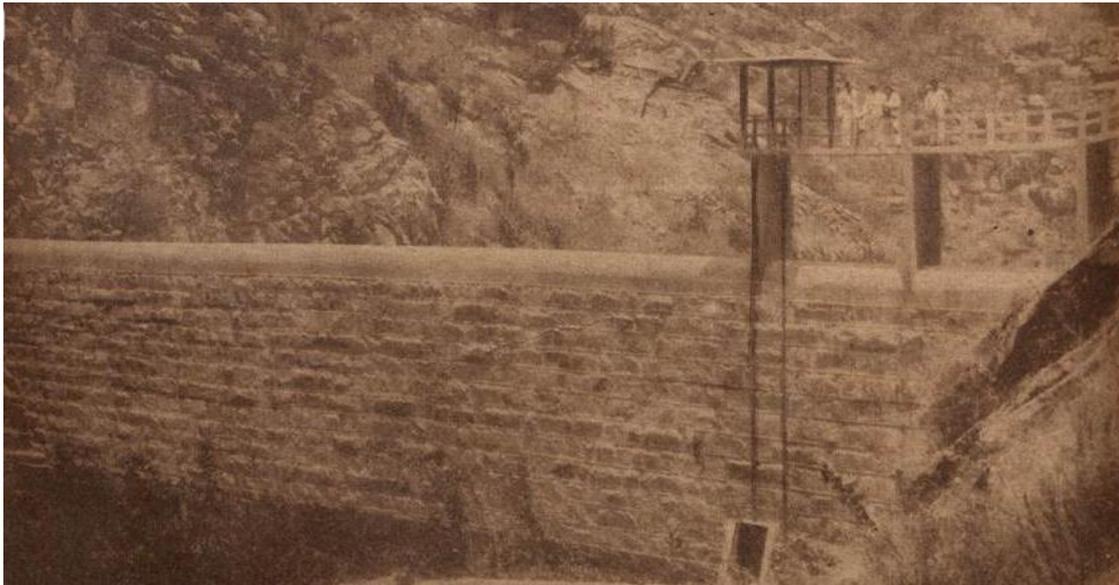


Imagem 10: Foto da parede do Açude do Saco I (Fonte: Revista O Cruzeiro)

A imagem 10 também foi publicada na revista e mostra a parede do Açude do Saco. Nela algumas pessoas possam no alto da plataforma que dar acesso ao de controle da vazão de água através da comporta. Possivelmente os homens sejam técnicos da Estação Experimental ou do SAIC, infelizmente a reportagem não trás a identificação dos indivíduos. Duas coisas chamam atenção na foto. A primeira é que a obra foi construída com qualidade e oferece boa estrutura. No lado direito fica a comporta que libera água para as plantações que ficam ao longo do curso do sangradouro do açude, que leva ao Açude da Borborema²⁹, e posteriormente ao Rio Pajeú. O outro detalhe é o nível de água, que na imagem aparece bem abaixo do nível máximo do açude. Esse detalhe pode ser explicado pela simples razão de que a foto pode ter sido tirada em período de estiagem, período esse que ocorre no segundo semestre de cada ano.

²⁹ O Açude da Borborema fica ao sopé da serra talhada, as margens da BR 232, a pouco mais de 3 km do centro da cidade.

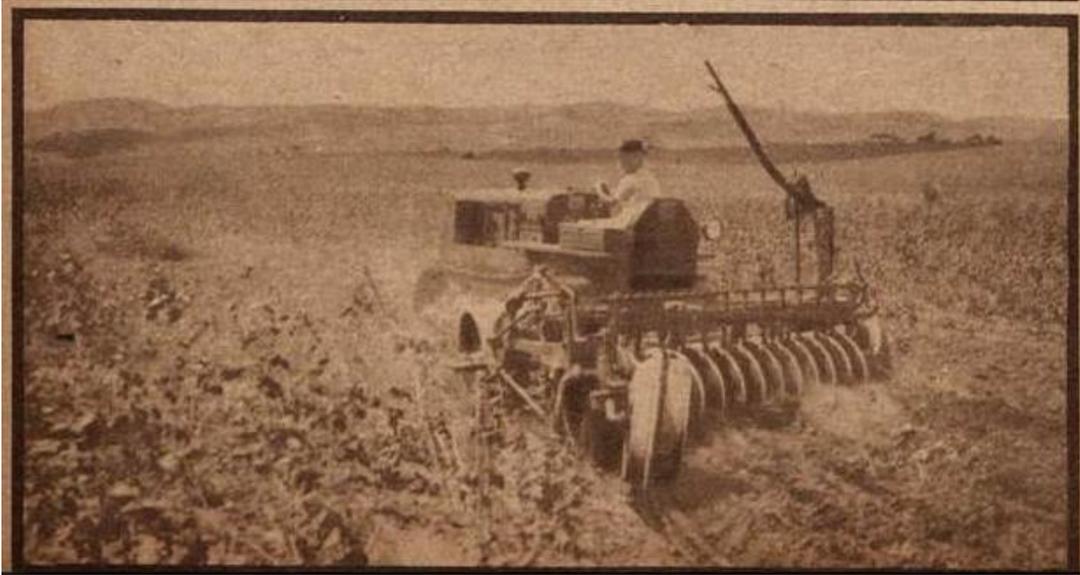


Imagem 11: Foto do maquinário usado para arar a terra da Fazenda Saco I (Fonte: Revista O Cruzeiro)

A revista ainda publicou outras fotos, e das quais extraímos para nossa pesquisa a imagem 11. Ela mostra um condutor de uma máquina de arar à terra, possivelmente um técnico agrícola, já que os agricultores daquela região da zona rural certamente desconheciam o funcionamento de um equipamento para eles moderno, além do que a máquina pertencia ao estado, por isso a condução deveria ser feito pelo funcionário da própria instituição pública. A imagem expõem aos leitores que ali, naquela região sertaneja, uma fazenda era detentora de tecnologia capaz de produzir com qualidade e quantidade o produto que o governo se propôs a desenvolver naquele ponto do Brasil: o algodão mocó.

Através destas imagens publicadas na revista O Cruzeiro, entendemos que o foco político de Agamenon Magalhães não era apenas trazer dezenas de assessores ou um militar de alta patente, apenas para sobrevoar de avião a sua cidade natal ou apresentar os seus conterrâneos. Ele queria era expõe a sua proposta de desenvolvimento econômico através da agricultura, isso por que outras Estações Experimentais foram criadas no interior. A importância da Estação Experimental da Fazenda Saco, era tão grande para o governo de Agamenon que ele ao realizar alguma atividade administrativa na região ou Serra Talhada, sempre acaba por visitar e criar algum fato político na Fazenda. Dessa forma, a reportagem da revista O Cruzeiro buscou mostrar a potencialidade da Fazenda Saco, ainda que a edição tenha publicado de forma equivocado o nome do açude como sendo “do

Paco”. Também é importante registrar que a matéria ignorou totalmente a cidade e os seus aspectos urbanos e os seus moradores.



Imagem 12: Grupo Escolar Rural Solidônio (Fonte: CPDOC/FGV)

Apesar de não ter recebido a mesma atenção publicitária de outras obras, a construção do Grupo Escolar Rural Solidônio Leite³⁰, imagem 12, foi um dos marcos da gestão ‘agamenonista’ em Serra Talhada, principalmente por se tratar do primeiro educandário público estadual construído no centro urbano do município, o que permitiu a uma parcela significativa da cidade o acesso a educação, isso por que, os educandários existentes eram todos privados. A fotografia foi tirada logo após a sua inauguração, visto que as ruas no entorno ainda não eram povoadas. Dentro do muro do grupo e possível observar dois grupos de pessoas. O grupo maior estava formando um círculo bastante coeso e enquanto o outro, mais disperso, deixa a impressão de estar se aproximado do círculo maior. Uma das entradas da escola fica justamente entre os dois grupos. Pela baixa qualidade da foto não é possível dizer se são todos estudantes e se os mesmos estão posando para a foto ou foram flagrados pelo fotógrafo realizando alguma atividade educacional. Os traços da

³⁰ Solidônio Attico Leite, nasceu em Serra Talhada, na época ainda chamada de Vila Bela, em 30 de janeiro de 1867. Foi advogado, filólogo e intelectual brasileiro, patrono de uma cadeira da Academia Brasileira de Filologia e da cadeira 27 da Academia Serra-talhadense de Letras. Foi um dos pais do Código Civil Brasileiro de 1916. No campo literário a sua maior contribuição foi à publicação da obra *Clássicos Esquecidos*. Ele no Rio de Janeiro em 1930.

arquitetura do prédio são muito similares aos do prédio da Usina de Beneficiamento de Algodão e do Hospital Regional.

Para Lorena (2001), “essa escola foi inaugurada como grupo escolar, mas abriu aos serra-talhadenses caminhos que os demandaram às universidades. Serviu para acordar juventude do torpor que lhe impunham³¹”. Lorena (2001, p. 71) ainda acrescenta: “antes da Escola Solidônio Leite, os jovens só tinham duas opções: ser soldado da polícia ou cangaceiro; depois dessa Escola o sertanejo já podia ser doutor.

Ao mesmo tempo, Lorena (2001), destaca a importância da obra e também coloca uma questão divergente em relação à data da inauguração do Grupo Escolar. Ele afirma que a inauguração ocorreu em 08 de setembro de 1941, com a presença de Agamenon Magalhães. Entretanto, os jornais: Diário da Manhã (1942), Diário de Pernambuco (1942) e Jornal Pequeno (1942), divergem de Luiz Lorena, e afirmam em reportagens que o grupo escola foi inaugurado no dia 19 de julho de 1942, sem a presença de Agamenon Magalhães, e contando apenas com a presença de alguns secretários como: Arnóbio Tenório Vanderlei, secretário do Interior; José Marcial, o secretário da Fazenda; e Maria Carmo Ramos Ribeiro, diretora do departamento de Educação. A inauguração ocorreu durante o encerramento da 7ª. Missão Ruralista Escolar, o evento teve início no dia 17 de julho e foi sediado na cidade de Triunfo, a cerca de 30 km de Serra Talhada.

O Grupo Escolar Rural Solidônio Leite fazia parte do projeto educacional do governo estadual em sintonia com a proposta nacional adotada no Estado Novo, que visava estimular o ensino voltado para as áreas agrícolas, profissionalizantes, e também direcionadas a manter a disciplina no ambiente estudantil. No que tange a Pernambuco, o ensino rural no interior foi bastante enfatizado e ministrado tal como era oferecido nos centros urbanos, sem distinções. A extensão do ensino não se limitava, apenas, às áreas periféricas da cidade, como descreveu Cavalcanti (1986)³² ao demonstrar um sentido contrário à dimensão e à articulação que, cada

³¹ LORENA, Luiz. Serra Talhada. 250 anos de história. 150 anos de Emancipação política. Serra Talhada: Sertagráfica, 2001,p.70.

³² CAVALCANTI, Z. M. C. DEC: A Biografia de uma Instituição Cinqüentenária. Recife: Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, 1986.

vez mais, chegava ao interior através, por exemplo, das Missões Ruralistas Escolares:

“Com a finalidade de promover uma aproximação construtivista entre a vida rural e a vida urbana, levando diretamente ao interior as inovações pedagógicas introduzidas nas escolas da capital, realizaram-se, desde 1931, por determinação da secretaria do interior “Missões Ruralistas Escolares”. (...) As Missões se realizarão em todos os municípios do Estado. De 1941 a 1943, já 12 municípios foram contemplados com esta realização e os resultados do empreendimento têm sido os mais fecundos e animadores”³³.

A propaganda e agenda política feita por Agamenon eram incessantes e estrategicamente pensadas a partir de um determinado público, levando informações especificamente aos grupos que ele pretendia atingir com os seus sinais, emblemas e metáforas na produção de uma sociedade, cujo tamanho colidia com a sua vaidade. E nesse contexto, Serra Talhada, aparecia como uma das cidades vitrines para todo o Sertão, isso por que era o segundo maior município em extensão territorial, sendo apenas superada por Petrolina, na divisa de Pernambuco com o estado da Bahia. No entorno do município estão localizado mais 30 cidades.

Durante os anos de 1942 e 1944, período em que a Brasil declarou guerra aos Países do Eixo, poucos se falou na imprensa sobre a Fazenda Saco, Estação Experimental ou de alguma passagem de Agamenon por Serra Talhada. Esse vácuo só voltou a ser preenchido em 21 de dezembro de 1944, quando os principais jornais da capital noticiário que Agamenon havia retornado de avião de uma rápida viagem, de pouco mais de 7 horas, da sua terra natal. Dessa vez tratava-se de uma visita do Major-Brigadeiro Eduardo Gomes, que segundo os três principais jornais de Recife, veio acompanhar o interventor na inauguração do aeródromo. O curioso é que próprio Magalhães anunciado a inauguração deste mesmo aeródromo (campo de pouso), em 1942.

[INAUGURADO, ONTEM, O AERODROMO DE SERRA TALHADA. PRESENTES AO ATO O INTERVENTOR AGAMENON MAGALHÃES E O MAJOR-BRIGADEIRO EDUARDO GOMES – Realizou-se, ontem, em Serra Talhada, a inauguração do aeródromo local, que representa inestimável

³³ Fundo Interventoria nº 65, 1944.

investimento. Fim de assistir, o interventor Agamenon Magalhães e Major-Brigadeiro Eduardo Gomes, seguiram ontem, com destino a Serra Talhada, viajando em avião F.A.B, partindo desta capital precisamente as 9 horas. Serra Talhada fica a 376 quilômetros do Recife e a viagem foi feita em excelentes condições, em uma hora e cinco minutos.^{34]}

Ainda durante á rápida visita, o interventor apresentou ao Major Brigadeiro, as várias realizações do seu governo, sempre destacando a importância das obras e o seu compromisso com o desenvolvimento dos municípios do estado. Chama atenção o fato de que os dois vieram exclusivamente só para Serra Talhada, não constam nas matérias referencias sobre visita da comitiva a qualquer outra cidade. Essa passagem reforça a ideia de que a cidade cumpria um papel de destaque no interior do Estado em relação as outras.

[Após a inauguração do aeródromo, o Major-Brigadeiro Eduardo Gomes, na companhia do o interventor Agamenon Magalhães visitou o Hospital Regional de Serra Talhada, o grupo escolar “Solidônio Leite”, o posto de monta e o haras da Fazenda Saco, colhendo a melhor impressão de tudo quanto observou. Essas realizações, pelo seu vulto e a sua significação, atestam os benefícios que a atual administração tem levado aos municípios pernambucanos, desenvolvendo-lhes todas as possibilidades e vindo ao encontro dos mais legítimos interesses.^{35]}

A visita ao lado de Eduardo Gomes foi último registro da passagem de Agamenon Magalhães por Serra Talhada, mas não o último. Em março de 1945, Magalhães deixa a interventoria é reconduzido por Vargas ao Ministério da Justiça, passando então a coordenar o projeto governamental de redemocratização do país. Nesse sentido, trabalhou intensamente na elaboração do novo Código Eleitoral, que seria decretado pelo governo no mês de maio e ficaria conhecido como Lei Agamenon. No entanto para Michel Zaidan (2005), a saída de Agamenon da interventoria seria pelo fato de que o mesmo já pressentia que o fim do Estado Novo estava próximo:

³⁴ Diário da Manhã, 21 dezembro de 1944. Primeira página

³⁵ Diário da Manhã, 21 dezembro de 1944. Primeira página

“Quando se tornou evidente, depois da entrada do Brasil na guerra, que o regime iria mudar, o interventor deixou o cargo, para ocupar o Ministério da Justiça e preparar a transição política. Mas antes deixou uma herança importante: a potente maquina partidária do PSD, responsável pela reprodução de ‘agamenonismo’ em Pernambuco ate pelo menos a derrota eleitoral de 1958”³⁶

O fim do Estado Novo não significou o fim político de Agamenon Magalhães. Ele foi um dos promotores da candidatura presidencial do general Eurico Gaspar Dutra e um dos articuladores do novo Partido Social Democrático (PSD)³⁷, agora de âmbito nacional, fundado em 8 de abril, com a benção de Getúlio Vargas, que se manteve no PTB. Em junho, assinou a primeira lei brasileira antitruste, que foi chamada de Lei Malaia e só vigoraria por quatro meses. Nas eleições realizadas em dezembro de 1945, após a deposição de Getúlio pelos chefes militares, elegeu-se deputado por Pernambuco à Assembléia Nacional Constituinte.

“O fim do Estado Novo em Pernambuco, prenunciado com a saída de Agamenon Magalhães para o Ministério da Justiça, não significou o fim do ‘agamenonismo’ na vida política do Estado. O ‘china gordo’ – como ironicamente o apelidara o poeta Manuel Bandeira – legou a seu sucessor, o bacharel Etelvino Lins, a importante tarefa de estruturar, em nível estadual, a potente maquina partidária do Partido Social Democrata (PSD), apoiada numa extensa rede de coronéis do Agreste e do Sertão, que garantiria dali para frente a vitória de todos os candidatos ao Governo do Estado indicados pelo ex-interventor ou seu partido.” (ZAIDAN, 2005, p. 04)

Como bem destacou Zaidan, o “agamenonismo” se manteve de pé, mesmo com Agamenon residindo no Rio de Janeiro. Apesar da distância ele se manteve como líder incontestado do PSD pernambucano, apesar de sua crescente oposição ao governo do presidente Eurico Gaspar Dutra, que era do mesmo partido. A cisão deu-se quando Agamenon lançou a candidatura de Barbosa Lima Sobrinho ao governo

³⁶ZAIDAN, Michel. Tradição Oligárquica E Mudança, Tempo Histórico - Ano I Número I - Jun-Dez/2005. Disponível em:

<http://www.revista.ufpe.br/revistatempohistorico/index.php/revista/article/viewFile/8/4>

³⁷ O Partido Social Democrático (PSD) era composto pelas clientelas políticas dos interventores nomeados por Vargas nos estados. Logo, era um partido essencialmente conservador, porém guiado por um forte sentido pragmático e realista. Sendo assim, o PSD tendia a se posicionar no centro do espectro político, buscando equilibrar os interesses das elites rurais do interior e da crescente burguesia industrial. Centrista, realista e pragmático, o PSD seria o fiel da balança do sistema político brasileiro pelos próximos vinte anos.

de Pernambuco. Dutra, por sua vez, apoiou o candidato da UDN³⁸, um usineiro apoiado por setores agrários e conservadores. A disputa eleitoral, vencida pelo PSD por pequena margem de votos em janeiro de 1947, foi considerada agressiva por ambos os lados e com a contestação do resultado na justiça se prolongando por muitos meses.

O período que antecedeu a campanha de 1947 foi de extrema polarização, entre PSD e UDN, e de muitas denúncias e críticas feita pela imprensa e pelos adversários do “agamenonismo”. Os jornais classificavam o ex-interventor de ditador, e muitas vezes usavam adjetivos pejorativos e os ligavam a sua origem sertaneja, como por exemplo: o jagunço de Serra Talhada, o cangaceiro de Serra Talhada, o bruxo de Serra Talhada, o tirano de Serra Talhada, entre tantas outras definições que foram publicados nos jornais e revistas da época.

Em Recife um dos grandes opositores de Agamenon foi Gilberto Freire, que já no início da década de 40, entrará em confronto com o Governador Agamenon Magalhães, chegando a ser preso pela polícia do interventor. Freire participou ativamente, em 1945, ao lado dos estudantes do Recife, da campanha pela candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à presidência da República. No dia 3 de março, por ocasião do primeiro comício daquela campanha no Recife, começa a discursar, na sacada da redação do Diário de Pernambuco, quando tomba a seu lado, assassinado pela Polícia Civil do Estado, o estudante de Direito Demócrito de Sousa Filho e Elias, um simples popular. A UDN oferece, em sua representação na futura Assembléia Nacional Constituinte, um lugar aos estudantes do Recife e estes preferiram que o seu representante fosse Gilberto Freyre. A Polícia Civil do Estado de Pernambuco empastela e proíbe a circulação do Diário de Pernambuco, impedindo-o de noticiar a chacina em que morreram o estudante Demócrito. Com o jornal fechado, o retrato de Demócrito é inaugurado na redação, com memorável discurso de Gilberto Freyre: “*Quiseram matar o dia seguinte*” (Diário de Pernambuco,

³⁸ Inicialmente, a UDN seria uma frente ampla que congregaria todas as forças de oposição a Vargas, tanto da esquerda quanto da direita; e não um partido político, tanto que seu nome era “união” e não “partido”. Daí que muitos intelectuais esquerdistas participaram da criação da UDN, como o comunista Caio Prato Júnior, que criou o nome “União Democrática Nacional”, e o socialista democrático João Mangabeira. Grande parte dos seus membros fundadores foram signatários do Manifesto dos Mineiros (1943) e participaram do Congresso Brasileiro de Escritores (1945), sendo, em sua grande maioria, intelectuais ou profissionais liberais urbanos (médicos, advogados, engenheiros, professores etc.) de classe média. Com o passar dos meses, todavia, a UDN foi assumindo um caráter mais direitista, defendendo o liberalismo político, o capitalismo, o capital estrangeiro e a livre iniciativa, o que foi afastando seus membros mais à esquerda.

dia 10 abril de 1945. Nas eleições de 2 de dezembro de 1945, ele eleito à Assembléia Constituinte, participando da elaboração da Constituição de 1946. Em entrevista ao Diário de Pernambuco, Gilberto Freyre acusou os capangas de Agamenon de terem assassinado Demócrito e Elias. Na mesma entrevista ele faz duras críticas a candidatura de Barbosa Lima Sobrinho, que contava com o apoio de Magalhães:

[Como poderia nós, pernambucanos da chamada “Resistência”, como deveres especiais para com a memória daquele e dois mártires, concordar com a candidatura de colaboracionista tão evidente do agamenonismo. De pernambucano que se conservou tão ausente de Pernambuco e tão alheio aos pernambucanos nos dias em que o Estado mais sofreu, com seus intelectuais, jornalistas e estudantes de brio perseguidos a bala por aventureiro que mais uma vez manifestou seu desdém pela inteligência e pela cultura em artigos sub-fascista? Por aventureiro que aposentou pelo 177 e perseguiu policialmente até a morte um homem de ciência da altura de Ulisses Pernambucano³⁹]

Ao mesmo tempo em que enfrentava dura oposição na capital, em Serra Talhada, setores da sociedade também se manifestam contra Agamenon e aderem a UDN. Um desses líderes é o comerciante Enock Inácio de Oliveira. Oliveira em entrevista a Diário de Pernambuco (1945), com a chamada da matéria intitulada: Reduto, ainda de pé, do Estado Novo, a terra do Sr. Agamenon Magalhães.

³⁹ Diário de Pernambuco, 13 de fevereiro de 1948,

**Reduto, ainda de pé, do Estado Novo,
a terra do sr. Agamenon Magalhães**

**REVELA O LIDER UDENISTA ENOCK INACIO OLIVEIRA
ASPECTOS IMPRESSIONANTES DA SITUAÇÃO EM
SERRA TALHADA – UM COLETOR DESPÓTICO E
FACCIOSO DIRIGE A MAQUINA DE OPRESSÃO
NO MUNICIPIO**

A manutenção das autoridades municipais representa uma condição impeditiva da plena liberdade e lisura das eleições. De um modo geral, os prefeitos e delegados de policia não eram apenas agentes do poder ditatorial, escolhidos pelo criterio partidário, mas pessoas interessadas profundamente em servir à politica do governo deposto, em muitos casos extremamdo-se em violencias e agindo sem escrúpulos.

Nas declarações que a seguir divulgamos, do sr. Enock Inacio de Oliveira, presidente do diretório da U.D.N. em Serra Talhada (ex-Vila Bela) onde é agricultor, industrial e comerciante, e pessoa de maior idoneidade, cercada do melhor conceito na região, apontam-se varios fatos demonstrativos do ambiente ali criado pelos prepostos do governo estacionovista, derrubado com o movimento de 29 de outubro. Na terra que teve a infelicidade de ser o berço do sr. Agamenon Magalhães, cuja ausência de escrúpulos no exercício do poder é notoriamente, absoluta, era lógico que se criasse uma atmosfera de insegurança e asfixia⁴⁰.



Sr. Enock Inacio de Oliveira

A 3 de agosto ultimo vendi uma partida de algodão por intermedio do Banco do Brasil, no Recife, e paguei Cr\$ 383,00 de imposto de vendas e consignações. A 22 desse mesmo mês, fui surpreendido com uma intimação de coletor para pagar em 48 horas esse mesmo imposto relativo àquela transação. Diante da alegação desse fato, o coletor insistiu na cobrança, e eu lvi de vir ao Recife e dirigir-me à Secretaria da Fazenda para fazer a prova de que estava pago o imposto. Muito mais tarde, a 20 de outubro, ainda a coletoria tentou arrancar-me Cr\$ 325,00 de "imposto de compra" sobre o mesmo negocio. Eis uma autoridade fiscal que, movida pelo facciosismo, submete contribuintes a aborrecimentos, trabalhos e despesas com cobranças indebitas. Outra modalidade da pressão exercida contra mim. Como costumam fazer no interior os proprietarios e pessoas outras que

ditadura extinta em Serra Talhada.

Imagem 13: Matéria com Enock Inácio (Fonte: Diário de Pernambuco, 14 de novembro de 1945)

Na imagem 13, observamos a matéria na qual Enock Inácio denuncia que está sendo perseguido em Serra Talhada por pessoas ligadas ao PSD de Agamenon, principalmente o coletor de impostos do município (Diário de Pernambuco, 1945). No transcorrer da matéria o editor aproveitar para atacar o ex-interventor.

[Nas declarações que a seguir divulgamos, do Sr. Enock Inacio Oliveira, presidente do diretório da U.D.N., em Serra Talhada (ex-Vila Bela), onde é agricultor, industrial e comerciante, é pessoa de maior idoneidade, cercada do melhor conceito na região, apontam-se vários fatos demonstrativos do ambiente ali criado pelos prepostos do governador estacionovista, derrubado com o movimento de 29 de outubro. Na terra que teve a infelicidade de ser berço do sr. Agamenon Magalhães, cuja ausência de escrúpulos no exercício do poder é notoriamente, absoluta, era lógico que se criasse uma atmosfera de insegurança e asfixia⁴⁰.]

⁴⁰ Diário de Pernambuco, dia 14 de novembro de 1945. P. 3.

Após o fim do Estado Novo, ficou claro que Agamenon não era uma unanimidade, nem mesmo em sua terra natal. E isso fica claro ao verificar o embate político travado entre udenistas e pesseditas/agamenonistas na cidade durante os anos que sucederam às eleições de 1947, em muitos momentos com muitas provocações e até ameaças.



Imagem 14: Matéria sobre as ameaças e agressões em Serra Talhada (Fonte: Jornal Pequeno)

Em 25 de dezembro de 1946, o Inácio envia um telegrama ao Dr. Pio Guerra, membro da executiva da U.D.N. Diante do conteúdo da mensagem Pio Guerra encaminha a postagem para o Jornal Pequeno, conforme a imagem 14, que publica a integrada mensagem em duas páginas, com o seguinte título: *AS GRITOS DE “O COMUNISMO ESTÁ CONOSCO”, CUMPRE-SE, EM SERRA TALHADA, A PALAVRA DO SR. AGAMENON. CORRELIGIONÁRIOS E CAPANGAS, ARMADOS ATE OS DENTES POR ELE, QUANDO ERA INTERVENTOR, HOSTILIZAM E*

AMEAÇAM A POPULAÇÃO MUNICIPAL. PARENTE DO SR. AGAMENON, EMPUNHADO REVOLVER E PEIXEIRA, INVADIA RESIDENCIA PARTICULAR PARA ASSASSINAR UM CIDADÃO. O DELEGADO DIZ QUE VAI AJUDAR A INTERRAR OS MORTOS. (Jornal Pequeno, 1946). Em trechos da mensagem, Enock Inácio explica o início da confusão:

[...Comunico a v. excela. que, pela 10 horas de hoje, parentes do Sr. Agamenon Magalhães, apregoando pela cidade que o Partido Comunista havia dado sua solidariedade a candidatura de Barbosa Lima, movimentaram-se em grande agitação e organizaram uma caravana chefiada pelo coletor estadual, seguindo depois para o povo de Caesarinha, a fim de realizar um comércio ali. Antes porém, passaram diante da minha residência, onde fizeram para o automóvel entregando-se as mais acintosas hostilidades contra minha pessoa, por meio de palavras agressivas e soltando boletins⁴¹...]

Apesar da postura oposicionista de Enock Inácio, a maioria das lideranças políticas da cidade, entre elas o prefeito, o Coronel Cornélio Soares, e o deputado Methódio de Godoy, eram aliados de Agamenon, o que garantiu a vitória de Barbosa Lima na cidade. No entanto, os udenistas recorreram, com base em irregularidades, constatadas durante o processo votação e apuração. Porém, apesar de algumas urnas anuladas, a vitória de Lima Sobrinho foi ratificada, na cidade e no estado. O grande problema desse período foi a quebra no ritmo de desenvolvimento da cidade, os governadores que sucederam Agamenon não continuaram olhando a cidade, assim como a Estação Experimental, e o resultado foi a queda da produção do algodão mocó.

Agamenon retornou ao Recife em fins de 1946 a fim de dirigir a fase final da campanha do seu candidato ao governo do estado, Barbosa Lima Sobrinho, sendo recebido com manifestações de hostilidade e com atos de protesto registrados em várias ruas do Recife. Desde o desembarque até a sua residência, Magalhães foi escoltado por homens armados. No pleito realizado em janeiro de 1947, o candidato apoiado por partidos e grupos de esquerda, Pelópidas Silveira, conseguiu estrondosa vitória na capital, mas Barbosa Lima Sobrinho compensou esse

⁴¹ Jornal Pequeno, dia 26 de dezembro de 1946. Primeira página.

resultado no interior e obteve o primeiro lugar, seguido de Manuel Neto Campelo, lançado pela UDN e uma dissidência pessedista.

A máquina eleitoral de apoio ao PSD era garantida por uma extensa rede de apoiadores locais, utilizando-se do sistema do coronelismo. Essa rede possibilitou ao partido obter sucessivas vitórias em Pernambuco até 1958 (exceto na capital), derrotando todos os seus adversários. Em 1950, Agamenon lançou sua própria candidatura ao governo de Pernambuco, para suceder a Barbosa Lima Sobrinho. Em março de 1950, durante os debates sobre a sucessão presidencial que se aproximava, Agamenon apoiou inicialmente o nome de Afonso Pena Júnior, que fora lançado pelo udenista mineiro Milton Campos e contava com a simpatia do PSD desse estado. Com a retirada dessa candidatura, transferiu seu apoio ao candidato oficial do seu partido, Cristiano Machado, que concorreria contra Eduardo Gomes, da UDN, e Getúlio Vargas, apoiado pelo PTB, o Partido Social Progressista (PSP) e uma facção do PSD. Para a vice-presidência, apoiou o líder político maranhense Vitorino Freire. Ainda em 1950, Agamenon foi lançado pelo PSD candidato ao governo pernambucano, tendo como principal adversário o udenista João Cleofas de Oliveira.

Durante a campanha, Vargas desenvolveu negociações com diversas seções estaduais da UDN e do PSD, prometendo colaborar com qualquer candidato a governador que lhe desse apoio. No caso de Pernambuco, embora preferisse compor com o PSD, teve que fazer esse acordo de ajuda mútua com a UDN. Em outubro de 1950, Getúlio Vargas e Agamenon foram eleitos presidente da República e governador de Pernambuco, respectivamente. Derrotado nas urnas de Recife, o antigo interventor chamou a capital do estado de “cidade cruel”. Logo depois de sua posse em 31 de janeiro de 1951, estreitou relações com os partidos de oposição a fim de estabelecer um clima de pacificação política no estado. Durante sua gestão, Agamenon criou novos impostos e taxas rodoviárias para financiar as obras de pavimentação das principais estradas de Pernambuco, especialmente as situadas na Zona da Mata. Construiu ainda o hospital de pronto-socorro, a Escola Normal e a Biblioteca Pública estadual, e elaborou um plano para a perenização dos rios do Sertão pernambucano.

Seis anos depois da visita feita ao lado do Brigadeiro Eduardo Gomes, enfim, Agamenon retorna a Serra Talhada, em de setembro, de 1950, dessa vez na qualidade de candidato a governador. Na sua chegada ao campo de pouso ele foi recebido por uma multidão, formada por correligionários e curiosos.



Imagem 15: A recepção a Agamenon Magalhães durante a campanha de 1950(Fonte: CPDOC/FGV)

A imagem 15 é um dos poucos registros de Agamenon em Serra Talhada, durante a campanha para governador de 1950, ele ficou na cidade por quase uma semana, e aproveitou as festividades da padroeira, para fazer campanha. Na imagem ele aparece ao centro, cercado por lideranças locais, entre elas, o então do prefeito do município, o Coronel Cornélio Soares – de chapéu branco, óculos, bigode e ao lado da porta do carro -, além de assessores, eleitores e curiosos. Ao fundo é possível ver os contornos da serra talhada e um grupo de pessoas em cima da carroceria de um caminhão. Ao que tudo indica esse foi um grande evento político realizado na época, com o início no campo de pouso e o término no centro da cidade.



Imagem 16: Comício de Agamenon em Serra Talhada (Fonte: CPDOC/FGV)

Como podemos ver na imagem 16, o comício de Agamenon foi realizado no coreto da praça central da cidade. Agamenon vestia um terno branco e usava o tradicional óculos, ao seu lado direito estava um empolgado orador não identificado, que fazia um discurso entusiasmado, sendo observado por uma plateia bastante numerosa, que pelo ângulo apontado pelas lentes do fotógrafo, parecem estar atentos, visto o direcionamento dos olhares para o palanque.

No entanto, o que mais chama atenção é faixa que foi colocada acima dos oradores, que trazia os seguintes dizeres: “U.D.N.: O povo de Serra Talhada saúda João Cleofas o nosso governador”. Não se sabe a razão da faixa estar ali, se foi algum tipo de provocação do grupo adversário, já que o prefeito Cornélio Soares e a maioria das lideranças locais com cargos eletivos apoiavam Agamenon, que era do PSD.



Imagem 17: Comício de João Cleofas em Serra Talhada (Fonte: Jornal Pequeno)

A imagem 17 é do comício do candidato João Cleofas, da UDN, em Serra Talhada. O postulante ao cargo de governador de Pernambuco veste branco e uma gravata de cor escura e aparece abaixo da letra 'N' que consta na faixa. O local do comício é o mesmo onde foi realizado o de Agamenon, nota-se que o angulo utilizado pelo fotógrafo é praticamente o mesmo, só que nesse caso o ato político foi durante o dia. Essa fotografia foi publicada no Jornal Pequeno, na edição de 19 de Setembro de 1950, o prazo entre o comício de Agamenon, 07 de setembro, e a publicação da foto no jornal é de pouco mais de 10 (dez) dias, sendo impreciso dizer se os dois comícios foram realizados no mesmo dia e em horário diferentes, ou se em dias diferentes e o local foi o mesmo para que se fizesse uma comparação entre o público presente em cada comício. Infelizmente nenhuma das pessoas entrevistadas durante a pesquisa souberam responder alguma pergunta sobre a campanha a governador de 1950, em Serra Talhada. No entanto, mesmo sendo aliado de Agamenon, Luiz Lorena (2001) faz um registro que demonstra um pouco do clima político acirrado na cidade, inclusive com o surgimento de vários boatos:

[A LEALDADE DO SENADOR ETELVINO LINS- Já foi dito que o Dr. Agamenon candidato a Governador do Estado pelo P.S.D., programou para o dia, 07 de setembro de 1950, em Serra Talhada, um comício diferenciado pela repercussão que teria. Os adversários políticos locais, com o objetivo de ofuscarem o evento, divulgaram amplamente que o senador Etelvino Lins estaria assumindo compromisso com o Dr. João Cleophas, candidato da U.D.N. e por isso abandonava a candidatura do pessedista irreverente de Vila Bela. Num clima senão de tranqüilidade, mas de preocupação foram relacionados os nomes dos oradores e a “festa” começou. A grande praça tornara-se pequena para receber a multidão. Ouviam-se alguns discursos de exaltação ao candidato. De súbito parou um automóvel no meio-fio da praça. Da viatura desceu um passageiro trajando terno cinza e dirigiu-se ao palanque. No meio do povão o Dr. Agamenon, o identificou e disse “e o senador Etelvino”! No encontro, abraçaram-se efusivamente. E como se tivesse arrebatando o microfone da mão do locutor, o Dr. Etelvino logo anunciou: “aqui está o discípulo que jamais negou o seu mestre”. A multidão prorrompeu em delírio, e cada vez que o senador tentava reiniciar sua oração era interrompido por aplausos estrepitosos⁴².]

A narrativa de Lorena (2001) corrobora para os indícios de que a disputa política não era só regional, e através das imagens citadas, podemos concluir que a disputa mexeu bastante com os ânimos e as emoções dos serra-talhadenses, repercutiu diretamente na elite política da capital. Uma prova disso é a reportagem da *Jornal Pequeno* (1950), que narra a chegada de João Cleofas ao município:

[João Cleofas aclamado em Serra Talhada. - SERRA TALHADA – Uma incalculável massa popular saudou entusiasticamente ao candidato democrático de Pernambuco, engenheiro João Cleofas de Oliveira, quando de sua visita a esta importante cidade sertaneja. A entrada da cidade, a ala feminina, dirigida por Maria Augusta de Riberido Barros (Lia Lucas) e Luiza de Carvalho, jogava flores e confetins no engenheiro João Cleofas, enquanto o povo verdadeiramente empolgado com a presença do eminente pernambucano, ovacionava a caravana de “Cleofas salvará o sertão”. As manifestações de entusiasmo se prolongaram por muito tempo impedindo que qualquer dos caravaneiros dirigisse a palavra aos manifestantes. Um entusiasmo indeseritível (indescritível). O COMÍCIO- Se a chegada do engenheiro João Cleofas de Oliveira e de sua comitiva Havaí gente à sua espera quando da realização do comício mostro na multidão se tornou incaculavel. Os oradores quase não podiam falar devido ao entusiasmo do povo de Serra Talhada. Mesmo assim, fizeram-se ouvir os deputados Alde Sampaio, Carlos Pôrto de Lima Cavalcanti e Osvaldo Lima; os srs. Luiz Dias Lins, Antonio Luiz e o acadêmico Juarez Gomes. O engenheiro João Cleofas foi saudado pelo Dr. José Alves, que exaltou a personalidade de grande pernambucano.] (*Jornal Pequeno*, dia 19 de Setembro de 1950, p. 02).

⁴² LORENA, Luiz. Serra Talhada. 250 anos de história. 150 anos de Emancipação política. Serra Talhada: Sertagráfica, 2001. P. 158.

O texto acima descrito mostra que o Jornal Pequeno era assumidamente defensor da candidatura de João Cleofas, e procurou passar para os leitores a melhor das impressões sobre a passagem do candidato udenista pela terra de Magalhães. Nesse cenário, em que praticamente toda a imprensa da capital ignorava a sua campanha, Agamenon seguiu usando o seu prestígio junto aos sertanejos, aos coronéis e aos seus conterrâneos. Entre uma atividade partidária outra em Serra Talhada, o líder pessedista se deparava com cenários que o faziam recordar da sua infância e dos laços que existia com a sua terra.



Imagem 18: Visita de Agamenon Magalhães ao distrito de Bernardo Vieira em Serra Talhada
(Fonte: Blog do Professor Paulo César)

A imagem 18 foi feita no distrito de Bernardo Vieira, Agamenon, é único a vestir preto, e ao seu lado esquerdo está o ex-prefeito Luiz Lorena, uma das mais importantes lideranças política do distrito e responsável por convidar Magalhães para visitar a região. Lorena (2001) faz uma narrativa com poucos detalhes sobre a presença de Magalhães na pequena localidade rural, o escritor apenas relata uma conversa com relação a reativação da cultura do caroá e a sensação nostálgica que Agamenon sentiu ao passar por alguns lugares que marcaram a sua infância:

“O candidato programou a viagem para a manhã do dia 06. No percurso, ele parecia identificado com a região e pediu que parasse o automóvel na velha fazenda de sua de sua madrinha Dona Joaquina Diniz Pereira. Contemplando os escombros da vivenda, recordou que ali desfrutara algumas de suas férias escolares onde comia queijo de coalhada com rapadura. Na passagem pela fazenda Belém. O doutor Agamenon teve

atenção desviada para a vila operária em ruínas, bem em frente dos galpões da fábrica de caroá, que encerrara suas atividades. Por ele indagado, respondi que havia gerenciado por dois anos aquela indústria e que por falta de recursos da cooperativa dos caroeiros os pagamentos da fibra ficavam permanentemente atrasados”⁴³.

Segundo Luiz Lorena (2001), ele se comprometeu de forma categórica dizendo: “quando assumir o governo vou resolver”. (LORENA, 2001, p. 147). O compromisso foi cumprido em partes. Eleito governador, ele logo que assumiu, conseguiu o aumento o valor dos incentivos para a retomada da cultura caroezeira, mas uma desavença entre a direção da cooperativa, e a falta de responsabilidade e a incompreensão dos produtores, fez com quem o governador desistisse do empréstimo junto ao Banco do Brasil. Claro que a medida não foi bem recebida pelos proprietários de usinas de beneficiamento de caroá, que esperavam receber a mesma atenção que os produtores de algodão. Agamenon Magalhães retornou a Recife no dia 11 de setembro de 1950.

Agamenon venceu João Clefoas em Serra Talhada por uma ampla diferença, já no resultado final em todo o estado a diferença foi bem menor, principalmente em função dos votos da capital, que era em sua maioria contra Agamenon. Magalhães (PSD) foi eleito com 198.586 votos (51,21%), enquanto João Cleofas (UDN) obteve 189.185 votos (48,79%). O PSD ainda elegeu Apolonio Sales para o senado federal.

Os últimos registros da passagem de Agamenon em Serra Talhada são encontrados em algumas poucas fotos e em matérias na imprensa. Os jornais registram que ele participou das comemorações do centenário de emancipação política da cidade, em 06 de maio de 1951, e pela última vez em 18 de novembro de 1951, quando voltou a Fazenda Saco, para inaugurar o Centro de Puericultura Ageu de Magalhães.

⁴³ LORENA, Luiz. Serra Talhada. 250 anos de história. 150 anos de Emancipação política. Serra Talhada: Sertagráfica, 2001. P. 147.

LATINA N. 266 — ANO 127 DOMINGO, 18 DE NOVEMBRO DE 1951

Amanhã O Plano Ocidental De Desarmamento

Novos centros de puericultura para a criança do Nordeste



Oito aviões conduziram os governadores e comitiva ao interior do Estado Serra Talhada, a primeira etapa da viagem — O núcleo de Limoeiro receberá o nome de "Conselheiro Gonçalves Ferreira" — Recepção aos excursionistas em Go'ana

Oito aviões levaram para Serra Talhada, hoje de manhã, a comitiva ilustre que Assis Chateaubriand reuniu no Recife, para dar novo impulso à campanha da criança que os Diários e Radios Associados promovem no Brasil inteiro.

O primeiro centro a ser inaugurado é o de Serra Talhada, para onde seguirão, às 8 horas, os governadores de Minas, São Paulo e Pernambuco, acompanhados de numerosa comitiva, de que fazem parte, além do diretor desta cadeia jornalística, os srs. João

ESTARIA VITORIOSA A EMENDA PARLAMENTARISTA

RIO 17 (Meridional) — Tudo indica que a emenda apresentada pelo sr. Raul Pilla à Constituição, no sentido de substituir o atual re-

S. PAULO, MINAS E O ESTADO DO RIO, PELOS SEUS GOVERNADORES, estarão, hoje, no Recife, para prestar a campanha que os Diários e Radios Associados levam por diante, no Brasil inteiro, em favor da criança. Nada menos de três novos centros de puericultura receberam a Pernambuco, na fase atual do movimento que esta cadeia jornalística atua de Norte a Sul, mobilizando energias e boa vontade. Ontem, chegaram ao Recife os governadores Juscelino Kubitschek, de Minas, e Lucas Garcia, de São Paulo, intendendo acompanhar, a primeira, do industrial Oliva Fontoura, e do jornalista Assis Chateaubriand, e já hoje teria início as inaugurações, a começar pelo centro de puericultura de Serra Talhada, que receberá o nome do prof. Azeu Magalhães. Esse novo núcleo da campanha pela redenção da criança foi doado àquela municipalidade pelo governador Lucas Garcia, em retribuição a igual gesto do industrial João Santos, que doou um centro similar a uma cidade paulista. Cada município recebe, assim, neste momento de mobilização, um núcleo inaugurado segunda-feira, com a presença

Imagem 19: Capa do Diário de Pernambuco anunciando a inauguração dos Centros de Puericultura

A imagem 19 destaca o acontecimento político que se tornou a série de inaugurações promovida por Agamenon Magalhães, que reuniu em pouco mais de 24 horas, os três governadores do PSD. De São Paulo veio o governador Lucas Garcez e sua esposa; de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek; e do Rio de Janeiro, Amaral Peixoto. Nessa data foram inaugurados os Centros Puericultura de Serra Talhada, de Limoeiro, e Umbuzeiro, na Paraíba. Cada governador participou individualmente de cada uma das inaugurações. O evento também marcou a arrancada da campanha ao Senado Federal do jornalista paraibano Assis Chateaubriand, vale registrar também a presença do industrial João Santos, conterrâneo de Magalhães.

Segundo o Diário de Pernambuco (1951), a logística de deslocamento de todas as autoridades durante os dois dias mobilizou cerca 8 (oito) aviões, desde teco-tecos de dois lugares, até aparelhos de médios de 12 e 15 lugares. Em meio a tantas inaugurações os pessedistas ainda realizarão a convenção estadual do Partido, no Teatro Santa Izabel, em Recife.



Imagem 20: É uma colagem de fotos publicadas no Diário de Pernambuco mostrando os principais fatos que ocorreram durante a inauguração do Centro Puericultura da Fazenda Saco (Fonte: Diário de Pernambuco)

Imagem 20 é uma colagem de fotos feitas pelo Diário de Pernambuco durante a inauguração do Centro de Puericultura na Fazenda Saco. Segundo o Diário de Pernambuco (1951), o domingo na fazenda foi bastante animado, com “banda de música, foguetes e bandeiras de papel colorido”, ainda segundo o período da capital o prefeito, Cornélio Soares, organizou caravanas que levaram a população do centro da cidade até a Fazenda Saco, coube também ao prefeito a promoção de um grande banquete para as autoridades e convidados. Na parte de cima e a esquerda; o Centro de Puericultura cercado por uma multidão de curiosos.

Segundo o Diário de Pernambuco (1951), o Posto foi uma doação do governador de São Paulo Lucas Garcez, enquanto Lorena (2001) informa que foi a primeira dama de São Paulo, Carmelita Garcez, que fez a doação do dinheiro para a construção, ainda na parte de cima e a direita; um grande grupo passeia sobre a passarela que dar acesso ao controle da comporta da parede do Açude do Saco I, daquele ponto é possível ver toda extensão do lago e da área agrícola que faz parte da fazenda. Na parte de baixo e a esquerda, mostra Agamenon Magalhães, em um dos depósitos da Estação Experimental, apresentando a pluma de algodão mocó

produzido na usina local. Ainda na parte de baixo e a direita, o governador Lucas Garcez, proferindo o seu discurso antes de cortar a faixa que inaugurou o centro.

Para Lorena (2001), o Centro de Puericultura foi de muita importância, principalmente para a saúde das mães e filhos, isso por que segundo ele, “morriam a míngua sem assistência”⁴⁴. Para o escritor e ex-prefeito, mesmo em condições precárias o posto foi um verdadeiro milagre:

“Instalado aqui um posto de puericultura, mesmo em condições precárias, os médicos acompanhavam as mulheres durante a gravidez, faziam treinamento com as parteiras leigas da zona rural, orientavam em tudo desde a alimentação até a indicação de medicamentos para as crianças. Não disponho de estatística para comparar os índices de óbitos, devo, contudo dizer que o Serviço de Assistência e à Maternidade Infância de Serra Talhada, foi um autêntico milagre. Esse milagre se confirma com o gesto da esposa Dr. Lucas Noqueira Garcês, então governador de São Paulo, que doou a pedido do industrial serratalhadense João Pereira dos Santos, recursos para a construção de um prédio moderno e amplo para melhor instalar aquele serviço em nossa cidade”⁴⁵.

Desta forma, a Fazenda Saco passava a ter uma vila operária, uma usina de beneficiamento de algodão, uma estação experimental, um açude de grande porte, uma escola e agora uma unidade de saúde, ou seja, passava ter equipamentos modernos e estrutura que muitas cidades do interior não possuíam. E muitas dessas inovações vieram ao longo dos governos de Agamenon Magalhães. Essa relação afetiva entre Magalhães e fazenda foi descrita pelo jornal da capital, que publicou:

[Numa casinhola, quase às margens do açude, nasceu o bisavô do Sr. Agamenon Magalhães - o “coronel Braz”. Um homem de vasta bigodeira e espichada barbicha, conforme registro que se vê na escola rural que traz o seu nome. Naquelas cercanias, quando menino, o atual governador fazia pontaria a badoque, na passarinhada e por vezes dava um mergulho no açude anterior, que era de bem menor extensão.] (Diário de Pernambuco, dia 20 novembro de 1951.p. 16).

⁴⁴ LORENA, Luiz. Serra Talhada. 250 anos de história. 150 anos de Emancipação política. Serra Talhada: Sertagráfica, 2001. P. 97.

⁴⁵ LORENA, Luiz. Serra Talhada. 250 anos de história. 150 anos de Emancipação política. Serra Talhada: Sertagráfica, 2001. P. 97.

Esse registro jornalístico escrito em tom um poético soou como uma despedida, isso porque poucos meses depois, o governador de Pernambuco veio a óbito. Nesse sentido, o legado de Agamenon é bastante questionável, tanto pelas suas posições políticas, como pelas suas atitudes em relação aos adversários. No entanto, o papel que ele cumpriu no processo de desenvolvimento de Serra Talhada é indiscutível. Isso pode ser visto nas obras implementadas e nas formas como estimulou o desenvolvimento da cultura do algodão na cidade e em toda a região do Sertão do Pajeú.



Imagem 21: Da esquerda para a direita: a Sra. Carmelita Garcez, a senhorita Leticia Magalhães, o agrônomo Luiz Gois, Agamenon Magalhães e Lucas Garcez (Fonte: Diário de Pernambuco)

A imagem 21 é bastante emblemática, primeiro por se tratar de um dos últimos registros oficiais da presença de Agamenon Magalhães em terras serratalhadenses, já que em 24 de agosto de 1952, ele sofreu uma morte súbita. E segundo por que ele se deixou fotografar, assim como os demais, sentados em cima de sacas de algodão mocó e segurando um punhado de pluma do algodão. Esse foi mais um momento em que Agamenon buscou promover o algodão mocó, o produto que foi desenvolvido através da Estação Experimental que ganhou visibilidade e investimentos para suas pesquisas durante as suas duas gestões.

Além disso, ele promoveu a capacidade de produção algodoeira na Fazenda Saco, que de contra partida, traria dividendos econômicos para a cidade de Serra Talhada. Inevitavelmente a foto da primeira página do Diário de Pernambuco, foi justamente a imagem acima citada.

Após a morte de Agamenon alguns seguidores do “agamenonismo” seguiram o seu roteiro e continuaram investindo na Estação Experimental da Fazenda Saco e no algodão mocó. No entanto, a partir de 1958, com a derrota do PSD, o algodão mocó deixou de receber a atenção e investimentos do governo do estado.

A relação entre a Agamenon é um pouco apática, já que a cidade pouco explora ou “comercializa culturalmente, dada a importância do seu nome no contexto político pernambucano e nacional da sua época. Entre as homenagens concedidas ao ex-interventor e governador está a denominação da praça onde fica está localizado o Marco Zero da cidade⁴⁶ e também o nome do Hospital que ele construiu nos anos de 1940. Mas o que pouco se comenta na cidade, é que logo após a morte de Magalhães, o deputado Estadual Luiz de França, que não era natural da cidade e também sem consultar nenhuma liderança política local, apresentou Projeto de Lei para que o nome de Serra Talhada mudasse o nome para Agamenon Magalhães.

No entanto, o projeto não obteve respaldo e acabou sendo engavetado. Segundo o Jornal Pequeno “Agamenon foi, sobretudo, um homem que conseguiu amigos, pois não, mas conseguiu também muito inimigos”⁴⁷. Apesar disso, vários serra-talhadenses seguiram a inspiração “agamenonista”, muitos chegaram a ocupar cargos nos poderes legislativos e no executivo municipal, a exemplo de Cornélio Soares, Moacir Godoy, Luiz Lorena, Argemiro Pereira, Ribeiro de Godoy, Hildo Pereira e Nildo Pereira, da oposição surgiu os nomes de Tião Oliveira, Inocêncio Oliveira, Sebastião Oliveira (Sebá) e Augusto César, herdeiros dos udenistas Enock Inácio, Vicente Inácio, Sebastião Inácio de Oliveira Neto, João Lucas e do Dr. José Alves de Carvalho.

⁴⁶ A Lei 75 de 30 de dezembro de 1952. Denomina Praça Governador Agamenon Magalhães a antiga Praça João Pessoa. Fonte: Câmara de Vereadores de Serra Talhada.

⁴⁷ Jornal Pequeno, 23 de setembro de 1952, p. 03.

1.3 O apogeu do “algodão mocó” e a Festa do Algodão: Serra Talhada na rota das transformações sociais, econômico e urbanísticas

Diante de uma conjuntura em que a ingerência política exercia forte influência no surgimento de novos hábitos e costumes, a cidade de Serra Talhada passou a ser moldada com base na modernidade, que ora se apresentava como um elemento puramente elitista, ora se apresentava com uma solução para os problemas coletivos, que afetavam a vida urbana e a convivência social. No entanto, alguns registros indicam que muitas pessoas ficaram à margem desse processo de “modernidade”.

Para Harvey (1992), “a experiência do tempo e do espaço se transformou, a confiança na associação entre juízos científicos e morais ruiu, a estética triunfou sobre a ética como foco primário de preocupação intelectual e social, as imagens dominaram as narrativas, a efemeridade e a fragmentação assumiram precedência sobre verdades eternas e sobre a política unificada e as explicações deixaram o âmbito de fundamentos materiais e político-econômicos e passaram para a consideração de práticas políticas e culturais autônomas” (Harvey, 1992: 293).

Na primeira metade do século XX, a cidade de Serra Talhada tornou-se um grande centro de produção de algodão do interior de Pernambuco. A experiência vivida na cidade entre os anos 1940 e 1960 em que, graças ao comércio do “ouro branco”, resultou em um considerável crescimento econômico, o que nos fez se deparar com objetos e acontecimentos que nos levam a identificar mudanças significativas no aspecto urbanístico da cidade. Processos similares ocorreram em outras cidades do interior, a exemplo de Campina Grande, no Estado da Paraíba.

Mas antes do apogeu do ciclo do algodão na cidade e nas cidades vizinhas, o produto de maior destaque era o caroá⁴⁸. Segundo Berlamino de Souza Neto (2004) “No fim dos 30 e início dos 40 do século XX, a industrialização do caroá, paralelamente à do algodão, estava em alta no Sertão de Pernambuco”. O caroá

⁴⁸ O caroá - *Neoglasióvia variegata* -, também conhecido como gravatá, gravá, caruá, croatá, caraguatá e corocatá, é um tipo de bromélia de poucas folhas, com flores vermelhas ou rosadas. Seu nome vem da palavra em tupikara wã, que significa talo com espinho. É uma planta resistente e típica das áreas de Caatinga. As folhas do caroá fornecem fibra para a confecção de barbantes, linhas de pesca, tecidos, cestos, esteiras e chapéus, além de outras peças artesanais e decorativas.

era bastante encontrado em meio à caatinga de todo o Sertão, sua fibra era usada para a confecção, misturado com o algodão, dos ternos de brins mistos. Os mais usados ternos mistos eram justamente os feitos no Sertão. Segundo Souza Neto (2004) “a peça de roupa era bem recordada, possuía ombreiras altas e eram confeccionados com 60% da fibra do caorá e 40% da fibra do algodão”⁴⁹.

Nesse período varias fabricas de beneficiamento de caroá, também chamada de desfibradoras, surgiram em Serra Talhada. Segundo Melo (1951), existiam na zona urbana da cidade 01(uma) na cidade e 8 (oito) na zona rural. Não existem registros fotográficos da época das referidas fábricas, no entanto, sentimos a obrigação de registrar imagens atuais da maior desfibradora da cidade, além de entrevistar o atual proprietário.



Imagem 22: Prédio da antiga fábrica de desfibração de caroá (Acervo: Alejandro J. García - 2017)

A imagem 22 apresenta a fachada do prédio que é bastante amplo, com detalhes arquitetônicos típicos da década de 1940 e que permanece parcialmente preservado, com uma extensão de mais de 100 metros de frente, a fachada chama a atenção de quem passa pela Rua Cornélio Soares, uma das principais do centro de

⁴⁹ NETO, Berlamino de Souza. Flores do Pajeú: histórias e tradições. Recife: Print, 2004. P. 413.

Serra Talhada. Atualmente o prédio está dividido em duas partes distintas. Em uma delas funciona uma funerária, e na outra o depósito da loja do empresário Wilson Godoy, que na cidade é conhecido popularmente como “Ilumina”. Segundo Godoy, a área total da usina ultrapassava os 4 (quatro) mil m², sendo que a parte da fachada e da parte interna foram alteradas.

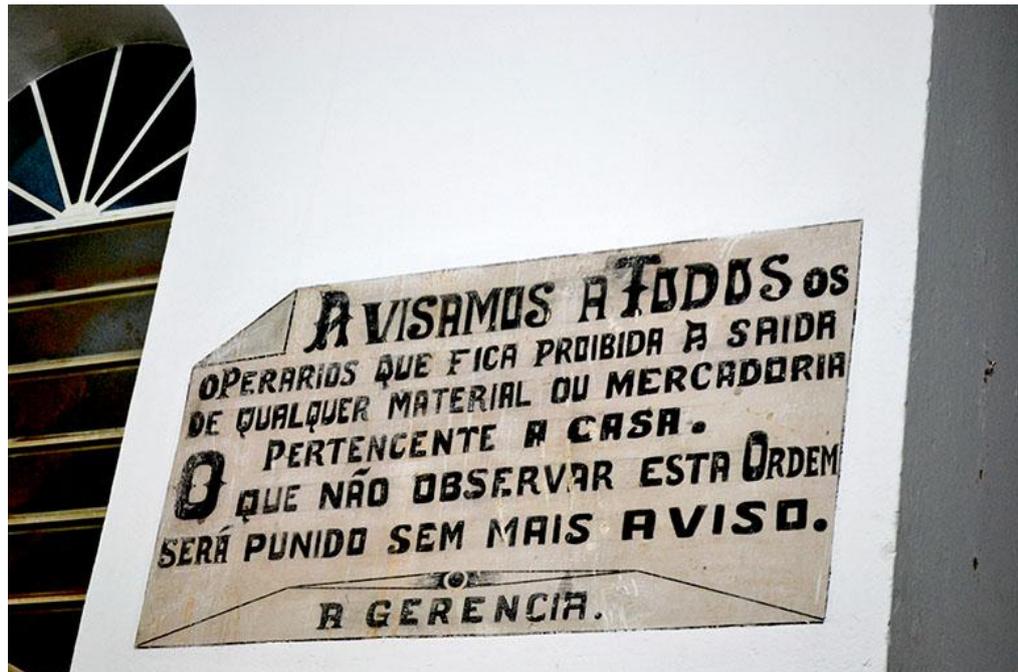


Imagem 23: Pintura no interior da antiga fábrica de desfibração de caroá com aviso aos funcionários (Acervo: Alejandro J. García - 2017)

A imagem 23 é de uma mensagem pintada na parede do setor de produção direcionada aos funcionários e na qual fica claro que os atos de indisciplina eram punidos com rigidez pela direção da empresa. Isso também mostra a relação de desconfiança dos donos da empresa em relação aos funcionários. Segundo Godoy (2017), ao adquirir o prédio percebeu que não havia o maquinário, ele também afirma que não sabe o destino das mesmas, mas destaca que algumas lacunas no piso, onde ficavam algumas máquinas foram aterradas por decisão sua. Uma das marcas do prédio é a chaminé, com cerca de 20 metros de altura, que fica no pátio externo da antiga fábrica, sendo que a edificação foi erguida sob uma fornalha onde eram processados o caroá.

Godoy (2017) não sabe afirmar com certeza quem foi o primeiro proprietário da fábrica, porém declara ter ouvido de familiares mais antigos que “a usina foi

instalada em Serra Talhada entre 1936 e 1952, depois supostamente entrou em falência. Seu diretor se chamava Eliseu Cavalcanti Lins. O primeiro gerente se chamava 'Seu Batista', o segundo Joaquim Cavalcanti, o terceiro senhor Maciel e o quarto Fernando Arcoverde. Também fui informado que nas dependências da usina funcionou uma escola e nos anos 70 funcionou o Clube dos Tempos Idos. Me disseram que na cheia de 60 a fábrica também serviu de abrigo para quem teve a casa invadida pelas águas". Na obra de Melo (1951) encontramos a informação de que na cidade atuava uma empresa denominada de Cavalcanti, Lins & Cia., no entanto o autor cita à empresa como sendo da área de exploração do algodão.

Segundo Godoy (2017), que muitas das suas memórias de infância estão relacionadas ao prédio do qual hoje é proprietário, isso porque durante os primeiros anos de sua vida ele morou com a família em uma rua vizinha ao imóvel, "quando eu era criança as pessoas contavam que vários funcionários foram jogados no forno da usina por não obedecer às ordens da empresa, era algo assustador. Também me recordo de quando chovia todo mundo da rua ia tomar banho nas bicas da usina, era uma coisa marcante e divertida".

Durante a pesquisa não foram encontradas informações sobre os números da produção anual da fibra de caroá em Serra Talhada, porém, uma reportagem do Diário de Pernambuco, publicada em 06 de setembro de 1959, intitulada "Cid⁵⁰ Conferenciou com o agente do Banco do Brasil sobre os débitos do caroá". A matéria trata da iniciativa do governador Cid Sampaio em reativar a cultura caraozeira a partir da renegociação das dívidas dos produtores. No decorrer do texto é possível se extrair alguns detalhes sobre a produção e a expectativa de uma reativação das desfribadoras no estado. Segundo o Diário de Pernambuco, os beneficiários estavam organizados numa única entidade, a Cooperativa Central dos Beneficiários de Caroá, entidade que era controlada pelo governo do estado, e que veio a falência em 1952 em função da não quitação de débitos contraídos com o Banco do Brasil, o valor era superior a 3 milhões de cruzeiros.

⁵⁰ Cid Sampaio foi governador de Pernambuco, eleito em 03 de outubro de 1958, assumiu o cargo em 31 de janeiro de 1959 e entregando-o a Miguel Arraes em 1963. Usineiro e industrial, foi o primeiro presidente do Centro das Indústrias de Pernambuco.

Para falar em nome da Cooperativa o jornal procurou o então deputado Antonio Novais, que foi um dos diretores da instituição. Em sua declaração Novais destacou que a iniciativa do governador poderia reativar as industriais caraozeira e enalteceu a importância do caroá e a sua grande produção:

[Só dependerá da vontade do Governador, em relação aos que se dedicaram ao beneficiamento dessa preciosa fibra, hoje tão largamente conhecida no país e em muitos países estrangeiros. Conforme é do conhecimento de todo o Estado, a indústria caraozeira foi, há uns dez anos passados, uma das maiores florescentes da região sertaneja, chegando a produzir perto de dez mil toneladas anuais.] (Antonio Novais, Diário de Pernambuco, 06 de setembro de 1959).

As palavras de Antonio Novais reforçam a idéia de que o caroá teve muito importância para a economia de muitas cidades do Sertão de Pernambuco, inclusive Serra Talhada, e de que a atuação estatal, no sentido do apoio através incentivos financeiros era determinante. Novais (1959) ainda declarou que o ciclo da cultura do caroá foi importante para a melhoria da vida dos sertanejos:

[A renegociação ia reativar centenas de pequenas desfibradoras pelo sertão, contribuindo desse modo, para a melhoria do padrão de vida de milhares de sertanejos, que outrora tinham na pequena indústria caraozeira o arrimo e o pão de cada dia.] (Antonio Novais, Diário de Pernambuco, 06 de setembro de 1959).

Novamente Antonio Novais (1959) apresenta o caroá como um fato positivo na vida dos sertanejos, destacando a questão da melhoria da qualidade de vida e a geração de empregos, visto que a região enfrenta períodos de estiagem constantes, o que prejudica a geração de renda através da agricultura e quando grande de desempregados.

Do ponto de vista político, a questão do caroá, assim como outras atividades extrativistas ou que tinham com base de produção o interior do estado, foram bastante afetadas a partir da eleição de Cid Sampaio, em 1958. A sua eleição derrubou a hegemonia política dos “agamenonistas” e “pessedista”, que tinham como base eleitoral os grtões sertanejos comandados pelas velhas oligarquias, ao mesmo tempo em que buscou beneficiar os “usineiros” da zona da mata do estado.

Economicamente os coronéis faziam fortuna com exploração da mão-de-obra barata nas fazendas e pequenos comércios. Nesse período se observa a necessidade que as elites oligárquicas sentiram a necessidade de enviar cadê vez os filhos para a capital, estudar Direito ou Medicina. No caso de Serra Talhada, vários políticos da nova geração formados na capital, a exemplo do ex-deputado federal Inocêncio Oliveira, formado em medicina pela UFPE, e o atual deputado federal licenciado e secretário estadual de transporte Sebastião Oliveira, também formado em medicina.

A verdade é que a cultura do caroá marcou a transição da economia em Serra Talhada, que deixava a sua característica de município produtor agropecuário, ainda que fosse de forma modesta, para uma cidade que passava a conviver com a rotina cotidiana, que entre outras, provinham do movimento oriundo das pequenas fabricas e que a cada dia atraia mais a mão de obra do homem do campo.

O desenvolvimento econômico de Serra Talhada foi o passo inicial e fundamental para a evolução da urbanização da cidade. A prosperidade das atividades comerciais diversificadas e a geração de riqueza proveniente dessa atividade aceleraram e garantiram o crescimento da cidade e, mesmo quando o comércio ainda “engatinhava”, no meados do século XVIII, quando surgiu a feira livre, sempre as segundas-feiras, e que se tornou uma das maiores do interior do estado, a então Vila Bela dava sinais de que o seu futuro seria promissor. Mas, foi a partir a partir da implantação da Estação Experimental da Fazenda Saco, e mais precisamente, com os investimentos estatais feitos no sentido do estímulo a cultura algodoeira na cidade, que Serra Talhada passou pela sua importante transformação social, econômica, cultural e urbanística da sua história.



Imagem 24: Bandeira do município de Serra Talhada (Fonte: Prefeitura Municipal)

Existem varias vertentes para se entender a chegada do algodão à cidade que fica encravada no Sertão do Pajeú⁵¹⁵². O certo é que a relação do algodão com o município é importante, isso porque, com base na imagem 24, verificamos que o algodão é dos elementos que aparecem representados na bandeira do município, além, da serra que dá nome a cidade; as datas referentes à aquisição da terras por Agostinho Nunes de Magalhães e a emancipação política. Segundo o Berlamino de Souza Neto (2004), o algodão já era produzido na região do Vale do Pajeú desde as primeiras décadas do século XX, mas ainda de forma rudimentar:

“Nas primeiras décadas do século XX, Flores e demais cidade municípios do Vale, tinham sido grandes produtores de algodão. O beneficiamento era feito pelos próprios agricultores e fazendeiros, que se servia, para isso, de maquinagem rudimentares, dos velhos locomóveis, e de outras engenhocas comuns na época. Naqueles tempos, os jornais do Recife publicavam anúncios de *“agentes exclusivos”* de fabricantes internacionais como a *“International Machinery”*, da marca *“Águia”*, por exemplo, que vendiam

⁵¹ O Pajeú é o rio com a maior bacia hidrográfica do estado. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o rio nasce na serra da Balança, no município de Brejinho, próximo à divisa entre os estados da Paraíba e Pernambuco. O riacho do Navio — famoso em virtude da canção de Luiz Gonzaga e do livro Caminhos do Pajeú do escritor Luís Cristóvão dos Santos — é um de seus afluentes. Nas margens do rio Pajeú, encontramos as cidades de Itapetim, Tuparetama, São José do Egito, Ingazeira, Afogados da Ingazeira, Carnaíba, Flores, Calumbi, Serra Talhada, Floresta e Itacuruba, todas no estado de Pernambuco. Nesta última cidade, o rio se encontra com o rio São Francisco, do qual é afluente. É um temporário que abastece 28 municípios.

⁵² A palavra Pajeú deriva do tupi antigo paîé'y, que significa “rio dos pajés”, através da composição de paîé (pajé) e 'y (rio). NAVARRO, E. A. Dicionário de Tupi Antigo: a Língua Indígena Clássica do Brasil. São Paulo. Global. 2013. p. 590.

maquinismo para beneficiamento de algodão “a preços que temem concorrência.” descarçadora de 30 e até 70 serras, condensadores, alimentadores, máquinas de afiar serras, etc.” (NETO, 2004, p.413).

Alem do relato de Neto (2004), podemos encontrar um dos primeiros registros sobre os cultivos de algodão na cidade, na edição do dia 27 de fevereiro de 1936, do Jornal Pequeno, onde o então deputado Methodio de Godoy Lima, destaca em um texto de sua autoria: “Sobre a futura Escola Normal Rural e a cidade de Villa-Bella”, a produção do produto no anterior, segundo o então deputado, a cidade produziu vale sobre a produção do ano anterior 3.000 arrobas e para aquela a expectativa era 9.000 arrobas. Vale destacar que nesse período já existia a Estação Experimental da Fazenda Saco.

Em entrevista com assistente técnico, Francisco Charles Bezerra Cabral de Lima, que há 35 anos trabalha no IPA, órgão estadual que fica localizado na Fazenda Saco, muito pouco conseguimos extrair a respeito da chegada do algodão à cidade, de acordo com Charles Cabral “não há uma data conhecida sobre a entrada do algodão em serra talhada, pode-se dizer que deve ter sido trazida logo após a vinda do Agostinho Nunes de Magalhães pra Villa Bella”. Apesar da falta de informações sobre o real período da chegada do produto, buscamos focar a nossa pesquisa no desenvolvimento do algodão mocó, que a partir da implantação da Estação Experimental ganhou projeção graças à qualidade de suas fibras.

As culturas do algodão mocó, e também a do arbóreo – nas primeiras décadas do XX e depois em menor escala -, comandaram a economia e exerceu forte influência sobre a vida cotidiana em Serra Talhada durante a maior parte das décadas de 40 e 50, marcando a sociedade e condicionando, sob vários aspectos, entre elas, a modernidade urbanística, social e cultural, além da migração do homem do campo para a cidade. A base da produção ficava na Estação Experimental da Fazenda Saco, uma área distante da zona urbana cerca de 8 km e localizada no sopé da serra talhada⁵³ pela face norte, e que foi criada em 1932.

⁵³ Serra que deu o nome à cidade e que faz parte do planalto da Borborema.



Imagem 25: Foto que mostra uma das salas onde os pesquisadores desenvolviam a semente do algodão mocó (Fonte: Revista O Cruzeiro)

A imagem 25 é de uma das salas do Centro Experimental da Fazenda Saco, o órgão ligado a Seção de Fomento Agrícola, que por sua vez era vinculada a Secretaria de Agricultura de Pernambuco. Na sala podemos observar a presença de um técnico manuseando um microscópio. A cima da imagem a revista O Cruzeiro (1941) publicou a seguinte legenda: “Nas salas do Laboratório de Sementes, os vários processos a que são submetidos sementes e fibras eliminam qualquer dúvida sobre os resultados benéficos que advirão”⁵⁴.

Na verdade alguns desses resultados produzidos na Estação Experimental já haviam sido anunciados um ano antes, pelo o Engenheiro Agrônomo Lauro Bezerra, chefe da Fazenda Saco entre 1935 e 1947. Foi Lauro Bezerra, que também fazia parte da Seção de Fomento Agrícola Federal, que ao lado de outro agrônomo, Heitor Tavares, do Serviço de Produção Vegetal, da Secretaria da Agricultura, anunciou através da publicação de um trabalho científico em forma de um livreto em 1940, os resultados dos trabalhos de experimentação realizados na Estação de Serra Talhada, acerca da enxertia do Algodão Mocó. A publicação dos resultados da pesquisa logo chamou atenção da imprensa, e o Diário da Manhã, no dia 10 de

⁵⁴ Revista O Cruzeiro, do dia 25 de dezembro de 1941.

Novembro 1940, levou ao conhecimento dos seus leitores as ressentidas experiências realizadas no Sertão do estado.

[Esse resultado positivou um êxito definitivo, que irá revolucionar todos os métodos até agora empregados na cultura algodoeira do Nordeste. Não fosse o algodoeiro Mocó de habito perenne, dizem os técnicos nos esclarecimentos preliminares, e não pensaríamos na possibilidade economica do emprego da sua enxertia em grande escala. De modo, é a convicção de lidar com uma lavoura produzindo durante vários anos que nos anima a crê na possibilidade do methodo de enxertia. Dado mesmo que sua perennidade economica não vão vá alem dos 5 anos (citam-se casos de 15, 20 e até 30 anos) os resultados já obtidos e a abservação panorâmica nos convecem de sua applicabilidade. Os cálculos são feitos sobre cerca de 3.000 enxertos já realizados em diversas condições nestes seis anos decorridos desde o inicio da primeiras tentativas. Por elles verificamos que o custo Maximo de um enxerto prompto a produzir de 80 reis, sendo oportuno lembrar que este resultado não foi conseguido nas melhores condições que licito esperar obter, quando a generalização do processo conseguir operários habilitados, fontes suficientes de plantas fornecedores de borbulhas e melhores conhecimento sobre a technica.]

No mesmo texto, denominado de “O BRASIL HOJE: MELHORIA DO NOSSO ALGODÃO”, o jornal destaca com muita ênfase que os resultados da pesquisa feita com algodão mocó, significava um passo importante no desenvolvimento da cultura algodoeira, além de ressaltar o pioneirismo e sucesso da pesquisa dos nossos agrônomos em relação a trabalhos científico feito em outros países:

[Animaram-os o desejos duma apreciavel contribuição para o nosso maior desenvolvimento algodoeiro e essa acaba de ser conseguido de maneira que talvez tenha superado as espctativas geraes. Basta saber-se que é essa a primeira vez que se consegue no mundo sucesso integral numa operação de enxerto de algodão typo perenne. E as tentativas nesse sentido há muito vem sendo feita em todos os centros algodeiros conhecidos, por technicos de todos os paizes⁵⁵.]

Como se ver na matéria do Diário da Manhã, as pesquisas em torno do algodão mocó, abriu um nova perspectiva em torno da produção algodoeira, principalmente no Sertão, a onde estava localiza a Estação Experimental da Fazenda Saco. Vale salientar que boa parte dos países desenvolvidos e com tecnologia para desenvolver um produto com a mesma qualidade o parecido com o

⁵⁵ Diário da Manhã, dia 10 de Novembro 1940, p. 03.

nosso estavam comprometidos ou envolvidos com a Segunda Guerra Mundial. Esse também foi um dos fatores que beneficiou projeção nacional do algodão mocó em Serra Talhada. Nesse contexto, o interventor Agamenon Magalhães, construiu uma vila operária para acomodar os trabalhadores; já que a mão-de-obra fazia parte da demanda exposta no estudo feito pelos agrônomos; uma usina de beneficiamento e uma escola.



Imagem 26: Trabalhadores em atividade na Fazenda Saco (Fonte: Diário de Pernambuco)

A imagem 26 foi publicada no Diário de Pernambuco (1943), apesar da má qualidade, possível ver um grupo de trabalhadores sendo observado por outros funcionários que faziam parte da estrutura funcional da Estação Experimental, ao fundo se destaca os galpões da usina de beneficiamento de algodão e casas dos operários. Segundo o Diário de Pernambuco (1943), a imagem registra a “ampliação dos trabalhos para a irrigação de 400 hectares com culturas diversas⁵⁶”. Segundo a reportagem do jornal, a iniciativa era um pareceria da Secção de Fomento com a CBA – Comissão Brasileiro-americano de Produção de Gêneros Alimentícios, sob a orientação do engenheiro americano John B. Griffing⁵⁷.

⁵⁶ Diário de Pernambuco, 05 de setembro de 1943, página 09.

⁵⁷ John Benjamin Griffing, nasce em 04 de dezembro de 1885, nos EUA; estuda em Kansas State College, Drake University, Columbia University, Cornell University e University of Southern California. Ocupou cargos de direção em instituições de ensino e de pesquisa nos Estados Unidos e Ásia, tendo sido também professor no San Bernardino Junior College, San Bernardino Califórnia. Em dezembro de 1936, John Benjamin Griffing assumiu a direção da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais, tornando-se seu segundo diretor norte-americano. Com a vinda de Griffing para Viçosa, a partir de 1937, a parte experimental toma grande impulso, não só por sua atuação individual, mas também como resultado das primeiras viagens de estudos, por ele estimuladas, de professores ao exterior, para cursos de aperfeiçoamento, mestrado e Ph.D., principalmente nos Estados Unidos e em alguns países da Europa: Alemanha, Espanha, França e Inglaterra. Ele dirigiu a instituição até 1939. Em sua passagem pela China, ele foi encarregado de três departamentos da Universidade de Nanquim: a) Melhoramento do Algodão; b) Educação Rural; c)

A partir do fim da gestão intervencionista de Agamenon Magalhães e a implantação de novas culturas nas terras da Fazenda Saco, fez com que os investimentos financeiros na área de pesquisa, que até então eram realizados com o algodão mocó, fossem deixados de lado. Para completar esse cenário de desinteresse pela cultura algodoeira, a Estação passou a ser usada para criação de animais, fato que comprometeu bastante as áreas cultivadas e que acarretou uma queda na produção.

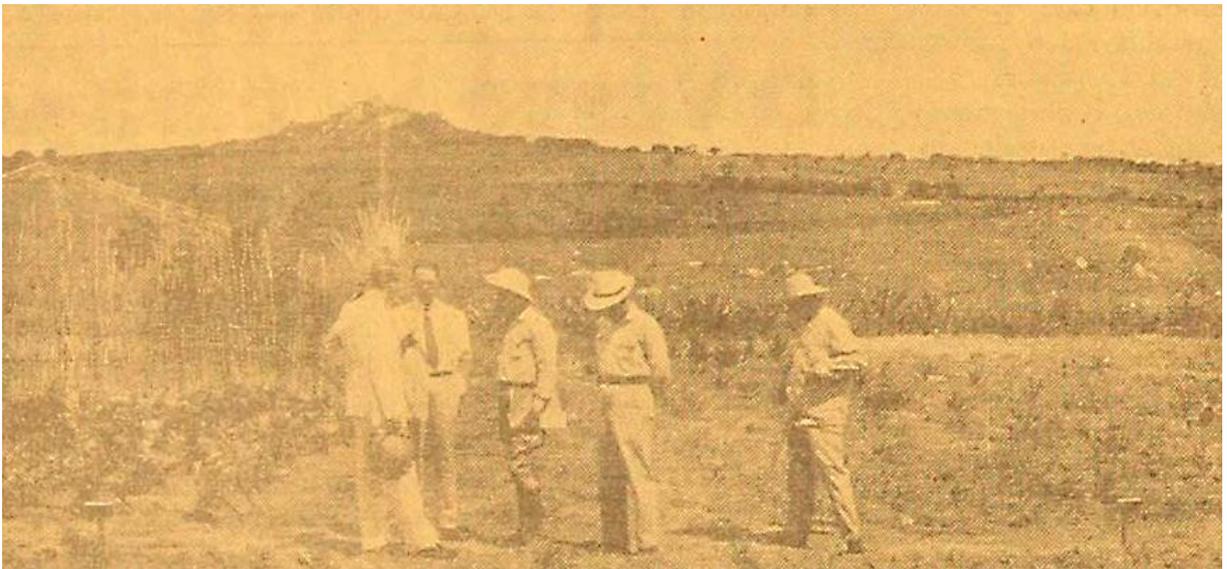


Imagem 27: Visita do Secretário de Agricultura do Estado Barros a Fazenda Saco (Fonte: Diário da Manhã)

Em abril de 1948, o então Secretário de Agricultura, Barros Barreto, resolve visitar a Fazenda Saco, com objetivo de reiniciar as atividades de plantio e os trabalhos com algodão mocó. Entres os compromissos assumidos está o de adquirir um trator e outros equipamentos para uso dos trabalhadores. Na imagem 27, vemos o secretário de paletó, gravata com cor escura e com uma das mãos no bolso, cercado por técnicos que trabalham na fazenda. Apesar da baixa qualidade da foto, é possível que o ambiente é bastante diferente de imagens que forma feitas em outros momentos. Não se ver pessoas trabalhando e nem pés de algodão em fase de colheita.

Extensão. Em seus trabalhos de pesquisas, aclimata duas variedades de algodão americano e desenvolve novas variedades de espécies chinesas, considerada, na época, das asiáticas a melhor.

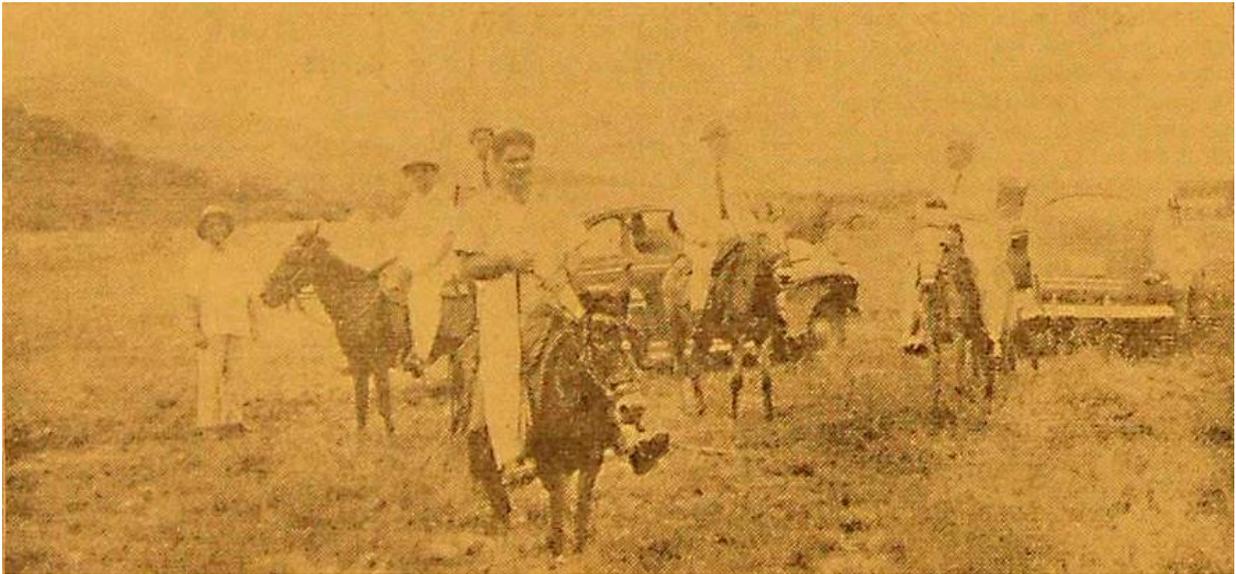


Imagem 28: Visita do Secretário de Agricultura do Estado Barros montando um animal durante visita à Fazenda Saco (Fonte: Diário da Manhã)

A imagem 28 mostra um pouco da nova realidade da fazenda. Os operários que possuíam casa com boas instalações, que foram contratados para trabalharem em usina moderna, parecem que foram substituídos por simples camponeses. Sertanejos acostumados a andar no lombo de animais como o cavalo e jumento. Se antes os políticos pousavam para fotografias em meios aos campos de algodão, agora, como fez o secretário, pousam no lombo de um cavalo, deixando de lado os seus carros confortáveis. As duas imagens publicadas mostram que os sinais dos investimentos feitos no Centro Experimental e na Fazenda Saco que se viu no início da década de 1940, já eram mais os mesmo no final da década.

Ainda naquele mesmo ano, uma equipe do Diário de Pernambuco acompanhou a excursão que tinha a frente o biólogo Henrique Sauer⁵⁸, do Instituto

⁵⁸Henrique Sauer, nasceu na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, em 9 de janeiro de 1910. Formou-se em agronomia, na Escola Superior de Agricultura e Veterinária, em 1931. Suas atividades profissionais iniciaram-se na área de Entomologia. Recém formado, trabalhou na Cia. Brasileira de Frutas, no litoral paulista, com culturas de laranja e banana, organizando, posteriormente, o serviço sobre a broca do café, no Sul de Minas. Ao volta para Viçosa, começou lecionar sobre o assunto que escolhera por especialidade, Entomologia. Ainda, durante algum tempo, foi diretor geral da Secretaria de Agricultura do Espírito Santo. Em novembro de 1936 foi contratado pelo Governo do Estado de São Paulo para atuar no Instituto Biológico. Esta trajetória transformou Sauer em carioca de nascimento, mineiro de formação e paulista de ação. No Instituto Biológico Sauer começou a estudar as pragas do algodão e, assumindo a chefia da Seção de Entomologia Agrícola, na Fazenda Mato-Dentro, em Campinas, onde organizou laboratórios de estudo de biologia das pragas e campos de ensaios dos métodos de controle. Nesta época a cultura de algodão no Estado de São Paulo

Biológico de São Paulo, um estudioso de técnicas de combate as pragas que atacavam o algodão, além de técnicos SAIC. O grupo passou pelas cidades de Timbauba, Surubim, Limoeiro, Caruaru, Garanhuns, Correntes, Águas Belas, Pau Forte, Arcoverde e Serra Talhada. Ação visava orientar os produtores de algodão a como combater as pragas e a como aumentar a produtividade da fibra e da pluma. A iniciativa foi patrocinada pela Secretaria de Agricultura Indústria e Comércio do estado.

Durante a estadia em Serra Talhada o grupo visitou a Fazenda Saco. Nos campos antes eram dominados por algodozeiras, o que se via era uma mescla de diversos produtos e de animais. No entanto, o que chama atenção na reportagem é a advertência feita pelo biólogo sobre a prática das “brocas” em áreas onde se cultivava o algodão, que era de apenas 100 hectares. No texto escrito por Guido Fernandes, especialmente para o Diário de Pernambuco (1948), é possível compreender melhor o cenário encontrado pelos visitantes:

[São quase 3 mil hectares Terra, sendo que perto de 100 hectares dedicados exclusivamente ao plantio do algodoeiro arbóreo. Acompanhados pelo agrônomo regional vimos diversas experimentações, que ali se realizam. Experiências de adubação, época de plantio, adaptação de novas linhagens, etc. um sobretudo chamou-nos atenção: - “enxertia do mocó”. Advirá dessa prática algum resultado positivo? Alguma vantagem econômica? Os americanos repetem: - “science moves slowly”. E isso significa que só o tempo nos poderá dizer alguma coisa mais tarde. Onde estão o dr. Sauer, Eudes, Vanderlei, e os outros? O fotógrafo Teles é o responsável: lá está ele tirando uma foto de um pé de algodoeiro, atacado pela broca. E um grupo em volta do pobre mocó. Saio correndo, quase que perco essa chapa. A incidência da broca é qualquer coisa de fantástica. Aqui possivelmente 50% ou mais dos algodoeiros plantados acham-se atacados. Dr. Sauer recolhe material e examina cuidadosamente os indivíduos. Depois de várias horas de pesquisa, afirma que broca naquela região representa potencial tremendo de diminuição da produtividade⁵⁹.]

O alerta feito pelo biólogo Henrique Sauer parece não ter surtido efeito, isso porque, não se fez um trabalho preventivo de combate às pragas e o controle das

começava a declinar significativamente. Sauer defendeu seu ponto de vista afirmando que esta queda devia-se a problemas de pragas, principalmente o percevejo rajado, praga que vinha sendo por ele pesquisada na região da Moqiana. Provou sua tese com trabalhos de campo direcionados ao combate desta praga, aumentando com seu experimento a colheita do algodão.

⁵⁹ Diário de Pernambuco, dia 26 de setembro de 1948, p. 03.

queimadas. Esse cenário deixa a entender que a produção de algodão, como fonte de geração de capital e de emprego, deixou de ser uma prioridade pelo governo de Barbosa Lima. Em dezembro daquele ano, frente à situação em que se encontrava a Fazenda Saco, o deputado estadual, Diocleciano Pereira Lima, Pajeúzeiro da cidade de Triunfo, faz duras crítica em público à gestão do secretário de agricultura e a situação da Fazenda Saco. A resposta do Secretário Barros Barreto, foi publicado no Jornal do Comércio daquele mesmo mês, entre as questões abordadas, ele fez uma indagação bastante polêmica sobre a realidade da Fazenda Saco: “Como pretendia v. excia., que as sementes de algodão mocó plantadas há cerca de nove meses, onde tudo era abandono, já estivesse produzindo algodão e este sendo descarçados?”(Jornal do Comércio, Recife, 1948). De forma indireta, o secretário assumiu publicamente que a fazenda no que se referia a plantio de algodão passava por um processo de abandono.

Na tréplica de Diocleciano, feita na tribuna da Assembléia Legislativa, Barros Barreto foi provocado em tom de ironizar pelo parlamentar, que insinuou que o secretário não tinha conhecimento sobre o cultivo do algodão: “os eleitores da zona sertaneja, não apenas do meu partido, mas de todos os partidos naquela zona, rirão é da inocência do titular que ignora que aquele tipo de algodão, em terreno fértil e bem tratado, produz em produz com vantagem logo no primeiro plantado.” (Diário de Pernambuco, Recife, 1949). Ainda usando os microfones da tribuna, Diocleciano Pereira Lima, acusa o secretário de se esconder e de não assumir a responsabilidade pela situação da Fazenda Saco:

[Voltando ao caso da Fazenda Saco, seria oportuno indagar as razões por que a usina não descarça o algodão dos produtores vizinhos, como fazia antigamente, sendo então o produto beneficiando o de melhor cotação em todo o Estado. O Sr. Barros Barreto, longe de dizer , em suas entrevistas, como vai, na realidade, aquele famoso campo experimentação agropecuário, prefere desancar, como fez em referencia ao Ministro da Fazenda e ao governo federal, a administração do próprio interventor, Demerval Peixoto, que tanto culpa teve na decadência da Fazenda do Saco quanto Eltevíno Lins, José Domingues, Amaro Pedroso e Otavio Correia. É sempre cômodo investir contra moinhos de vento. Sendo que não pretendia devid-la, também, em fatias para a distribuição com os camponeses do Pajeú, sempre seria interessante que a Secretaria da Agricultura expusesse, em verdade, os “milagres” que o seu titular já operou pelas aquelas paisagens.] (Diário de Pernambuco, dia 04 de janeiro de 1949, p. 3).

As provocações feitas pelo deputado sertanejo não alteraram o cenário da Fazenda Saco. Naquele período a área produtiva também foi ocupada pelo plantio de mamona e arroz, com 10 hectares para cada, e com a plantação de apenas 130 hectares de sementes de algodão mocó. A partir dos anos de 1950 a plantação foi retomada com vigor e a área plantada passou a ser de 368 hectares, chegando a uma produção de 150 mil kg de algodão em rama, 60 mil em pluma e 90 mil em sementes, que foram destinadas ao fomento da cultura algodoeira em todo Sertão. A retomada da produção foi um dos fatores que motivou a realização de uma importante conferência sobre o algodão em Serra Talhada.



Imagem 29: Foto do arcebispo de Recife e Olinda e dos bispos de Pesqueiras, Nazaré, Caruaru, Petrolina e Garanhuns, quando recebiam explicações do secretário da Agricultura, sobre a “cultura seca” ou o “dry-garming” dos americanos (Fonte: Diário de Pernambuco)

A imagem 29 foi registrada durante a chama “A Conferência de Serra Talhada”, evento organizado pela Secretaria de Agricultura do Estado de Pernambuco. Apesar da baixíssima qualidade da foto, é possível identificar um

grande número de pessoas, posando para fotografia em volta de pés de algodão, entre os presentes estão o arcebispo do Recife e Olinda e os bispos de Pesqueiras, Nazaré, Caruaru, Petrolina e Garanhuns, quando recebiam explicações do secretário da Agricultura, sobre a “cultura seca” ou o “dry-garming” dos americanos. Os presentes puderam conhecer de perto as práticas agrícolas que antecediam ao plantio, as de desbravamento e de preparação do terreno. Acompanharam as máquinas avançarem a derrubada de árvores e alisando a capoeira, enquanto outras máquinas aplainam e enterram. O encontro aconteceu na Fazenda Saco, que foi escolhida, segundo a reportagem do Diário de Pernambuco (1953), por ser “um campo experimental famoso em nossa história econômica, pois ali se produz o melhor algodão mocó brasileiro, o que significa o melhor do mundo”⁶⁰. Segundo o jornal, o objetivo do encontro era obter o apoio dos prelados para a campanha de esclarecimento dos pequenos lavradores do interior.

[Promovendo uma reunião de seus técnicos com o arcebispo de Olinda e Recife e os demais bispos das dioceses pernambucanas, visando obter o apoio dos prelados para a campanha de esclarecimento dos pequenos lavradores do interior. Campanha de esclarecimento quanto aos métodos de cultivo que permitam melhor rendimento agrícola e de certo modo relacionada com outras já realizadas no país, inclusive a dos bispos da área do São Francisco, recentemente.] (Diário de Pernambuco, dia 02 de agosto, de 1953, p. 04.)

Na narrativa publicada pelo periódico, o clima de empolgação com a produção de algodão mocó na fazenda e comparada com as do início da década de 1940. “Pode-se até dizer que as condições climáticas do município, em vez de prejudicar, beneficiam a cultura, pois, o ano passado, com precipitações mínimas apenas aproximadas de 250 milímetros, conseguiu-se uma produção das maiores já registradas”, destaca o Diário de Pernambuco (1953, p. 04). Esse clima também foi repassado para produtores e empresários do ramo têxtil.

Em função dessa visibilidade dada a produção do algodão mocó, na Fazenda Saco, duas grandes empresas do ramo se instalaram na cidade em meados da

⁶⁰ Diário de Pernambuco, dia 02 de agosto, de 1953, p. 04.

década de 1930. A SANBRA⁶¹ e Anderson Clayton & Cia⁶², comercializaram para diversas regiões do Brasil e o do mundo, a fibra e a pluma do algodão produzido na área da Estação Experimental, assim como a produção de outras fazendas do município.

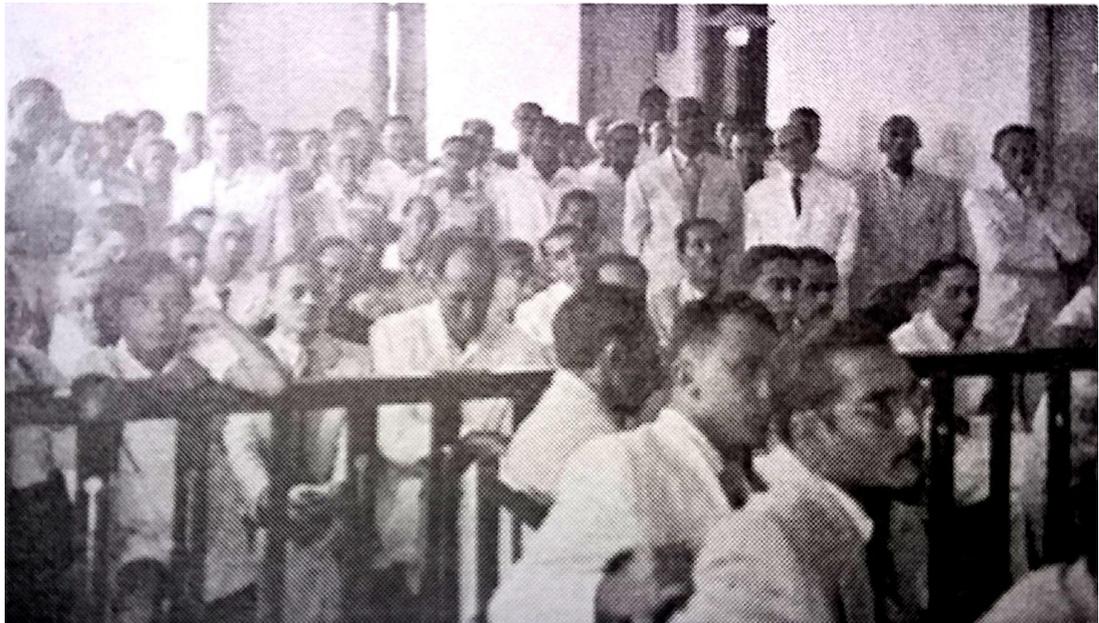


Imagem 30: Reunião dos produtores de algodão de Serra Talhada, no Fórum da cidade na década de 1950 (Fonte: Roberto Soares)

Na imagem 30 percebe-se a presença de vários produtores de algodão do município, era uma reunião da cooperativa de produtores da cidade. O encontro foi realizado no auditório do prédio do Fórum, onde hoje funciona a Casa da Cultura da cidade. A sala está lotada, a maior parte dos presentes estão sentados, esses aparentam serem produtores de algodão, face ao alinhamento de suas vestimentas, ao mesmo tempo em que ao fundo da imagem, percebe-se algumas pessoas mais simples e com roupas de menor acabamento, o que poderia indicar que eles seriam pequenos produtores, meeiros ou funcionários encarregados de alguma fazenda.

Na imagem podemos identificar a presença de políticos, como ex-prefeito Luiz Lorena, que também era produtor de algodão. Por uma imprecisão em relação à

⁶¹A Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro, também conhecida como SANBRA, foi uma empresa exportadora de algodão do Nordeste, conhecida também por seus óleos alimentícios. Hoje, a SANBRA se tornou Bunge, e mantém a maioria das suas marcas.

⁶²A empresa foi criada pela Monroe Dunaway Anderson, seu irmão Frank E. Anderson e Frank irmão-de-lei William L. Clayton. Em 1916, a empresa mudou-se para Houston, Texas, a fim de ter um melhor acesso a uma porta de envio.

data em que a foto foi feita, fica difícil afirmar se Luiz Lorena estava na época exercendo o seu segundo mandato de prefeito, entre 1955 e 1958. O certo é que ela aparece em primeiro plano, de óculos e usando o seu tradicional bigode, uma das marcas pessoais que carregou por toda a vida.

Outro grande produtor foi o ex-deputado estadual, Argemiro Pereira, já falecido, herdeiro da histórica Fazenda Carnaúba, de onde saíram alguns dos principais nomes da política local, como o ⁶³Capitão português José Pereira da Silva e Manoel Pereira Lins⁶⁴. Segundo Lorena (2001), “Argemiro Pereira desde a juventude foi um ruralista consumado, tendo sido o maior criador de bovino do município e o terceiro produtor de algodão”⁶⁵. Na verdade, praticamente todos os clãs familiares da cidade plantavam algodão, ainda que fossem em pequena quantidade. Muitos dos produtores também cultivam outros produtos, como o milho e o feijão, ou a pecuária, criando bovinos, eqüinos e suínos.

⁶³ O Capitão José Pereira da Silva, chegou em Serra Talhada por volta de 1780, oriundo do Sertão dos Inhamuns no Ceará, ligado à Família Feitosa, patriarca do numeroso clã Pereira do Pajeú.

⁶⁴ Manoel Pereira Lins (Né da Carnaúba), filho do segundo casamento de Joaquim Pereira da Silva com Constância Pereira de Sá, ele casou-se três vezes, a primeira com Maria Pereira da Silva, o segundo com Ana Pereira da Silva que era irmã da primeira esposa, e o terceiro com Pautília de Menezes Lins. Do casamento com Maria Pereira da Silva nasceu Constância Pereira Lins, com Ana Pereira da Silva nasceu Deósio Pereira Lins, e do terceiro com Pautília Menezes Lins, nasceram Ana Pereira Menezes, Iracema Pereira de Menezes, Maria Pereira de Menezes, Leônidas Pereira de Menezes, Hilda Pereira de Menezes e Argemiro Pereira de Menezes. Manoel Pereira Lins (Né da Carnaúba) era Cel. da Guarda Nacional residia na fazenda Carnaúba, por muitos anos foi delegado literário do município de São José do Belmonte-PE, onde exerceu grande influência política no Município. Foi prefeito no período de 18/07/1902 a 14/11/1904, foi também um dos fundadores do distrito de Bom Nome.

⁶⁵ LORENA, Luiz. Serra Talhada. 250 anos de história. 150 anos de Emancipação política. Serra Talhada: Sertagráfica, 2001. p. 188.



Imagem 31: Pilha de sacos de algodão referentes à produção de 1957 (Fonte: Roberto Soares).

Na imagem 31, percebemos um número significativo de sacos de algodão, sendo carregado por alguns trabalhadores, que aproveitam para posar para o fotógrafo, ao mesmo tempo, podemos imaginar que esta fotografia desejava expressar a participação coletiva na produção deste bem; que ele significa o trabalho e a dedicação direta ou indireta de todos os que nela, mais ou menos perfilados, são representados. Há que se registrar que no local que reuniu cerca de 18 (dezoito) homens, a falta de itens de segurança, bastante exigidos nos dias de hoje, como botas, luvas, capacetes, fardamento, etc., a maioria dos trabalhadores não usam se quer camisas e vestem apenas calções.



Imagem 32: Antigo prédio da SANBRA (Fonte: Alejandro J. García - 2015)

A imagem 32 referente à empresa SANBRA, que durante muito tempo comprou toda produção de algodão dos pequenos produtores de Serra Talhada e região. Na imagem podemos perceber que parte da fachada ainda está preservada. O prédio fica localizado no centro da cidade, na época em que foi construído a rua chamava-se “Ruas das Pedrinhas”, nesta área a poucos metros da usina, foi erguida a cadeia pública. A empresa durante muitos anos foi uma das maiores fontes de renda da cidade, graças ao repasse de impostos para os cofres do município, conforme registro feito por Luiz Lorena (2001):

“A SANBRA constitui o Sr. Cornélio Soares, como seu preposto em Vila Bela, tornando-se em face do exposto a maior (quase única) compradora de algodão em Vila Bela. Chegaram os concorrentes Anderson Clayton & Cia., que participaram ativamente do mercado. Talvez por isso, a SANBRA tenha decidido montar uma indústria moderna de beneficiamento em Serra Talhada. Naquele tempo, Serra Talhada exportava para os Estados Unidos e Europa quase toda produção de usina local. Sei de ciência própria que 70% da arrecadação do Imposto de Vendas e Consignações (I.V.C.) da Prefeitura eram recolhidos pela SANBRA.”

A importância da SANBRA e da Anderson Clayton para a economia da cidade era bastante relevante, visto que em 1957, a prefeitura municipal, através de lei aprovadas pela Câmara de Vereadores, contraiu empréstimos com as duas empresas. Foram duzentos e quarenta mil cruzeiros junto a SANBRA⁶⁶ e duzentos e quarenta mil cruzeiros junto a Anderson Cayton Cia. Ltda⁶⁷. Infelizmente não conseguimos identificar de que forma a prefeitura aplicou o dinheiro e de como forma efetuados os pagamentos. No entanto, encontramos nos arquivos da Casa Legislativa que em, em 1964, na terceira gestão de Luiz Lorena, o município voltou a contrair empréstimo no valor de hum milhão e quinhentos cruzeiros junto a SANBRA⁶⁸ para construção do calçamento da Rua Joca Magalhães (Rua que fica por trás da Igreja Matriz). Dois anos depois, ainda gestão de Luiz Lorena, a empresa de beneficiamento de algodão foi beneficiada através de um projeto de lei que concedeu isenção de impostos por dez anos a SANBRA⁶⁹.

Em função das instalações do prédio estar localizada no centro da cidade, o que dificultava o acesso as principais vias de saída da cidade, e conseqüente o movimento de caminhões, e também pela estrutura do prédio não comportar mais a grande fluxo da produção e a necessidade do aumento número de funcionários, a empresa decidiu construir um prédio bem maior há pouco metros da estação ferroviária e da rodovia federal que está sendo construída.

⁶⁶ Lei 66 de 28.01.57 – Contrain empréstimo no valor de duzentos e quarenta mil cruzeiros junto a SANBRA. Fonte: Câmara de Vereadores de Serra Talhada.

⁶⁷ Lei 69 de 20.03.57 – Contrain empréstimo no valor de duzentos e quarenta mil cruzeiros junto a Anderson Cayton Cia. Ltda. Fonte: Câmara de Vereadores de Serra Talhada.

⁶⁸ Lei 159 de 20 de agosto de 1964 – Contrain empréstimo no valor de hum milhão e quinhentos cruzeiros junto a SANBRA para construção do calçamento da Rua Joca Magalhães. Fonte: Câmara de Vereadores de Serra Talhada.

⁶⁹ Lei 189 de 02 de março de 1966 – Concede por dez anos isenção de impostos a SANBRA. Fonte: Câmara de Vereadores de Serra Talhada.



Imagem 33: Vista aérea da usina da SANBRA. No centro a BR- 232 e ao lado direito a Estação Ferroviária. Detalhe é que existiam trilhos que levam a produção direto para a estação ferroviária.(Fonte: Revista O Cruzeiro)

A imagem 33 é uma visão aérea da região onde foi erguido o prédio da SANBRA. Na foto é possível ver grandes galpões. Esses galpões por terem sido erguidos em uma parte alta da cidade, era visto em boa parte da cidade, principalmente pelo reflexo do sol no teto de alumínio. O prédio foi construído em área que não era habitada, e por isso mesmo, os moradores transitavam por ali em direção ao bairro Borborema ou para estação de trem. Muitos moradores tinham receio de passar pela rua em que ficava a empresa em função da falta de iluminação, pelo matagal que existia em volta e o mau cheiro dos esgotos a céu aberto. Sobre isso Adeilde G. Santos (2017), faz o seguinte relato:

“O prédio da SANBRA era grande, a gente longe via o brilho do telhado de alumínio. Eu e minha irmã mais velha, Alaíde, quando íamos visitar uns parentes na Borborema, fazia de tudo pra ir cedo e voltar cedo, porque quando escurecia, a rua da SANBRA ficava no escuro, só tinha cercas e mato de um lado e do outro, e tinha um cheiro forte dos esgotos que passavam la por perto e iam para dentro do rio”.

Apesar dos pontos negativos que a população destaca, o prédio foi construído em um local privilegiado. Ainda conforme a foto, vemos ao centro a BR- 232 e ao lado direito a Estação Ferroviária. Detalhe é que existiam trilhos que levavam em carrinhos a produção dos derivados do algodão e outros produtos beneficiados na empresa direto para os trens de carga que esperavam na plataforma da estação. Antes de serem embarcados os derivados do algodão eram inicialmente

beneficiados, separando a lã dos caroços e transformados em torta, um tipo de ração animal para o gado. A lã, após o beneficiamento, era transportada para o sul do país e exportada para o exterior. Em meados da década de 1970 as atividades na SANBRA foram desativadas e o prédio foi vendido a empresários da cidade. Hoje no local funciona uma das maiores revendas de bebidas fabricadas pela multinacional AmBev do estado de Pernambuco.

No tocante a comercialização do algodão via a estrutura estatal, no caso, a partir do Centro Experimental e da Usina de Beneficiamento da Fazenda Saco, todo o processo de beneficiamento era feito na própria Fazenda. Segundo o agrônomo do IPA, Francisco Charles Bezerra Cabral de Lima (2017), o processo de beneficiamento, descaroçamento e enfardado na própria na Fazenda Saco.

“A estação experimental do IPA, de Serra Talhada contava com uma área de 800 hectares e sua produção ficava em torno de 320 toneladas de algodão em rama por ano, considerando a produtividade média do algodão mocó que girava em torno de 400,0 kg/ha/ano. O beneficiamento acontecia em uma usina existente na própria estação experimental. A pluma era vendida em fardos para indústria têxtil e o caroço era destinado à alimentação dos rebanhos do próprio IPA espalhado pelo estado e pequenos criadores do Sertão. Quanto a plantio em outras áreas do município, acontecia espontaneamente porque era o carro chefe da nossa economia. Na Estação Experimental toda a área plantada era de propriedade do IPA/Governo do Estado, as famílias envolvidas, podia chegar a 400 pessoas entre homens e mulheres, no processo eram contratadas temporariamente para o serviço. Entretanto, aqui eram geradas e/ou adaptadas tecnologias de cultivo e novas variedades da cultura, a fim de dar mais produtividade, resistência entre outras características a cultura”⁷⁰.

Com a retomada da produção do algodão mocó na Fazenda Saco e visando promover o produto a nível nacional, foi realizado em Serra, em 1953, a Festa do Algodão. O evento reuniu um número expressivo de empresários, de expoentes da política e de órgão da imprensa nacional, assim como de belas jovens oriundas das elites sociais de várias cidades do estado.

Pelos discursos vistos ao longo do processo, a idéia era retomar a produção do algodão mocó em grande escala, transformado o produto em uma espécie de

⁷⁰ Francisco Charles Bezerra Cabral de Lima (2017).

“salvação para o povo sertanejo”. Um dos registros negativos desse evento a ausência de citações sobre personagens serra-talhadandes em reportagens publicadas na época, o que de certa forma prejudicou a análise do que a população achou da festa, a única citação expressiva foi feita em relação à eleição da Rainha do Algodão, Maria Tereza de Godoy Bené, que era natural da cidade. Há que se destacar que pouquíssimos livros publicados na cidade, narram o acontecimento com mais detalhes, nem mesmo fotos são encontradas nos museus da cidade. Na verdade, a própria história do Algodão Mocó e da Fazenda Saco é desconhecida da maioria dos moradores da cidade. Os poucos depoimentos que conseguimos sobre a festa foram do ex-prefeito Antônio Andrade Policarpo, ou simplesmente, Seu Madeira, e da própria Tereza Bené. Nesse sentido, os jornais e revista época cumpriram um papel muito importante, no que se refere a fornecer elementos que nos permitam traçar um contexto político, econômico e social no qual se realizou a Festa do Algodão.

Sendo assim, faz necessário dizer que a utilização de mídias impressas, a exemplo de jornais e revistas, como objetos de pesquisa pelo historiador, permite entender não o acontecimento, mas as formas de *representação* dos episódios cotidianos, mesmo que entres as fontes possam ocorrer inconsistência em relação à Festa do Algodão, o importante que elas, as mídias, ocupam um lugar importante como fonte do estudo da memória. De acordo com Neves (2006):

“Em estudos recentes, a imprensa tanto constitui memórias de um tempo, as quais, apresentando visões distintas de um mesmo fato, servem como fundamentos para pensar e repensar a História, quanto desponta como agente histórico que intervém nos processos e episódios, e não mais como um simples ingrediente do acontecimento⁷¹”.

Outro aspecto dos jornais merece particular atenção: a imagem fotográfica, ou o fotojornalismo. As fotografias de imprensa não podem ser consideradas como meras ilustrações ou, tampouco, como ornamento que exercem um papel secundário em relação ao texto escrito. Segundo Barthes (1978), “a fotografia de imprensa é uma mensagem” situada em um jornal, e “é constituída por uma fonte

⁷¹ NEVES, Lúcia Maria Bastos; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia Maria Bessone (Org.s). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. p.10.

emissora, um canal de transmissão e um meio receptor⁷²”, mediada por filtros e sujeita a seleção, edição e elaboração do fotógrafo. Nessa perspectiva, recorreremos a algumas publicações da época na busca de compreendermos melhor a importância e o significado da Festa do Algodão.



Imagem 34: Capa do Diário de Pernambuco do dia da realização da Festa do Algodão em Serra Talhada – 16 de agosto de 1953

Na imagem 34 vemos a primeira página do Diário de Pernambuco, do dia 16 de agosto de 1953. O título da capa já faz alusão a festa na cidade: HOJE, EM SERRA TALHADA, A “FESTA DO ALGODÃO”.

⁷² BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: ADORNO et. all. Teoria da cultura de massa. Tradução, comentários e seleção: Luiz Costa Lima. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Em outra parte da capa é possível ver a expectativa em torno da escolha da Rainha da Festa. Na lista aparecem 12 (doze) moças, algumas apareceram com as fotos de suas formaturas e outras posando com suas joias, penteados e roupas da moda. O detalhe é que Tereza Bené, assim como outras seis candidatas não aparecem nessa lista que foi divulgada na véspera da festa. Nessa edição o Jornal também publica uma matéria que resume o pouco do sintemento de que via de fora o evento:

[REUNIDAS, NA ZONA PRODUTORA DO “SERIDÓ”, ALTAS PERSONALIDADES DO ESTADO E DO SUL DO BRASIL. Entre 20 princesas será escolhida a rainha – comitiva do ministro João Cleofas e do senador Assis Chateaubriand – imprensa, rádio e televisão – demonstrações de praticas agrícolas. Serra Talhada vive hoje um acontecimento social sem precedentes na história dos municípios do interior pernambucano. A “Festa do Algodão”, promovida pelos concluintes da Escola Superior de Agricultura, transformou a velha cidade sertaneja no ponto de convergência de todas as classes ligadas à economia da fibra. Do Recife, partiram pela madrugada de ontem, por via aérea ou de automóvel, altas autoridades do Estado, técnicos, comerciantes, industriais, agricultores e jornalistas. De todos os municípios algodoeiros, caravanas e mais caravanas dirigiram-se à “Fazenda do Saco”. O ministro João Cleofas e o senador Assis Chateaubriand, diretor dos “Diários Associados”, levaram para Serra Talhada numerosas comitivas de altas personalidades do sul do país, entre as quais os senadores Alencastro Guimarães e Plínio Pompeu, ministro Caio de Lima Cavalcanti, deputado Oscar Carneiro, os industriais Antonio e Adriano Seabra, Pedro Valone e Regne Janer e os jornalistas Murilo Marroquim e Luciano Carneiro. Seguiram também equipes de “O Cruzeiro” da “T. V. Tupi”, da “P. R. A. -8”. da “Tamandare”, fotógrafos, cinegrafistas e vários astros do “broadcasting” associado pernambucano.] (Diário de Pernambuco, dia 16 de agosto de 1953).

Como se vê, a Festa do Algodão, foi projetada para ser um grande evento político, empresarial e social. Ao longo dos dois dias do encontro, assim como, nos meses de agosto e setembro de 1953, muitas reportagens sobre os principais fatos ocorridos na Fazenda Saco. Com relação à cobertura da imprensa, faz-se necessário dizer a que há vários relatos citando a presença de uma equipe da TV Tupi⁷³, que pertencia a Assis Chateaubriand, para cobrir a festa, no entanto, durante

⁷³ Rede Tupi foi a primeira emissora de televisão do Brasil, da América do Sul e a quarta do mundo. Fundada em 18 de setembro de 1950 em São Paulo pelo paraibano Assis Chateaubriand, fez parte do grupo Diários Associados. Em 20 de janeiro de 1951, nasceu a TV Tupi Rio, depois em 1955 a TV Itacolomi e em 1960 a TV Brasília, entre outras, que acabaram por formar a *Rede Tupi de Televisão*. Em 16 de julho de 1980, devido aos vários problemas administrativos e financeiros, a concessão foi cassada pelo governo brasileiro. Outras 6 emissoras que formavam a rede também saíram do ar.

as pesquisa nada foi encontrado nos órgãos públicos visitados ou com as pessoas quais mantivemos contanto em relação ao tema. Portanto, frente a essa realidade, as imagens fotográficas ganham importância singular, bem como os textos jornalísticos.



Imagem 35: Capa do Diário de Pernambuco do dia seguinte a realização da Festa do Algodão em Serra Talhada – 18 de agosto de 1953

A reprodução da página do Diário de Pernambuco (imagem 35), trás dois importantes destaques sobre a Festa do Algodão. O primeiro é a mensagem criada pelas forças políticas ali reunidas, muitas dos quais herdeiros do “agamenonimos”, a exemplo do Governador Eltevíno Lins (PSD - PE), e os Senadores Apolônio Sales (PSD-PE) e Assis Chateaubriand (PSD-PB). Nesse sentido o jornal, expressa em LETRAS maiúsculas: MARCO POR DE UMA CAMPANHA PELA PROSPERIDADE SERTAJENA (Diário de Pernambuco, 1953), ainda da mesma página o período diz: “os generais” do “mocó” traçam planos de nova batalha para o incremento da produção algodoeira de Pernambuco” (Diário de Pernambuco, 1953).

No outro extremo da pagina a referencia a eleição da Rainha da Festa: “Maria Tereza Godoi é a Primeira Rainha do Algodão de Pernambuco”, no centro temos a imagem da jovem sendo coroada pelo Ministro da Agricultura, João Cleofas (Diário de Pernambuco, 1953). Na parte de cima da página é possível três pequenas fotos que defini um pouco clima da festa. Da esquerda para direita é possível ver, Tereza Bené cercada por João Cleofas, Etelvino Lins e Assis Chateaubriand; no centro temos a imagem do banquete foi servido na Fazenda Saco, ao meio dia do sábado; e a ultima é um registro da visita de João Cleofas, Etelvino Lins e a agrônomos do Centro Experimental ao campo de plantio de algodão.



Imagem 36: As candidatas a Rainha da Festa do Algodão disputado a prova da colheita de algodão (Acervo: Revista O Cruzeiro)

Na imagem 36 vemos as candidatas participando da primeira prova da festa que era a colheita do algodão, tendo ao fundo as águas do velho Açude do Saco. Por serem de famílias tradicionais de suas respectivas cidades, muitas delas certamente nunca trabalharam na “roça” ou colheram qualquer tipo de produto agrícola. No entanto, para vencer e elevarem o nome de suas cidades as jovens toparam o desafio. Essa etapa da festa foi chamada de o “Grande Prêmio de Serra Talhada”, a disputa foi entre as princesas representantes dos 20 primeiros municípios em produção de algodão, venceria aquela que colhesse a maior quantidade de algodão em 15 minutos, cada uma das moças recebeu um vestido especial feito de algodão para a realização da prova. A vencedora foi Hilda de

Souza, a representante de Caruaru, que colheu 1 kg e 800 g, empatando com Neuma Gonçalves, de Custódia, um voto da comissão julgadora definiu a vencedora. A candidata de Serra Talhada só colheu 800 gramas.



Imagem 37: Maria Tereza de Godoy Bené com a coroa e o troféu de Rainha da Festa do Algodão de 1953 (Fonte: Revista O Cruzeiro, em destaque)

A imagem 37 é uma reprodução de uma das páginas da Revista O Cruzeiro. Na página podemos ver em destaque a beleza da Maria Tereza de Godoy Bené, vestida um vestido todo feito de algodão, com a coroa e o troféu da conquista. Nas outras imagens verificamos a passagem de algumas das candidatas ao título de rainha. Todas as candidatas usavam vestidos feitos de algodão, e desfilavam ao som da Filarmônica Vilabelense. A passarela foi todo decorado com os populares “capuchos” de algodão, tanto no piso da passarela como nas fitas que decoravam toda a extensão do palco do evento. Na maioria das imagens é possível ver ao fundo as águas do Açude do Saco.



Imagem 38: Reportagem sobre a Festa do Algodão (Fonte: Revista O Cruzeiro)

A imagem 38 também é uma reprodução de uma página de o Cruzeiro (1953). Na parte de cima revista destaca as imagens de Cleofas e Lins no meio do algodoeiro, os quais segundo a legenda se mostram confiantes no progresso da lavoura; em outra imagem aparecem três pessoas, duas quais são tratadas como “jagunços”, e único identificado é Sr. R. Janer; mais embaixo aparece a imagem do Senador Plínio Pompeu e o Almirante Cax segurando um galho de um pé de algodão; em seguida é possível ver o industrial Adriano Seabra usando vestimenta similar aos dos sertanejos, tendo ao lado “um valente trapuqueiro”. No roda pé da página da revista, encontramos da esquerda para direita o Presidente do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo, Romeu Ferraz, que tinha origens pernambucanas, a revista destaca o fato de que ele passou boa parte do evento vestido como uma “autentico jagunço”, um detalhe que chama atenção é do sertanejo de semblante assustado que aparece ao lado Romeu Ferraz; no centro encontra a imagem de uma das candidatas a rainha da festa posando ao lado de um músico da Filarmônica Vilabelense; a última imagem é de Tereza Bené - única serra-talhadense a ser citada na revista – que atentamente conhece o trabuco⁷⁴ usando pelos grupos culturais denominados de “trabuqueiros”, homem ao lado dela também não é identificado. O texto de abertura da revista é credita ao jornalista Carlos Gaspar, assim como as fotos são creditas a Luciano Carmeiro. Em seu texto, Carlos Gaspar (1953) faz as seguintes considerações sobre a festa:

[Concentram-se em Serra, Pernambuco, cerca de 4.00 agricultura nordestinas, estabelecendo normas para a maior cultivo do “ouro branco” – o algodão de fibra longa, novo fator de fixação do homem ao solo a do programa da região nordestina – Presentes a festa os “trabuqueiros” do tempo de “Lampião” – Um “Grande Prêmio” original e a eleição da primeira Rainha do Algodão de Pernambuco – Estimula, esclarecimento e auxilio aos esforçados cotonicultores do Nordeste.] (Revista O Cruzeiro, setembro de 1953).

O jornalista nessa breve apresentação detalha algumas das temáticas que envolveram a Festa do Algodão, desde a presença de um grande público, passando pelo objetivo do resgate da cultura do algodão como alternativa de fixação e sobrevivência do homem sertanejo, e concluído com a escolha da rainha da festa.

⁷⁴ Espingarda de um só cano, curto e de boca larga

Porém, é preciso ressaltar que os nativos foram descritos não só nesse texto, bem como em praticamente todas reportagens publicadas na época, como sendo pessoas de 'segunda classe', sem nenhum protagonismo em relação ao evento ou a produção do algodão, e até mesmo, sem identidade e sem voz. Em alguns momentos é possível perceber o preconceito de quem escreve ao se referir aos possíveis serra-talhadenses, já que a festa era na zona rural da cidade, como "jagunços" e "trabuqueiros", quando na verdade deveriam ser tratados como trabalhadores rurais ou agricultores.

Em relação aos discursos proferidos durante e após o evento fica evidente a sintonia de todos os setores envolvidos com os interesses comerciais e econômicos. O Diário de Pernambuco (1953) destacou a fala do Secretário de Agricultura Eudes de Sousa Pinto, "que fez uma exposição completa dos seus trabalhos e dos seus planos a frente da pasta da agricultura no atual governo do Estado falou mais da significação daquela festa que seria o marco inicial da recuperação algodoeira de Pernambuco". Em sua coluna no jornal, o senador Assis Chateaubriand escreveu: "Encontramos hoje, em Vila Bela do Pajeú, uma expressão dos mais altos valores do homem sertanejo. A angustia dos dias lancinantes das secas sucede o 'relax' de uma colheita maravilhosa, a paisagem de Edem tropical". Segundo o Diário de Pernambuco (1953), o senador anunciou "que o governo do Rio Grande puzera a disposição do governo de Pernambuco dois milhões de cruzeiros, para que continuassem a realizar na área sertaneja o trabalho de fixação do homem ao solo através do cultivo do algodão".

O Diário ainda registrou algumas palavras de Adriano Seabra, diretor da America Fabril e da Fabrica Corcovado. "É esplendido a minha impressão sobre esta festa. Não esperava encontrar aqui em Serra Talhada essa revelação admirável do que pode fazer o algodão "Mocó" pela grandeza do Nordeste. A Fazenda por si mesma é pelo que vem realizando, é uma notável obra do governo de Pernambuco" (Diário de Pernambuco, 1953). Das falas registradas pelo Diário de Pernambuco (1953), foi também uma das que mais chamou a atenção, ela foi proferida pelo Senador e ex-Secretário de Agricultura de Pernambuco, durante a interventoria de Agamenon. Apolônio Sales (1953), a discursar demonstrou a sua preocupação em relação ao retorno financeiro justo para os trabalhadores:

[...Temos diante de nós uma demonstração em grande escala de como se pode cultivar o algodão na zona sertaneja. Essa demonstração tem a eloqüência dos grandes números, portanto destrói o pessimismo de muita gente. Apenas sinto diante de mim um problema e este é o de quanto ganha o agricultor. Será que os homens do comercio hão de aprender esse esforço com olhos humanos...] (Diário de Pernambuco, 1953).

O Jornal Pequeno (1953) registrou que o governador Eltevíno Lins “destacou que em clima de pacificação não implicava no desaparecimento dos partidos” e informou “que Pernambuco importava, de 300 a 500 milhões de cruzeiros de algodão ao ano”. O Jornal Pequeno (1953) também repercutiu a fala do Ministro da Agricultura João Cleofas, que voltava a Serra Talhada três anos após a derrota para Agamenon Magalhães:

[...Conclamo Chateaubriand para emprendermos uma campanha, já que a campanha do algodão mocó é uma campanha vitoriosa. É a campanha no sentido no sentido de restaurámos uma outra fonte vida que o caroá...] (Jornal Pequeno, 1953).

Além dos discursos entusiasmados, em relação ao sucesso da Festa e também sobre as potencialidades da Fazenda Saco, e a retomada produção algodoeira, outro episódio tem importante relevância para Serra Talhada. Trata-se da escolha da Rainha da Festa do Algodão. Infelizmente o tempo e falta de preservação da história sucumbiu gradativamente à semente plantada naquela ocasião, onde uma jovem serra-talhadense foi coroada rainha. Porém, as imagens do rosto moreno da jovem sendo coroada ajudaram a preservar a memória do histórico acontecimento. E como se aquela moça continuasse ostentado o título de Rainha de Algodão, ao mesmo tempo em que a população se reencontra com as suas origens, em uma época em que a cidade era uma das maiores produtoras de algodão do interior do Nordeste.

Mas, para se entender um pouco dessa história é preciso compreender todo o processo que culminou com a conquista do título de Rainha do Algodão. A Festa do

Algodão foi um dos maiores eventos político, social e cultural já realizada na história de Serra Talhada. A idéia da festa partiu dos estudantes da escola superior de agronomia, sediada em Recife, e contou com apoio do Secretário de Agricultura Eudes Pinto. As bem sucedidas experiências com o enxerto do algodão mocó em Serra Talhada, a partir do Centro Experimental da Fazenda Saco, elevou a cidade a se tornar uma referência de estudos e pesquisas na área agrícola. Muito do que foi desenvolvido na Fazenda Saco gerou um fluxo proporcionou um grande fluxo de informações entre a capital Recife e o município sertanejo.

Esse intercâmbio acabou sendo decisivo para que os alunos de Agronomia da Escola Superior, tivessem a idéia da realização da Festa do Algodão e da eleição da Rainha da Festa. É bem verdade que o ex-prefeito e escritor Luiz Lorena (2001) afirma no seu livro que em 1950, o prefeito Moacir Godoy tivesse tido a idéia, informação também reforçada por Roberto Soares (2013), que acrescenta que o seu avô, o Coronel Cornélio Soares, participou da organização do evento, mas no exaustivo trabalho de pesquisa feito a partir das edições do Diário de Pernambuco, identificados que o órgão de imprensa registrou todas as etapas do evento realizado em agosto de 1953 do início ao fim.



Imagem 39: Comissão de estudantes responsáveis pela organização da Festa do Algodão, visitando a redação do Diário de Pernambuco, em julho de 1953 (Fonte: Diário de Pernambuco)

Não foi o encontrado a data exata em que a idéia surgiu, no entanto, conforme a imagem 39, reproduzida das páginas do período, identificamos o primeiro registro jornalístico foi publicado no dia 04 de julho de 1953, onde consta que um grupo de estudantes de agronomia visitou a redação do Diário para informar sobre a realização da Festa do Algodão. A comissão era formada pelos acadêmicos Geraldo Queiroz, Fernando Bastos Lima, Carlos Torres, Cristovão Silva, Marcelo Mota de Azevedo e Aberlado Reis Cavalcanti.

Ao serem indagados pela reportagem sobre o porquê do evento ser realizado em Serra Talhada, os estudantes deram a seguinte resposta: “Bem, Serra Talhada é atualmente a sede do campo de experimentação melhor aparelhada do norte e nordeste, o que equivale dizer do país, com relação ao cultivo do algodão Mocó. É uma oportunidade de mostrar o que vem sendo feito naquela estação e do que somos capazes de realizar”.

Apesar de pouco tempo para a realização dos festejos, os estudantes conseguiram o apoio do secretário de agricultura da época, Eudes Pinto. Em entrevista ao DP o secretário afirmou que, “não poderia faltar apoio da secretaria a tal pretensão uma vez que ela constitui motivo de interesse para a própria secretaria, pois além do objetivo primordial que seria movimentar todas as classes produtores industriais e comerciantes, que vivem em função do ouro branco brasileiro” (Diário de Pernambuco, 14 de agosto de 1953). Ao ser indagado nessa mesma entrevista se essa seria a primeira festa do algodão realizada no estado, Eudes Pinto respondeu que não, já que em 1931 realizou-se em Gloria de Goitá, mas sem a mesma dimensão e estrutura que a de Serra Talhada.

Coube aos estudantes de agronomia a tarefa de criar os critérios para que as cidades pudessem indicar suas misses para concorrerem a título de rainha. O principal critério era de que somente as cidades que produziram em 1952 mais de 51.000 arrobas de algodão. Desta forma, puderam indicar as suas misses as seguintes cidades, conforme dados Departamento Estadual de Estatística⁷⁵:

⁷⁵ Diário de Pernambuco, 26 de julho de 1953.

Garanhuns (451.900), São José do Egito (435.000), Limoeiro (400.000), Serra Talhada (320.000), Caruaru (250.000), Floresta (216.000), Surubim (214.000), Pedra (194.000), Afogados da Ingazeira (160.000), Vertente (144.000), Tabira (100.00), Buique (95.000), Bom Conselho (83.200), Floresta (79.700), Correntes (78.800), Gloria de Goita (77.000), Custodia (74.000), Brejo da Madre de Deus (65.000), Palmeirinha (62.500). Outras cidades com produção inferior a 51.000 como Bezerros, Águas Belas, Manissobal (atual São José do Belmonte), Orobó, Ouricuri, Cabrobo e participaram apenas como convidados. Na parte final da reportagem os jovens acrescentam que o período bom de inverno (chuvas) no interior seria um ponto positivo em função da grande movimentação financeira gera com a produção agrícola. “facilidade geral e dinheiro no bolso para comprar votos, o que significa eleição da preferida por esmagadora maioria”

Estiveram presentes ao evento o Ministro da Agricultura, João Cleophas; o Governador do Estado, Etelvino Lins; os Senadores Apolônio Sales, Assis Chateaubriand e Plínio Pompeu; os empresários do ramo fabril Adriano e Antônio Seabra; o presidente do Tribunal de Contas de São Paulo, Romeu Ferras e outras diversas outras autoridades, vindas do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Recife. Tudo foi registrado pelos reportes da TV Tupi, da revista O Cruzeiro, do jornal Diário de Pernambuco e da Rádio Tamandaré, todos os veículos de comunicação, aqui relacionados, eram ligados ao conglomerado de empresas jornalísticas dos “Diários Associados”, pertencentes Assis Chateaubriand.



Imagem 40: Estacionamento lotado de carros durante a Festa do Algodão (Fonte: Site Farol de Notícias)

Segundo a reportagem do Diário de Pernambuco, de 12 de agosto de 1953, eram esperados mais de 1.000 convidados vindos em caravanas de varias cidades do estado, o número expressivo de visitantes pode ser notada ao verificar a imagem 40, onde se ver um grande números de carros, muitos dos quais de luxo, ao fundo ver-se sopé da serra que dá nome a cidade, na face norte ao onde hoje está a UAST- Unidade Acadêmica de Serra Talhada, vinculada a UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco, por trás da serra fica a cidade de Serra Talhada, à esquerda, fica o prédio da UPE – Universidade de Pernambuco, campus do curso de Medicina, e a parede do Açude do Saco I. Segundo a reportagem do Jornal Pequeno (1953), eram cerca de 150 carros. O grande número de carros teria chamado atenção de muitos curiosos, o que segundo o Jornal causou o atropelamento de uma criança:

[ABALROAMENTOS E ATROPELAMENTOS – IMPRENSADA A CRIANCINHA SOB AS RODAS DO AUTOMEL. Era em virtude do grande movimento de veículos em Serra Talhada, durante a realização da Festa do algodão, registraram-se alguns acidentes, abalroamentos, etc, tendo várias pessoas saído feridas, inclusive uma criancinha que foi imprensada sob as

rodas de um automóvel a saída da Fazenda Saco após o concurso da colheita do algodão] (Jornal Pequeno, 1953)

O jornal não dar maiores detalhes a situação em que o garoto ficou. Os relatos da Diário de Pernambuco e da revista O Cruzeiro indicam que mais de 4 mil pessoas participaram da festa, que foi realizada nos dias 15 e 16 de agosto e contou com a participação de representantes de mais 20 cidades que produziam algodão em Pernambuco. A grande quantidade de visitantes chamou atenção e curiosidade dos moradores da cidade, no entanto, em reportagem publicada no Diário de Pernambuco classificou a população local tratada como “matutos” e a cidade de “a velha cidade”, e cravou que as ruas da ficaram “inteiramente congestionada”. A visão dos visitantes foi dada da seguinte forma pela reportagem do Diário de Pernambuco (1953), “o trafego de automóveis dava-lhe ares de grande metrópole. O burburinho era enorme em todas as ruas, praças, hotéis, bares, escolas, bares e casas de família”⁷⁶. Infelizmente nenhuma das reportagens pesquisadas registram depoimentos de moradores de Serra Talhada em relação à Festa do Algodão.

Diante do grande número de visitantes o desafio da organização era acomodar essa grande quantidade de pessoas em uma cidade que não possui uma rede hoteleira de qualidade, segundo a Enciclopédia dos Municípios do IBGE (1958), na cidade existiam doze hotéis e uma pensão, com diárias que varavam de Cr\$ 80,00 e Cr\$ 120,00, hospedam os visitantes, isso no ano de 1957, ou seja, quatro anos depois da Festa do Algodão. As autoridades ficaram hospedadas no Casarão que pertencia ao Centro Experimental, onde em períodos anteriores Agamenon Magalhães costuma se hospedar. Vale destacar que a zona urbana era habitada por pouco mais 5.501 habitantes e com menos de 1.000 casas, segundo agência de estatística estadual (1950). Participaram da festa mais de 20 cidades ligadas a cultivo de algodão, dessas, apenas 15 tiveram o direito de indicar nomes de misses (ou princesas) para concorrem ao título de Rainha da Festa do Algodão. Os critérios para as indicações obedeciam aos requisitos de produção de 50.000 arrobas de algodão referente ao ano de 1951.

⁷⁶ Jornal Diário de Pernambuco, edição de 18 de agosto de 1953.



Imagem 41: Ministro da Agricultura João Cleophas cercado pelas candidatas a Rainha da Festa
(Fonte: Blog do Professor Paulo César)

Na imagem 41 identificamos a presença do Ministro da Agricultura João Cleofas cercado pelas candidatas ao coroa de rainha. Ao centro ficou o trono onde foi coroada a rainha do algodão. Concorreram a coroa de rainha as jovens: Hilda Souza (Caruaru), Diva Lima (Garanhuns), Iolanda Pires (Tabira), Juliane T. Vilanova (Bom Conselho), Vilma Durce (Correntes), Nanete Barbosa (Surubim), Neli Pinheiro (Sertânia), Marluce Estima (Flores), Mirian Padilha (Afogados da Ingazeira) Elizabeth Barros (Buíque), Maria de Souza Rosa “Lia Rosa” (Floresta), Euridice Almeida (Vertentes), Maria dos Santos (Limoeiro), Iraíldes Japiassu Simões (Pedra), Genilda Oliveira (Palmeirinha) e Maria Tereza de Godoy Bené (Serra Talhada). Bezerros, Águas Belas, Ouricuri e Cabrobó, entre outras cidades, mesmo sem ter candidatas na disputa.

A programação da Festa Começou no sábado a tarde com a demonstração de práticas agrícolas na Estação Experimental. A noite ocorreu um baile muito animado no Clube Intermunicipal de Serra Talhada, com a presença de todas as candidatas ao título de rainha e que durou até as primeiras horas do domingo. A

candidata de Serra Talhada, Maria Tereza, só foi anunciada no dia do evento, se especula que ouviu resistência por parte da família em relação a sua participação, a que se acrescentar que ela só tinha 16 anos na época, sendo uma das mais jovens a disputar o título. Ela era filha do ex-prefeito de Serra Talhada e da cidade de Bonito, José Bené de Carvalho, e sobrinha do prefeito da época, Moacir Godoy. Assim como Tereza Bené outras candidatas também pertenciam a clãs familiares ligados a política; Diva Lima, era filha do vereador Pedro Lima de Garanhuns; Marluce Estima, era filha do prefeito de Flores Pedro Estima; Nanete Barbosa de Surubi, era filha do deputado estadual Nelson Barbosa, entre outras. Apesar do DNA político, foi à beleza o fator determinante para que ela fosse eleita rainha.

Já passava das 13 h quando começou o desfile das candidatas. Todas as jovens trajavam vestidos feitos com a mais pura fibra extraída do algodão. A beleza das moças encantou o público e os jurados. O empresário Adriano Seabra chegou a declarar ao repórter do Diário de Pernambuco “que era difícil a tarefa da comissão julgadora”⁷⁷. Parte do público achava que o título seria da candidata da cidade de Pedra, visto que ela fez um belo desfile, mas foi Maria Tereza de Godoy Bené que roubou a cena logo que entrou na passarela. Vestindo “um longo” feito com a fibra do algodão, a jovem que representava a cidade de Serra Talhada, foi aclamada pela maioria do público antes mesmo do resultado dos jurados. Segundo o diário de Pernambuco “No momento em que surgiu no palanque a princesa de Serra Talhada, poucos passaram a duvidar de seu triunfo”⁷⁸.

Durante cerca de pouco mais de 15 minutos o suspense tomou conta do público, que aguardava o anúncio oficial. Quando a comissão julgadora anunciou o resultado o clima de alegria tomou dos presentes, que com aplausos e gritos frenéticos, demonstraram que o título ficou em Serra Talhada com justiça. Maria Tereza foi coroada pelo Ministro da Agricultura João Cleophas e recebeu das mãos do senador e empresário Assis Chateaubriand um colar, além de outros brindes, entre eles um troféu. As candidatas de Sertania (a ruiva Nely Pinheiro) e Surubim (a loira Nanete Barbosa), segunda e terceira colocadas respectivamente, também receberam presentes.

⁷⁷ Diário de Pernambuco, 18 de agosto de 1953, página 01.

⁷⁸ Diário de Pernambuco, 18 de agosto de 1953, página 13.

Maria Tereza foi assim descrita pela reportagem do Diário e posteriormente reproduzida pela revista O Cruzeiro, apesar do ar de preconceito, “é morena, estatura mediana, cabelos e olhos castanhos. Além de ser extremamente bela, na face queimada pelo sol apresenta a graça da sertaneja⁷⁹”. Após o encerramento dos eventos na Fazenda Saco, as comitivas retornaram a cidade, e no início compareceram ao baile que foi oferecido a recém eleita Rainha do Algodão e aos demais convidados para a festa.



Imagem 42: Assis Chateaubriand presenteando a Rainha da Festa do Algodão, Maria Tereza de Godoy Bené, com uma jóia (Fonte: Revista O Cruzeiro)

⁷⁹ Diário de Pernambuco, 18 de agosto de 1953, página 13.

Apesar dos poucos registros sobre a Festa do Algodão existentes em Serra Talhada, alguns fatos acabaram caindo no domínio público. Um deles diz respeito ao magnata das comunicações, o jornalista e senador Assis Chateaubriand. Famoso por dar presentes caros às mulheres, a exemplo da jóia valiosíssima que deu a Rainha Elizabeth II. O fato ocorreu após a coroação de Maria Tereza de Godoy⁸⁰ Bené, como Rainha da Festa, gesto simbólico feito pelas mãos do Ministro João Cleophas. Já coroada a moça foi felicitada por várias autoridades, entre elas, Assis Chateaubriand, que bastante empolgado com o carisma e beleza da jovem, acabou lhes dirigindo alguns elogios, presentes (um colar) e um beijo na face. As atitudes do político e jornalista não foram bem recebidas pelos parentes da moça.

O incidente gerou desconforto entre os presentes e o clima só não ficou pior porque Chateaubriand saiu de fininho escondido, segundo os relatos orais passados de geração e geração, dentro do porta-malas de um carro. Verdade ou não o acontecido, o certo é que a imagem 42, publicada na revista O Cruzeiro, mostra o momento em que Chateaubriand cumprimenta a Maria Tereza Bené, tendo o governador Eltevíno Lins como testemunha (no fundo da imagem usando óculos). Um fato bastante curioso, como já destacamos anteriormente, nem o Diário de Pernambuco e nem O Cruzeiro citam em qualquer matéria os nomes de políticos, lideranças ou de qualquer cidadão comum de serra-talhadenses, a única exceção foi a Rainha da Festa.

Em entrevista feita através de e-mail, Maria Tereza de Godoy Bené, hoje com 80 anos nos contou um pouco sobre o que viveu no longínquo ano de 1953. “Ser coroada foi emocionante para uma jovem de 16 anos, independente de quem tenha coroado”, sobre o encontro com Assis Chateaubriand ele disse “A primeira vez que vi Assis Chateaubriand foi quando eu estava entre os algodoeiros e ele passou com sua comitiva e aí me viu e mandou me chamar, e me perguntou de que cidade eu era candidata. Eu disse que era candidata de Serra. Ele me convidou para entrar no carro e me deu carona até a fazenda do Saco (sede). Eu só soube dessas histórias da fuga anos depois, mas não acredito que foi verdade. Só estranhei que as autoridades não foram para o baile”.

⁸⁰ Nas publicações da imprensa o sobrenome Godoy aparece com “oi”, porém, após pesquisa feita com parentes de Maria Tereza, confirmou-se que o sobrenome dela termina “oy”, assim como toda a família.

Apesar do sucesso da Festa, alguns setores da imprensa reclamaram publicamente da organização do evento, com relação à falta de transporte e a discriminação em relação aos jornalistas do Sul do país. O tom mais duro foi feito por um correspondente do Jornal Pequeno (1953), que através das páginas do periódico fez o seguinte desabafo:

[...Por outro lado, desejamos ressaltar que o trabalho dos profissionais da imprensa que se encontrava ali a serviço dos seus jornais, foi até certo ponto, prejudicado, especialmente no que se refere a transporte. É que o encarregado dos transportes para os convidados não estava à altura das suas funções, e tanto é verdade que o próprio secretário da agricultura notando em tempo que nem tudo vinha sendo bem sucedido tomou a iniciativa, de, ele próprio, fazer a distribuição de automóveis, ônibus e aviões para o regresso das pessoas que se encontravam na Festa do Algodão, em Serra Talhada...] (Jornal Pequeno, 1953).

Em outro texto publicado no Jornal Pequeno (1953) é possível ler a seguinte chamada de uma matéria: “Desprezada a imprensa do Recife na Festa do Algodão. O sacrifício dos repórteres para se locomover e fazer a cobertura do certame – Privilégio aos sulistas – Havia transporte para todos menos para os jornalistas – Indignação e protesto”.

Após a Festa do Algodão a Fazenda Saco voltou a beneficiar algodão em grande quantidade, parte dessa produção foi adquirida pelo Estado, que pois a leilão:

[SECRETARIA DE AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO - DIRETORIA DA PRODUÇÃO VEGETAL - SERVIÇO ADMINISTRATIVO - EDITAL N.º03 - De ordem do Sr. Dr. Diretor da Diretoria da produção Vegetal, da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, chamo atenção dos interessados para a concorrência aberta por esta Diretoria para a venda de 18,682 quilos de algodão “mocó” em pluma, resultantes do descarçamento da produção de Estação Experimental de Serra Talhada, desta Diretoria, já classificados pelo S.C.M.P.P.A. com o seguinte resultado’ 10,327 quilos do tipo 3, 6 628,5, quilos do tipo 4 e 1,726,5 quilos do tipo 5. Dita concorrência, encerrar só as 16 horas do dia 12 de janeiro de 1954.] (Diário de Pernambuco, 1954).

A atuação estatal foi importante para manter o ritmo de produção na estação experimental e nas outras fazendas de Serra Talhada. Segundo o IBGE (1958), em 1955, 36,8%⁸¹ da população com idade superior a 10 anos de idades estavam ocupadas nos ramos de agricultura, pecuária e silvicultura. Grande parte desses trabalhadores laboravam nas lavouras de algodão, que naquele ano, segundo o IBGE (1958), produziram 2.500.000 kg, movimentando mais de Cr\$ 47.250,00⁸², enquanto os outros produtos, como a cana-de-açúcar, o feijão e milho juntos, movimentaram Cr\$ 1.610,00⁸³. Portanto, fica evidenciado através dos números que naquele período, a maior fonte de renda da cidade era oriunda da produção do algodão.

O declínio da produção de algodão em Serra Talhada começa de forma lenta e gradual, e com duas importantes vertentes: os fatores climáticos; a alternância entre período de seca prolonga e de grande volume de chuvas, que se sucederam entre o final das de década 1950, e se prolongou pelos anos 60 e 70. O outro fator foi à derrocada política do PSD, partido que tinha com ideologia as praticas “agamenonista”.

⁸¹ Serra Talhada (PE). In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 18. p. 276-279. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_18.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2017.

⁸² Serra Talhada (PE). In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 18. p. 276-279. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_18.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2017.

⁸³ Serra Talhada (PE). In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 18. p. 276-279. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_18.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2017.



Imagem 43: Visita do Governador de Pernambuco Cordeiro de Farias a Estação Experimental da Fazenda Saco. Fevereiro de 1956 (Fonte: FGV/CPDOC)

Na imagem 43 vemos o governador Cordeiro de Farias visitando a Estação Experimental da Fazenda Saco. O governador esta ao centro observando a explicação de um agrônomo da SAIC, que lhes explica o processo de enxerto do algodão mocó. A foto foi tirada em um dos campos de plantio de algodão. Farias veio a Serra Talhada em meio a uma grande seca, na oportunidade o Diário de Pernambuco (1956), publicou a seguinte matéria: “Situação de miséria em toda a região sertaneja assolada pela sêca. Cordeiro vai transmitir a Juscelino tudo o que viu”⁸⁴.

Na chegada à cidade, o governador foi recebido pelo então prefeito Luiz Lorena que lhes repassou a toda a situação, posteriormente, Farias se dirigiu a Fazenda Saco, que era onde gerava a maior parte da renda da cidade. Segundo o Diário de Pernambuco (1956), a realidade anunciada pelo governador condizia com o contexto da matéria, mas ao mesmo tempo, Cordeiro de Farias (1956)

⁸⁴ Diário de Pernambuco, dia 07 d fevereiro de 1957.

responsabilizava o governo federal pela falta de envio de verbas, destacando em particular a situação da Fazenda Saco:

[...A anuência total de verbas federais este ano prejudicam as medidas de auxílio e socorro. Enquanto o ano passado empregavam-se cêrca de 2.900 homens, este ano apenas 800 estão sendo utilizados, em três turnos diferentes, trabalhando uns durante três dias da semana e os outros durante os três restantes...] (Diário de Pernambuco, dia 07 de fevereiro de 1956. p. 12.)

A redução de mais de 250% dos postos de trabalho e a falta de chuvas afetaram bruscamente a produção de algodão em toda região. No entanto, por terem sido plantados no entorno do Açude do Saco I, que irrigava os campos através de moto-bomba, e por ter acompanhamento técnico dos agrônomos da Estação Experimental, a queda da produção de algodão foi estimada em 30%, isso contando que a Fazenda contava com três campos de pronêgenes, três de enxertia, dois de combate a broca e três de competições de algodão⁸⁵. Nesse sentido o jornal publicou a projeção feita pelo governo do Estado: “A safra está sendo prevista com uma queda de mais de 50 mil quilos de algodão em rama, levando-se em conta os processos modernos que são utilizados na cultura conservacionista ali empregada” (Diário de Pernambuco, 1956, p. 12).

Mesmo com a queda na produção o governo do estado ainda estado tratava a Estação Experimental com atenção, em 1957, adquiriu uma moderna máquina de fabricação inglesa⁸⁶ que beneficiava o algodão com maior velocidade, mas falta crédito para os pequenos produtores poderem investir. Ao mesmo tempo, o a secretaria de agricultura distribui para os agricultores sementes⁸⁷ de algodão herbáceo e mocó - oriundos da Fazenda Saco -, de milho, de feijão, hortaliças e mudas de fruteiras.

Apesar das tentativas feitas pelos órgãos governamentais os problemas continuaram a afetar a vida dos trabalhadores sertanejos no ano de 1957. O Diário

⁸⁵ Diário de Pernambuco, dia 07 de fevereiro de 1956. p. 12.

⁸⁶ Conforme verificamos em visita ao IPA, na Fazenda Saco, em dezembro de 2016, a máquina de beneficiamento continua sendo utilizada, no entanto ela foi adaptada para beneficiar as cebolas plantadas no Instituto.

⁸⁷ Diário de Pernambuco, dia 07 de fevereiro de 1957.

de Pernambuco de 02 de agosto de 1957, publicou um texto do correspondente Gilson Nunes de Souza, onde ele fez uma narrativa do cenário desanimador vivido pelos agricultores, isso em função da seca, que influenciou na queda da produção agrícola de tudo o município, além de surgimento de pragas que atacaram os campos de algodão:

[...Quanto ao algodão, além da falta de chuvas suficientes, foi por outro lado prejudicado pelas lagartas e por outras pragas que também contribuíram para que não chegasse ao rendimento esperado. Os registros percentuais das colheitas são os seguintes: cana de açúcar – 50%: mamona – 40%: milho – 30%: feijão de corda – 70%: feijão mulatinho – 20%: abóbora, batata doce e melancia – 50%: arroz comum – 30%: farinha de mandioca – 60%. Como se vê, diante dessas médias, não vai o agricultor colher a metade do que esperava⁸⁸...]

Com o fim dos governos alinhados ao “agamenonismo” e ascensão de grupos políticos ligados aos grandes usineiros da zona da mata pernambucana, que conviviam com a decadência da monocultura e dívidas milionárias com a União, a agricultura no Sertão perdeu força. Os grandes investimentos federais e estaduais deixaram de acontecer, apesar da construção da estrada de ferro, que ajudava a escoar a produção algodoeira com mais rapidez, a criação da CAGEPE (Companhia de Armazéns Gerais do Estado de Pernambuco), possibilitou que outras culturas passassem a ser trabalhadas na Fazenda Saco e em toda a região. Na década de 1970 a Estação Experimental deixou de existir e as suas pesquisas passaram a ser desenvolvidas pelos IPA. O instituto diversificou as experiências com produtos agrícolas na Fazenda Saco, principalmente com foco nas culturas de subsistência. Ao mesmo tempo em que as pesquisas em relação ao algodão mocó deixavam de existir, o ciclo do algodão na cidade de Serra Talhada e em toda a região praticamente chegava ao fim. No entanto, todo esse processo envolvendo o algodão mocó deixou dividindo significativo na cidade, tanto no que se refere à economia, como nas transformações, sociais e culturais, que ocorreram ao longo do tempo.

⁸⁸ Diário de Pernambuco, dia 02 de agosto de 1957. p. 6.

CAPÍTULO II: AS TRANSFORMAÇÕES URBANÍSTICAS, SOCIAIS E CULTURAIS VISTAS ATRAVÉS DAS IMAGENS. É A CIDADE ‘CONSTRUINDO’ MEMÓRIAS.

2.1 – As transformações urbanísticas de uma cidade frente à chegada da modernidade

A abordagem do cotidiano da cidade sob os impactos de certo processo de modernização ocorridos a partir de 1940, apresentam vários aspectos da cultura material vivenciados em Serra Talhada se configuram também como importantes peças para o entendimento do desafio a ser aqui enfrentado. Estamos convencidos de que vida cotidiana e cultura material são experiências inseparáveis, e que o estudo de apenas uma destas experiências resultaria lacunar, dada a complementaridade indispensável que o estudo da outra pressupõe.

“Este processo de modernização, reflexo no aporte de equipamentos marcados por uma tecnologia bem atualizada, as transformações de natureza social, econômica, política e mental experimentadas ao longo deste percurso, imprimiram marcas no viver cotidiano dos indivíduos, com eles estabelecendo relações às vezes tensas e conflituosas e às vezes de franca harmonia. Acreditamos que a vida cotidiana expressa os agentes sociais em sua plenitude, em suas formas de relacionamento com o mundo em que vivem e esse aspecto já denuncia o caráter heterogêneo e hierárquico da diversidade de maneiras de viver o cotidiano”. (Cabral Filho. Severino, CAMPINA GRANDE – PB (1930–1950)⁸⁹.

Nesse sentido, as mudanças estruturas e ambientais, que incluem praças, ruas, becos e os serviços de saneamento e higiene se tornam importante, visto principalmente sobre uma ótica de que todos têm acesso, ao mesmo tempo em que determinados equipamentos são invariavelmente símbolos de exclusão. Todo o desenrolar dessa passagem se dar com maior ênfase a partir dos anos de 1950. Quando a estrutura física da cidade passa a sofrer grandes transformações.

⁸⁹ CABRAL FILHO, Severino. CAMPINA GRANDE – PB (1930–1950) Modernização, Cotidiano e Cultura Material. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação de História. 2010. V1. ISSN 2176-2767.

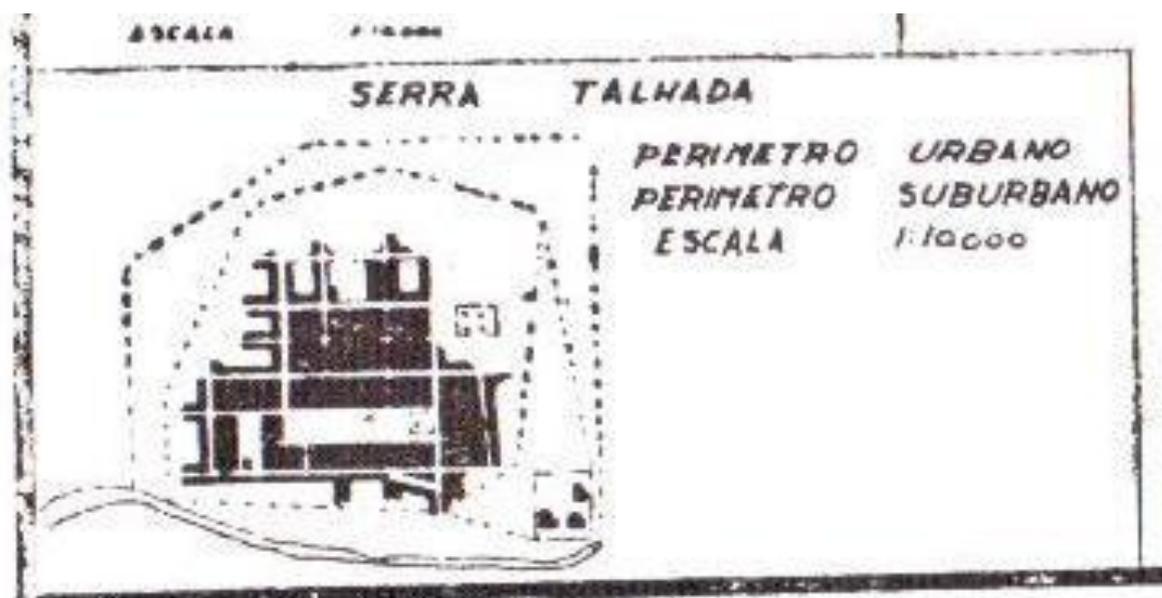


Imagem 44: Reprodução do gráfico do perímetro urbano de Serra Talhada, em 1951 (Fonte: Monografia do Primeiro Centenário -151)

De acordo com o gráfico (imagem 44), é possível dizer que o perímetro urbano da cidade no início da década de 1950 era pequeno, segundo reportagem do Diário de Pernambuco (1952), a população da zona urbana de Serra Talhada havia crescido 83,43% em relação à década anterior. Em 1940 o número de habitantes na zona urbana era de 2.999, em 1950 já era de 5.353, no levantamento feito pelo IBGE naquele ano, sendo que todo o município possui 35.192 habitantes, ou seja, um número significativo de serra-talhadenses provavelmente não presenciou de perto alguns eventos importantes realizados na cidade, assim como algumas transformações urbanas ocorridas no período, isso porque, 84,78% dos habitantes moravam na zona rural da cidade.

Ainda segundo o jornal da recifense, em 1952 o município era o quarto maior produtor de algodão do estado com mais 300.000 arrobas de algodão. Então essa era a cidade que passava por diversas transformações urbanísticas se preparava para dar o grande salto no seu desenvolvimento. Desta forma, a realização de um grande evento possibilitava a exposição da imagem de uma cidade estruturada para todo interior e a capital do Estado.

A explosão do comércio do algodão e as comemorações do centenário de emancipação do município, que ocorreu em 1951, levaram as autoridades locais a realizarem um processo de embelezamento do centro da cidade, criando assim, os

chamados cartões postais de Serra Talhada. Enquanto a praça central da cidade era reformada, os arredores da cidade conviviam com o esquecimento e o abandono, o que fazia com que os moradores da periferia mantivessem hábitos ainda do início do século XX. De acordo com Mário Melo (1951), a cidade possui elementos que possibilitavam a perspectiva de um grande futuro, mesmo que na época a área urbanizada ainda fosse pequena, algo que o gráfico (imagem 44) também confirma:

“A planta da cidade obedece a uma tração verdadeiramente estética, com ruas amplas e bem edificadas, contando algumas, já beneficiadas por um perfeito serviço de pavimentação, como sejam: Ruas: Monsenhor Afonso Pequeno, Senador Manuel Borba, Deputado Agamenon Magalhães e Joaquim Nabuco e ainda as Travessas Dantas Barretos e Francisco Gomes. Três praças: João Pessôa, Dr. Sérgio Magalhães e da Matriz, sendo estas últimas jardinadas, o que contribui para o embelezamento da cidade. Incontestavelmente, a cidade da Serra Talhada, dados ao seus meios fáceis de comunicação e completo desenvolvimento em todos os setores de atividades. Pode se incluído entre as de primeira ordem do nosso Estado, com extraordinárias possibilidades para o futuro”⁹⁰.

Esse futuro destacado por Melo (1951) passava por transformações na estrutura urbanística da cidade, mudanças que facilitassem o movimento de veículos e pedestres, o comércio e já aparecia da cidade. Segundo o IBGE (1958), a expectativa era que naquele ano a cidade chegasse a uma população de mais ou menos 40.606 habitantes⁹¹, um crescimento de mais de 5.000 pessoas em menos de uma década. Nesse mesmo ano, o IBGE (1958), destaca a existência de 38 logradouros⁹², destes 8 eram pavimentados, em relação ao início da década a área urbana da cidade triplicou em relação ao número de ruas e de praças. Sendo assim, muitas ruas começaram a sofrer interferências do governo municipal, principalmente a partir das gestões de Cornélio Soares, Moarcir Godoy, Luiz Lorena e dos irmãos Hildo e Nildo Pereira.

⁹⁰ MELO, Mário. De fazenda de gado à sede de Comarca. In: Centenário da Serra Talhada. Monografia publicada em comemoração ao primeiro centenário da criação da Vila. 1851- 1951, Recife, 1951.

⁹¹ Serra Talhada (PE). In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 18. p. 276-279. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_18.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2017. p. 277.

⁹² Serra Talhada (PE). In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 18. p. 276-279. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_18.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2017. p. 277.



Imagem 45: Demolição da Loja Paulistana, de Otacílio Batista, e da A Pajeú, de Manoel Rodrigues, que ficavam na Praça Sérgio Magalhães. (Fonte: Casa da Cultura de Serra Talhada)

A imagem 45 é uma reprodução de uma fotografia que está exposta na Casa da Cultura de Serra Talhada. O registro foi feito em 1953, na gestão de Moarcir Godoy, e mostra dois pontos comerciais, a Loja Paulistana, de Otacílio Batista, e A Pajeú, de Manoel Rodrigues, que ficavam na Praça Sérgio Magalhães. Na ocasião os pontos comerciais estavam sendo demolidos para que o beco que dava acesso a Rua Agostinho Nunes de Magalhães, onde se localizava o Açougue Público, e a Rua XV de Novembro, principal via de acesso as periferias, que surgiam entre as regiões leste e o oeste da cidade, bem como para a zona rural do município.

Posteriormente os pontos comerciais foram reconstruídos na Rua XV de Novembro. Vale ressaltar que desse mesmo lado da praça ainda hoje existem dois becos: o dos barbeiros e o dos sapateiros, ambos remanescentes da primeira metade do século XX. Outras demolições foram realizada na cidade, o que Cabral Filho (2007) define como “o bota-abaixo”, um fenômeno que ocorreu em várias cidades de pequeno e médio porte, muitas demolições tinham como objetivo proporcionar conforto e bem estar para a população local e para os visitantes.

Em meio ao processo de demolição um homem pausa para a foto em das portas do comercio, o que pode sinalizar que sejam ele seja o responsável pela empreitada, ao mesmo tempo, um grupo permanece dentro do estabelecimento, alguns de pé e outros de cócoras, e que pode indicar a imagem foi feita em momento de descanso. O fato que chama atenção é a do contorno de uma serra que surgiu ao fundo da imagem, por trás dela fica a Fazenda Saco.

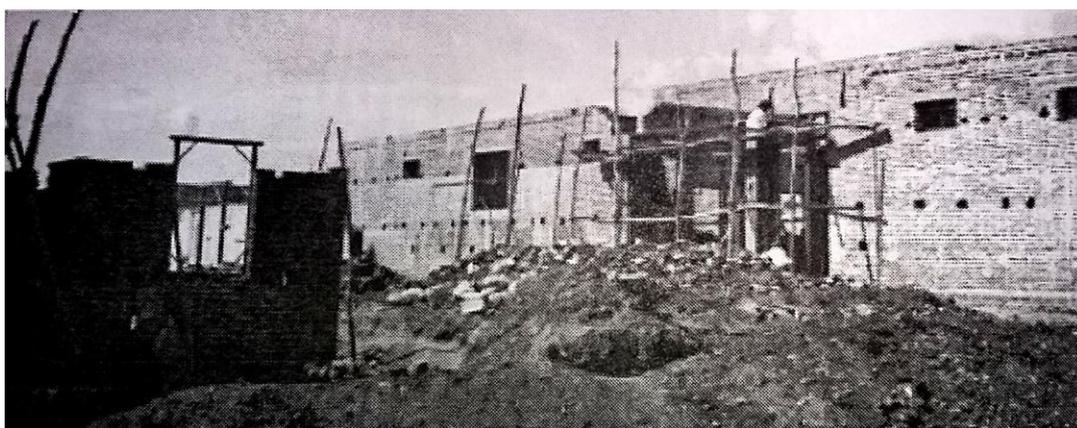


Imagem 46: Construção do Grande Hotel Municipal (Fonte: Roberto Soares).

A imagem 46 é datada de 1949 e mostra um trabalhador solitário em meio a uma grande construção, talvez estivesse em horário de almoço ou chegando mais cedo para trabalhar. A referida obra é do Grande Hotel Municipal, onde hoje funcionam as instalações da Secretaria de Educação de Serra Talhada. Inicialmente o prédio foi construído para ser uma cadeia, onde segundo alguns estudiosos, seria aprisionado o cangaceiro Lampião, em caso de uma possível prisão, isso ainda na década de 1920.

No entanto, durante o governo do prefeito Coronel Cornélio Soares (1946/1951), o prédio foi reformado e ampliado, tornando-se o popular Grande Hotel Municipal. O hotel foi erguido do lado direito da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha. No salão nobre do hotel foi realizada a solenidade em comemoração ao Centenário de Emancipação Política, que contou com a presença e Agamenon Magalhães, em 06 de maio de 1951. Pelas dependências do hotel

passaram várias figuras importantes, como por exemplo, o jogador Mané Garrincha⁹³, além de políticos, músicos, empresários, etc.

A gestão do Município sobre Hotel permaneceu até 1959, quando durante a gestão do Prefeito Antonio Policarpo de Andrada, Seu Madeira, o Municipal foi arrendado à senhorita Maria do Socorro Cardoso de Lima⁹⁴. Posteriormente o arrendamento foi passado para Seu Juvino. No quadro de funcionários do hotel é preciso registrar a marcante presença de “Raimundinha”, um dos primeiros homossexuais assumidos na cidade e que gerenciava o hotel, lamentavelmente ele foi brutalmente assassinado em dos banheiros do hotel. O crime causou grande repercussão na cidade, no entanto nunca foi esclarecido. Adeilde Santos, que trabalhou no hotel no final dos anos de 1970, relata que “eram muitos funcionários trabalhando lá, cada um com a sua obrigação, tinha gente para lavar os pratos, outro para cozinhar, outras para arrumar os quartos e gente na portuária. Sempre pessoas se hospedando e tudo tinha que está organizado. Raimundinha ficava no pé porque e sempre reclamava de alguma coisa mal feita, ele era muito organizado, sua morte foi muito triste”. Dona Adeilde ainda acrescenta que existiam outros hotéis de menor porte na cidade, espécie de hospedaria. “Me lembro da pousada de Dona Zefa de Toin, que ficava na Rua Cornélio Soares (antiga Siqueira Campos), lá tinha uns 08 quartos mais simples e baratos”, relatou Adeilde (Grifo do autor). Outros hotéis surgiram ainda nos anos de 1950, segundo IBGE existiam 12⁹⁵ em 1957, contando com o Grande Hotel.

Segundo Pesavento (1999), para os pensadores da ‘Era das Luzes’, a cidade deveria representar o progresso, o “refinamento dos costumes, do gosto e da vida civilizada, proporcionando melhor qualidade de vida e acesso à

⁹³ Manuel Francisco dos Santos, o Mané Garrincha ou simplesmente Garrincha, nasceu em Magé - RJ, em 28 de outubro de 1933. Foi um dos maiores jogadores de futebol do mundo e que se notabilizou por seus dribles desconcertantes apesar do fato de ter suas pernas tortas. É considerado por muitos o maior jogador de futebol de todos os tempos e o mais célebre pontadireita da história do futebol. No auge de sua carreira, passou a assinar Manuel dos Santos, em homenagem a um tio homônimo, que muito o ajudou. Garrincha também é amplamente considerado como o maior driblador da história do futebol. Garrincha, "O Anjo de Pernas Tortas", foi um dos principais jogadores das conquistas da Copa do Mundo de 1958 e, principalmente, da Copa do Mundo de 1962 quando, após a contusão de Pelé, se tornou o principal jogador do time brasileiro. Morreu em 1983, aos 49 anos, em decorrência do alcoolismo.

⁹⁴ Lei 98 de 10 de novembro de 1959. Fonte: Câmara Municipal de Serra Talhada.

⁹⁵ Serra Talhada (PE). In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 18. p. 276-279. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_18.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2017. p. 278.

informação”⁹⁶ (1999, p.39). É preciso ressaltar que esses discursos não eram desinteressados, visto que o objetivo era legitimar tanto o processo de modernização, por meio das intervenções públicas, quanto maquiagem os enormes problemas sociais decorrentes de tal processo. Portanto, o processo de modernização em Serra Talhada deu em face desses dois elementos: as intervenções estatais e os problemas sociais decorrentes dessas transformações.



Imagem 47: Times do Mocidade e do Vila Bela (Fonte: Acervo do Professor Dierson Ribeiro)

A imagem 47 é de dois times posando para um fotógrafo em um dia de jogo em meados dos anos de 1930, essa área que aparece na imagem era usada como campo de várzea e que na década seguinte sofreu forte transformação em função do processo de urbanização. Área onde ficava o campo foi gradativamente sendo reduzida, dando lugar a residências e outros prédios, isso fez com que o espaço de lazer fosse transferido para uma região da periferia da cidade. Segundo Gomes (2015) “a região da cidade onde ficava o campo onde os jogos eram realizados, diante do que foi observado, onde pode ser perceber na foto uma elevada construção - provavelmente a obra seria da Igreja Matriz da Penha - ao fundo da

⁹⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

foto, do lado direito, é possível dizer que o campo ficava a onde foi construído o HOSPAM⁹⁷.

Sendo assim, área plana e próxima do centro da cidade, que antes servia para o lazer de crianças, jovens e adultos, durante os fins de semana ou até durante a semana, acabou dando lugar a um importante equipamento moderno, o Hospital Regional Professor Agamenon Magalhães, órgão público que ajudou a salvar muitas vidas nas últimas décadas, visto que foi um dos primeiros hospitais do Sertão Pernambucano a ser construído. Por meio desta imagem, de fotógrafo cuja identidade infelizmente desconhecemos, a memória da cidade foi preservada, suas transformações e mutações foram congeladas de forma que as gerações seguintes pudessem analisar e estudar o processo de modernização, visto através dos registros que constam nessa fotografia.



Imagem 48: Hospital Regional Professor Agamenon Magalhães. (Fonte: FGV/CPDOC)

⁹⁷ GOMES, Paulo César. Comercial: Um clube imortal. Relatos e histórias do primeiro time do sertão na elite do futebol pernambucano. 1. ed. Afogados da Ingazeira: Gráfica Asa Branca, 2015. p. 19.

A imagem 48 é do Hospital Regional Professor Agamenon Magalhães (HOSPAM), pelas características da foto deve ser da década de 1940, nota-se que no entorno do prédio não existem habitações, isso por que a cidade fica do lado esquerdo da imagem. O processo de urbanização da região ao fundo da fotografia só ocorreu no final da década de 1950 e início dos anos 1960. As obras para construção do nosocômio tiveram início em 10/08/1940 e concluídas em 02/09/1941. A inauguração ocorreu com a presença do o interventor federal Agamenon Magalhães, em 09/09/1941. O prédio foi erguido em uma área cercada de 10.000m² e com 4.000m² de área coberta. Em 1957, o hospital já dispunha de 115 leitos⁹⁸.

Não encontramos pessoas que pudessem falar sobre a inauguração do hospital, no entanto, os relatos feitos pelo primeiro diretor HOSPAM, o Dr. Ivan Oliveira, ao Jornal Pequeno (1942) nos ajudam a entender melhor a conjuntura social logo após a inauguração do hospital. Na reportagem Oliveira destacar que o “prédio amplo” e “moderno” e que “esse foi o melhor presente que o interventor federal poderia dar a sua terra natal”. O médico também a quantidade de atendimentos realizados em menos de 1 (um) ano, mais de 300 internamentos, a maioria segundo ele, de trabalhadores rurais, no entanto o diretor não revelou o número de óbitos ocorridos no mesmo período. Em relação ao ambiente de trabalho, é relatada a boa aparelhagem e o corpo médico qualificado, na parte externa, ele explicou que estava sendo providenciado a arborização, o ajardinamento e o calçamento da rua em frente. Apesar de não ter sido citado pelo médico, à energia elétrica só veio à instalada no hospital quatro depois, quando um motor que gerava energia foi comprado pelo governo do estado e colocado é um prédio na esquina em frente ao hospital. Um fato chama atenção no depoimento de Ivan Oliveira, ao Jornal Pequeno, no que tange a reação da primeira mulher, que não teve o nome revelado, a dar à luz no HOSPAM:

⁹⁸ Serra Talhada (PE). In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 18. p. 276-279. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_18.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2017. p. 278.

[...Lá temos realizado com êxito varias intervenções cirúrgicas. Contudo com a cooperação dos clínicos residentes na localidade o hospital se integra ainda melhor na sua finalidade. Um ambulatório, onde diariamente atendemos a uma media de 30 pessoas, completa a organização a organização. Provido de uma pequena maternidade, ainda mais se acentua a sua importância pois bem sabemos as dificuldades da gente sertaneja nos casos das complicações dos trabalhos de parto. Devo porém salientar que a primeira gestante entrou para a Maternidade quasi a força. Era a natural aversão do sertanejo ao leito do hospital. Entretanto depois que a primeira gestante deu a luz na Maternidade, em condições do melhor conforto, nunca mais os leitos da secção desocuparam e, ao contrário, são hoje disputadíssimo⁹⁹...]

Apesar da existência de uma maternidade, muitas mulheres, por não terem condições de deslocamento ou por questões culturais, tiveram seus filhos em casa, com o acompanhamento de uma parteira. Apesar do discurso do Dr. Ivan Oliveira (1942), focar a atuação da prestação do serviço de saúde do Hospital em torno dos trabalhadores rurais, é preciso que se registre que a elite da cidade também buscava atendimento do nosocômio, bem como os diretores, funcionários das empresas ligadas ao ramo algodoeiro e os setores da sociedade local. Também era preciso garantir a existência da mão de obra barata e a sua integridade física com elemento do ciclo de produção e exploração econômica. Segundo Neto (2004), muitos operários se feriram nas usinas de beneficiamento de algodão e caroá “o trabalho frente ao maquinismo desfibrados, era feito manualmente por operários ágeis que, mesmo assim, perderam, muitas das vezes, mãos e braços que a engrenagem devorava, juntamente com a folha a desfibrar”. Nesse sentido, HOSPAM também cumprir um importante papel para os donos de empresas e usinas da cidade e região.

Outro fato bastante relevante foi o movimento crescente na questão da prestação de serviço público e privado de saúde na cidade, que a partir dos anos de 1950, passou a contar com um Posto de Puericultura, 6 médicos, 2 dentistas, 4 farmacêuticos, 12 enfermeiros não diplomados e 5 farmácias¹⁰⁰. Lógico que os dados apenas refletem a frieza numérica, o que nos impossibilita discutir a qualidade dos serviços de saúde prestados à população, até por que não conseguimos os números negativos para fazer o contra ponto, no entanto, por se

⁹⁹ Jornal Pequeno, dia 04 de maio de 1942, p. 2.

¹⁰⁰ Serra Talhada (PE). In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 18. p. 276-279. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_18.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2017. p. 278.

tratar de uma cidade sertaneja, os números apresentados não perdem o seu significado.

Praticamente em todas as grandes cidades as transformações ocorreram a partir dos seus centros urbanos, visto que eram as áreas onde havia o maior fluxo de pessoas e de estabelecimentos comerciais, mas por outro lado, os centros das cidades também eram locais onde as religiões, principalmente a Igreja Católica, tradicionalmente procurou erguer os seus templos de forma emblemática, visto que o catolicismo se estabeleceu nas cidade, não só como símbolo de propagação da fé, mas também como símbolo de poder.

Nesse sentido, a cidade que a partir dos anos 1940 passou a receber autoridades, jornalistas e pesquisadores, como certa periodicidade, em função de ser um importante centro de estudos, a partir da Estação Experimental, e por ser um dos maiores produtores regionais do algodão mocó, tido por muitos como uma das melhores fibras longas do Brasil.

A pequena cidade, até pouco tempo, ainda era chamada de Villa Bella, possivelmente pelas condições de desenvolvimento em curso, era obrigada a disponibilizar acomodações apropriadas para acomodar com um certo conforto os visitantes. Sendo assim, uma das maneiras de evidenciar isto seria através da construção de um grande templo religioso, suntuoso e confortável, capaz de acolher a elite comercial, econômica e política que, com frequência, marcavam presença nas celebrações. A ideia era que esse templo também virasse um ponto turístico e um cartão postal da cidade.



Imagem 49: Igreja Matriz de Nossa Senhora Penha ainda em construção (Fonte: Site Farol de Notícias)

A imagem 49 nos dar a idéia de uma cidade tranquilo, com uma rua bastante larga e sem pavimentação, pelo andar das crianças, a sensação que temos é que o ritmo da cidade parece se desenvolver de forma lenta. No centro da imagem percebemos a Igreja Matriz de Serra Talhada ainda em construção, na época esse local mais alto da cidade. Nessa mesma rua – que depois virou praça, ou melhor, duas praças – já existiu outra Igreja Matriz que ficava um pouco mais abaixo do que a atual, velha foi demolida em 1920, para ser substituído pelo novo templo. A pedra fundamental para o início da obra foi assentada no dia 21 de agosto de 1925, e um celebração que contou com a presença de muitos fieis. A primeira etapa da obra foi inaugurada em 02 de setembro de 1941, com as presenças do interventor Agamenon Magalhães e o General Mascarenhas de Moraes. Segundo o Diário de Pernambuco (1941), na data ocorreu uma missa em seguida foi inaugurada a torre da Igreja.

O templo só foi inaugurado oficialmente em agosto de 1953, poucos dias antes de iniciar o novenário da santa, na gestão do pároco espanhol, Jesus Garcia Riaño¹⁰¹, popularmente conhecido como padre Jesus. O Bispo da Diocese de

¹⁰¹ Jesus Garcia Riaño, nasceu no distrito de Cereso, região de Burgos, Espanha, no dia 18 de dezembro de 1904. Filho de Francisco Garcia Castilho e de Dona Jacinta Riaño. Foi ordenado padre a 22 de junho de 1930. Chegou ao Brasil no dia 05 de Junho de 1933, indicado para servir junto ao Bispado de Barra do Rio Grande, no sertão do São Francisco, Estado da Bahia, donde

Afogados da Ingazeira se fez presente durante a celebração. Segundo Lorena (2001), a inauguração foi um grande evento religioso:

“Vinte e oito anos depois do assentamento da pedra basilar, vertia o ano de 1953, dia 02 de agosto, foi solenemente inaugurada a atual Matriz de N. Sra. da Penha, pelo bispo diocesano Dom Adelmo Cavalcanti Machado, tendo havido missa-pontifical, concelebrada por 15 sacerdotes, às oito horas, no patamar da igreja; foi mestre de cerimônia, o padre Eraldo Cordeiro, então vigário de Floresta. A noite, durante celebração da eucaristia, fez-se ouvir a pregação do frei Eliseu Maria de Oliveira Gomes, atual bispo emérito de Itabuna - Bahia. Em nome do município falou o Prefeito Moacyr de Godoy Diniz e pelo Apostolado da Oração, que festejava jubileu de ouro, falou o professor Aderbal Mendonça de Maria. Essa solenidade, foi precedida de uma preparação de 30 dias de Missões, nas capelas distritais, pelos frades Capuchinhos da Penha do Recife: Frei Damião de Bozano e Frei Fernando. Ao encerrar, num ambiente de exaltação e da mais profunda emoção, o padre Jesus Garcia Riaño, proclamou que estava vivendo o momento mais feliz de sua vida em terras do Brasil¹⁰²”

O Padre espanhol foi o condutor dos trabalhos de conclusão de uma obra que durou quase três décadas para ser concluída, e para essa missão contou com a ajuda de várias pessoas, desde empresários, políticos, fieis, e de pessoas simples, a exemplo dos pedreiros e dos ajudantes, que trabalharam com muita dedicação para que obra chegasse ao fim. O Sr. João Honorato, que era o último pedreiro vivo que trabalhou na obra (infelizmente veio a óbito no dia 17 de maio de 2017, aos 91 anos), relatou ter realizado várias atividades a pedido do Padre, “o que houvesse de serviço dentro da paróquia ele mandava me chamar”. Segundo

acompanhou o Bispo D. Adalberto Sobral, que foi transferido para Pesqueira, Pernambuco. De imediato foi nomeado pároco da freguesia da Pedra, na região do Agreste Pernambucano, e logo depois para o paróquia de Nossa Senhora da Penha de Vila Bela (Serra Talhada) no sertão. Assumiu os destinos desta freguesia precisamente a 18 de dezembro de 1936, ao completar 32 anos de idade. Em Serra Talhada estimulou a construção do Colégio Industrial Cornélio Soares e da Escola Normal Imaculada Conceição. O Padre Jesus providenciou também a ereção de 08 capelas nos distritos e na zona rural (Bernardo Vieira, Santa Rita, Estrema, Jardim, Luanda, Caiçarinha, Varzinha, Logradouro). Aos 80 anos, a saúde precária começa a exaurir o seu estado físico e aos 86 anos, no dia 18 de dezembro de 1990, perante o seu Bispo Dom Francisco Austregésilo de Mesquita Filho de Afogados da Ingazeira, renuncia em caráter irrevogável ao paróquia de Nossa Senhora da Penha. Ele, como São Paulo, combateu o bom combate na pregação da fé cristã. O seu carisma foi acrisolado por sua coragem pessoal de dizer a verdade, mesmo contrariando pessoas habituadas a desmandar neste “país” da periculosidade que é o sertão do Pajeú. Todavia, sua maior virtude por nós reconhecida, foi o seu espírito de solidariedade. O Padre Jesus, depois Monsenhor Jesus Garcia Riaño, faleceu a 12 de outubro de 1991, e foi sepultado no dia seguinte na Matriz de Nossa Senhora da Penha. Jamais ficou ausente nas horas de dor e de vicissitudes dos seus paroquianos.

¹⁰² LORENA, Luiz. Serra Talhada. 250 anos de história. 150 anos de Emancipação política. Serra Talhada: Sertográfica, 2001.

Luiz Lorena (2001), a torre da Matriz foi construída no estilo gótico, arquitetura nascida na Europa durante a idade média. “Precisamente a 03/11/1939, quando trocava-se o nome de Vila Bela por Serra Talhada, reiniciar as obras de construção. Para maior segurança foi demolida a torre já parcialmente construída, reforçadas as colunas internas e externas e finalmente erigida a atual torre em estilo gótico, pelo habilidoso mestre Josa Padilha” (LORENA, 2001). No entanto, o prédio na sua totalidade foi construído em estilo clássico. Suas principais características são a verticalidade, a utilização de vitrais, portas e janelas com formatos de ogivas, pontas agulhadas das torres numa pretensão de propor um contato com o céu. A torre central possui mais de 37 metros de altura, sendo vista em praticamente toda área urbana da cidade. Na torre existe um relógio que a cada hora emite badalas com sons de músicas religiosas. O templo ocupa uma área de 3.500 m² e possui capacidade para receber mais de mil fiéis.

Segundo João Honorato (2011), para colocar os primeiros vitrais da paróquia, foi contratado um especialista, que veio de São Paulo e, era japonês. Num belo dia, Honorato flagrou o homem na maior farra, em meio as mulheres e bebidas, em uma das dependências do Grande Hotel, que ficava ao lado da Igreja. O problema era que “a festinha” estava sendo feita com o dinheiro doado pelo fiéis a paróquia de Nossa Senhora da Penha. “Aí eu disse tudo a Padre Jesus e fiquei para terminar o serviço”.

Segundo relatos orais que foram passados de geração para geração, o pároco da Igreja Matriz, o Padre Jesus Garcia Riaño, reserva as primeiras fileiras do templo para os membros das famílias que mais contribuíam para os cofres da Igreja. Os fiéis que usassem descumprir tão regra era abordado de forma ríspida e obrigado a sentar em bancos que ficavam distante do altar. Ao de João Honorato de Lima trabalharam nomes como os de Pacheco, Doca, Pedro de Araripina, Seu Dito e José Severino, todos já falecidos. Antes de falecer José Honorato concedeu entrevista ao site Farol de Notícias de Serra Talhada, onde relatou muitas histórias sobre a construção da Igreja e falou sobre o acidente envolvendo o colega de trabalho que caiu do relógio da torre:

[Segundo Honorato, a parte mais difícil para construir foi a torre. “Nós terminamos a estrutura da igreja com 37 metros e ainda faltava a cruz. Aí

a gente foi descendo, aos poucos, com o acabamento. De repente um tio meu caiu (do alto da igreja) com 24 metros. Nesse dia ninguém trabalhou.” E o senhor teve medo? “Eu não. Já era um viciado”, afirmou. O mestre-pedreiro relatou, em detalhes, o episódio da queda do tio, que, de forma incrível, sobreviveu. “Do nada apareceu um mulher dizendo para jogar uma lata de água gelada nele, para espalhar o sangue. Aí a gente jogou logo três e o corpo dele começou a tremer. Tava de um jeito que era pra botar dentro de um saco (devido os ossos quebrados).” Segundo ele, durante a construção da Matriz várias pessoas além do seu tio caíram do alto da igreja. João Honorato lembra o tempo em que a falta de dinheiro travou a execução das obras. Para reativá-la, muitos fiéis de Nossa Senhora da Penha chegaram a doar bois e cabras à paróquia. Após a conclusão da estrutura, ficou apenas a cargo de Seu João colocar os vidros coloridos das janelas, executar toda a construção do altar, do piso, dos pilares e da gruta localizada na parte exterior do centro religioso¹⁰³.]

Como podemos observar, a citação acima nos mostra que construção do templo religioso foi marcada por muitas histórias, muitas das quais vão muito além da fé cristã. A Igreja Matriz é dos cartões postais da cidade e dos pontos turísticos mais visitados pelos turistas. Assim como a nova matriz e o grande hotel que acabavam de ser erguidos, outras transformações foram feitas na principal rua da cidade. Algumas dessas mudanças se deram em função da proximidade com a data do centenário de emancipação política, em 1951, ano do centenário de emancipação política da cidade, nesse período ocorreram vários eventos políticos, culturais e sociais.

¹⁰³<http://faroldenoticias.com.br/descoberto-ultimo-homem-vivo-que-construiu-a-igreja-matriz-de-serra-talhada/>. Acessado em 30 de maio de 2017.



Imagem 50: Rua Monsenhor Afonso Pequeno - Atuais praças Sérgio Magalhães e Barão do Pajeú - (Fonte: Casa da Cultura de Serra Talhada)

Na imagem 50, que é datada de 1954, conforme registro manuscrito gravado nela, no entanto, a praça foi inaugurada em 06 de maio de 1951, durante as comemorações do Centenário de Emancipação Política do Município, a data com simbolizada com a construção de um pequeno obelisco em frente à igreja matriz. Na fotografia podemos perceber as mudanças ocorridas durante o início daquela década. A antiga Rua Monsenhor Afonso Pequeno, as atuais praças Sérgio Magalhães¹⁰⁴ – parte inferior e de maior extensão- e Barão do Pajeú¹⁰⁵ – parte superior e de menor extensão -, foi urbanizada, com calçamento e ajardinamento, o plantio ordenado de árvores - que antes não existiam – ao longo da praça nos dão uma idéia de ordem e alinhamento, princípios oriundos dos urbanistas: as árvores cuidadosamente podadas, nos remetem aos ideais de higiene e embelezamento, postulados do pensamento modernizador. O objetivo possivelmente era o de criar a sensação de bem-estar, conforto e poder.

¹⁰⁴ O juiz e deputado estadual Sérgio Nunes Magalhães, era pai de Agamenon Magalhães, seu nome foi dado a praça em 1951, quando da inauguração, e contou a presença do filho, que na época era governador do estado de Pernambuco.

¹⁰⁵ Na divisão ocorrida na Rua Monsenhor Afonso Pequeno, a parte superior foi denominada de Praça Senador Manoel Borba, e em 03 de setembro de 1965, através Lei 182/65 passou a ser denominada de Praça Barão do Pajeú. Fonte: Câmara de Vereadores de Serra Talhada.

Podemos também observar vários grupos de pessoas, a maioria andando, ainda que em grupos dispersos, em direção a parte de cima da praça, o que indica que poderia estar ocorrendo algum evento religioso na igreja. Nas calçadas é possível perceber algumas senhoras e crianças. Chama atenção na imagem o fato de um grupo de três homens, cercados por cadeiras, ao que tudo indica, eles seriam engraxates, isso por que eles estavam de costa para o chamado “Beco dos Engraxates”. Isso nos leva a crer que eles foram provavelmente os primeiros ambulantes a exercerem uma atividade econômica na praça. Ao longo de toda extensão da praça é possível perceber a presença de 06 (seis) automóveis e de duas casas comerciais, que podem ser identificadas pelas placas em suas fachadas e pelo fato de pessoas estarem na frente e posicionado em direção a entrada dos prédios. O que chama atenção na nova configuração da praça são os contornos todos calçados. Onde antes só havia poeira, agora existe conforto para se caminhar e beleza para se observar. Desta forma a praça passou a ser o lugar ideal para o passeio tranquilo das famílias e dos casais de namorados.

Um relato histórico feito por Luiz Lorena (2001), indica que o espaço foi ocupado para ser uma rua, que tinha como o objetivo inicial mostrar o poder econômico e político da cidade, isso ocorreu ainda no século XIX, logo após a emancipação. Em uma reunião, o comendador Pereira propôs aos grandes donos de fazenda que cada um construísse uma casa na nova rua, “todos concordaram com a idéia, e em doze meses completavam as edificações em torno de um grande retângulo, ocupado hoje pelas praças Sergio Magalhães e Barão do Pajeú”. (LORENA, 2001, p.22)

Lorena (2001) ainda chama atenção para o fato de que “as casas assim erigidas tomaram os nomes das Fazendas dos seus proprietários”. As 31 casas ficaram divididas nos dois lados da rua: Vejamos pela ordem. Subindo pelo lado esquerdo das praças: Casa da Fazenda Mocambo (onde nasceu Agamenon Magalhães), construída por João Luiz de Magalhães; da Fazenda Barra do Bonito, Fazenda Porteira, Fazenda Pitombeira, Fazenda Jatobá, Fazenda Passagem do Meio, Fazenda Canafistula, Fazenda Jatobazinho, Fazenda Aldeiota, Fazenda Carnaúba, Fazenda Barra do Exu, Fazenda Serrinha, Fazenda Teiú, Fazendo Saco, Fazenda Saco da Roça. Subindo pelo lado direito das praças: Casa da Fazenda Carnaúba do Ajudante, Fazenda Saco da Roça, Fazenda Soledade,

Fazenda Saco da Roça, Fazenda Barra da Carnauba, Fazenda Barra de Tauapiranga, Fazenda Malhada Cortada, Fazenda Aboboras, Fazenda Piranhas, Fazenda Piranhas, Fazenda Quixaba, Fazenda Faxeiro, Fazenda Malhadinha e Fazenda São Miguel¹⁰⁶.

O registro de Luiz Lorena indica que a cidade foi forjada sobre égide do poder de várias oligarquias, algumas delas optaram dominho através da política, outras pelo domínio do poder econômico, e uma minoria, através do poder das armas. Desta forma, os clãs familiares impuseram os seus “status sociais” durante os dois últimos séculos, frente a uma massa humana com poucas oportunidades. Assim como estão postos símbolos de modernização na imagem, como o automóvel ou a casa comercial, o mesmo pode ser dito com relação aos indícios da tradição vivenciada e reproduzida que a fotografia encerra. É certo que aquela área era bastante movimentada - mesmo que na fotografia não fique essa impressão – a medida em que significava um espaço habitado pela elite, também abria “as portas da casa grande” para a “senzala” passear e se divertir.

Era ali que as coisas aconteciam em Serra Talhada: desde a realização das procissões a desfile de blocos carnavalescos, passados pelas atividades políticas em épocas de eleições; um *lócus* urbano vário que se transformava em palco para manifestações diversas – do sagrado, do profano e do político. Ou seja, um lugar de sociabilidade e democrático. Onde vários seguimentos poderiam se encontrar mesmo que você em forma de grupos diferente, ou até mesmo, em evento com finalidades diferentes. Nesse sentido, a frase do poeta Castro Alves acaba por contemplar de forma poética, a síntese da análise sobre a Praça Sérgio Magalhães: “A praça é do povo como o céu é do condor”¹⁰⁷ (Trecho do poema O Povo ao Poder).

¹⁰⁶ LORENA, Luiz. Serra Talhada. 250 anos de história. 150 anos de Emancipação política. Serra Talhada: Sertagráfica, 2001. p. 22.

¹⁰⁷ ALVES, Castro. Espumas Flutuantes, 1870.



Imagem 51: Rua João Pessoa, com destaque para Igreja do Rosário dos Homens Pretos, na década de 1930 (atualmente o local é chamado de Praça Agamenno Magalhães, o marco zero da cidade)

Nesse contexto de transformações, é possível verificar na imagem 51 o grande número de casas que compunham o centro da cidade. Dois prédios se destacam na Praça da Igreja do Rosário, na época era chamada de Rua João Pessoa, um deles funciona a casa comercial do Coronel Cornélio Soares, onde ele comercializava vários produtos, entres ele, o algodão. Outro fato que chama atenção é que não existe árvores nas ruas da cidade, isso só comprova que não haviam projeto de arborização naquele período. Também merece destaque na imagem o prédio da antiga prefeitura municipal, onde tem caminhão na frente, ao lado esquerdo da Igreja, e onde hoje funciona a Coletoria Estadual. Em frente ao antigo prédio da Prefeitura foram plantadas as primeiras algarobas do Brasil.

A algaroba chegou a Serra Talhada por iniciativa do Professor J. B. Griffing, da Escola de Agronomia de Viçosa, Minas Gerais, que enviou as sementes da planta para a Estação Experimental da Fazenda Saco, no início dos anos 1940. A Estação Experimental, já era na época uma das maiores referências em agronomia do país, e lá foram desenvolvidas as primeiras mudas de algarobas. Em 1942, no dia da árvore, 21 de setembro, a diretora do então recém inaugurado Grupo

Escolar Solidônio Leite, a Professora Maria Stella de Godoy Batista, junto com um grupo de alunos resolveram plantar as primeiras mudas de algarobas em solo brasileiro, bem em frente ao prédio da prefeitura municipal.

Naquela data foram plantadas cinco mudas, das quais apenas três sobreviveram, outras mudas posteriormente foram plantadas na própria escola e no Hospital Professor Agamenon Magalhães (HOSPAM). As três primeiras mudas que sobreviveram são hoje conhecidas popularmente como “as três Marias” e por diversas razões já se incorporaram a paisagem e a memória histórica da cidade, mas que por questões desconhecidas, estas que são as primeiras algarobas plantadas no Brasil – há quase 75 anos – não são reconhecidas e nem tão pouco valorizadas.



Imagem 52: Rua João Pessoa, com destaque para Igreja do Rosário dos Homens Pretos (Fonte: Site Farol de Notícias)

A imagem 52 é da então Rua João Pessoa, tendo como destaque a Igreja do Rosário dos Homens Pretos, durante o início da década de 1950. A Rua atualmente é chamada de Praça Agamenon Magalhães, mudança que ocorreu em

30 de dezembro de 1952, através da Lei 75/1952¹⁰⁸. Pelo fato da Igreja ter sido uma das primeiras construções da cidade, uma Lei Municipal aprovada pela Câmara de Vereadores, do ano de 2009, denominou o espaço em frente a Igreja com “o Marco Zero” da cidade, sem que isso tenha alterado o nome da praça que permaneceu o mesmo. Vale registrar que muito moradores costumam chamar a praça de “Conha”, isso por que, na última reforma, realizada na segunda gestão do prefeito Hildo Pereira (1977/1983), foi construído um anfiteatro e uma concha acústica.

A imagem também nos permite dizer que a mesma também passou pelo mesmo processo de “embelezamento” que as praças Sérgio Magalhães e Barão do Pajeú, com o plantio de árvores, ajardinamento, construção de bancos e instalação de novos postes de iluminação. O clima de novidade parece que influenciou as crianças, que brincavam enquanto posavam para as lentes do fotógrafo, ao mesmo tempo, duas senhoras vestidas de preto passam ao longe de forma discreta. Três fatores podem justificar tais mudanças. A primeira é que do lado Igreja, à esquerda, existia o prédio da Prefeitura Municipal, ou seja, o símbolo máximo do poder administrativo da cidade. O segundo é que atrás do templo religioso também ficava a residência do Coronel Cornélio Soares, um dos últimos remanescentes da geração dos “coronéis” do interior do Nordeste, prefeito entre os anos de 1946 e 1951. Vale destacar que há poucos metros da praça ficava localizada uma das usinas de beneficiamento de caroá existente na cidade.

Com relação à Igreja do Rosário dos Pretos, conhecida popularmente como “Igrejinha do Rosário”, é preciso que se registre que ela é considerada o marco inicial do povoamento da cidade. Segundo as narrativas orais que se passaram de geração em geração, foi durante a construção do templo religioso, entre os anos de 1789 e 1790, que os escravos que trabalharam na obra, construíram um túnel que ligava o altar da Igreja a “gruta do morcego”, na talha que divide ao meio a serra talhada, o objetivo dos cativos, segundo a crença popular, era aproveitar a distração dos encarregados para fugirem. Para Gomes (2015), a narrativa, apesar de ter o seu lado fantasioso, precisa ser preservada como elemento da memória da cidade:

¹⁰⁸ Fonte: Câmara de Vereadores de Serra Talhada.

“No entanto, ao verificar a estrutura do terreno que separa a igreja da serra, percebemos que é humanamente impossível que isso, de fato, tenha acontecido. O mais lógico era que o túnel fosse construído em direção ao rio Pajeú, que atrás do prédio, há uma distância de 100 metros. Infelizmente ninguém na cidade sabe informar a origem da fantástica história. Ainda assim, não se pode deixar que episódios como esse caiam no esquecimento, já que a identidade de uma cidade é construída com base na preservação da memória de sua gente¹⁰⁹”.

Outro fato que Gomes (2015) destacar é que a “velha igrejinha”, foi durante a parte final da escravidão o local onde os negros puderam praticar a sua fé, mesmo que isso tenha ocorrido de forma impositiva. Enquanto os negros tinham a “igrejinha”, os brancos tinham uma igreja de duas torres que depois foi demolida. Em um cenário de violência e de segregação racial, o imaginário social pesou mais forte e transformou algo improvável, em uma lendária história que demonstra a importância da liberdade de um povo que vivia em condições sub-humanas. História que sobreviveu ao tempo, como forma de manter viva a memória de quem sofreu as dores da escravidão em pleno Sertão pernambucano.

Os registros fotográficos eternizaram a passagem do tempo, mas também a edificação de uma conjuntura que existia na época. O simbolismo verificado através da construção de monumentos religiosos e na construção de uma praça, refletir a necessidade de transformar a cidade que agora era uma das maiores produtoras de “algodão mocó” do estado e que se embeleza para recepcionar as lideranças políticas e de todos aqueles que comercializavam “o ouro branco”.

2.2 – Pelas estradas, pelo ar e pelo trilho; é a modernidade chegando no compasso dos meios de transportes.

¹⁰⁹ GOMES, Paulo César. Histórias Perdidas (Serra Talhada). Um resgate da memória esquecida da cidade através de textos, fotografias e depoimentos. 1. ed. Olinda: MXM Gráfica e Editora, 2015.p. 16

Os primeiros automóveis chegaram a Serra Talhada na década de 1920, vindos da cidade de Arcoverde (Rio Branco), que era a ponta final da linha férrea que partia do Recife, naquela época a Ford estalou uma concessionária em Arcoverde. Logo, os automóveis vindos da cidade vizinha, seduziram as famílias serra-talhadenses com maior poder aquisitivo. Segundo Luiz Wilson (1982), os automóveis chegaram ao Sertão por intermédio indireto a União ou Estado auxiliar os flagelados mandou construída varias estradas de rodagem, essas estradas de contrapartida atraíram os veículos automotores:

“O governo do Estado ou o Governo Federal, para auxiliar os flagelados da “Grande Seca” daquele ano, manda construir a Estrada de Rodagem de Rio Branco a Buíque. Manuel de Siqueira Campos manda construir também a Estrada de Triunfo a Rio Branco, com a mesma finalidade, comparecendo a inauguração desta última, entre outros, o dr. Manuel Borba, governador do Estado, tendo sido recebido em Alagoa de Baixo (Sertânia), pelo dr. Ulisses Lins de Albuquerque e, em Custódia, pelo cel. José Estrela de Sousa, Esperidião Mariano de Sá (pai do deputado José Gomes de Sá), Quinca de Sá, José Cassiano Pereira e outros amigos. Os automóveis em que viajaram a Triunfo o Dr. Manuel Borba, governador do Estado, e sua comitiva (um dos quais do Cel. Delmiro Gouveia e outro do Dr. Romeu Pessoa de Queiroz), vieram até Rio Branco em um carro de nossa antiga Great Western. Aqueles foram, talvez, os primeiros automóveis a passarem em Rio Branco, que em 1922, já possuía sua agência “Ford” e, entre outros carros particulares, um “Studbaker” do cel. Félix de França (Brejo de São José, em Buíque), para nove pessoas, um “Overland”, de Nebrídio Granja e outro carro do cel. Arcelino de Brito. Entre os anos de 1922 e 1924 a “praça” de Rio Branco possuía seis ou sete automóveis”¹¹⁰.

Entre as informações citadas por Luiz Wilson, uma esta inteiramente ligada a Serra Talhada, trata-se do Senhor Manuel de Siqueira Campos, que era da cidade vizinha de Flores, mas que mantinha residência em Serra Talhada. Ele também adquiriu um Ford em Rio Branco e trouxe para Serra Talhada. Uma foto do acervo da Fundaj, datada de 1920, indica que o veículo de Manuel de Siqueira Campos foi o primeiro a trafegar pelas ruas de serra Talhada.

Um dos primeiros serra-talhadense ainda vivo a comprar um automóvel, foi Seu Madeira, que é filho do também ex-prefeito, Manoel Joaquim Policarpo Lima (1930/1936), conhecido com Nênen Jurubeba. Nascido em 06 de julho de 1925, ele

¹¹⁰ WILSON, Luiz. Município de Arcoverde (Rio Branco). Cronologia e outras notas. CEPE, Recife, 1982, pág. 83

hoje é um funcionário público aposentado e casado com Dona Maria Leonor Godoy Peixoto. Mesmo com o passar dos anos ele mantém os mesmos hábitos de tempos atrás, como ir ao barbeiro e conversar com os amigos. Seu Madeira e posa levam uma vida tranquila morando na casa que foi adquirida no ano de 1949.

O casal não teve filhos, mas como ele mesmo diz: “Não tenho filhos biológicos, mas tenho muitos filhos de coração espalhados por todo canto. Criei uma ruma de menino. Formei e casei um bocado deles”. Seu Madeira é fã de carros antigos, inclusive, já participou de grandes eventos nacionais voltadas para o gênero, ele possui uma relíquia automobilística, que é um Aero Willys de 1961. “Comprei o Aero Willys ‘zero Km’ e trouxe do Recife. Já quiseram comprar, mas não dou ele por dinheiro nenhum. Também tenho um Monza de 1967”.

Segundo o ex-prefeito, sua paixão por carros surgiu ainda na juventude, sendo que o mesmo era um dos únicos donos de automóvel da cidade, fato que lhe permitiu transportar figuras importantes da política regional durante a primeira metade do século passado.

“Meu primeiro carro foi comprado em 1949. Foi um Ford 1929. Eu era um dos únicos que tinha carro e quando chegava alguém no campo (pista de pouso do avião) eu ia pegar e trazia no meu carro. Trouxe Agamenon Magalhães, Etelvino Lins... Tudo que se precisava era comigo. Viajei com pessoal do Banco do Brasil, como os fiscais que vinham fiscalizar os empréstimos bancários” (Madeira, 2017).

O relato do ex-prefeito, ressalta a importância que o automóvel tinha para a cidade, bem como, indica que apenas a elite tinha acesso a meio de transporte, e por outro lado, o fato de alguém possuir um carro significa que o mesmo era bem visto e respeitado na cidade ao ponto de transportar autoridades e funcionários públicos com cargo de direção. Mas, além de Seu Madeira, outros serra-talhadenses usaram o meio de transporte automobilístico, no entanto, eles usaram para fins profissionais e como fonte de renda.

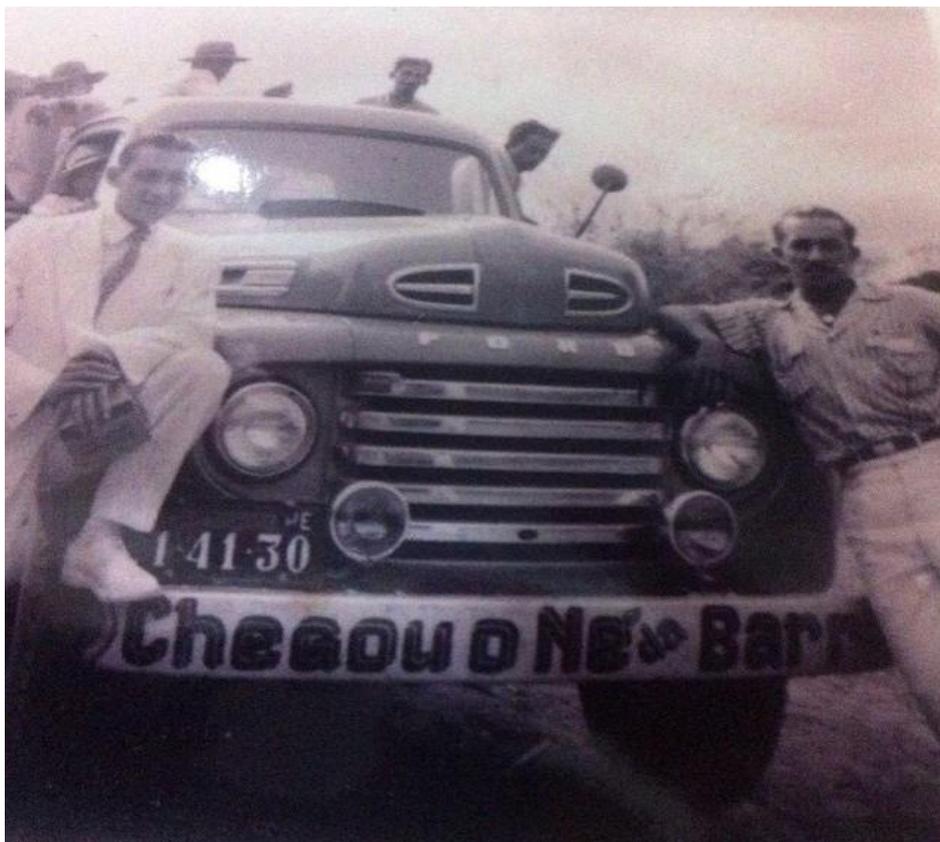


Imagem 53: Seu Né da Barra e o seu caminhão Ford (Fonte: Farol de Notícias)

A imagem 53 foi feita nos anos de 1950 é do comerciante Manoel Andrade Magalhães, o Seu Né da Barra, falecido em maio de 2015, tendo ao lado o seu caminhão Ford. Seu Né, a direita do caminhão, foi um dos primeiros caminhoneiros serra-talhadenses a rodar por várias regiões do país, transportando mercadorias e também pessoas. Vale lembrar que na época o trem ainda não havia chegado a cidade e por isso os caminhões cumpriram importante papel no transporte de pessoas e de mercadorias.

Seu Né deixou uma prole de 12 filhos, 20 netos e 10 bisnetos. Seu Né da Barra é era um cidadão bastante popular na cidade, os que conheceram intimamente falam do seu bom humor. Segundo o empresário do ramo imobiliário, Mario Olimpio “quem teve o privilégio de conhecer e conviver com o Seu Né da Barra, não tem dúvidas: ele era realmente uma pessoa iluminada e brilhante e tinha o sorriso permanente estampado no rosto”. Esse bom humor bode ser notado na frase que ele estampava no para choque do caminhão: Chegou o Né da Barra.

A imagem a cima foi feita em alguma estrada da zona rural, não sabemos afirmar se ela foi tirada em alguma área do espaço geográfico pertecente ao

município. Porém, visto que existem arbustos com características da vegetação catingueira, podemos dizer que a imagem foi captada em meio ao Sertão. Na em cima da carroceria do veículo e possível ver um grupo de pessoas, alguns posam para o fotografo, outros preferem ficar de consta. Provavelmente esse grupo era de passageiros de Né da Barra, não sabemos o destino dos passageiros, se estavam retornando para casa, indo fazer compras na cidade ou viajando para a outra cidade. Infelizmente não conseguimos identificar o senhor de paletó e gravata que está do lado esquerda da cabine do caminhão, a sua identificação talvez ajudasse a dar mais detalhes os destinos dessa viagem. Diferente de Né Barra, outro grupos sociais possivelmente podem ter usados o automóvel para ostentar a posição que ocupava na sociedade ou simplesmente para se divertir.



Imagem 54: Grupo de Jovens serra-talhadenses posando junto a um automovel (Fonte: Site Farol de Notícias)

Na imagem 54, feita na década de 1950, vemos um grupo de jovem posando ao lado de um automóvel da época. A maioria dos jovens tinha origens em clãs familiares tradicionais que vem desde a origem da cidade até os dias atuais. Os rapazes posam para foto cheiros de bom humor, todos bem vestidos e um deles não se contem e sobe no teto do automóvel. Naquele período, possuir um carro em

cidade do interior representava muito para as pessoas. Era a expressão do luxo e do conforto, que alguns poucos privilegiados tinham, enquanto a grande maioria fica apenas a observar. Os rapazes que posaram na foto eram, da esquerda para direita: Carlos Godoy, com a chave do carro; João de Sindário, em cima do teto do carro; Clóvis de Sindário; Orlando Carvalho; Gilberto Godoy, em pé; Paulo Godoy e Amadeus Dantas (filho de Zé Dantas). A maioria deles seguia a carreira no ramo empresarial, outros viraram produtores agrícolas e outros pequenos comerciantes. Segundo o IBGE (1958), em 1957 existem em Serra Talhada, 22 automóveis, 8 jipes 6 caminhonetes e 73 caminhões todos com registro na repartição competente¹¹¹.

Foi na trilha da modernidade que foi construído o campo de pouso municipal, inaugurado no mesmo dia do Hospital Regional, 02 de setembro de 1941, pelo então interventor federal Agamenon Magalhães. O campo de pouso foi construído um ano depois de uma visita feita pelo interventor a cidade, que na oportunidade enfrentou uma viagem de carro entre Recife e Serra Talhada, que durou dois dias. Podemos então supor que o desgaste da primeira viagem estimulou Magalhães a dar as ordens para a construção da pista, visto que ele tinha muitos objetivos políticos em Serra Talhada, principalmente em torno da Estação Experimental da Fazenda Saco e também sobre o desenvolvimento e a produção do algodão mocó, e para isso, o transporte aéreo era a forma mais rápida e confortável de se chegar a região sertaneja.

¹¹¹ Serra Talhada (PE). In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 18. p. 276-279. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_18.pdf. Acesso

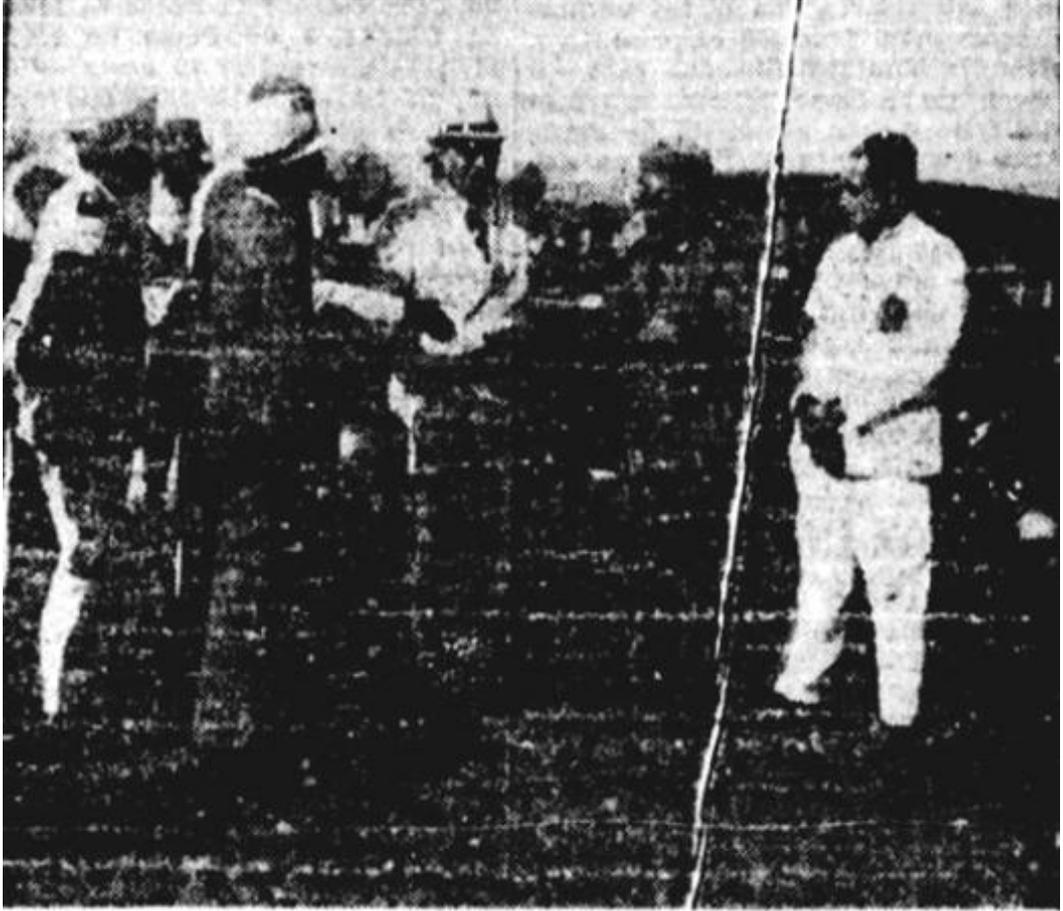


Imagem 55 – A imagem do dia em que o primeiro avião pousou em Serra Talhada (Fonte: Diário de Pernambuco

Conforme a imagem 55, que é de baixa qualidade, publicada no Diário de Pernambuco, o primeiro avião a pousar em Serra Talhada foi pilotado pelo Capitão Teofoli Ontoni, na comitiva o General Mascarenhas de Moraes e o interventor Agamenon Magalhães (ao centro e usando óculos e chapéu). A aeronave aterrissou na cidade às 10 h da manhã, do dia 02 de setembro de 1941, pouco tempo depois outro avião com representantes do governo federal vindos do Rio de Janeiro também pousou no campo. Segundo a reportagem do Diário de Pernambuco da época, cerca de cinco mil pessoas marcaram presença na inauguração.

No entanto, em 21 de dezembro de 1944, os jornais da capital, Diário da Manhã, Jornal Pequeno e o Diário de Pernambuco, noticiaram que no dia anterior havia ocorrido a inauguração do aeródromo de Serra Talhada, o evento com a participação do interventor federal Agamenon Magalhães e do Brigadeiro Eduardo Gomes. O Diário da Manhã (1944) publicou detalhes do aeródromo, “a pista possui mil metros de extensão por cento e vinte de largura, e distante da cidade apenas 5 minutos, foi feita pelo Estado com a cooperação da Aeronáutica”.

O Jornal Pequeno (1944) no seu texto fez uma importante referência sobre o significado do campo de pouso no aspecto do desenvolvimento da cidade, “esse melhoramento confere a Serra Talhada uma situação verdadeiramente notável, ampliando os horizontes do seu desenvolvimento, já de ser bastante acentuado pela realização das obras públicas cujo vulto é contestável”. Mesmo tendo sido inaugurado duas vezes, infelizmente não encontramos registros de imagens de nenhum dos dois momentos. O que conseguimos foi uma fotografia, datada de 11 de setembro de 1950, que registra a reação popular antes do embargo de Agamenon Magalhães - então em campanha para o governo de Pernambuco - provavelmente tendo o Recife como destino do voo.



Imagem 56: Avião do Governador Agamenon Magalhães antes da decolagem para a capital (Fonte: Casa da Cultura de Serra Talhada)

A imagem 56 representa o momento do embarque da maior liderança política do estado. O então candidato a governador de Pernambuco, Agamenon Magalhães, ex-deputado federal e ex-ministro do governo Vargas (1930-1945), deixava a sua terra natal de forma pomposa, já que eram raras as vezes que alguém aterrissava na cidade em um avião, e evidentemente, o acontecimento mexia com a curiosidade da população, a começar pelo barulho produzido pelo motor da aeronave ao sobrevoar a cidade, elevando os olhares dos serra-talhadenses para o céu na busca de ver o avião, principalmente as crianças.

Agamenon deixava a cidade após uma série de eventos políticos que tiveram início com a sua chegada em 05 de setembro. Certamente o período foi escolhido por ser o mês da realização do novenário da padroeira da cidade. A festa da padroeira é o maior evento religioso, cultural e social da cidade e também de toda a região do Sertão do Pajeú. Magalhães acabou sendo o mais votado na cidade e também foi eleito governador naquele ano. Menos de dois anos depois da data do registro fotográfico Magalhães veio a falecer em Recife.

A aeronave acabou sendo cercada por uma multidão de curiosos, alguns se mantiveram a distância, o que pode se dar a impressão de que eram meros observadores. Outros mais curiosos se aproximaram da aeronave certamente para verificar a estrutura da máquina moderna que voava. A fotografia demonstra como a chegada ou saída de um avião mobilizava atenção e a curiosidade das pessoas, mesmo que a imensa maioria dos moradores da cidade não tivesse acesso a esse

tipo de transporte. Por outro lado, a construção da imagem de Agamenon Magalhães como um político empreendedor e populista se consolidou na cidade e no estado, principalmente após a sua morte em 1952. A imagem parece nos mostrar que obras modernizadoras como a que vemos atraem e constroem uma relação de identificação entre o seu executor e aqueles que dela se beneficiariam, mesmo que venha a ser de forma indireta.

Seu Madeira (2017) é uma das poucas pessoas a ter visto vários aviões chegarem a Serra Talhada. Segundo ele, em alguns momentos havia certa restrição a proximidade da população com os aparelhos: “quando chegava um avião era muita gente esperando. Tinha uma cerca de arame e a polícia não deixava ninguém encostar (no avião) com medo de alguém fazer alguma presepada, mas ninguém nunca fez nada”. O relato de Seu Madeira contradiz a imagem, porem, é importante lembrar que Agamenon Magalhães estava em campanha era um político experiente, e nada é mais interessante nesses momentos do que o contato com o povo.

As autoridades buscavam embelezar os espaços públicos e construir novas áreas que atraíssem e distraíssem os seus moradores, ao mesmo tempo em buscavam equipamentos modernos só existentes na capital, a exemplo do avião. Parte desse processo foi registrado pelos fotógrafos, que em muitos momentos conseguira captar a presença da população, criando a sensação de que a presença de grupos numerosos de pessoas poderia indicar que toda essa modernização tenha passado pelo crivo ou que representava o real desejo da maioria da população, que muitas vezes conviviam com vários problemas sociais.



Imagem 57: Anúncio publicitário da empresa AERONORTE (Fonte: Diário de Pernambuco)

Em meio à pesquisa descobrimos que uma empresa aérea disponibilizou vôos que saíam da capital Recife, em direção ao interior de Pernambuco, entre as cidades que constava no roteiro estava Serra Talhada. A idéia da comercialização de vôos entre a capital e o interior era uma idéia antiga, segundo o Jornal Pequeno (1941), uma comissão de diretores da do Aero Clube de Pernambuco fez uma reunião com o interventor Agamenon Magalhães, com objetivo de obter apoio financeiro para a compra de 15 aeronaves que pudessem se movimentar por todo o Estado, inclusive por Serra Talhada.

Segundo o Jornal, “o Sr. Manoel de Brito passou a descrever a sugestão do Sr. Manoel Leão, no sentido de que todas as classes colaborem para maior êxito do movimento. A firma Pinto Alves & Cia, financiará a aquisição dos aparelhos, mas estes serão sustentados pelos industriais, os banqueiros e bancários, as empresas de transportes, ferroviário, transviario, luz e força; exportadores; casas de estiva em

grosso e a retalho; comercio e fazenda e a colônia portuguesa, todos contribuindo e da tal forma que cada organização dará um avião ao aero clube”. A idéia de unir o Estado através dos ares acabou não vingando, por que a maioria das empresas citadas inicialmente acabaram não topando bancar as despesas com a comprar dos aviões e projeto acabou não vingando.

Menos de uma década após a tentativa do Aero Clube de Pernambuco, a AERONORTE fez uma forte campanha publicitária com vários anúncios diários, conforme a imagem 57, nos principais jornais do Estado, durante mais de quatro meses, entre 1950 e 1951. A AERONORTE encerrou as suas atividades no ano de 1953, após perder uma concorrência publica para a subvenção do Estado para a compra de novas aeronaves.

Segundo o Jornal Pequeno (1954), a empresa conseguiu a concessão publica para comercializar dos vôos para o interior sem o mínimo ônus para os cofres públicos. Ainda o Pequeno (1954), propôs a compra de novas aeronaves de maior porte do tipo, Douglas, mediante subvenção do governo do Estado, pois tais aviões, mais possante e aviões e confortáveis, assim exigiam. Foi então aberta uma concorrência publica que foi vencida pela Companhia Real de Transportes Aéreos.

O detalhe é que a empresa vencedora deixou de viajar para o interior e ainda exigiu a imediata retirada da rota do interior. O resultado é que as cidades de Arcoverde, Serra Talhada e Salgueiro ficaram sem vôos comerciais ate os dias de hoje. Apesar dos esforços durante a pesquisa, ninguém foi encontrado para falar sobre a empresa AERONORTE, assim como imagens de pousos ou decolagens de aviões bimotores que pertenciam à empresa.



Imagem 58 – Imagens dos pilotos e tripulantes e do avião bimotor da FAB danificado (Fonte: Correio da Manhã do Rio de Janeiro, 1958)

Além da empresa aérea que disponibiliza vôos, descobrimos em meio à pesquisa que outros fatos curiosos ocorreram envolvendo aviação aérea na cidade. Um deles está na imagem 58, e se trata de um acidente no campo de aviação de Serra Talhada, noticiado pelo jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, na edição de 11 de janeiro 1958, o episódio envolveu um avião bimotor da FAB, prefixo 1371, tripulado pelo capitão-aviador Hugo Martins da Fonseca, e os tenentes Lobato, Jeová, Mendonça e tendo como passageiro o capitão-aviador Saturnino. No acidente o avião ficou completamente danificado poucos metros além da pista de aterrissagem. Segundo o jornal Correio da Manhã (1958), “o aparelho se destinava a Natal e fora deixar o capitão Saturnino no interior. O comandante Hugo Martins, somente depois de dar início ao pouso, constatou que a pista era insuficiente. Procurou frear o avião, não o conseguindo, entretanto. O 1371 cruzou todo o campo e foi cair num despenhadeiro no término da pista. Ficou completamente danificado, mas todos os tripulantes (e o único passageiro) escaparam ilesos¹¹²”.

Outro fato que merece registro, ocorreu durante a realização da Festa do Algodão, quando na oportunidade surgiu a idéia da fundação do Aero Clube de Serra Talhada. A reportagem foi publicada pelo Jornal Pequeno (1953):

¹¹² Jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, dia 11 de janeiro 1958.

[FUNDADO O AÉRO CLUBE DE SERRA TALHADA - SERRA TALHADA – (de Afonso de Ligorio enviado especial do JORNAL PEQUENO) - Aproveitando a estada nesta cidade de uma comitiva de personalidades influentes na vida do país, por ocasião da Festa do Algodão, o Sr, Mario Pena, que é o responsável pelo soerguimento do Aéreo Clube de Pernambuco e grande entusiasta da aviação civil, organizou uma rápida reunião entre senadores, deputados e pessoas outras, apresentando as bases para a fundação do Aero Clube de Serra Talhada. A proposta foi imediatamente aceita, tendo o senador Assis Chateaubriand prometido doar o primeiro avião de treinamento para o futuro clube aéreo. Foi escolhido para primeiro presidente do novel aero clube o medico Jose Alves de Carvalho.]

Infelizmente o Dr. José Alves de Carvalho, como presidente do Aero Clube, já faleceu, e nenhum dos seus filhos sabem informar sobre essa reunião ou sobre se de fato Assis Chateaubriand doou o avião citado na reportagem. Face esses episódios aqui descritos através de informações dos jornais da época, que vários são os fatos desconhecido da historiografia e também da memória coletiva da cidade, sejam eles de eventos políticos, culturais, sociais, esportivos e até sobre a história da aviação na cidade. É importante registrar que ate o final de 2017 e o início de 2018 a cidade voltará a receber vôos comerciais, que serão realizados pela empresa aérea Azul.

No curso do processo de modernização, a chegada dos primeiros aviões a cidade representou um avanço significativo, mesmo o acontecimento sendo festejado por muitos populares, o transporte aéreo serviu apenas para projetar a classe política e os produtores de algodão que viviam a época a sua fase áurea. Nesse momento, Serra Talhada, já era uma cidade promissora, sendo um importante entreposto político e comercial do Sertão, ainda mais sendo uma das principais vias de ligação entre os Estados da Bahia e Paraíba, e das do Recife e Teresina, Piauí, via a estrada central, posteriormente asfaltada e denominada de BR – 232, por onde trafegavam automóveis de pequeno porte, ônibus e caminhões.

Em meados da década de 1950 a cidade já era conhecida pela produção do algodão mocó e já contava a presença de duas grandes empresas do algodoeiro, a Anderson Clayton e a SAMBRA, a duas poderosas indústrias geravam empregos e movimentava a economia da cidade. Comércio varejista também já se destacava, sem contar com as transações comerciais realizadas inclusive durante feira livre

semanal, realizada tradicionalmente as segundas-feiras. A feira livre era dividida por setores, havia a feira do peixe, de animais, da farinha, das frutas, de roupas, etc. Cada “dono de banca”, apelido como eram conhecidos os autônomos e feirantes, ocupavam o mesmo espaço religiosamente a cada semana.

A fotografia abaixo retrata um pouco desse momento econômico vivido na cidade. Estamos na década 50, na Praça Sergio Magalhães, onde podemos perceber a existência de um estabelecimento comercial que funcionava como mercearia, depósito de compra e venda de algodão e como posto de gasolina.



Imagem 59: Casa Nunes, de propriedade de Miguel Nunes de Sousa, popularmente conhecido Dezinho Nunes (Fonte: Casa da Cultura de Serra Talhada)

A Casa Nunes pertencia a um comerciante que também era político, chegando a exercer os cargos de vereador e de vice-prefeito da cidade. No centro da imagem 59, é possível perceber a presença de dois homens vestidos de ternos brancos e gravatas ao lado da entrada principal do estabelecimento, que podem sinalizar que eram clientes preferências ou parentes próximos do proprietário, nas portas laterais outros homens, como vestes mais simples e que podem ser clientes, além crianças. Pela dinâmica das pessoas é possível dizer que se trata de uma foto posada.

Em conversa informal com o autor, o engenheiro civil Genildo Nunes, filho de Miguel Nunes de Souza, confirmou que a foto é do estabelecimento do seu pai e de

que ele, assim como outros funcionários do comércio e uma funcionária, pousaram para a foto. Ele também revelou que os dois caminhões pertenciam ao seu pai. Enviamos um questionário com perguntas ao engenheiro, no entanto, a ter o presente momento ele não respondeu.

À direita da foto temos um dos caminhões com a carroceria cheia de sacos de produtos e de algumas mercadorias encaixadas, um homem sentado sobre os sacos veste roupas simples, o que pode indicar que seja funcionário do comércio. Muito possivelmente o homem estava carregando ou descarregando de mercadorias. À esquerda temos o outro caminhão, só que com a carroceria vazia, sendo que ao lado temos um grupo de pessoas, entre elas crianças, que por estarem próximos a cabine do automóvel pode indicar que fossem a família do motorista. No entanto, durante a pesquisa foram analisadas algumas fotos e também o busto de Seu Dezinho Magalhães, que fica em uma praça da cidade, e ao que tudo indica, ele seria o senhor que está com o pé direito apoiado no pára-choque e tocando com a mão direita o capô do caminhão, demonstrando simbolicamente ser o proprietário do veículo.

É importante destacar que o ponto comercial também funcionava com um posto de gasolina, e uma estrela, símbolo da empresa petrolífera Texaco, aparece à esquerda do prédio o que vem a confirmar a informação. Desta forma, podemos crer que a Casa Nunes funcionou como um dos primeiros postos de gasolina da cidade.

Vários símbolos diferenciam o trabalhador, os homens, a mulher e as crianças, retratadas na imagem. As vestimentas, o local onde cada personagem se encontrava, serve como um diferencial simbólico, uma vez que marca a sua posição entre as demais pessoas retratadas. Os homens na porta principal do comércio se assemelham: as suas roupas e os seus chapéus são muito parecidos. Atentemos para a posição dos pés sobre os degraus dos batentes da entrada. A imagem deixa a entender que esses homens possuíam algum tipo de poder, seja econômico, político ou social.

Os dois veículos, simbolização ascensão econômica do empresário e a forma como as riquezas eram ostentadas pelas elites locais. Os veículos que transportavam a produção agrícola e outros produtos indispensáveis para a

população, também era o meio de transporte das famílias, muitas vezes donos de fazendas e que controlavam os meios de produção e de distribuição de mercadorias contado desta forma com o conforto e a segurança de um veículo de grande porte.

Lógico que não surpreende o fato da existência de um empreendimento comercial repercutisse positivamente na economia da cidade, contribuindo para a criação de outras atividades capazes de atender às demandas por bens e serviços, a exemplo do homem simples que está sentado nos sacos da carroceria do caminhão. A prosperidade vivenciada em Serra Talhada certamente desencadeou movimentos imigratórios de populações vindas da zona rural, assim como de outras cidades vizinhas, já que Serra Talhada fica localizada no centro geográfico de Pernambuco e é a segunda cidade mais importante do Sertão do estado, por isso, muitas pessoas buscavam na cidade moderna, novas possibilidades, entre elas, a de um trabalho.



Imagem 60: Comércio do Coronel Cornelio Soares (Fonte: Casa da Cultura de Serra Talhada)

A foto (60) em destaque é da loja do Coronel Cornélio Soares, líder político e um dos maiores produtores de algodão da cidade, ele também ocupou a posição de preposto da SANBRA ate o ano da sua morte em 1955. A *Attractiva* ficava então na Rua João Pessoa, podemos ver que se vendida de tudo: miudezas, tecidos,

calçados e chapéus. Na frente da loja percebemos a presença de crianças de superiorio e roupas em tons de preto e branco, o que indica um especie de farda. Homens bem vestidos e outros com roupas mais simples compoe a foto, o que pode indicar que o comercio era bastante popular. A porta aberta da empresa deixa a impressão de que todos os presentes eram bem vindos, de lá saíram, como se a empresa fosse a sua casa, isso por que lá também por o local funcionava com o ponto de encontro para o debate e encontros político. Em épocas de seca os flagelados procuravam o comercio e a casa do coronel para pedir ajuda.

Segundo o IBGE (1958), o município de Serra Talhada em 1957, possuía 46 estabelecimentos industriais, ocupando 255 pessoas¹¹³; 24 estabelecimentos do comercias varejistas; uma agência Banco do Brasil e uma cooperativa de crédito; uma agência dos Correios e Telégrafos. Também existiam alguns profissionais liberais e agentes públicos, que segundo o IBGE eram: 3 engenheiros, 1 advogado, 4 agrônomos, 1 veterinário e 9 vereadores¹¹⁴.

Foi diante desse cenário que finalmente o trem chegou a Serra Talhada, com grande expectativa por parte do comércio e da própria população. Porém, para entender um pouco obre o que levou o trem a chegar de forma tardia, é preciso que se faça uma retrospectiva histórica. Nesse sentido, Berlamino Neto (2004), afirma que o atraso de se deve a fatores políticos, principalmente quando a *Great Western*¹¹⁵, dirigida pelos ingleses, nos meados do século XX, em consequência das

¹¹³ Serra Talhada (PE). In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 18. p. 276-279. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_18.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2017. p. 277.

¹¹⁴ Serra Talhada (PE). In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 18. p. 276-279. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_18.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2017. p. 278.

¹¹⁵ *The Great Western of Brazil Railway Company Limited* foi uma empresa ferroviária inglesa que construiu e explorou ferrovias no Nordeste do Brasil. Alguns capitalistas ingleses criaram, em Londres, em 1872, uma companhia que se destinava a construir ferrovias no Brasil, espelhando-se na Great Western Railway Company, criada em 1835, e que fazia a ligação Liverpool–Bristol a Londres. Seu funcionamento no Brasil foi autorizado em 1873, quando conseguiu a concessão para construir uma ferrovia em Pernambuco que ligaria o Recife a Limoeiro. Em 1881 iniciou o funcionamento, com a conclusão do primeiro trecho (Recife–Paudalho). Em 1896 construiu a ferrovia Recife–Caruaru e no início do século XX, arrendou as demais ferrovias do estado. Construiu prolongamentos de linhas já existentes, por exemplo, o trecho entre Tacaimbó e Afogados da Ingazeira na Linha Centro do estado de Pernambuco. Em 1945 a Great Western possuía mais de 1.600 km de ferrovias, alcançando outros estados do Nordeste. Já em 1951 encerrou suas atividades no Brasil, sendo sucedida pela Rede Ferroviária do Nordeste, antecessora da Rede Ferroviária Federal S. A. (RFFSA). A Great Western fazia o transporte de passageiros e cargas, ajudando a escoar os produtos agrícolas do interior de Pernambuco e do Nordeste. Em 1953 a sua sucessora, a RFN, adquiriu junto à English Electric treze locomotivas diesel-elétricas do tipo EE RFN, iniciando a dieselização de suas linhas.

campanhas chamadas nacionalistas, a empresa caiu em mãos do Governo brasileiro, passando a se denominar “Rede Ferroviária do Nordeste”, que os sucessivos governos, dando preferência aos transportes rodoviários para cargas e passageiros, começaram a descurar dos caminhos de ferro, desativando as linhas da Rede Ferroviária, sucateando e deixando que se depredassem as estações e instalações da empresa, que tanto dinheiro tinha custado ao povo.”¹¹⁶

O trem chegou ao Sertão pernambucano em 13 de maio de 1912, na cidade Rio Branco (atual Arcoverde), ficando na cidade a cabeça da linha férrea durante anos. Somente em 1957, 45 anos longos após a chegada ao Sertão, enfim o som do apito do trem ecoou em Serra Talhada. O curioso desta da trajetória que levou o trem a chegada à cidade, é o fato de que ¹¹⁷a distância entre Arcoverde e Serra Talhada é de apenas 155 Km. Por questões política a linha férrea fez uma curva em direção Sertânia, cidade que faz divisa com a Paraíba e terra natal de Etelvino Lins (PSD), e depois retornou para o Pajeú, passando pela cidade de Afogados da Ingazeira, cidade do Monsenhor Arruda Câmara - outra importante liderança do PSD -, posteriormente chegou a Flores e finalmente a Serra Talhada, após o percurso ter sido aumentado em mais 200 km a distância, em relação ao trajeto original. No entanto, Berlamino Neto (2004), atribui à eficiência e idoneidade da nova empresa responsável pelo aceleração da obra.

“A firma empreiteira do trecho que atingiria Flores e avançaria rumo a Calumbi e Serra Talhada, era a Empresa Construtora Camilo Collier (ECCC), idônea e sólida, dirigida pelo Engenheiro francês Camilo Collier, secundado por seu filho o Dr. Luiz Collier e outros capazes engenheiros e funcionários, que todos deixaram, naqueles sertões e em meio daquele povo simples, a agradável sensação do respeito e da seriedade tão bem merecidos por aquela Construtora”.

Fica evidente que nesse caso da construção da linha férrea, a sucateamento das empresas públicas beneficiou a iniciativa, que lucrou bastante com a obra. Ou seja, naquele período já se via a intenção dos governos de privatizar a rede

¹¹⁶ NETO, Berlamino de Souza. Flores do Pajeú: histórias e tradições. Recife: Print, 2004.

¹¹⁷ Além de religiosos ele foi deputado federal e estadual.

ferroviária. Na verdade o que aconteceu ao longo do tempo foi abandono da RFSA por parte do governo federal.

Nesse curso do processo moderno que atingia os meios de transporte, há que se destacar também a chegada do trem, que em relação aos demais, ocorreu de forma tardia. Inauguração da linha férrea – que não maioria das cidades ocorreu antes dos campos de pouso ou aeroportos - que foi outro grande passo dado no sentido de colocar a cidade em outro patamar, uma situação deferente da do início do século. Para Gomes (2015) um dos fatores que pressionou a conclusão da linha férrea fora os fatores econômicos e políticos:

“Não há como negar que o ciclo do algodão foi o fator determinante para a chegada do trem em Serra Talhada. Diante da necessidade de escoamento da grande produção do chamado “ouro branco”, fazia-se necessário a utilização de um meio de transporte rápido e econômico. Apesar disso é preciso que se diga que o fato de Agamenon Magalhães ser filho de Serra Talhada, foi um atenuante nesse processo. Desta forma, o trem acabou se tornando a melhor alternativa, tanto para o transporte de mercadorias e da produção agrícola, bem como para a locomoção da população para outras cidades, principalmente para a capital”¹¹⁸.

Esses fatores relacionados por Gomes ficaram bem representados no dia inauguração da Estação, que contou presença dos filhos de Agamenon Magalhães, representante do Governo Federal, o Governador de Pernambuco, o Prefeito da cidade, os representantes da Cooperativa de Produtores de Algodão de Serra Talhada e os engenheiros da Empresa Construtora Camilo Collier.

¹¹⁸ GOMES, Paulo Cesar. Histórias Perdidas (Serra Talhada). Um resgate da memória esquecida da cidade através de textos, fotografias e depoimentos. 1. ed. Olinda: MXM Gráfica e Editora, 2015. p.51.

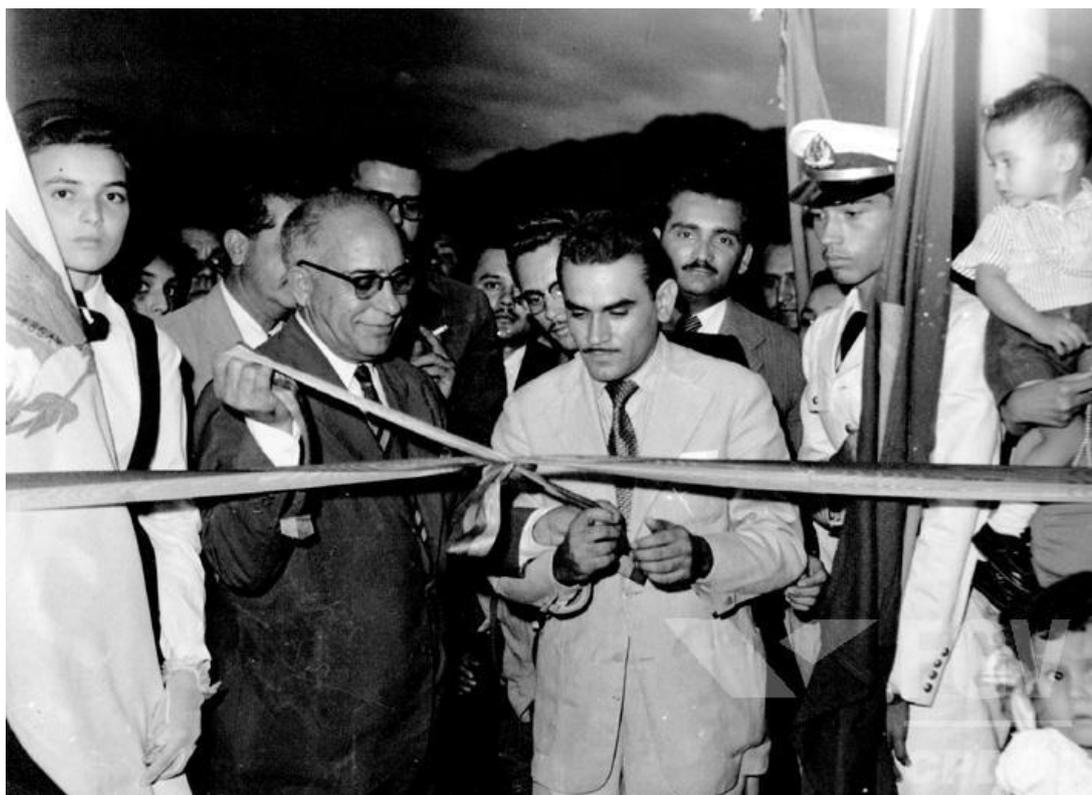


Imagem 61: Inauguração da Estação Ferroviária de Serra Talhada (Fonte: FGV/CPD)

A imagem 61 é uma foto raríssima do momento em que foi simbolicamente desentrançada a fita que deu por inaugurada a estação ferroviária de Serra Talhada. O registro não é conhecido por pesquisadores, escritores ou está exposto em algum museu e graças a essa pesquisa essa imagem veio à tona, em meio a centenas de fotos do arquivo da FGV/CPD. Os fatores que nos ajudaram a identificar a foto, já que a mesma não se encontra em um arquivo específico ou data, foi a silueta da serra ao fundo e a presença do então prefeito Luiz Lorena, com o seu tradicional bigode, a direita e atrás do representante do governo federal, Cleanthon de Paiva Leite, que junto com o Governador, o General Osvaldo Cordeiro de Farias, desentrançada a fita. Nos extremos dos portões que dão entrada espaço que dar acesso área de embarque e desembarque, percebemos a esquerda uma jovem segurando a bandeira de Serra Talhada, e a direita, dois jovens segurando as bandeiras do Brasil e de Pernambuco. Próximo as autoridades identificamos duas crianças em uma posição privilegiadas em relação a outros personagens. Uma criança que do colo de uma Senhora acompanha atentamente a cerimônia, mesmo sem ter a mínima compreensão do que está acontecendo, já a outra criança, foca o olhar nas lentes da câmara, as presenças captadas pelo fotógrafo, da um tom mais

suave a imagem. Porém, essas duas crianças e a senhora que não aparece na imagem, podem se tratar dos netos de Agamenon, Armando Monteiro e Eduardo Monteiro, filhos de Maria do Carmo Magalhães de Queiroz. Segundo o Diário de Pernambuco, de 10 de fevereiro de 1957, página 05, a filha do falecido interventor estava com o marido, o deputado Armando Monteiro Filho, e os filhos no momento em que foi cortada a faixa da inauguração.

Durante a solenidade, chamou a atenção o desabafo feito pelo Prefeito Luiz Lorena, que criticou o fato de que o trem já deveria ter chegado à cidade há muito tempo. Não encontramos ninguém que pudesse comentar a repercussão do discurso do prefeito, mesmo assim, se faz necessário transcrever um trecho importante da fala de Luiz Lorena, em 07 de fevereiro de 1957:

“Com efeito, este contentamento, esta alegria, trazidos aos corações dos sertanejos incultos e presos à gleba, trarão aos espíritos dos homens mais avisados, aos espíritos dos que lêem e viajam, aos espíritos dos que conhecem o mundo exterior, revolta, indignação. Sabemos, todavia, que o Brasil é um país adulto. E somente agora em pleno meado do século XX, 457 anos depois de sua descoberta vêm-se de inaugurar em Serra Talhada, a Estrada de Ferro Central de Pernambuco. Côm é sabido por todos nós, ela sem foi indispensável, imprescindível para o desenvolvimento econômico e demográfico da região. Retardaram demais a nos trazer esta grande conquista. Não queremos responsabilizar, por isso, os atuais dirigentes da Nação. Todavia, é necessário que se diga, para evitar que essa gente incauta que me houve, não fique a pensar que estamos recebendo tudo aquilo de que necessitamos para evoluirmos, crescermos. Gente de minha terra, o trem, afinal de contas, chegou à Serra Talhada. O pior seria não chegar. Mas não representa de progresso e de economia o que representaria se houvesse inaugurado pelos menos 30 anos atrás, o tempo normal para a execução desta grande obra.”¹¹⁹

Naquela tarde o governador Cordeiro de Farias inauguração um trecho de 46.780 km, que liga a cidade Flores a Serra Talhada. Segundo o Diário de Pernambuco (1957), descreve a estrutura do novo trecho da linha férrea, “o novo trecho construído, no qual se encontram seis pontes, duas paisagens superiores e 64 edificações, tendo sido assentados 93.560 metros de trilhos, tem o seu posto terminal, provisoriamente, em Serra Talhada. A obra continuou até a ter chegar ao seu ponto final, na cidade de Salgueiro, em 1965. Após a cerimônia de inauguração,

¹¹⁹ LORENA, Luiz. Serra Talhada. 250 anos de história. 150 anos de Emancipação política. Serra Talhada: Sertagráfica, 2001. p. 343-344.

a prefeitura municipal serviu um jantar no Ginásio Municipal para todos os convidados.

Várias são os registros da inauguração da estação da cidade. No entanto, pouco se conhece sobre a existência de duas outras, uma que ficava localizada na zona rural da cidade, denominada Felipe Camarão¹²⁰, a cerca de 26 km do centro, na Fazenda Barra do Exu, que pertencia ao ex-prefeito Francisco Alves da Fonseca Barros, o Coronel Chico Alves, posteriormente passou a ser administrada por Antônio Alves de Nogueira (Tota Alves). Este acabou vendendo a propriedade ao ex-deputado João Falcão Ferraz, que era casado com Ana Lúcia Nogueira Ferraz, sobrinha de Tota Alves. A outra denominada de Vidal de Negreiros¹²¹, localizada a 33 km do centro da cidade. As duas estações seguem as mesmas estéticas arquitetônicas das demais que estão espalhadas pelo estado. Gomes (2015) estranha a construção de duas estações na zona rural de uma pequena cidade, “o que mais chama atenção nessa história é o que levou o governo estadual a construir estações no meio do nada.” No entanto, o historiador aponta a produção agrícola e a política como possibilidade para a construção das estações. “O que se pode compreender é que a região era uma grande produtora de grãos e que as famílias possuíam uma grande influência política para terem conseguido tal feito”¹²². A verdade é que Serra Talhada é única cidade do interior de Pernambuco a ter três estações, apesar de hoje estarem todas desativadas.

¹²⁰ Índio que compôs a linha de frente das tropas brasileiras durante a insurreição pernambucana.

¹²¹ Militar e governador colonial português, nascido na então colônia do Brasil, conhecido principalmente por ser um dos líderes da Insurreição Pernambucana, movimento que lutou contra a colonização holandesa no Brasil (1624-1654).

¹²² GOMES, Paulo Cesar. Histórias Perdidas (Serra Talhada). Um resgate da memória esquecida da cidade através de textos, fotografias e depoimentos. 1. ed. Olinda: MXM Gráfica e Editora, 2015. p.52.



Imagem 62: Inauguração da estrada de ferro em Serra Talhada, em 07 de fevereiro de 1957 (Fonte: Casa da Cultura de Serra Talhada)

A imagem 62 nos mostra que a estrutura da estação era composta por prédio central e por mais quatro grandes depósitos (armazéns). Na imagem o grupo formado por homens de farda branca são os músicos da Filarmônica Vilabelense, que estão na plataforma recebendo as autoridades que chegaram na primeira viagem de um trem em direção à cidade. O embarque foi na cidade de Flores, onde havia ocorrido a inauguração da estação de lá. No entorno da estação é possível perceber uma grande multidão formada por homens, mulheres e crianças.

Enquanto um grupo de senhores de paletó e chapéus pretos ocupam um lugar de destaque em cima da plataforma, sendo vistos por todos os presentes, já que estão no centro da imagem e ao lado da locomotiva, tendo ao lado a centenária Filarmônica Vilabelense, com seus músicos trajados de branco. A grande maioria dos presentes ficam no entorno como se formassem um ciclo periférico. Nesse sentido podemos dizer que os homens de paletó e chapéus pretos próximos a locomotiva são as autoridades, os poderosos, os ditos “protagonistas” do evento, ao mesmo tempo, em que os demais presentes estavam ali atraídos pelos

equipamentos modernos – já que os populares também tinham vontades e desejos – ou apenas por curiosidade.

Entretanto, a partir de tais relatos é possível perceber o impacto que o trem de ferro causa no imaginário dos serra-talhadenses, a estação ferroviária torna-se um ponto de novas sociabilidades, um local para onde afluem: senhoritas, cavalheiros e rapazes a fim de assistirem a chegada do trem. Nessa perspectiva as imagens literárias, como também os testemunhos memórias e demais indícios que acenam para a presença do trem de ferro, nessa ou naquela cidade ou povoado, nos dão mostra da grande importância que as estações ferroviárias passam a representar no universo de cada localidade onde é instalada, tornam-se “espécies de portas abertas para o mundo”.

“Os trens que aportam nessas estações – trazendo ou levando pessoas e objetos, além de boas ou más notícias, ou simplesmente notícias, não esquecendo de sonhos a realizar ou desfeitos – tornam-se canais por meio dos quais essas estações se constituem enquanto espaços de intensa sociabilidade, convergindo para elas praticamente todos os interesses da coletividade em seus laços com o mundo exterior, sejam econômicos, políticos, afetivos, etc. (ARANHA, 2006, p.75)”¹²³

Diferente desse contexto, Seu Madeira (2017), que naquele ano ocupava o cargo de vice-prefeito da cidade, descreve a chegada do trem a cidade e a postura da elite local de forma diferente: “a chegada do trem foi bom demais. Eu tava lá! O primeiro trem vinha do Recife, vinha só com passageiro. Quem mais usava o trem era o povo mais simples, os burguês só andavam de automóvel (viagem para outras cidades)”. As palavras de Madeira encontram sintonia com as de Souza Neto (1957), que em um texto escrito para o Diário de Pernambuco, denominado de “Suplícios Modernos”, no qual faz duras críticas “a falta de conforto” e nas “péssimas qualidade dos serviços” oferecidos pela empresa responsável pelos trens:

¹²³ ARANHA, Gevácio Batista. Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880 – 1925). IN: DO Ó, Alarcon Agra, e SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa (orgs). et. al. A Paraíba no Império e na República: estudo de História social e cultural. 3. Ed. Campina Grande: EDUEFG, 2006.

[...Conforto? Nem é bom falar! Neste meado de século XX, na era do ar condicionado, das cabines pressurizadas, dos assentos de espumas e das poltronas recicláveis, viajar de Serra Talhada a Recife no comboio da Rede Ferroviário do Nordeste, constitui em uma epopeia digna de registro. É uma prova de tenacidade, uma demonstração de caturrice. Recebe-se poeira até na menina dos olhos. Vê-se ali pelos mais mezinhos princípios de higiene. E que dizer das privadas, sempre fétidas, e dos restaurantes (quando os há) onde a comida é escassa, mal feita e astronômicamente cara, culminado tudo isso, as desatenções dos copeiros que vêm no ocasional freguês um inimigo em potencial. E o fumo e os ciscos atirados pelas “maria-fumaça”, e o bamboleio e o ranger dos carros que danças sobre os trilhos obsoletos e mal seguros? ...] (Diário de Pernambuco, 21 de dezembro de 1957).

Os relatos de Seu Madeira e Souza Neto, acabam reforçando a ideia da ‘chegada tardia do trem’, como indicou o discurso de Luiz Lorena, muito embora, a fala dele deixa no ar uma impressão de que a princípio, a elite local tinha algum tipo de “rejeição a esse tipo de transporte coletivo”.

As representações referentes às inaugurações de estradas de ferro, nessa ou naquela localidade, era encarada como um grande acontecimento. “O dia do trem inaugural aparecia, então, como um dia decisivo para a vida do lugar, que concretizava um sonho alimentado durante anos, às vezes durante décadas” (ARANHA, 2001, p. 373). Assim sendo, as populações corriam em massa dando vivas ao grande acontecimento, foi assim na experiência pioneira no Brasil, no trem inaugural entre o Rio de Janeiro e Petrópolis, no ano de 1854, foi assim também em Serra Talhada.

Os ângulos abertos que foram escolhidos para captarem essas imagens nos permite perceber que os registros visavam abranger a maior parte do público presente, mostrando que o evento mobilizou a cidade, e contou com um público numeroso, transformando o acontecimento em uma grande festa popular, visto que os populares se aglomeram em prédios e nas barreiras de terra existem nas redondezas.

Considera-se, portanto que estas fotografias se mostram como registros elementos para a preservação da memória da cidade e de um momento expressivo de envolvimento social que compartilha sentidos construídos coletivamente, sendo que estes ao mesmo tempo validam e constituem essa prática popular. Em outras

palavras, como diz Canclini (2003, p. 219), “os rituais são o domínio no qual cada sociedade manifesta o que deseja situar como perene ou eterno”. Longe de parecer uma manifestação pura e espontânea do “povo”, a festa se apresenta como troca múltipla entre estratos sociais diferentes, momento de hibridismos entre elementos culturais e significados diferentes.

Além disso, o conjunto da imagem nos remete ao conceito da materialidade passada da fotografia, pois os objetos (os carros, a locomotiva), o vestuário (calças, camisas, vestidos, guarda-sol), a infra-estrutura de Serra Talhada, presentes na imagem remetem a esse período do final dos anos 1950, segundo os padrões de consumo dos automóveis e os códigos de vestimenta daquela época, aspectos históricos destacados pela fotografia e que evocam a memória cultural e social para além do evento em foco. Por se tratar de uma fotografia flagrante, é possível apreender a dinâmica do evento, onde pessoas de diversos segmentos sociais se relacionam aparentemente sem nenhum conflito.

Um elemento que elucida isto muito bem é o simples fato da diferença do das roupas usados por homens e mulheres dos dois grupos sociais em evidências. Essa análise é melhor compreendida quando verificar os tecidos, os cortes e os acabamentos das roupas, nos desenhos das estampas dos vestidos; nos chapéus; nas alpercatas, sapatos masculinos e nas sandálias femininas; nos guarda-sol. Tudo isso nos permite dizer que os sentidos atribuídos a essa prática popular se constitui num processo híbrido, contendo elementos de distintas classes, não pertencendo apenas aos seguimentos populares.

Porém, todo esse estudo se dar com base no trabalho artístico dos fotógrafos, já que o trabalho deles de registrar a população aglomerada no entorno de uma máquina que representava a chegada da modernidade ao interior do país, trás nas imagens o atestado visual desse contato direto de um elemento moderno com uma cidade e com uma sociedade encantada com o “poder de atração” provocada pela chegada do “novo” a cada etapa do processo de modernização, talvez essa relação não tivesse permanecido com tanta força, o que nos incentiva a desdobrá-la em busca da revelação de novos significados para aquela época. Pelo menos é ao que nos conduz uma fotografia como a que apresentamos agora. Afinal, como nos lembra Pierre Bourdieu:

“Comprender adecuadamente una fotografía. No es solamente recuperar las significaciones que proclama (es decir, en cierta medida, las intenciones explícitas de su autor), es también, descifrar el excedente de significación que revela, en la medida en que participa de la simbólica de una época”. (BOURDIEU, 2003:44).

De fato, as imagens da chegada do trem refletem os simbolismos existentes na época, visto que elas são por si só um registro estático daquele momento. Onde o novo, ao mesmo tempo em que atrai as atenções de todas as classes, também estabelece muros imaginários, que acabam separando essas mesmas classes sociais, mostrando o antagonismo existente entre elas, mesmo que os sonhos e desejos de consumo em alguns momentos sejam aparentemente parecidos, o poder de quem detem “o capital”, infelizmente, ainda se sobrepõem aos sonhos e desejos dos mais humildes.

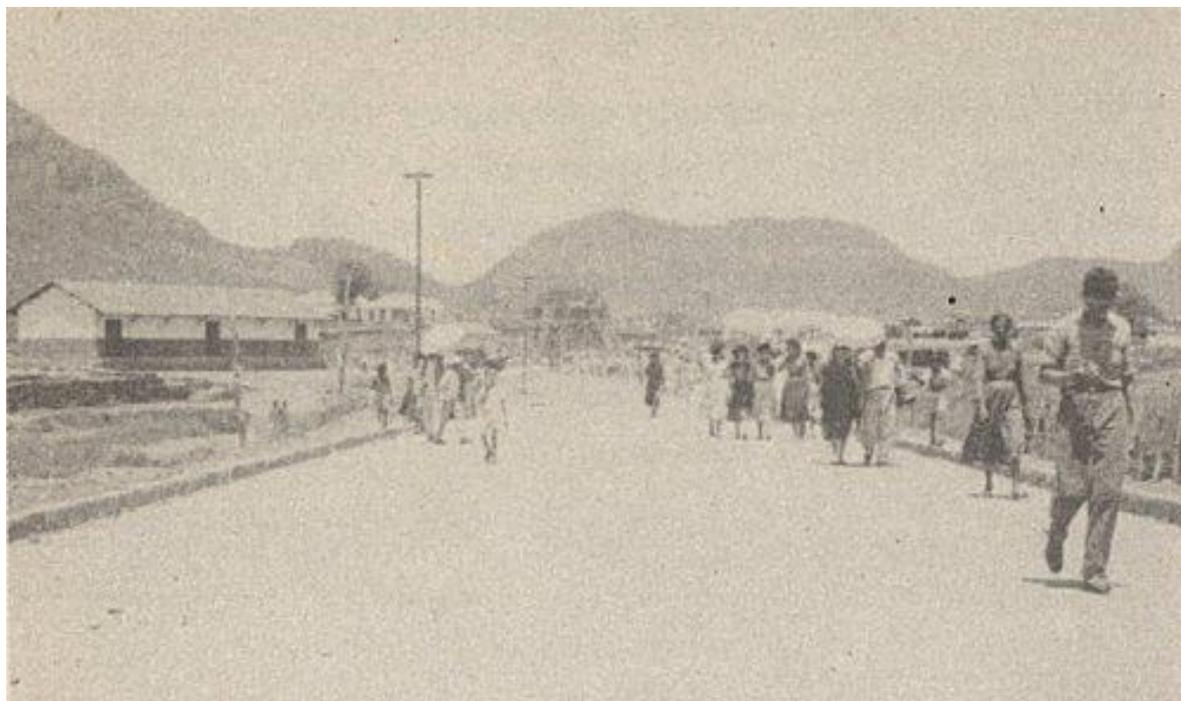


Imagem 63: Várias pessoas deixando a estação em 1957 (Fonte: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, 1958.)

É preciso ressaltar que as vivências e experiências da população entre os sobe e desce na plataforma, entre o embarque o desembarque da estação de trem

de Serra Talhada, foram por diversas razões diferentes das que foram experimentadas no contato com outros meios de transporte. As relações entre as pessoas ocorriam de forma mais rápida, ao mesmo tempo em que também era mais próxima e circunstancial. A imagem 63, diz um pouco disso, ao registrar as pessoas que desembarcam do mesmo vagão sem conhecer, um grupo mais à frente, seguiu na mesma direção sem dizer uma única palavra, outro mais atrás, formado por mulheres, também seguiu na mesma direção, no entanto, parecem estar conversando entre si. Em outros casos, a indiferença é superada por uma conversa que aproxima as pessoas pelo grau de afinidade. Nesse sentido, Dona Adeilde (2017) nos relatou um pouco das suas experiências vividas em viagens de trem:

“A primeira vez que viajei de trem foi saindo de Arcoverde até Serra. Sai de oito da manhã e só cheguei depois de meio dia. Viajei na classe mais barata e as cadeiras eram duras e desconfortáveis. Na primeira classe as cadeiras eram fofas. Fiquei surpresa quando cheguei na estação de Serra e vi gente vendendo pipocas, balas, frutas e outras coisas. Outra viagem que fiz foi para Salgueiro, eu saí de 7 h. da manhã e cheguei de 11 h. da manhã. O que distraía a gente era a paisagem... ainda hoje eu me lembro do nome de algumas estações: Estação do Chocalho, Curral Queimado, Engenheiro Cornélio, Felipe Camarão, Vidal de Negreiros e outras que não me lembro agora” (Adeilde, 2017).

Entretanto, a partir de tais relatos é possível perceber, o impacto que o trem de ferro causa no imaginário dos serra-talhadenses, a estação ferroviária torna-se um ponto de novas sociabilidades, um local para onde afluem: senhoritas, cavalheiros e rapazes a fim de assistirem a chegada do trem. Nessa perspectiva as imagens literárias, como também os testemunhos memórias e demais indícios que acenam para a presença do trem de ferro, nessa ou naquela cidade ou povoado, nos dão mostra da grande importância que as estações ferroviárias passam a representar no universo de cada localidade onde é instalada, tornam-se “espécies de portas abertas para o mundo”. (Aranha, 2001).

A estação de certa forma foi palco de experiências variadas aos longos dos anos, para onde muitos desempregados corriam em busca de algum ganho material, fosse por meio da realização de pequenos negócios, como a venda de doces e quitutes ou simplesmente para esmolar. Essas existências não podem nem devem

ficar de fora desse projeto memorialístico. Para Walter Benjamin, numa fotografia com tal expressividade, existe “algo que não pode ser silenciado, que reclama com insistência o nome daqueles que viveram ali, que também na foto são reais”¹²⁴. Estas pessoas, embora não convidadas, não se incomodaram nem se intimidaram em posar lado a lado dos representantes da elite econômica e intelectual da cidade, identificáveis por suas vestes e calçados impecáveis, prestes a embarcarem para a realização de negócio. Desta forma, o trem acabou se tornando a melhor alternativa, tanto para o transporte de mercadorias e da produção agrícola, bem como para a locomoção da população para outras cidades, principalmente para a capital.

É certo que houve melhorias significativas, pois com a inauguração da ferrovia promove-se mudanças expressivas no cotidiano dos habitantes da cidade, principalmente para os viajantes que embarcavam ou desembarcavam. Inicialmente os trens (PC1) partiam da cidade do Recife, nas terças, quartas e quintas-feiras, às 6 h., e chegava em Serra Talhada às 20 h. Nas segundas, quartas e sextas-feiras, o trem (PC2) deixava a estação de Serra Talhada, às 5 h, e chegava na capital às 19 h. A partir de 1959 as viagens dos trens que faziam parte da linha Recife- Serra Talhada passaram a ser diárias¹²⁵.

Sendo assim, o trem veio imprimir ritmo à cidade, gerar empregos, desenvolver a economia do município, e também agilizar o sistema de informação, promover encontros e até desencontros. O ter possibilitou o surgimento de novas sensibilidades. Isso porque onde quer que o trem chegasse, segundo Gervácio Batista Aranha, “havia sempre uma movimentação econômica muito grande sem contar nas mudanças comportamentais e culturais que a chegada da novidade promovia no cotidiano da população” (ARANHA, 2007).

Na verdade, os meios de transporte trouxeram invasões à cidade de Serra Talhada, ajudaram a dar incremento o ar de modernidade que gradativamente tomava conta da cidade. Em pouco menos de quarenta anos a cidade se deparou com os modernos equipamentos que seduziam as grandes cidades do Brasil e do

¹²⁴ BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. In Obras Escolhidas III. Tradução de José Carlos Martins Barbosa. São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 93.

¹²⁵ Diário de Pernambuco, dia 16 de dezembro de 1958.

mundo, e que de repente evadiam o cotidiano das pessoas, seja pelas estradas, seja pelo ar, seja pelos trilhos.

2.3 – O discurso sanitaria e higienista como fator de transformação de uma cidade.

Todas as cidades que vivenciaram os seus respectivos processos de modernização se deparam com as temáticas envolvendo as questões sanitaria e higienista. Dois debates que estão diretamente ligados aos nossos sentidos: visão, paladar, olfato e tato. Em Serra Talhada esse debate seu paralelamente ao tudo que de novo estava acontecendo na cidade, deste as transformações urbanísticas, passando pela chegada dos novos meios de transporte.

O primeiro ponto que foi levando foi em torno do abastecimento de água, principalmente por que a cidade surgiu às margens do Rio Pajeú, e era do seu leito que água para abastecer a cidade era tirada. E bem verdade que nos de 1930 um açude foi construído a menos de 1 km do centro da cidade, ao leste, na mesma direção na qual foi posteriormente construindo o campo de aviação. Segundo Dona Severina Ramos de Lima (2017), aposentada, de 96 anos, que chegou a carregar na cabeça latas cheia de água, que quando jovem, em meados dos de 1940, carregou água de cacimbas feitas no Rio Pajeú:

“Eu, minha mãe e minhas irmãs morávamos na Rua das Pedrinhas, na rua que depois fizeram uma cadeia. A gente sai cedo pra ir pegar água nas cacimbas feitas pelo povo dentro do rio. A gente chegava e ficava desgostando até água ficar bem limpinha e coloca uma ‘rudia’ de pano na cabeça e subia a ribanceira rio do até lá em casa, que ficava pertinho. Mãe não gostava da água do açude por que barrenta e suja, os bichos que viviam soltos iam beber água lá, mas no rio a água era corrente, e dava pra lavar até as roupas pra lavar”.

Apesar da idade e da dificuldade de locomoção, devido a idade e os problemas de saúde, Dona Severina (2017) tentou nos explicar como se fazia na época para tratar a água para beber, já que na época não existe orientação ou campanha de conscientização sobre a importância de tratar bem a água de beber. Segundo ela, o processo tinha início na escolha da cacimba, na limpeza dela e numa espécie decantação que era feito em casa:

“Meu pai era mestre de obra, fazia casas, e mãe era que cuidava da limpeza e de carregar água, então ela ia no rio, procurava um lugar distante de onde as pessoas tomavam banho e as lavadeiras lavam as roupas, e aí começava a cavar com as mãos a cacimba, a cacimba era rasa e com uma cuia feita de cabaça ela tirando a água até ela ficar limpinha, daí a gente enchia as latas de água. Em casa água era colocada em um pote grande e fechado com uma tampa e uma tampa, água ficava dormida em no dia seguinte podia beber dela, se o pote fosse feito de barro bom e bem assado água ficava bem geladinha. Os potes eram lavados toda semana para tirar o pó que ficava no fundo”.

Os métodos usados pela família de Dona Severina, para tratar a água eram usados por praticamente todas as famílias da cidade. Mas a partir dos anos de 1950, os avanços em relação à instalação de um sistema de distribuição de água que atendesse toda a população deram os primeiros passos. Segundo Luiz Lorena (2001), a empresa responsável pelo abastecimento de água em Pernambuco, a COMPESA (Companhia Pernambucana de Saneamento), “funciona em Serra Talhada desde 1953, no período da administração do Prefeito Moacyr Godoy. No começo, o abastecimento feito a título precário, captava água de poços amazonas construídos à margens do rio Pajeú”¹²⁶. Essa informação têm sintonia com a autorização para a construção de uma cacimba, datada de 1952¹²⁷, que constam nos arquivos da Câmara de Vereadores da cidade, por sinal esse é único registro com relação a esse tipo de construção. No entanto, é importante registrar que apenas um cacimbão não daria conta de abastecer uma população urbana de mais cinco mil pessoas.

¹²⁶ LORENA, Luiz. Serra Talhada. 250 anos de história. 150 anos de Emancipação política. Serra Talhada: Sertagráfica, 2001. P. 131.

¹²⁷ Lei 66 de 10 de março de 1952 . Fonte: Câmara de Vereadores de Serra Talhada



Imagem 64: Tanque que armazenava a água que abastecia a cidade (Fonte: Alejandro J. García – 2015)

A imagem 64 é de uma espécie de tanque ou cacimbão como popularmente é conhecido, ele foi construído em forma de um quadro, como se fosse uma grande caixa de água feita de cimento, dentro existe uma pequena escada e algumas estruturas de ferro. Esse tanque é diferente dos demais cacimbões encontrados nesse trecho do rio, que foram feitos de tijolos e em forma de círculos. Ainda é possível encontrar 05 cacimbões feitos de tijolos, alguns outros devem ter sido destruídos pelas enchentes que ocorreram nas últimas décadas.

A imagem acima também mostra que a estrutura feita de cimento está inclinada, o que pode indicar que o assoreamento das margens do rio provocado pelo desmatamento e também pelas grandes cheias de 1960 e 1967, que podem ter deslocado o tanque, isso por que ele ficou totalmente submerso pelas águas do rio. Também importante destacar a proximidade do tanque com a zona urbana, e principalmente, com o centro da cidade, que fica a cerca de 200 metros da construção. Não existe um registro documental ou depoimento de populares que indique pelo menos o provável ano da construção deste equipamento.

A verdade é que até então o sistema, como bem cita Lorena, era “precário”, uma matéria publicada no Diário de Pernambuco, de 28 de fevereiro, o corresponde Gilson Nunes, corrobora no que escreveu o ex-prefeito. No Diário Pernambuco (1958), Nunes, descreveu a falta de chuva na cidade, segundo ele, os poucos pingos caíram em janeiro daquele. Em seguida o correspondente aborda a falta da na cidade e escreve: “estamos há dois meses, sem água, causando grande preocupação as donas de casas. As providencias, embora tardias, estão surgindo, entre elas a compra de novas bombas e escavações nas cacimbas”¹²⁸. A solução dos problemas de abastecimento foi aparentemente resolvidos com os investimentos feitos pelo governo federal. O jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, no dia 11 maio de 1958, noticiou em suas páginas a inauguração do sistema abastecimento. Essa matéria também pode indicar que o tanque que aparece na imagem 59 poderia ter funcionando como uma adutora de distribuição de água para toda a cidade. Segundo o Correio da Manhã (1958), água para abastecer a população seria extraída de poços e que esse sistema teria a capacidade para armazenar 700 mil litros de água.

[PERNAMBUCO: INAUGURAÇÃO DE SERVIÇO DE AGUA- Presidido pelo governador de Pernambuco. Realizou-se a inauguração do serviço de abastecimento de água da cidade de Serra Talhada. Obra do Departamento Nacional de Endemias Rurais. O serviço, com capacidade para 700 mil litros de água, esta capacitado a abastecer de água toda a população daquela comuna. A água será extraída dos poços cavados no leito seco do Rio Pajeú.]¹²⁹

Não foi encontrada em imagens da época, em depoimentos, na literatura local ou em documentos, informações sobre a existência de alguma caixa d’água na cidade neste período, nem muito menos algum reservatório que pudesse armazenar 700 litros de água. Isso reforça a idéia de que o tanque fosse esse reservatório. A

¹²⁸ Diário de Pernambuco, de 28 de fevereiro, de 1958, p. 13.

¹²⁹Correio da Manhã, Rio de Janeiro, dia 11 de maio de 1958, p. 04.

também matéria não é muito detalhada, mas aponta na direção da construção de um sistema de abastecimento de água mais estruturado. Apesar da obra a população continuava carregando água do Rio Pajeú.

Segundo a Dona Margarida Pereira da Silva, de 86 anos, costureira aposentada, que nos anos 1960 que morou na Rua dos Pererrinhos (atual Rua Padre Ferraz), relata que no início daquela década ela e família ia buscar água no rio e quando as cacimbas no rio secavam elas iam buscar no açude da Borborema, que fica no pé da serra, a cerca de 2 km do centro. Como foi visto na imagem, nas reportagens e nos depoimentos, o Rio Pajeú tinha importância singular para a cidade visto que o rio era grande fonte de água que abastecia a população. Porém, essa mesmo rio também cumpria outros papéis na conjuntura social e até religiosa de Serra Talhada.



Imagem 65: Missionário Horácio Ward batizando jovens nas águas do Rio Pajeú (Fonte: Site da Igreja Pentecostal do Brasil)

A imagem 65, foi encontrado no site da Igreja Pentecostal do Brasil e mostra Missionário Horácio Ward jovens nas águas do Rio Pajeú, no ano de 1941, no decorrer das décadas ele realizou outros batizados nas águas do rio. O missionário está de branco, ao seu lado o homem, e mais afastado um grupo de seis pessoas, não é possível dizer se existia vínculo entre essas pessoas, o certo era que os

batizando eram comuns. O local onde ocorria fica em uma espécie de poço, algumas características lembram ao do popular “poço do padre”, no entanto, esse poço, assim como “a pedra do curtume” foram praticamente destruídos por dinamites usados pela construtora que construiu a Ponte da Caxixola, nos anos de 1990.

Como se ver na imagem o local era propício para o banho, pela profundidade e pela dificuldade de acesso, já que ficava entre lajedos, a princípio, este ponto do rio ficar descartado como um possível que tenha sido usado para a retirada de água. Porém, essa imagem revela muito mais do que um simples batizado, ou por ser ritual religioso. Essa imagem também traz a tona uma passagem importante da história de um segmento religioso que se expressa a nível nacional e que, por diversas razões, foi desprezada pela historiografia oficial e os pesquisadores serra-talhadesenses.

Na verdade, a história de Serra Talhada é fortemente marcada por narrativas ligadas ao catolicismo, algo que não é de se estranhar em se tratando de uma cidade que foi colonizada por família de origens portuguesa, a começar pela própria família Magalhães, que chegou junto com seu patriarca, Agostinho Nunes de Magalhães, o primeiro proprietário das terras do município. Porém, essas narrativas acabaram ignorando o legado histórico construído por outras religiões. Uma delas foi produzida pelo Missionário Horácio Ward, um americano que partiu de Nova Orleans, Estados Unidos da América, no dia 22 de dezembro, a bordo do Navio Deslud, chegando ao Rio de Janeiro no dia 9 de janeiro de 1935.

Segundo o site da Igreja Pentecostal do Brasil¹³⁰, Horácio chegou a Serra Talhada, Em novembro de 1936, na época ainda chamada de Vila Bela, onde em 1937 fundou a primeira “Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil”. Após retornar aos Estados Unidos, onde se casou com Coroline Ward, em março de 1938, o pioneiro missionário voltou para Serra Talhada, onde viveu por vários anos. Lamentavelmente não se tem muitas informações sobre a vida de Horácio Ward em Serra Talhada, no entanto, algumas imagens fotográficas raras, postadas no site da igreja, mostram o missionário batizando alguns jovens nas águas do Rio Pajeú em 1941 e 1967.

¹³⁰ <http://resgatando-nossahistoria.comunidades.net/2-nasce-a-igreja-de-cristo-pentecostal-no-brasi>

A Igreja de Cristo Pentecostal do Brasil se espalhou pelo país, e ao longo dos anos surgiram varias ramificações. Ainda hoje, a Igreja construída pelo Missionário Horácio Ward continua erguida no mesmo lugar, ironicamente ela esta localizada na Rua Agostinho Nunes de Magalhães. Desta forma, o rio abastecia uma cidade, também um elemento importância para a história das religiões evangélicas no Brasil.

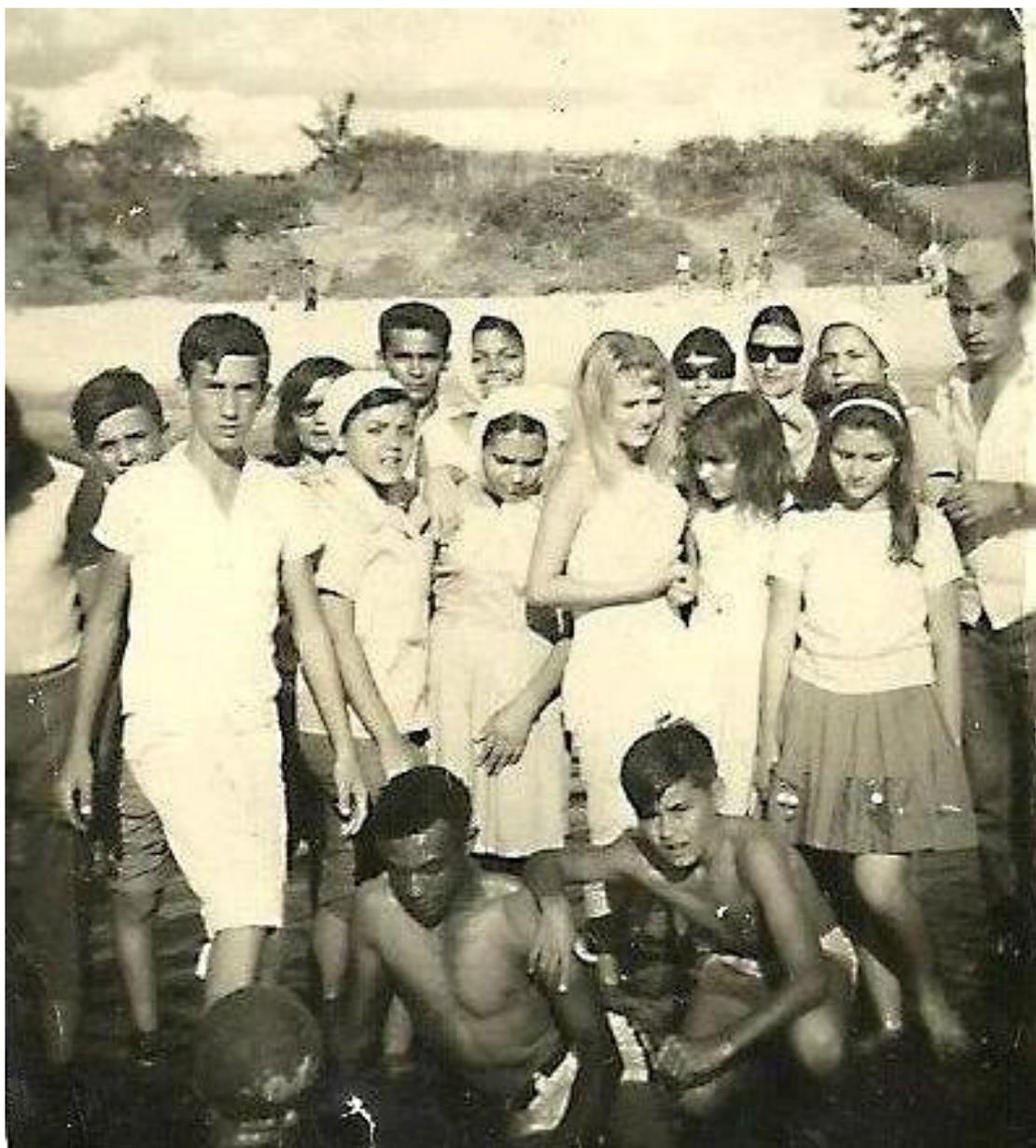


Imagem 66: Jovens se divertindo no Rio Pajeú (Fonte: Site Farol de Notícias)

Durante varias décadas o Rio Pajeú foi o espaço mais democrático de Serra Talhada, local onde todas as classes sociais se encontravam, independente de idade, sexo ou religião. A imagem 66 é mais uma confirmação da importância do rio para o município ao longo do tempo. A foto feita no início dos anos 1960, e mostra

um grupo de jovens posando dentro do leito do Pajeú, enquanto outro grupo se diverte jogando bola na areia.

Chama atenção o fato de apenas uma moça, que aparece por trás está sorrindo, a maioria, principalmente as jovens, evitam olhar para a câmara fotográfica, enquanto outro esconde os cabelos com lenços e o rosto com óculos escuros. Um dos únicos a encarar as lentes e a posar fazendo embaixadinha com a bola, é um dos filhos do já falecido Afonso Novaes, que era agricultor e empresário, dono de muitas casas de aluguel e terras na zona rural. Apenas dois jovens aparentam tomar banho nas águas do rio, apesar de que na imagem eles estão um pouco acanhados. Infelizmente não foi possível identificar as pessoas presentes na foto.

Quem nos contou um pouco de suas histórias em relação ao Rio Pajeú, foi o poeta e professor aposentado, José Pedro (2017), que também aproveitou para fazer um desabafo sobre a atual situação do rio. “Eu tenho bem mais idade que você, Paulo, tive oportunidade de, no final e início das décadas de 60 e 70, respectivamente, bater bola com os contemporâneos Zé Vital, Zé Bahia, Hermógenes Flor, Washington da Rua Joca Magalhães e outros, nos extensos bancos de areia branca do RIO PAJEÚ daqueles tempos. vejo, hoje, com muito pesar degradação de um Rio triste e doente que agoniza clamando por socorro. mas aos olhos do poder público, parece não merecer dó nem piedade e assim continua ao sabor da podridão e da fedentina dos esgotos das cidades ribeirinhas que despejam seus dejetos no seu leito, como carrascos, decretando impiedosamente a sua morte”.

O que foi dito por José Pedro, reflete também sobre um dos lados negativo da modernidade, a destruição da natureza. E a imagem acima nos ajuda a refletir sobre isso, por que era ao longo de área que ficava alguns cacimbões, era onde as mulheres lavam roupas, alguns homens pegam peixe e as crianças e os jovens jogavam bola, tomava banho e soltavam pipa. Infelizmente, a realidade descrita pelo professor aposentado está muito bem retratada na imagem 59.

A questão dos abastecimentos de água só foi resolvida em 1965, quando foi inaugurado o Açude Cachoeira II¹³¹, com capacidade para armazenar 21.031.145m³. O reservatório foi construído ao oeste da cidade, praticamente ao sopé da serra, com a distância de mais cinco quilômetros para o centro da cidade. A obra foi feita em meio a período em que alternou grandes cheias, e períodos de estiagem. Os períodos de estiagem geram desemprego, fome e o êxodo rural, durante esse período os chamados “flagelados da seca” ameaçavam saque a feiras livre e os supermercados. Segundo Aberto Oliveira (2014), a construção do Açude Cachoeira II também tinha a relação com o período de seca e o desemprego por ela gerado:

“Outro empreendimento que trouxe mais moradores para o bairro, foi o projeto da construção do Açude Cachoeira II, iniciado no governo do prefeito Luiz de Conrado Lorena e Sá, no ano de 1958, que era prefeito novamente quando o Açude foi inaugurado. Eram mais de quatro mil homens trabalhando. Nesse mesmo ano, que deram início a construção da barragem, ocorreu uma grande seca e o governo abriu outra frente de trabalho, para atender a população pobre, vítima da estiagem, construindo a estrada de Serra Talhada à Conceição, na Paraíba. A grande maioria dos trabalhadores morava em barracas armadas pelo mato, perto do acampamento do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) e outros tornaram-se moradores de Alto Bom Jesus. O Hotel Brasil foi construindo por Expedito Toto, ao lado da BR 232, por traz da parede da barragem, para hospedar os engenheiros e encarregados de obra”¹³².

Apesar da construção do açude, os problemas de abastecimento de água potável ainda continuavam, pois nem todas as casas tinham o sistema de água encanada. Em bairros periféricos com o Bom Jesus, boa parte da população recorria aos chafarizes para abastecer a casa. Maria de Lourdes Ferreira (2017), moradora Bom Jesus, há mais de 40 anos, relata como era a vida de quem tinha que ir pegar água no chafariz. “Olha meu filho, a gente tinha que chegar cedo, com os galos cantando, porque a fila era grande, e se demorasse muito não dava pra fazer a café

¹³¹ Açude Cachoeira, tem esse nome por que, quando cheio, seu bebedouro transborda e forma uma bela cachoeira, onde um grande número de pessoas aproveitam o banho. Independente da época, lá há um mirante de onde se pode ver um belo pôr-do-sol. É possível também praticar a pesca e passear de barco ou canoa.

¹³² OLIVEIRA, Alberto Rodrigues de. Padre Afonso Carvalho Sobrinho: um homem entre os carvalhos, o meio ambiente e a igreja. João Pessoa: Imprell Editora, 2014. p. 174-175.

por marido tomar banho e ir trabalhar, depois voltava por chafariz da rua 08, tinha vez que ia para o da rua 03, para pegar água pra fazer o almoço, as vezes eu trazia o menino mais novo escanchado na cintura e a lata d'água na cabeça. Quando falta no chafariz eu pegar no canal das granjas¹³³, e pra lavar roupa ou eu ia para o rio o para a lavanderia que ficava perto do cemitério”.

O depoimento de Dona Maria de Lourdes revela que o acesso à água potável em Serra Talhada, também acabou se tornando um elemento de exclusão. Visto que o bairro mais próximo do Cachoeira ainda servia a população através de chafariz, enquanto isso no centro, e nos bairros onde residia a elite, todas as residências possuíam água encanta. Há que se registrar que o Açude Cachoeira II, cumpriu um papel importante na época de sua construção, no entanto, com o passar dos anos e o crescimento populacional da cidade, a água acumulada em seu reservatório tornou-se incapaz de atender as demandas de Serra Talhada e de algumas cidades vizinhas, como Triunfo e Santa Cruz da Baixa Verde, em períodos de seca.

Alem da questão do abastecimento de água a modernidade, também provocou o debate na cidade sobre o saneamento básico e a higienização. Toda essa discussão nos remota ao processo de saneamento vivenciado capital do Estado, Recife, que foi a primeira urbe do Norte a ganhar visibilidade no plano nacional como cidade que se modificava. Toda essa problemática é apresentada por Raimundo Arrais, em *O Pântano e o Riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*, trata do processo de modernização e reordenamento dos espaços recifenses com fins de embelezamento, mas principalmente com o objetivo de enquadrá-la aos modernos padrões em voga na Europa e também na Capital do

¹³³ Apelido popular do Perímetro Irrigado Cachoeira II está localizado nas proximidades do açude. O acesso ao Perímetro é feito pela rodovia federal BR-232 ou pela linha do trem. A implantação do perímetro irrigado foi iniciada no ano de 1971 e concluída em 1979. Os serviços de administração, operação e manutenção da infra-estrutura de uso comum foram iniciados em 1972. Lá residente 37 famílias que cultivam diversos tipos de culturas agrícolas. O canal que abastece o perímetro é formado pelo canal principal, feito com concreto com seção trapezoidal – 5.620,00 m de extensão, com vazão de 200 l/s, e conta com a tubulação de Concreto (500 mm): 2.000,00 de extensão. E a estação de bombeamento por 37 eletrobombas, com potência de 10 a 20 CV.

Brasil. Num primeiro momento, o autor vai dar visibilidade às mudanças materiais que se processavam no espaço recifense naqueles idos, colocando em relevo a questão religiosa.

Como tantas outras cidades brasileiras, Recife era também um espaço preponderantemente de influências católicas. Em face disso, o seu processo de transformação atingiu especialmente as tradições e os espaços religiosos. Arrais evidencia o caráter secular da vida na cidade de Recife da segunda metade do século XIX, especialmente. Naquele período, afirma o autor: “os sinais da religião deviam ceder aos sinais do progresso, os trilhos de ferro, o encanamento, a iluminação a gás, as edificações elegantes...” (ARRAIS, p. 335). Assim, de acordo com o autor, Recife, “graças aos discursos das elites, vai ganhando ares diferentes¹³⁴”. Monumentos religiosos darão lugares a ruas, praças, estabelecimentos comerciais. Essa nova lógica da salubridade do espaço urbano respaldava-se nos ideais de liberdade dos Iluministas, para quem a urbe deveria representar as transformações e perspectivas surgidas a partir das necessidades do desenvolvimento do capitalismo industrial.

Evidentemente, que as transformações em Serra Talhada não seguiram as mesmas proporções, nem as mesmas dinâmicas, aqui não se utilizou-se as mesma as latrinas trazidas pelos ingleses, mas se recorreu inicialmente ao sistema de fossas, até por que a experiência inglesa com as latrinas acabou não dando certo, ao mesmo tempo, em que a proposta de esgotamento acabou atingindo o cheio o Rio Pajeú Segundo Inaldo Nogueira (2017), servidor federal, de 58 anos, que reside na Rua Cornélio Soares desde a infância, “todas as casas dessa rua, da praça grande e da praçinha da igrejinha, foram feitas com fossas, assim, todos os dejetos ficam dentro do buraco, quando enchia, chamava alguém pra limpar ou construía outra, isso era bom porque não poluía o Rio Pajeú. Hoje não tem mais fossas e a sujeira é despejada dentro do rio porque a cidade não tem sistema de tratamento de esgoto”.

¹³⁴ ARRAIS, Raimundo. O Pântano e o Riacho: A formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

As primeiras mudanças em relação ao saneamento são datadas dos anos de 1955, durante a gestão do prefeito Moacir Godoy, que através de Lei Municipal¹³⁵, autorizou a construção de galerias em toda extensão na Rua 15 de Novembro, a antiga Rua do Cisco. Nesta rua ficava localizado o Açougue Público Municipal. Mas, a partir da década de 1960, na gestão do prefeito Hildo Pereira, que ocorreu início da principal campanha de higienização e saneamento com grande alcance, isso por que, da 3 mil casas existentes no município, duas mil não possuíam privadas higiênicas, uma realidade muito problemática o levantamento dos dados foi feito pela prefeitura e o trabalho foi em parceria com a órgãos estaduais, Igreja Católica, Comercio e outras organizações. Em 14 de outubro de 1960, o Diário de Pernambuco Publicou uma matéria onde detalhava toda a campanha:

[HIGIENIZAÇÃO EM LARGA ESCALA EM S. TALHADA. Das três mil casas existentes na cidade de Serra Talhada, duas mil não possuem privadas higiênicas. Era o resultado de estudos feitos pela equipe do Posto de Saúde, do programa SENSAS-SESP, naquele município do Sertão Pernambuco. Tal situação levou a equipe do Posto de Saúde, a Prefeitura, a Câmara dos Vereadores, a Empresa “Collier” e vários líderes locais a juntar seus esforços, no sentido de livrar a cidade de seu maior problema de saúde pública. TRABALHO COMUNITARIO. Um levantamento minucioso nas condições de cada prédio foi feito. A numeração de todas as casas, inclusive da zona suburbana, foi atualizada. Trabalhadores da Prefeitura juntaram-se aos técnicos do Posto de Saúde e estão auxiliando a população em uma campanha sem precedentes naquele Município. ACORDO COM SESP. Recentemente, foi firmado um acordo entre a Prefeitura de Serra Talhada e a Fundação do Serviço Especial de Saúde Publica (SESP). Através do qual o governo municipal empregará. Ainda este ano, por intermédio do Posto de Saúde, a importância de 100 mil cruzeiros, para a aquisição de cimento e outros materiais destinados a auxiliar os moradores que estão construindo privadas higiênicas em seus domicílios, num ritmo de 25 a 30, mensalmente. Para intensificar mais os trabalhos estão sendo realizadas visitas aos domicílios. Reuniões e utilização de outros meios que possibilitem um ritmo mais acelerado de campanha, serão, assim evitadas várias doenças, inclusive as diarreias da infância que são responsáveis pelo grande movimento do serviço de reidratação daquele Posto de Saúde (nos últimos dois anos foram inscritos cerca de quatro mil casos na Unidade). **SIGNATARIOS DO ACORDO.** Assinaram o acordo acima referido o sr. Aloisio Sanches (Diretor Regional do SESP) e o prefeito Hildo Pereira de Meneses. No ato, que se realizou em uma sala da Unidade Sanitária, estavam presentes varias pessoas da sociedade local, tendo representado a Secretaria de saúde o Sr. Lessa de Andrade. Entre os presentes o Sr. Gastão Cesar de Andrade. Sr. Geraldo Muniz (chefe da Unidade). Cônego Jesus G. Riano, srs. Miguel Meneses de Souza e Rubem Salzano, Srta. Musa Rodrigues e Sr. José Vieira¹³⁶.]

¹³⁵ Lei 52 de 30 de maio de 1955 Autoriza a construção de galerias em toda extensão na Rua 15 de Novembro (atual Enock Inácio).

¹³⁶ Diário de Pernambuco, dia 14 de outubro de 1960.

A campanha surtiu efeito e no final da década, segundo a Prefeitura Municipal, 80% dos objetivos haviam sido cumpridos. O sistema de fossas perdurou em Serra Talhada até meados da década de 1980, nesse período praticamente todas as casas já tinham esgotos interligados ao sistema geral da cidade. Vale registrar que em 1967, uma Lei Municipal criou o Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Serra Talhada¹³⁷. Posteriormente esse órgão virou a Secretário Obras e Serviços Urbanos. É importante registrar que a higienização foi alçada a outras áreas da saúde. Também na década de 1960, a população começou a questionar a higiene do Açougue Público, onde eram abatidos e vendidos os mais variados tipos de carne.



Imagem 67: Antigo Açougue Público (Fonte: Professor Dierson Ribeiro)

¹³⁷ Lei 217 de 03 de março de 1967 – Cria o Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Serra Talhada. Fonte: Câmara de Vereadores de Serra Talhada.

Na imagem 67 é possível ver que a modernidade alterou o comércio popular, atividade econômica que surgiu em 10 de fevereiro de 1778¹³⁸, uma segunda-feira, quando foi realizada a primeira reunião de feirante, na então fazenda Serra Talhada, desde então a feira sempre foi realizada no meio da rua¹³⁹ e com o tempo foi sendo levado para as calçadas, dando espaço ao trânsito de veículos, assim como dos pedestres e de bicicletas. Na feira-livre praticamente tudo era comercializado, isso explica o ir e vir de mulheres e homens, que nessa imagem aparecem em um ritmo diferente das demais fotos, feitas e que retratam a cidade naquela mesma época. Nessa fotografia o ritmo parece ser mais rápido, apresentando aspectos de quem vive a vida moderna. As mulheres que vão à feira mais cedo à procura do preço mais baixo, para comprar a carne e o peixe de melhor aparência, para pegar as frutas e legumes fresquinhos, e chegar a tempo de preparar o almoço da família. Os homens se movimentado em busca de fazer negócios, efetuar pagamentos, reencontrar os amigos ou parentes que chegam da zona rural para fazer as suas compras semanas na feira.

Nesse sentido é possível ver que o processo modernidade também visou beneficiar a elite que adquiriu automóvel e passou a trafegar com ele pelo centro da cidade. Ao mesmo tempo em que os integrantes das classes mais baixas continuaram usando bicicletas para se locomover ou indo a pé para fazer compras. Nesta época, na primeira metade do século XX, essas ruas que antes eram desprezadas pelas elites passaram a ter valor, pois espaços urbanos precisavam se adequar às novas realidades. Uma delas era o trânsito de automóveis. Nesse cruzamento ficavam o Açougue Público e a Rua do Cisco¹⁴⁰, Segundo o Dierson Ribeiro, escritor e ex-presidente da Casa da Cultura de Serra Talhada (2001/2004), o “esse era local onde nas primeiras décadas do século XX se jogava o lixo da

¹³⁸ LORENA, Luiz. Serra Talhada. 250 anos de história. 150 anos de Emancipação política. Serra Talhada: Sertagráfica, 2001.

¹³⁹ Em 2006 a Prefeitura Municipal realocou parte dos feirantes no espaço que foi criado e denominado de Pátio da Feira, no entanto, ainda hoje os ambulantes continuam ocupando as calçadas aonde existia o Açougue.

¹⁴⁰ Hoje a Rua é chamada de Enock Inácio de Oliveira, apesar da população só a conhecer por Rua XV de Novembro, nome que possuiu até 1991. Essa é a rua mais importante da cidade. Nela estão localizadas três bancos, a Prefeitura Municipal, a Câmara de Vereadores, o Mercado Público, o pátio da Feira Livre e dezenas de lojas, supermercados, mercadinho e o comércio ambulante. Enock Inácio de Oliveira, foi um comerciante bem sucedido na cidade, nunca ocupou cargos públicos eletivos era tio do ex-deputado Federal Inocêncio Oliveira e do ex-prefeito por três vezes, Tião Oliveira, e foi o principal líder da U.D.N. em Serra Talhada.

cidade, e a Rua Agostinho Nunes de Magalhães, onde funcionava o Cine Art. Com a construção do Açougue o lixo começou a ser jogado na parte baixa da rua, próximo as margens da lagoa Maria Timóteo e rio Pajeú, isso porque a população reclamava da grande quantidade de moscas e insetos nos arredores e nas dependências do açougue”.

Pois bem, a partir das reclamações da população levaram o prefeito a ter construir outro Açougue, isso por que a repercussão em torno da das precárias condições do que existia acabou virando tema de reportagem do jornal Diário de Pernambuco (1969):

[PÉSSIMA CONDIÇÃO DO MATADOURO LEVA PREFEITO DE SERRA TALHADA A CONSTRUIR OUTRO. Serra Talhada- (Do correspondente Romildo Gouveia) – pelas precárias condições em que se encontra o atual Matadouro Público de Serra Talhada e tendo em vista solicitação da Saúde Pública do Estado, ele deverá ser substituído por um mais moderno e que ofereça melhores condições higiênicas, a ser construído no Alto do Bom Jesus. O prefeito Nildo Pereira, ressaltou que a Municipalidade está aguardando a planta, que será elaborada pela Secretaria de Obras de Estado, para dar início à construção do novo prédio. Enquanto isso, no Alto do Bom Jesus serão instalados dois chafariz públicos, a medida será caráter prioritário no plano do Governo local, pela presente necessidade da sua execução. O prefeito ainda estuda uma fórmula do aproveitamento do Açude Cachoeira para uso doméstico integral, faltando apenas o tratamento d’água, através do moderno sistema já instalado¹⁴¹.]

O prefeito Hildo Pereira providenciou a demolição do açougue em 1961, e construído outro na rua lateral, a Agostinho Nunes de Souza. No entanto, 10 anos depois, o matadouro voltou a criar problemas e dessa vez, o médico Joaquim Godoy, em reportagem ao Diário de Pernambuco, afirmando que várias enfermidades registradas tinham como origem a lama que se forma próximo ao matadouro:

[MATADOURO PROVOCA DOENÇAS NA CIDADE. Serra Talhada (Do correspondente) – A falta de higiene no matadouro público desta cidade está acarretando sérios prejuízos à população, principalmente às crianças

¹⁴¹ Diário de Pernambuco, dia 21 de novembro de 1969.

que moram nas proximidades do abatedouro. O médico Joaquim Godoy, responsável pela Fundação SESP nesta cidade, afirma que várias enfermidades, ultimamente registradas na rua Agostinho Nunes Magalhães, são causadas pela lama que se forma nas proximidades do matadouro. Por outro lado, moradores estão dirigindo memorial ao prefeito, Sr. Nildo Pereira, no sentido de que a Municipalidade adote qualquer medida, com vistas a solucionar o problema.]

Dessa forma, um novo Matadouro Público foi construindo, na mesma rua em que foi construído o prédio da empresa SANBRA. O novo prédio seguiu as tendências adotadas pelas administrações de Hildo Pereira, Luiz Lorena, Sebastião Oliveira (Tião Oliveira) e Nildo Pereira, ou seja, a de construir ou transferir alguns órgãos públicos para as regiões periféricas, principalmente as relacionadas a saúde pública, como o antigo cemitério, que ficava no centro da cidade, e que foi desativado e um novo foi construído no Bairro Bom Jesus. Isso também é um reflexo do que diz Zygmunt Bauman (1998) sobre o desejo de limpeza e de estética das sociedades modernas, isso por que era preciso limpar e higienizar o centro da cidade, ao mesmo tempo em que o perfil estético da cidade não permitia que houvesse lama pelas ruas ou conviver com o cemitério abarrotado de covas e mausoléus, sem que existisse mais espaço para expandi-lo, por ele estar cercado por prédios e casas, ou seja, fora de um contexto estético existente. Nesse sentido Bauman discorre:

“A cidade limpa (higiênica): Estaríamos, assim, diante do prenúncio do *Sonho de Pureza* sugerido por Zygmunt Bauman? (2) Bauman nos mostra que um dos grandes ideais nas sociedades modernas e nas chamadas pós-modernas, um desejo de limpeza e harmonia estética, orientou o pensamento dos seus pregadores. Nas sociedades modernas, um dos aspectos da não-harmonia era representado pelas classes ditas *perigosas*, isto é, os trabalhadores pobres empregados, subempregados ou desempregados, cuja presença maciça nos grandes centros industriais ou nas grandes cidades enchia de temor às elites dominantes.¹⁴²

Para criar essa harmonia estética na rua que passou a agregar a maior parte do comércio, a XV de Novembro, o Prefeito Luiz Lorena aproveitou espaço a andar antes

¹⁴² BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da Pós-modernidade. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1998, p. 13-48.

existia o açougue para construir o novo prédio da Prefeitura Municipal e no local fosse erguido o prédio da Prefeitura Municipal, que foi inaugurado em 1969. Seguindo essa linha de harmonia estica e higiênica, outras estruturas foram construídas na cidade.



Imagem 68: Construção do Mercado Público de Serra Talhada (Fonte: Professor Dierson Ribeiro)

Na imagem 68 é referente às obras do Mercado Público, uma construção importante para a organização do comércio ambulante da cidade. Frutas, legumes, carnes, comidas e outros produtos deixaram de ser comercializados no meio da rua, propiciando aos consumidores a estrutura de um lugar com conforto, protegido do sol ou da chuva e aonde poderia se encontrar de tudo em espaço amplo e democrático, onde todas as classes sociais poderiam circular livremente e gratuitamente. As galerias, conhecidos popularmente como Box, que formam o complexo comercial do Mercado foram negociados antes do término da obra, certamente o objetivo da obra captar recursos para a conclusão do prédio. As locações de box foram autorizadas pela Lei 143, de 22 de maio de 1963¹⁴³, ainda na

¹⁴³ Fonte: Câmara de Vereadores de Serra Talhada.

gestão do prefeito Hildo Pereira. Apesar da construção do novo centro comercial, a feira-livre continuou a existir e em ritmo de crescimento.

Na fotografia, podemos perceber que os trabalhadores braçais estão no alto, em cima de andaimes feitos de tronco e galhos de árvore, trabalhando sem nenhum tipo de segurança. A obra de construção do mercado Público começou em 1961, na gestão do prefeito Hildo Pereira de Menezes¹⁴⁴, e terminou em 1967, na terceira gestão Luiz Lorena¹⁴⁵. Na parte de baixo nota-se a presença de senhores usando ternos brancos, sendo que um deles aponta para cima, como se tivesse indicando a direção que os trabalhadores deveriam seguir. Esses homens de terno provavelmente eram os chefes da obra. Os responsáveis pela condução da construção e que estava ali para manter a hierarquia funcional e de classe, já eles não sujam as suas roupas ponto a mão na massa e nem deslocamento dos materiais da construção como, o cimento, a areia, o barro, as telhas, e etc, para os trabalhadores que estavam nos andaimes.

As roupas usadas também estabelecem algumas diferenças entre os dois lados opostos, os que mandam usam roupas bastante alinhadas, enquanto que obedece usa roupas mais simples. O formato do chapéu também é um elemento a ser destacado, já que os alguns trabalhadores usam chapéus de palha, enquanto os chefes da obra usam chapéus que na região são conhecidos como sendo de “massa”. Todavia, os trabalhadores responsáveis pela construção do prédio público parecem estar num momento de descanso, mesmo não estando sentados, a forma relaxada como posaram para a fotografia indica que o ritmo da obra andava em ritmo lento, aja visto que a edificação do Mercado levou mais de seis anos para ser concluído. O prédio foi construído em uma área de aproximadamente 120.000 m², a ao longo da obra foram contratados mais de 80 funcionários¹⁴⁶. O modo como essa imagem representa o universo do trabalho, há mais de cinquenta anos atrás, permite a busca para compreender sob que códigos culturais e de representação, as figuras e práticas populares eram fotografadas, bem como esses registros narram a

¹⁴⁴Hildo Pereira de Menezes foi prefeito da cidade por dois mandatos, no primeiro ele ocupou o cargo com 17 anos e seis meses, tornando-se o mais jovem prefeito da história de Serra Talhada. Ele era descendente do Barão do Pajeú, o primeiro prefeito da cidade.

¹⁴⁵ Luiz Conrado de Lorena e Sá foi prefeito em três oportunidades: (1945/1946), (1955/1958) e (1964/1969). Ela também era pesquisador e historiador.

¹⁴⁶ Fontes: Câmara de Vereadores de Serra Talhada e Prefeitura Municipal de Serra Talhada

historicidade dessas práticas até a contemporaneidade. Essa fotografia é o que nos possibilita abordar a imagem enquanto narrativa visual.

Deste modo, abordando um mesmo tema e espaço geográfico, com a finalidade de descobrir as marcas da transitoriedade temporal que podem tanto se fixar como se apagar na memória – é possível captar as mudanças que a fotografia consegue registrar, apreender, por exemplo, o processo de modernização do centro da cidade, tendo como fulcro as edificações públicas e privadas como marco, a exemplo das lojas comerciais, dos espaços e prédios públicos. Sendo assim, as imagens contribuem para a construção de uma narrativa, que dê suporte a compreensão dessas memórias e da sua historicidade. Uma narrativa vista do ponto de vista humano e refletido sob esse mesmo ponto de vista.

Ao lado do universo do trabalho e de momentos comemorativos percebe-se através das suas figuras e personagens, a encenação visual do popular a partir de interesses e códigos a serem desvendados, como o lugar do fotógrafo, preocupado em mostrar práticas econômicas locais, ou se funcionário de instituições públicas, querendo mostrar as atividades de construção de órgãos públicos, a fim de enfatizar a realização de obras públicas. Todo esse ciclo de eventos, chegada de novidades- como a chegada do avião e do trem- e as transformações urbanísticas elevaram a auto estima da população e os créditos da classe política, isso por que no final da década de 1950 e início, o município e toda a região Nordeste foram assolados por uma das maiores secas do século XX, o que causou, entre outras coisas, a queda na produção de algodão, principal riqueza a região do Sertão do Pajeú.

Vale salientar que durante a década de 1960, praticamente todas as cidades que são cortadas pelo Rio Pajeú sofreram bastante com as seguidas cheias, principalmente nos anos de 60 e 67, consideradas como as maiores do século XX. Em Serra Talhada, as águas invadiram o centro da cidade destruindo alguns casebres que ficavam as margens do rio. A parte mais atingida foi onde residia à população de baixa renda, mesmo com os estragos, as enchentes não alteram a estrutura urbanística da cidade.

2.4 Chuva, sol e fome: o cotidiano da vida do serra-talhadense e o surgimento das periferias urbanas

Ao longo dos anos as famílias sertanejas se acostumaram a conviver com o período de estiagem, que anual batia boa com a regularidade oriunda das características do clima semi-árido. Muito embora, em determinadas épocas a estiagem se prolongada deixando um rastro de miséria em desalento. Nem mesmo todos os avanços tecnológicos foram capazes de reduzir os efeitos da seca no Sertão, já isso que dependia de vontade política. No entanto, com o surgimento de equipamentos modernos, como os automóveis e os caminhões, os problemas causados pela seca acabaram chegando até os centros urbanos. Diversas cidades do Brasil receberam, entre 1940 e 1980, diversos retirantes. Famílias que buscaram uma vida melhor nas grandes cidades, mas nem todos encontraram a sorte no êxodo rural, ou tão pouco, tiveram as condições de se deslocarem até uma grande metrópole.

Em Serra Talhada o fenômeno do êxodo rural ocorreu com em boa parte do interior do Nordeste, dezenas de famílias parte rumo à regiões sudeste e centro-oeste, em busca de emprego e de uma vida melhor. Alguns deles tiveram acompanharam de perto a grande seca do final em 1949, quando segundo o Jornal Pequeno (1949), o governador Barbosa Lima Sobrinho, enviou alimentos e medicamentos para a cidade e que foram distribuídos por um avião. Nos anos de 1957 e 1958, duas grandes secas afetaram a agrícola, afetando principalmente a produção de algodão. Nesse período, segundo o Diário de Pernambuco (1957), os flagelados da seca deixaram a zona rural e partiram para a cidade em busca de alimentos, segundo o jornal, “havia ameaças de saques nas cidades de Flores, Triunfo em Serra Talhada”. O governo do Estado criou a CAGEPE, que durante a década de 1960, junto às frentes de emergias organizadas pelo DNCOS, amenizaram os flagelos de alguns sertanejos.

No entanto, no início da década de 1970, durante a gestão do prefeito Nildo Pereira, a situação voltou a ficar crítica e vários saques foram registrados. O clima

de tensão que se estabeleceu na cidade, principalmente para os comerciantes e feirantes foi descrito em matéria publicada no Diário de Pernambuco (1970).

[SERRA TALHADA - uma nova invasão de famintos, provenientes das zonas rurais, está sendo esperada a qualquer hora nesta cidade e os comerciantes estão temerosos de abrir as portas das lojas ou mesmo ir à feira, na próxima segunda-feira, quando a cidade estará mais movimentada e nenhuma melhora se verificou quanto a estiagem prolongada que prejudicou toda a lavoura do Pajeú. Até ontem a temperatura permanecia elevada e sem perspectivas de chuvas. A Prefeitura vem distribuindo feijão, farinha, sal, rapadura, além de roupas aos flagelados que continuam nas ruas pedindo emprego. Segundo o prefeito Nildo Pereira, foram atendidos 2.500 pessoas, e centenas ainda solicitam alimento. O Sr. Nildo Pereira entrou em contato com o governador Nildo Coelho através do DETELPE, falando da situação do Município e prevendo novas invasões. Comentou ainda o prefeito que os feirantes reclamam a queda da mercadoria o que poderá provocar a falta de gêneros alimentícios¹⁴⁷.]

No relato jornalístico se evidencia que a cidade que anda de mãos dadas com o moderno, também tem que apreender a conviver com os problemas sociais, tanto no seu entorno, quanto no seu interior. Percebesse pelo texto que as medidas tomadas pelo prefeito Nildo Pereira eram meramente paliativos, assim como as frentes de emergências, assim como outras medidas tomadas por governo anteriores. O curioso é que nesse mesmo ano o prefeito concluiu as obras da reforma das Praças Sérgio Magalhães e Barão do Pajeú, projeto que levou quase dois anos para ser concluído, pouco tempo depois ele deu início a construção do estádio de futebol Nildo Pereira de Meneses, o Pereirão, inaugurado em 1973, e tido com a mais importante obra do seu único mandato (1969/1973). Enquanto se gastava altos valores para reforma e embelezar o centro da cidade, os famintos recebiam feijão, farinha, sal, rapadura, além de roupas que eram doadas.

Ironicamente a seca de 1970, ocorreu três anos após a grande cheia de 1967 e dez anos da cheia de 1960. Assim como a seca, um outro fenômeno natural colocou, as enchentes provocadas por chuvas intensas, colocou a prova a estrutura governamental em resolver tais problemas, ao mesmo tempo que de forma indireta acabava por questionar o que de fato era importante para a cidade.

¹⁴⁷ Diário de Pernambuco, dia 16 de abril de 1970.



Imagem 69: Cheia do Rio Pajeú em 1960 (Fonte: Casa da Cultura de Serra Talhada)

A imagem 69 é de abril de 1960, apesar da baixa qualidade, é possível ver o volume de água do Rio Pajeú que invadiu a parte mais baixa da cidade. Outras cheias já tinham ocorridas, mas não nessa proporção, até por que, uma década antes essa região era praticamente inabitada. Essa é a travessa 13 de maio e fica do lado esquerdo da Rua Cornélio Soares, paralela ao leito do rio, e a esquerda da rua XV de Novembro. Essa travessa tem como saída à popular “Rua da Lama”, um dos redutos dos cabarés da cidade, vale a pena registrar que ainda hoje a rua é chamada de Rua da Lama e várias casas de prostituição continuam funcionando da na região. Apesar oficialmente ser denominada de Capitão Hermetério Nogueira. Mesmo já tendo sido calçada, o debate em torno da tradicional ‘rua da Lama’ continua, chegando inclusive a tribuna da Câmara de Vereadores.

Em sessão da Câmara de Vereadores, do dia 22 de março de 2017, o vereador Alfredo Inácio, popularmente conhecido como Dedinha Inácio, do PR (Partido da República), chamou a atenção em sessão ordinária realizada na Câmara Municipal de Serra Talhada, realizada no dia 22 de maio, de 2017. Indignado, o parlamentar defendeu os moradores que residem na Rua 13 de Maio e Capitão Hermetério Nogueira.

O parlamentar, que mora na rua, criticou uma propaganda que teria sido veiculado em meios de comunicação eletrônicos e em um carro de som, tratando a rua, segundo Inácio, de forma pejorativa. “Eu fiquei indignado com a forma que foi dita no carro de som. A história de ‘rua da lama’ nasceu antes da via ser calçada. Mas mesmo após o calçamento ficou com o mesmo nome. Mas tem pessoas de bem na rua. Mesmo àquelas que vivem na prostituição respeitam os moradores”, declarou Inácio, fazendo uma provocação: “Se for para se referir sobre a Rua da Lama por conta do cabaré e drogas, qualquer rua de Serra Talhada é rua da lama. Isso tem em todo canto de Serra Talhada. Em qualquer praça da cidade”¹⁴⁸, disse Dedinha Inácio.

No tocante a imagem, fica visível que a Rua da Lama está debaixo d’água e algumas residências, da Travessa 13 de maio, estavam sendo inundadas pelas águas. O que chama atenção é as crianças, os jovens e adultos posam para a foto brincando, como se aquela situação fosse uma novidade, porém, a situação era totalmente diferente. Segundo o Diário de Pernambuco (1960), mais de 80 famílias estavam desabrigadas:

[80 FAMILIAS FICARAM, EM SERRA TALHADA, DESABRIGADAS-SERRA TALHADA, 4 (De Oscar Tosta da Silva, enviado Especial do DIARIO) – Esta foi uma das cidades que mais sofreram com os efeitos das enxurradas. Onze açudes e uma barragem romperam. Quarenta casas desabaram e outras trinta estão em ruínas, desabrigando 80 famílias. Quatro poços tubulares foram destruídos e duas bombas, arrastadas e desaparecidas. Os prejuízos da lavoura foram totais, e segundo assessoria da Prefeitura o prejuízo já se eleva a mais de um milhão de cruzeiros. O prefeito Hildo Pereira de Meneses, diante da aflitiva situação, telegrafou ao governador Cid Sampaio, pedindo socorros com urgência. Graças a isso, já recebem grande quantidade de medicamentos, estando os víveres enviados ainda em Arcoverde, prestes a chegar aqui. Embora não se tenha manifestado nenhum caso de doença epidemia, a população está sendo vacinada contra tifo e varíola. A parte baixa da cidade foi a única atingida. O rio Pajeú desviou seu curso, para avançar mais de duzentos metros contra a cidade. Com o pânico estabelecido, desde a ocasião em que ruíram as primeiras casas, duas pessoas morreram. FAMILIAS ABRIGADAS: Utilizando-se de prédios públicos, o prefeito de Serra Talhada providenciou abrigo para as pessoas que tiveram os seus lares destruídos. Por enquanto, limitou-se em dar acomodação aos necessitados, de vez que os víveres enviados pelo Governo do Estado, como dissemos acima, ainda se

¹⁴⁸ Fonte: <http://faroldenoticias.com.br/vereador-protesta-em-plenario-e-diz-que-em-todo-lugar-existe-uma-rua-da-lama-em-serra-talhada/>

encontraram em Arcoverde. Embora demonstrando certo desânimo, as vítimas vêm suportando mais ou menos os efeitos da adversidade¹⁴⁹.]

De forma bem objetiva a matéria questiona a lentidão na ajuda e relata os prejuízos com a enchente, que atingiu em cheio as regiões periféricas da cidade. Bairros com o Bom Jesus, que aparece no fundo da imagem foi um dos mais atingidos, isso por que muitas das residências existentes nas margens do rio eram casas de pau a pique, as populares casas de taipa. Lamentável duas pessoas vieram a óbito durante a enxurrada. Sete anos após a primeira grande enchente a ser registrada em imagens, uma bem maior voltou a atormentar a vida dos serratahadenses.



Imagem 70: Cheia do Rio Pajeú em 1967 (Fonte: Dierson Ribeiro)

A imagem 70 é da cheia de 1967, considerada como sendo uma das maiores da história e que atingiu boa parte da cidade. A imagem foi feita de uma ponte da linha férrea, ponto de onde o fotografo captou a dimensão da inundação na Rua Henrique de Melo, que fica a cerca de 2k do leito do rio, ao poucos metros dali, no sentido contrario estava o prédio da SANBRA, que por está em um ponto alto não foi

¹⁴⁹ Diário de Pernambuco, dia 5 de abril de 1960.

atingida. Na imagem é possível que a maioria das casas eram de alvenaria e por isso sofreram menos danos com o alagamento, ao mesmo tempo, vemos duas pessoas atravessando a rua alagada carregando um móvel, caminhando em direção a rua que faz esquina com o Hospital. Certamente a casa em que moravam foi invadida com maior volume de água do que as que aparecem na foto.

Nota-se também a quantidade pessoas na porta de suas casas, observando o volume de água e movimento na rua. Algumas crianças anda no meio do alagamento tranquilamente, diferente da foto anterior onde as pessoas brincavam com água. Pelas informações extraídas durante a pesquisa, identificamos que os danos materiais causados pela enchente de 1967 foram menores que as de 1960. Nesse episódio o que marcou foi o grande volume de chuva, que acabou provocando uma maior extensão do alagamento. O Diário de Pernambuco do dia 11 de abril de 1967 publicou uma matéria que trás mais detalhes sobre a enchente:

[...Em Serra Talhada, para onde foram enviadas equipes de socorro, foram registradas vinte casos de febre tifóide no Hospital local, tendo o Departamento de Saúde Pública determinado a ida de vacinadoras para imunizar a população. Os seus três principais distritos estão isolados, em face de o sangradouro do açude ali construído pelo DNOCS haver cortado as ligações para Loanda. O pluviômetro da SAMBRA acusou na última quinta-feira, 114 milímetros, quando a média anual é de 360/60mm. De janeiro até agora choveu em toda aquela área mais de 900 milímetros, índice comparável a media anual da zona da mata. ATOLEIRO NA BR-232. Na BR- 232, no trecho compreendido entre a cidade de Custódia e Serra Talhada, o trafego permanece impraticável, em face das longas fendas abertas ao longo da estrada. Diversos carros que por ali transitaram, nos dois últimos dias da semana ficaram ilhados¹⁵⁰...]

Na enchente de 1967, vários casos de doença foram registrados, isso por que faltava um trabalho educativo e preventivo, porém, é importante registrar que mesmo não aparecendo na imagem o Bairro Bom Jesus, que durante muitos anos foi chamado de Alto Bom Jesus, hoje o maior bairro da cidade, com uma população de mais 20 mil habitantes¹⁵¹, ficou durante a enchente separada do resto da cidade. O bairro fica a oeste da cidade e é separado do centro pela linha férrea. Antes da

¹⁵⁰ Diário de Pernambuco, dia 11 de abril de 1967.

¹⁵¹ Fonte: IBGE

pavimentação do acesso ao bairro - um via calçada feita sobre os esgotos que descem pela Lagoa Maria Timóteo -, os moradores tinham que utilizar canoas em tempos de cheia para chegar para fazerem compras ou atendimento médico. Expedito Nogueira (2017), mora na rua 08, que fica próxima a linha do trem, ele nos conta que a enchente dava a sensação de existir duas cidade:

“Naquelas cheias eu era um rapazote e me atrevia a tomar banho no rio, mesmo com toda a enchente, a minha mãe reclamava com medo que água me carregasse ou eu me afogasse, e dizia que eu era afoito demais. Tinha uns fim de tarde que eu ficava com meu amigo na calçada olhando um pedaço de pau que ele colocava na beira d'água pra ver se água tava subindo ou baixando, se descesse 'baiceros' era porque algum açude tinha estourado nas cabeceiras do rio e água ia aumentar. Eu também fica olhando para a Igreja e pra rua, e ficava pensando se não existia duas cidades”.

Essa visão simbólica apontada por seu Expedito, é tem de uma discursão feita por Alberto Rodrigues de Oliveira, professor de sociologia da FIS (Faculdade de Integração do Sertão). Oliveira (2014) publicou um a onde fala sobre o surgimento do bairro durante década de 1940. Nessa pesquisa Alberto Oliveira (2014), procurar expor a separação que surgia na cidade como sendo o resultado do nascimento das periferias:

“A linha férrea, que separa o leste do oeste, e a BR 232 que separa o norte do sul, de um lado Bom Jesus e do outro a Borborema. Nada melhor do que essas referências para iniciar uma parte da história urbanista de Serra Talhada. O centro e as periferias, a cidade e o subúrbio. O lugar onde mora já define a posição social. Essa história inicia das margens para o centro, ou analisa os que moraram em periferias e hoje estão em bairros valorizados e esqueceram-se das suas origens” (Oliveira, 2014, p.173-174).

De fato as separações, com bem disse Oliveira, ocorreram em Serra Talhada do centro para as periferias. E os lugares que permaneceram no centro que não são propriedades ou não visitados/socializados pela elite, acabam sendo discriminados, como no caso da Rua da Lama, mas como bem disse o vereador Dedinha Inácio (2017), existem várias 'ruas da lama' em Serra Talhada.

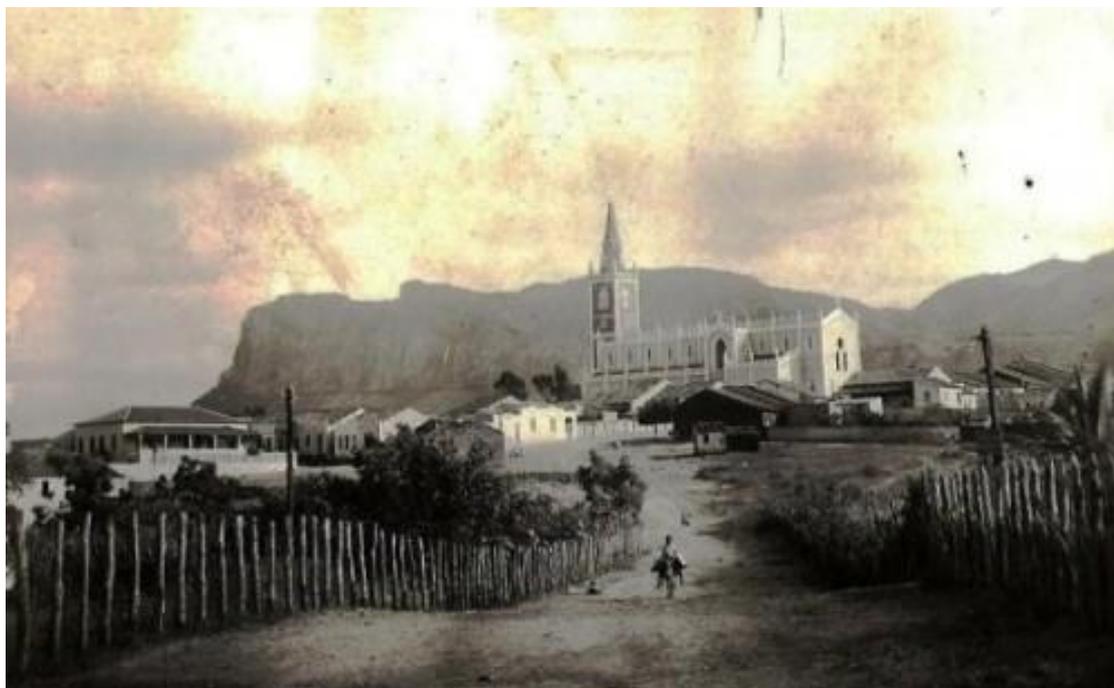


Imagem 71: Região periférica de Serra Talhada (Fonte: Casa da Cultura de Serra Talhada)

Na imagem 71, feita durante o final da década de 1950, podemos observar alguns traços da modernidade da cidade, vista ao fundo da imagem, onde se destaca o prédio da Igreja Matriz e os casarões das famílias tradicionais com suas varandas e muradas, que possuíam detalhes arquitetônicos com elementos da ostentação do poder aquisitivo dos seus proprietários. O grande casarão a esquerda, pertenceu ao Coronel Zé Pereira, líder político da vizinha cidade de Princesa Izabel – PB, o Coronel tinha laços familiares na cidade e também possuiu uma fazenda no município, a onde morou durante a década de 1940. A imagem também registra um solitário homem, montando em burro com uma ‘cangaia’ cheia, provavelmente com utensílios para uso doméstico ou produtos alimentícios, tendo o seu animal andando em ritmo lento, por uma estrada de terra e em meio às cercas de madeira e arame farpado, ouvindo o canto dos pássaros e deixando pra trás a cidade moderna com suas ruas urbanizadas, cheia de barulho e de agitação.

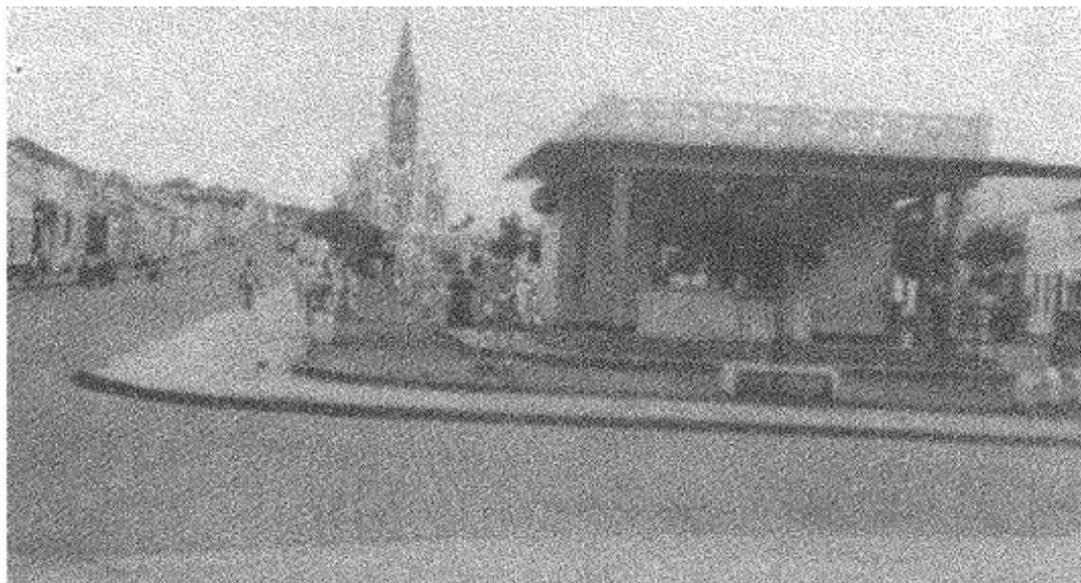


Imagem 72: Bar Abrigo, em 1957 (Fonte: Enciclopédia dos Municípios, 1958)

A imagem 72 em destaque é do espaço bastante popular que existiu na cidade e que ficou na memória de muitas pessoas, principalmente pelas histórias que ali se passaram. Na imagem, data de 1957, ao fundo é possível perceber o início da Praça Sérgio Magalhães, com destaque para Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha, ao lado esquerdo, alguns pontos comerciais e residências, alguns carros da época e algumas pessoas espalhadas por diversos pontos da fotografia. No entanto, o ponto central é o Bar Abrigo, que recebeu esse nome por que a idéia original é que local, construído após a construção da praça, em 1951, servisse de abrigo para os moradores de rua. Com o passar do tempo o prédio virou bar e passou a ser frequentado por muita gente. Lá se conversava de tudo; de política a futebol, passando pela religião, até chegar na vida alheia. Infelizmente o local também ficou marcado por ter sido palco de discussões, brigas violentas e de assassinatos.

Em entrevista, Adriana Barbosa Oliveira, filha do proprietário do Bar Abrigo, falou sobre a relação do seu pai com aquele espaço o que levou ele a deixar a cidade. “Meu pai era Lourinho do Abrigo, ele administrou o Abrigo durante anos. Rodeado de amigos e amante da Vaquejada, era apaixonado por Serra Talhada e seu povo. Lembro da minha Tia Nezita contando sobre as conversas dos clientes do Abrigo e como era rotina do povo na Praça Sérgio Magalhães. Nostalgia pura. Infelizmente, meu pai saiu de Serra Talhada por causa da violência. O que se encerrou com sua morte, nesta cidade que tanto amava, fazendo o que mais

gostava, em cima do cavalo, na porteira da pista de Vaquejada. Lembro de Sr. Josias, pai de Dra. Josildete, falando que o Abrigo foi repassado do meu pai pra ele em 71 ou 72, mais ou menos, antes dele ir morar em Petrolina. Sr. Josias é história viva sobre o Abrigo e devia ser consultado pra lembrar a cultura da Praça e do nosso povo daquela época”.



Imagem 73: Banco da Diva (Acervo de Alejandro J. García -2015)

As reformas urbanistas realizadas nas grandes e médias cidades brasileiras proporcionaram o surgimento de novos hábitos e, em contrapartida, sepultou velhos costumes dos seus moradores. Na esteira dessa modernidade, Serra Talhada encontra-se transitando entre esses dois pólos; o novo e o velho. Foi desse antagonismo que durante a pesquisa um fato curioso, envolvendo a memória da cidade, nos chamou atenção, a existência de um banco na principal praça da cidade com o nome de DIVA (imagem 73). Então, buscamos averiguar junto a antigos moradores e freqüentadores da praça a origem do apelido do banco.

O apelido DIVA teve sua origem durante o ano de 1970, quando o prefeito Nildo Pereira (1969/1973), reformou as Praças Sérgio Magalhães e Barão Pajeú, deixando elas com novas características arquitetônicas e que existentes até os dias atuais. As duas praças – na verdade não deveria existir a divisão nominal da praça –

são alguns dos maiores cartões postais do município e passagem obrigatória de quem visita a cidade. O grande volume de pessoas que sempre transita pela praça chamou a atenção de um grupo de curiosos e observadores da vida alheia, que logo após a reforma, adotaram um banco para falar da vida dos outros. O banco escolhido fica estrategicamente localizado na Praça Barão do Pajeú com vista para a Praça Sérgio Magalhães e com visão ampla para as ruas adjacentes. Quem sobe ou quem desce as praças, obrigatoriamente têm que passar pelo famoso banco, que foi batizando de DVA – Departamento de Informação da Vida Alheia.

Segundo o professor João Antunes, tudo começou quando um grupo de jovens resolveu conversar diariamente até altas horas da noite. “Não se sabe quem deu o nome, mas os cadeiras cativas eram Ivo Policarpo e Aluizio (Nenê), infelizmente os dois já faleceram”. A empresária Ana Maria de Souza Neri, mais conhecida como ‘Aninha’, relata que o banco só era frequentado por homens e que praticamente todos ganhavam apelidos. “Era uma época de igualdade. Onde todos eram iguais. As brincadeiras eram sadias e não havia tantas maldades como nos dias de hoje”, destaca a empresária. Aninha acrescenta que “foi do banco da diva que surgiram muitas das fofocas que foram publicadas nos jornais ‘o Linguarudo’ e o ‘Tesoura’, apesar das polêmicas nunca ocorreu nenhuma briga por causa das fofocas”.

Outro profundo conhecedor dos frequentadores do banco da diva é Seu Carlos, dono de um dos bares mais tradicionais do centro cidade há mais de 25 anos. Seu Carlos relata que apesar de alguns frequentadores do banco cultivarem os hábitos dos velhos boêmios (tomar cachaça e fumar até amanhecer o dia), ele nunca viu nenhuma confusão no local. “A coisa mais triste que vi foi à morte de um rapaz que foi atropelado logo que saiu do banco há mais de 10 anos”.

Ao longo das últimas décadas as Praças Sérgio Magalhães e Barão do Pajeú vêm sofrendo com o abandono e falta de conservação da sua estrutura física. A iluminação é precária e os postes e as lâmpadas são aos moldes da sua última reforma, há mais de quatro décadas. O próprio banco perdeu um pouco do seu charme em função da derrubada inconseqüente do pé de azeitona que ficava ao seu lado.

Muitos jovens praticamente não conhecem nada sobre a história do banco da diva e dos seus personagens, muitos, talvez, já tenham sentado no local, mas nem imaginam que por ali já passaram médicos, advogados, engenheiros, músicos, compositores, dezenas de anônimos, que ao longo dos anos transformaram um simples banco e um espaço para diversos encontros e reencontros.

Apesar disso, é importante destacar que as novas gerações constroem as suas próprias identidades. Um dos “points” da nova geração é a calçada do BNB (Banco do Nordeste). No entanto, existem outros bancos com nome curiosos, como por exemplo o banco “USB” ou “Anexo”, que fica atrás do banco da Diva, e também o “Parlamento”, que ficava em frente à casa da advogada Dra. Dalva, uma antiga e animada moradora da praça. O outro ponto que mais se assemelha com o banco da diva, é popularmente conhecido como o “evereste”. O banco “evereste” também fica praça e está localizado em frente à Igreja Matriz da Penha. O nome surgiu porque o banco fica na parte mais alta da praça e porque durante as madrugadas faz muito no local.

GOVERNO

Câmara de Serra Talhada vende uma praça da cidade

A Câmara Municipal de Serra Talhada (a 425 quilômetros do Recife), autorizou a venda da metade da praça principal da cidade.

A praça em homenagem a um de seus filhos ilustres, Sérgio Magalhães, pai do ex-governador Agamenon Magalhães — por iniciativa do prefeito Nildo Pereira, foi repartida ao meio. Sua metade será vendida ao Banco do Brasil, por 90 mil cruzeiros.

A Câmara Municipal de Serra Talhada, com nove vereadores, todos da ARENA, aprovou por unanimidade a mensagem do prefeito Nildo Pereira, apesar do protesto da população.

A Praça Sérgio Magalhães, um dos poucos logradouros de Serra Talhada, ficará reduzida ao meio, para tristeza de seus frequentadores. Ali, o Banco do Brasil construirá a sua agência. Com a construção, será destruído também, o marco comemorativo do centenário da cidade, antiga Vila Bela.

Dizem seus moradores que, se o prefeito tivesse feito um plebiscito para a venda, toda a população seria contrária a esta iniciativa, porque o prédio da nova agência do Banco do Brasil poderia ser construído em outro local.

Vendida metade da praça

A população da cidade sertaneja de Serra Talhada, está revoltada. A Câmara Municipal acaba de aprovar mensagem do prefeito Nildo Pereira, autorizando a venda da metade da praça principal da localidade, ao Banco do Brasil.

Com a construção da agência local do BB, será destruído, também, o marco comemorativo do Centenário da cidade. A metade da praça Sérgio Magalhães foi vendida por 90 mil cruzeiros. (5.ª página).

Praça

O Banco do Brasil desistiu de comprar uma praça em Serra Talhada. O logradouro tem o nome de um filho ilustre daquela cidade — Dr. Sérgio Magalhães — e lá seria construída a sede da agência do BB. A população vibrou com a desistência e aplaudiu o deputado Ribeiro Godói que, denunciada a transação, evitou a alienação da praça.

Imagem 74: Matérias publicadas no Diário de Pernambuco (Montagem do autor)

Outro fato referente ao cotidiano e a memória da cidade, diz respeito ao processo da venda da metade da Praça Sérgio Magalhães. O episódio ocorreu em março de 1972 e gerou muita polêmica, isso porque o então prefeito Nildo Pereira, enviou mensagem a Câmara de Vereadores solicitando a autorização para a venda da metade da Praça Sérgio Magalhães para o Banco do Brasil, pelo valor de 90 mil cruzeiros, conforme matéria publicada no Diário de Pernambuco (Imagem 74).

Segundo o jornal, os nove vereadores da época, que faziam parte da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), aprovaram por unanimidade a transação. O problema é que a população se revoltou e não concordou com a iniciativa dos dois poderes e o Banco acabou desistindo do negócio. É importante ressaltar que em várias cidades do interior do país, o Banco do Brasil construiu agências no meio de praças públicas, mas no caso de Serra Talhada isso não aconteceu por força da pressão popular. Restou ao banco construir a agência no entorno da Praça Sérgio Magalhães.

2.5 O futebol, a música, as passarelas e o sindicalismo: são as mulheres sertanejas a frente do seu tempo

A metamorfose do gênero feminino, beleza e autorrealização Lipovetsky¹⁵², quando analisa as transformações do gênero feminino nas sociedades ocidentais, aponta para três concepções históricas: a primeira, a segunda e a terceira mulher. Segundo o autor, as mulheres tinham a existência associada ao fato de serem consideradas inferiores; o único papel relevante que lhe era atribuído era o da maternidade. Mesmo assim, ao homem era dado todo o mérito pela procriação, como resultado de sua virilidade. Desprezadas e sem apreciação, longe das funções nobres, cabia à mulher a detenção de poderes temidos.

¹⁵² LIPOVETSKY, Gilles. A terceira mulher: a permanência e a revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. _____; SERROY Jean. A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada; tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. _____A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo; tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. OLIVEIRA, Paolla. Estrela da capa. Revista Claudia, n.7, Ano 54, São Paulo, julho 2015. p.86-89. Entrevista.

Em Lipovetsky (2000, p. 234) a mulher é referenciada, sob este modelo, como a primeira mulher: “Mulher, mal necessário confinado nas atividades sem brilho, ser inferior sistematicamente desvalorizado ou desprezado pelos homens: isso desenha o modelo da ‘primeira mulher’”. Já à mulher do lar, tal como é pensada nos séculos XIX e XX, nas considerações de Lipovetsky (2000), cabe as tarefas de administrar racionalmente o lar, gerenciar a economia da casa, cuidar da ordem e limpeza, assim como manter a saúde da família e contribuir para que os filhos ascendam socialmente. Sob este novo papel, Lipovetsky (2000, p. 236), denomina o gênero feminino como a “segunda mulher”: Força civilizadora dos costumes, senhora dos sonhos masculinos, “belo sexo”, educadora dos filhos, “fada do lar”, ao contrário do que ocorria no passado, os poderes específicos do feminino são venerados, colocados num pedestal. Depois do poder maldito do feminino, edificou-se o modelo da “segunda mulher”, a mulher enaltecida, idolatrada, na qual as feministas reconhecerão uma última forma de dominação masculina. Passado um longo período de tempo, no qual a mulher pouco priorizava suas vontades e seus prazeres, em função de seu papel numa sociedade na qual seu valor era medido pelos atributos como dona de casa, esposa e mãe, chega o momento em que ela sente uma verdadeira valorização, que leva em conta seu ser, independente das atribuições conferidas ao gênero.

A partir da década de 1970, a aprovação do trabalho assalariado da mulher ganhou um impulso e não retrocedeu mais; muito pelo contrário, a legitimidade do trabalho feminino fora de casa acentua-se nos dias atuais. No tempo contemporâneo emerge uma mulher que sente a necessidade de além de mãe, esposa e dona de casa, também atuar na sociedade como profissional e como mulher independente, assumindo com competência todos esses papéis. Sob esta perspectiva Lipovetsky (2000), desenha o perfil da “terceira mulher”.

Serra Talhada é uma cidade com tradição conservadora, onde o patriarcalismo tornou-se uma regra ao longo dos anos, desde as oligárquicas, que dominam a cidade há mais de três séculos, até as camadas populares. Nesse contexto, as mulheres viviam a margem das decisões e das escolhas, remetida a um papel de coadjuvante. Durante a maior parte do século as mulheres não ocupavam lugar de chefia em órgãos públicos e nem exerciam atividades autônomas. A

exceção eram as costureiras e as empregadas domesticas. Na atividade política somente em 1988 uma mulher foi eleita vereadora, nesse mesmo ano uma outra foi candidata derrotada a vice-prefeita. Boa parte das jovens se tornavam professoras, por influencia curso normal que era lecionada no Colégio Normal da Imaculada Conceição, que era administrado até hoje por freiras vicentinas.

No mundo do futebol as restrições a presença feminina também existia, inclusive como espectadora, principalmente nas primeiras décadas do século XX. Porém, o sexo frágil foi lentamente rompendo as barreiras o que separavam da bola e dos gramados. No que se refere a Serra Talhada, os espaços sempre foram restritos, principalmente em função do machismo e da falta de apoio para a formação de equipes femininas. Por esses motivos, encontrar registros sobre a presença de mulher no futebol local é quase impossível. As raras fotos encontradas apontam a caracterização de uma mulher vista apenas como figurante, ou no mínimo, coadjuvante.



Imagem 75: Time do Odeon Futebol Clube – década de 40. Em pé: Nenén, Antônio de Sá, Manoel de Constância, Amaury, Walfredo, Ivanildo, Luiz, Felinto, Manoel Carvalho e Geruza // Agachados e sentados: Chico de João Gomes, Genildo, Areinha, Zé de Lucas, Luciano e Zé de Carcanha. (Acervo do Professor Dierson Ribeiro)

Um dos raros registros é do time do Odeon Futebol Clube, criado por Zé Ribeiro na década de 1940. Na imagem 70 são identificadas duas mulheres. A primeira do esquerdo é Nenén, aparentemente a porta bandeira, parece ser esposa de algum dos jogadores ou de algum dos diretores do clube. A outra moça que posa do lado direito é Gerusa, infelizmente não se sabe nada sobre o seu dela vínculo com a equipe.

Já na década de 70, com a construção do estádio Pereirão e a ascensão do Comercial Esporte Clube, a presença das mulheres passou a ser vista com mais frequência nas arquibancadas. Era comum as famílias assistirem aos jogos nos finais de semana, sempre acompanhadas de crianças e adolescentes. No entanto, algumas presenças não eram muito bem vistas, como a de Nivalda – a mais popular dona de cabaré da época – e as suas “meninas”. Segundo Gomes (2015), mesmo sendo fies torcedoras do Comercial, elas precisavam ser isoladas pela polícia em um canto das arquibancadas do estádio, “para alguns era uma forma de distinguir os estilos de vida conflitantes, já para outros, isso representava uma postura conservadora de quem visava apenas preservar os valores morais das famílias e da sociedade serra-talhadenses”.



Imagem 76: Montagem do ator. A esquerda, a Miss Pernambuco 1974, Cilene Aubry, entrando em campo junto com os capitães do time Comercial e da equipe adversária e atrás do lado esquerdo Lia Lucas. A direita, o ex-prefeito Nildo Pereira, Zé Naildo, Luiz de Cecília, o ex-deputado Inocêncio Oliveira, o ex-prefeito Tião Oliveira, Seu Né das Bicicletas e a Miss Pernambuco 1975, Fátima Mourato, entrando no gramado do estádio o Pereirão (Acervo do professor Dierson Ribeiro)

Apesar do choque cultural existente, o espaço feminino ainda continuou delimitado e difícil de ser conquistado. A mulher só era vista como protagonista em

jogos quando ocorriam eventos importantes. Alguns desses jogos está registrado na imagem 76, onde podemos ver a esquerda, a entrada da Miss Pernambuco de 1974, a serra-talhadense Cilene Aubry, entrando em campo junto com os capitães do time Comercial e da equipe adversária. Vale destacar a presença da primeira mulher a conseguir ter voz e vez dentro de um time que foi Lia Lucas. A direita da imagem 76, temos o ex-prefeito Nildo Pereira, Zé Naildo, Luiz de Cecília, o ex-deputado federal Inocêncio Oliveira, o ex-prefeito Tião Oliveira e Seu Né das Bicicletas, entrando no gramado do estádio o Pereira com a então Miss Pernambuco 1975, Fátima Mourato.

O tempo passou e somente nos anos 90 encontramos um time de futebol feminino, e pelo incrível que pareça, surgiu justamente em um pequeno e até então esquecido bairro da cidade. Foi no bairro da Caxixola que as jovens do Palmeiras fizeram história, apesar da falta de apoio, elas conquistaram vários títulos locais em quase três anos de existência.

Maria Augusta Ribeiro de Bastos, ou simplesmente, Lia Lucas, nasceu em Serra Talhada em 20 de novembro de 1920. Filha do empresário e líder político João Lucas, ligado a U.D.N., Lia foi um dos grandes referências do futebol serra-talhadense em uma época em que a mulheres só eram vistas nos estádios em dias de jogos. O esporte entrou na vida Lia Lucas ainda na adolescência quando ela estudava em Caruaru. Na época ela foi escolhida para ser madrinha do time de futebol do Tiro de Guerra daquela cidade. Anos mais tarde, já de volta a Serra Talhada, tornou-se uma importante personagem da história Comercial Futebol Clube. Apesar de ser uma torcedora fanática do Botafogo (RJ) e do Santa Cruz, o Comercial foi uma de suas maiores paixões, ao ponto de se considerar por muitos jogadores e torcedores como a “mãe” do clube.



Imagem 77: Lia Lucas com madrinha do time do Tiro de Guerra da cidade de Caruaru dos anos de 1937 e 1938. (Acervo de Teté de João Lucas)

Lia Lucas desenvolveu um papel importante, ainda que ele tenha ocorrido mais nos bastidores do Comercial, ela atua de forma decisiva em vários momentos do clube, chegando inclusive a indicar jogadores para compor o elenco do time. Como era uma pessoa dotada de grande conhecimento intelectual e cultural, pois era filha de um ex-prefeito e um dos homens mais ricos da cidade, estudou em Recife e visitava constantemente grandes metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, além de ler livros de autores renomados e de falar com fluência o inglês. Segundo Gomes (2015), ela era perfeccionista e por isso gostava das coisas organizadas, Lia Lucas “chegou a contratar uma professora para dar aulas de boas maneiras aos jogadores e orientá-los sobre as formas de se comunicarem com a imprensa”. O que na época parecia ser desnecessário, hoje se tornou regra em qualquer time profissional do mundo.

Ela não ocupava um cargo específico, ora atuava como responsável pela mobilização da torcida em dias de jogos, tanto os realizados na cidade, como em municípios vizinhos, ora era a pessoa que motivava e aconselhava os jogadores. Determinada, ela ajudava o alvirrubro de todas as formas, chegando inclusive a

contribuir financeiramente. Segundo o ex-jogador Colorado, “com Lia por perto, jogador não passa fome e nem necessidade, pois ela sempre buscava uma forma de ajudar os atletas”. Foi dela a iniciativa de encomendar ao multiartista Arnaud Rodrigues¹⁵³ a elaboração do hino do Comercial. Coube a artista escrever a letra, fazer os arranjos e colocar a voz:

“Hino do Comercial
É a praça/ É o domingo
Gente discutindo/ Debaixo do sol
A cidade está nua/ E o povo na rua/ É de futebol
Olhe o time entrando/ A galera gritando
O som das gerais/ Esse time é de mola
É de sangue, é de bola/ De raça, de gás
É traquino, é malino/ É teimoso, é sapeca
É levado da breca/ Esse Comercial
Olha a bola rolando/Mais leve que a brisa
E na cor da camisa/Tem sangue demais
Por que! Ele é fibra! Ele vibra!
Nota 10, uma nota normal
Ele é lindo! Ele é líder!
Ele é líder meu Comercial” (Letra/voz: Arnaud Rodrigues)

¹⁵³ Nasceu em Serra Talhada e morreu em Lajedo, em Tocantins. Arnaud Rodrigues era ator, cantor, compositor e comediante. Trabalhou nos programas de Chico Anysio na Rede Globo, no programa "A Praça é Nossa" com Carlos Alberto de Nóbrega no SBT. Além disso, destacou-se em novelas, sobretudo com sua personagem "Soró", na novela "Pão, pão, queijo, queijo" de Walter Negrão, exibida na Rede Globo. O sucesso do personagem, um imigrante nordestino ingênuo e bem humorado, foi tanto que Arnaud voltou a interpretá-lo no filme "Os Trapalhões e o Mágico de Óroz".



Imagem 78 - Lia Lucas a lado do Jogador Garrincha, em jogo amistoso no estádio o Pereirão realizado na década de 1970. (Acervo de Teté de João Lucas)

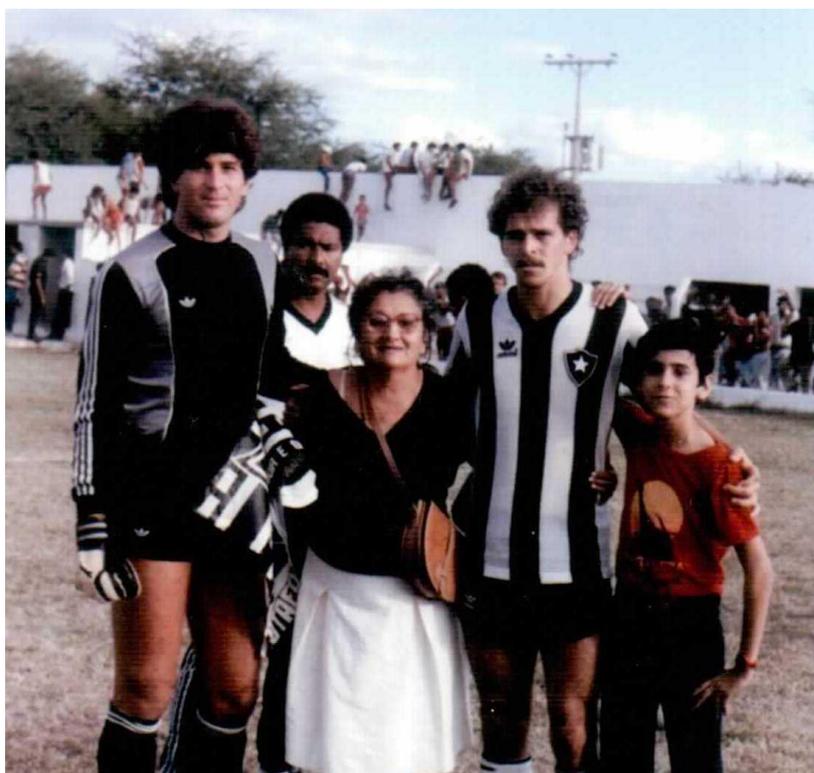


Imagem 79: Lia Lucas ao lado do goleiro Paulo Vitor (esquerda) e o meio campista Alemão (direita) em jogo do Botafogo-RJ no Pereirão. (Acervo de Teté de João Lucas)

Segundo Gomes (2015), o Comercial de Serra Talhada, que foi fundado oficialmente em 1963, foi “o primeiro do Sertão de Pernambuco a se profissionalizar e a disputar os campeonatos estaduais de 1980, 1981 e 1982”. Após o acúmulo de dívidas trabalhistas e previdenciárias, as mudanças políticas na cidade e a morte do seu fundador, Egydio Tôrres de Carvalho, o Comercial foi extinto em 1983. Mesmo após o fim do Comercial, Lia não deixou de lado o futebol e sempre que possível marcava presença em jogos importante que eram realizados no Pereirão. Poucos anos antes de sua morte, mesmo com a saúde debilitada, ela ainda encontrou forças para ir ao encontro de um dos grandes ídolos do futebol brasileiro, o ex-ponta direita Jairzinho, o furacão da copa mundo de 70, que jogou na seleção e no Botafogo. O encontro emocionou o ex-atleta que acabou não contendo as lágrimas. Lia Lucas morreu aos 89 anos, solteira, em janeiro de 2010. Durante o velório, o caixão com o corpo da “mãe” do Comercial foi envolto com a bandeira do clube e depois sepultado ao som do hino do time.



Imagem 74: Lia Lucas ao lado do ex-jogador Jairzinho, o furacão da copa de 1970, em 2009. (Acervo de Teté de João Lucas)

Durante o processo de pesquisa visitamos a casa a onde morou Lia Lucas, sempre contando com a companhia da sobrinha, a professora Teté de João Lucas, que nos doou algumas fotos e também alguns escritos de Lia. Em um dos desses escritos, feito de próprio punho em 1975, Lia se autodescreve. Na narrativa ela busca se mostrar como uma mulher sensível, cheia de paixões e de medos, mas também uma pessoa de muita personalidade, principalmente no que se refere a políticos:

“Meu maior amor, meus irmãos, minha família, assim, foi minha vida, cheia de fantasia, com plumas e paetê, mas sim a utopia mascarada. Amava muito e não era entendida. Medrosa, ciumenta, pavor e nostalgia a ponto de querer ser uma morta com um vigilante ao tumulto. Isto é fantástico, êste meu lado. Nunca ao longe de soslaio, via talvez, o que não desejava. O mais lindo da minha vida, o oculto, misterioso, fugidio, teimosa e covarde. Ora medrosa. Amava as pessoas com sinceridade. Parecia gostar de política, mas deles tinha nôjo, pelas mentiras. Adorava o Botafogo (Rio), Santa Cruz, tricolor corajoso e o imortal Comercial F. Clube. Samba minha alegria, meu lado quente. LIA – 1975 –”

Em artigo publicado no Jornal Desafio, um periódico que circula na cidade e região, intitulado de “Lia Lucas: caráter de vanguarda e dimensão intelectual”, a escritora, professora e poetisa Helena Conserva (2009) expõem a sua visão sobre a conterrânea, pela qual nutri grande admiração. “A pesar da rigidez com a qual foi educada, fazia o que achava que era bom para ela e que muitas vezes ia de encontro com a ordem social vigente. Gostava de liberdade, de viajar sozinha ou acompanhada. Amava o Rio de Janeiro. Vaidosa, Lia lançava moda do “tomara que caia” e foi duramente criticada, mas a sua postura de mulher respeitável e de personalidade austera, não a intimidou nem a fez recuar”. Além de ressaltar a contribuição de Lia Lucas, Gomes (2015), também os nomes de outras mulheres que exerceram papéis relevantes também são lembradas por ex-jogadores e torcedores do clube, entre elas, está D, Hilda, a enfermeira, e de D. Antônia, a proprietária do restaurante a onde os atletas faziam as suas refeições.

O CIST (Clube Intermunicipal de Serra Talhada), foi fundado em 25 de dezembro 1951, com tempo indeterminado de duração, teve a sua primeira diretoria formada por Moacyr Godoy (Presidente), José Nunes Magalhães, Alexandre Firmo

Ferraz, Pedro Antunes Lima, Wilson Matos, José Aubry da Costa, Manuel Antonio de Souza e Antonio Gomes de Lucena. Entre os objetivos do clube estava o de “promover e incentivar entre os seus sócios a prática de todos os desportos, desenvolver atividades culturais e de assistências e manter o espírito de cordialidade e cooperação que entre eles deve existir” (Art. 3º. do Estatuto do CIST).

Mas como ocorreu em outros clubes sociais do país, os diretores do CIST também criaram suas barreiras, formas de dividir os grupos sociais e os gêneros. Segundo Jerônimo Neiva, popularmente conhecido como Onquinha Novaes, um dos diretores do clube, em conversa informal com o autor, narrou o fato de que nas primeiras décadas de existência do clube mulheres não acompanhadas não poderiam entrar, em alguns casos, os diretores chegavam a exigir um laudo médico que comprovasse que a jovem era de fato moça. A atitude, segundo Onquinha, era “evitar que as moças faladas nas cidades entrassem no clube e viesse a manchar o nome do clube e dos sócios”.



Imagem 80: Jazz Band Serra Talhada, final da década de 1940 (Fonte: Site Farol de Notícias)

As restrições a presença das mulheres não se aplicava apenas aos salões dos clubes, mas também a participação em banda musicais. A imagem 80 é da *Jazz Band de Serra Talhada*, grupo musical que marcou época não só em Serra Talhada, mas em todo o estado de Pernambuco. A banda ficou famosa após ter participado dos eventos em alusão à visita do interventor Agamenon Magalhães, em 1940. Logo

após o evento, os músicos realizaram inúmeras excursões por cidades do interior e por clubes do Recife. A banda chegou ao fim na década de 1960, após ter revelado um importante nome a música nacional e internacional, o Maestro Moacir Santos¹⁵⁴, que participou da primeira formação da Jazz Band. Durante a sua existência a banda não foi registrada a presença de mulheres.

A imagem 80 mostra a banda posando, tendo ao fundo a lateral da Igreja do Rosário, o que nos leva a crer que ela foi feita logo após um evento importante, já que a Prefeitura Municipal e a Câmara de Vereadores, funcionavam ao lado da Igreja. Os nove músicos na imagem faziam parte da segunda formação da banda, já no final do anos de 1940. Entre seus componentes, conseguimos identificar o ilustre maestro Antônio Nogueira, “Seu Nogueira”, falecido recentemente. Ele é o primeiro da esquerda para a direita, logo atrás do Maestro da Jazz Band, o Sargento Luiz Benjamim. O terceiro da esquerda para direita é o Maestro Edésio, o antepenúltimo da direita para a esquerda, é “Seu Genival”, e o último é Luiz Joaquim Antônio da Silva. Vale apenas destacar que os músicos souberam aliar ao ritmo americano, o jazz, ao toque nordestino, acompanhado de um pandeiro de coro, provavelmente feito com a pele do bode, além de bandolins, saxes, clarinetes e uma bateria. A participação da mulheres começou a ser aceita a partir do final dos anos de 1960, quando as primeiras cantoras de banda começaram a ser apresentar nos palcos do clubes Líder, AABB e CIST.

Uma das primeiras mulheres a quebrar o tabu existente no CIST, clube da elite local, foi Antonieta Pereira. No entanto, o clube que nasceu para proporcionar o lazer e o entretenimento para a parte rica da sociedade serra-talhadense da metade do século XX, acabou se tornando um grande agregador social ao longo no início dos anos de 1980, abrindo espaço para todas as camadas da sociedade, independente de crença, raça, opção partidária ou time de futebol.

¹⁵⁴ Moacir Santos, nasceu em Flores - PE, em 26 de julho de 1926. Ainda Criança veio para Serra Talhada, na época ainda chamada de Villa Bella. Ele foi um arranjador, compositor, maestro e multi-instrumentista brasileiro. Iniciou sua carreira no sertão pernambucano, integrando entre outras banda, a Jazz Band Serra Talhada. No final da década de 1940 mudou-se para o Rio de Janeiro, e nessa cidade foi contratado pela Rádio Nacional. Durante dois anos, morou em São Paulo, onde regeu a orquestra da TV Record, voltando logo em seguida para o Rio de Janeiro. Em 1967 mudou-se para Los Angeles pois fora convidado para a estreia mundial do filme “Amor no Pacífico”, do qual havia sido compositor. Estabeleceu moradia fixa na região de Pasadena, na Califórnia, onde viveu compondo trilhas para o cinema e ministrando aulas de música. Moacir Santos faleceu em 6 de agosto de 2006, na Pasadena (EUA), onze dias após completar 80 anos.

O espaço do CIST serviu para a realização de casamentos, batizados, aniversários, bailes de carnaval, festas juninas e natalinas, concursos de beleza, desfiles de moda, reuniões políticas, congresso de estudantes, festival do sorvete e da cerveja, e até para exibição de filmes, entres outras atividades. Pelo palco do CIST passaram dezenas de artistas, entre eles, “Edésio e os Seus Red Caps”, “Assissão”, “Rui Grudi”, Edson Lima (na época ele cantava na Banda Talismã), “D.Gritos”, “Os Cômruos”, Planeta Terra, e a cantora Gretchen, conhecida pelos hits “Freak Le Boom Boom”, “Conga Conga Conga” e o “Melô do Piripipi”.

Antonieta Pereira foi um dos símbolos de uma época de ouro do CIST– Clube Intermunicipal de Serra Talhada -, já que foi uma das primeiras mulheres a subir no palco do clube como vocalista de uma banda musical. A primeira foi Nena, mas infelizmente sua passagem pelo mundo da música foi meteoro, e não ficou registro de imagens da moça e nada se sabe sobre o paradeiro dela. Uma outra moça que começou a cantar. Mas se envolveu em um relacionamento amoroso não bem visto pela cidade e acabou sendo ‘escurraçada’ da cidade.



Imagem 81: Antonieta Pereira se apresentando com Banda Edésio e seus Red-Caps no CIST (Fonte: Casa da Cultura de Serra Talhada)

Na imagem 81 vemos a jovem Antonieta, cercada por músicos do sexo masculino, iniciando a carreira como cantora, sob os cuidados do exigente e competente maestro Edésio, que na foto aparece segurando o sax, ele era o proprietário da banda “Edésio e Seus Red-Caps”. O grupo era formada por talentosos músicos da cidade, entre eles, Rui Grúdi, que aparece com a guitarra, Naldinho, Zé Boquinha, Luiz Fogos, que aparece com o saxpiston, e o próprio Maestro Edésio. A jovem loira de 13 anos, precisava de uma autorização por escrito assinada pelos pais para poder se apresentar no clube, assim como, para que pudesse entrar dentro do clube para realizar os ensaios ou quando ir curtir uma baile, ela precisava estar acompanhada pelos pais ou pela esposa do presidente do CIST.

Em meados dos de 1970, Antonieta Pereira já uma importante nome da música local e pajezeira, e logo, a cidade se tornou pequena para o seu talento. A convite de outro grande músico da cidade, Paulo Rosbac, Antonieta desembarcou na cidade de São Paulo no final dos anos 70. Em São Paulo ela cantou em grandes bandas, como a Avanço 2000, e se apresentou nas melhores casas noturnas da grande metrópole. Ao longo de sua carreira a cantora serra-talhadense se apresentou ao lado de grandes nomes do cenário musical nacional, como Ângela Maria, Roberta Miranda, Jair Rodrigues, Cauby Peixoto, Sérgio Reis, Martinha, Tony Angelis, entre outros. No início da década de 2000, Antonieta retornou a sua terra natal acompanhada pelo seu esposo Antônio Carlos. Há poucos anos atrás ela gravou o CD, “Antonieta de volta ao romantismo”, uma seleção de grandes clássicos e que nos proporciona uma verdadeira viagem no tempo, curtindo uma das mais belas vozes que já brotaram no Sertão do Pajeú.



Imagem 82: A líder do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais Vanete Almeida (Fonte: Capa do livro Ser Mulher no Mundos Homens)

A imagem 82 destaca a presença da líder do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, Maria Vanete Almeida, também conhecida por familiares e amigos, como Netinha. Ela faleceu no dia 09 de setembro de 2012, aos 70 anos no hospital Albert Sabin, em Recife, vítima de câncer no útero. Netinha fazia parte da Academia Serra-talhadense de Letras (ASL) e era fundadora da Rede Latino-Americana e do Caribe de Mulheres Rurais (LAC). Na imagem, feita no final dos anos de 1970, a jovem líder sindical discursava em ato do sindicato dos trabalhadores rurais de Serra Talhada, cercado por homens, ao seu lado esquerdo, destaca-se o já falecido sindicalista Manoel Santos, que foi presidente do Sincanto dos Trabalhadores Rurais, da FETAPE, da CONTAG e foi eleito duas vezes deputado estadual.

Netinha nasceu no dia 21 de junho de 1943 em Cachoeira, município de Custódia, Sertão de Pernambuco. Era filha de Lígia Almeida e Elísio Paulo e foi criada pela avó materna, Leonor Almeida. Seu pai, mais conhecido como Eliezer, era gerente de uma fábrica de beneficiamento de sisal e morreu quando Vanete tinha sete anos. A partir daí a família se mudou definitivamente para Serra Talhada. Em 1952, aos nove anos, Vanete começou a estudar no Grupo Escolar Solidônio Leite. Concluiu o Ensino Fundamental I (antigo primário) aos 13 anos e não teve condições

de prosseguir estudando pela difícil situação financeira da família. Nesse período, em casa, passou a trabalhar com costuras e bordados que eram vendidos para mulheres das camadas médias e altas de Serra Talhada. Nessa época tinha o cinema com grande diversão:

“Gostava muito de cinema. Todo domingo, sempre assistia filme em Serra Talhada. O dinheiro do cinema e da pipoca era sagrado, desde que me comportasse direito. Se fizesse alguma trela, durante a semana, ficava da castigo e não podia ir ao cinema. Sofria muito, quando isso acontecia. Eu gostava de filmes de cowboy, com Roy Roger e Rock Lane. Esses filmes de Far-west norte-americano. Havia muito massacre de Índios, mas eu era apaixonada pelos mocinhos e tinha os meus artistas preferidos. Na época, não havia televisão na minha casa. Quando veio aparecer uma, eu já era uma moça”¹⁵⁵.

No início dos anos 1970, Vanete começou a trabalhar na secretaria do Colégio Municipal Cônego Torre e na Paróquia Nossa Senhora da Penha. Nessa época iniciou com um grupo de amigos católicos atividades de apoio e melhoria do Abrigo de Idosos Ana Ribeiro que perdurou até 1984. É possível afirmar que foi no campo da assistência aos/as idosos/as que Vanete iniciou sua trajetória política. Em meados da década de setenta, Vanete começou a participar da Equipe de Educação Política da Diocese de Afogados da Ingazeira que desenvolvia atividades de organização e formação política dos/as trabalhadores/as rurais na região. Inspirada na Teologia da Libertação, a equipe procurava vencer o medo, a repressão e as ideias de que “pobre nasceu para sofrer”; assim construiu estratégias políticas de organização dos trabalhadores em plena ditadura:

“Na década de 70, eu também fazia um trabalho voluntário, nos fins de semana. Na minha adolescência eu conheci um freira, que era muito ligada aos pobres e tinha preocupações sociais. Comecei a visitar, com ela, famílias pobres da periferia da cidade. Mas, ela dizia que no campo a pobreza ainda era maior. Passei a me interessar por essa realidade. Ia para o campo e fazia reunião como os trabalhadores, para conversar sobre os seus problemas, tentando contribuir com o avanço das lutas sociais. Criamos a equipe de educação política da Diocese de Afogados da Ingazeira, em Pernambuco, com o objetivo de desenvolver um trabalho de

¹⁵⁵ ALMEIDA, Vanete. Ser Mulher num mundo de homens. Parte 1 Parte 2 Parte 3. Vanete Almeida conta sua vida a Cornelia Parisius, Serra Talhada, MMTR-NE/Threshold Foundation, 1995. 2ª edição.

formação dos trabalhadores rurais, quanto aos seus direitos, éramos todos voluntários, que dedicávamos nossas horas livres, nossos fins de semana, nossas noites. Foi um momento muito difícil. O país sofria forte repressão política e tínhamos muitas dificuldades para desenvolver esse tipo de trabalho. Havia o comodismo das pessoas, as pressões familiares, a população tinha muito medo. Naquela época, qualquer ação desse tipo era considerada coisa de comunista. Divulgava-se a idéia de que o comunismo matava os velhos e as crianças, tomava a terra e os bens de todo mundo. Nos tentávamos fazer o nosso trabalho de educação, enfrentando o medo de nossas famílias, o medo dos trabalhadores. Muitas vezes, convidávamos outras pessoas para participarem da nossa equipe. Elas vinham para uma reunião e nunca mais voltavam. Fugiam da gente. Numa das minhas anotações daquela época, encontrei uma observação: “As pessoas estão com medo. Temos que rever o nível das nossas discursões, pedir mais ajuda ao bispo.” Não sei o que sentia a equipe, mas eu tinha medo, embora tenha certeza de que ninguém percebia. Eu ia conseguindo, aos poucos, enfrentar e vencer essa coisa que é medo¹⁵⁶”.

Em 1980, Vanete foi contratada pela Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura do Estado de Pernambuco – FETAPE, e passou a trabalhar como assessora sindical do Polo Sertão Central. Se antes sua ação era focada em um ou dois municípios, o trabalho se estendeu para 14: Betânia, Calumbi, Cedro, Custodia, Flores, Mirandiba, Salgueiro, Santa Cruz da Baixa Verde, São José do Belmonte, Serra Talhada, Serrita, Terra Nova, Triunfo e Verdejante.

Nesse período, o Nordeste atravessava um grande período de estiagem que ficou conhecido como a “seca de 1979” que perdurou até 1984. Vanete passou a lidar cotidianamente com a falta da água, a fome dos/as trabalhadores/as, a perda da produção e dos animais. O movimento sindical rural, especialmente, no Sertão fez diferentes ações políticas para denúncias das irregularidades das chamadas Frentes de Emergências, bem como, mudanças nos critérios de cadastramento. Vanete participou diretamente dessas lutas e, desde essa época, o semiárido e o acesso à água passou a fazer parte da sua militância política.

Impressionada com a ausência de mulheres nas reuniões e mobilizações dos sindicatos e da FETAPE, Vanete começou a se reunir com mulheres da comunidade Caiçarinha da Penha, na zona rural do município de Serra Talhada. As primeiras reuniões trataram da seca, da fome e do alto custo dos alimentos e as mulheres

¹⁵⁶ ALMEIDA, Vanete. Ser Mulher num mundo de homens. Parte 1 Parte 2 Parte 3. Vanete Almeida conta sua vida a Cornelia Parisius, Serra Talhada, MMR-NE/Threshold Foundation, 1995. 2ª edição.

começaram a reivindicar a participação nas Frentes de Emergência, pois só os homens eram cadastrados. Gradativamente foram realizadas reuniões em outros municípios, os sindicatos e a FETAPE passaram a defender a inclusão das mulheres nas Frentes de Emergência.

A inserção das mulheres criou as condições para a articulação política regional das mulheres. Em 1984 foi realizado o Primeiro Encontro das Trabalhadoras Rurais do Sertão Central que teve como tema o trabalho das mulheres na agricultura. Outra frente de luta que Vanete participou diz respeito a participação das mulheres no movimento sindical rural. Majoritariamente só eram sócios do STRs os homens; as mulheres apareciam como dependentes do marido. Em 1985, por ocasião do 4º Congresso Nacional da CONTAG, as trabalhadoras rurais do Sertão decidiram apresentar uma tese no congresso sobre a participação das mulheres no movimento sindical rural. A tese foi defendida por Dona Lia (Maria Ferreira de Souza) única mulher presidente de STR em Pernambuco. Com a aprovação dessa tese, as mulheres a tomaram por base para garantir a sindicalização das trabalhadoras rurais em todo o país.

Vanete também participou do Movimento no III Encontro Feminista da América Latina e do Caribe, realizado em 1985, em Bertioga-SP. Em Bertioga Vanete e as mulheres do Sertão Central conheceram as integrantes do Movimento de Mulheres Trabalhadoras do Brejo Paraibano. A partir daí elas iniciaram uma articulação conjunta entre os dois estados, Pernambuco e Paraíba, que foi fortalecida ao longo dos anos por meio de visitas, participação em encontros, troca de correspondência e material. Esta articulação culminou, posteriormente, em 1987, com a criação do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste – MMTR-NE.

Também nesse encontro, Vanete e as trabalhadoras inauguraram o diálogo com as feministas. Além do contato com vários grupos e organizações, o Movimento conheceu o SOS CORPO – organização feminista situada em Recife. A partir de Bertioga, as integrantes do SOS CORPO foram convidadas para assessorar alguns encontros de mulheres e de forma geral essa relação de parceria perdura até hoje. Com isso, o discurso e a agenda feminista se integraram às ações das trabalhadoras rurais e de Vanete.

Fruto do investimento político de Vanete, das trabalhadoras rurais e assessoras de Pernambuco e de outros estados foi realizado em maio de 1987 o primeiro encontro do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste-MMTR-NE. Em dezembro do mesmo ano, foi realizado o primeiro encontro estadual, com a participação de 183 trabalhadoras representando as microrregiões do estado. Também estiveram presentes mulheres da Paraíba, Ceará e Bahia. Naquela ocasião foi criada uma comissão de trabalhadoras rurais para coordenar as atividades das mulheres em Pernambuco. Em nível nacional, Vanete integrou o Conselho Nacional de Políticas para as mulheres de 1996 a 2003.

Um dos desafios da vida de Vanete Almeida foi conviver no meio de homens, como uma mulher negra e solteira, um perfil muito diferente das mulheres da sua época, mas desde a adolescência Netinha procurou lhe dar com essas questões como muita naturalidade. Sobre isso Almeida (1995) declarou:

“Muito cedo percebi a dominação e a exploração existentes na relação homem-mulher e me desagradei com isso. Quando era mocinha e ia às festas, procurava sempre ficar rodeada dos amigos. Se quisesse dançar, dançava com eles. Eu não admitia ter que ficar sentada, esperando um rapaz vir me chamar p^{ra} dançar. Rejeitar um convite desses, na nossa cultura, é considerado uma verdadeira afronta ao homem. Se a mulher não quer danar com um homem que lhe convida, também não poderá fazê-lo com nenhum outro, durante toda a festa. Se descumprir esse costume, poderá haver violência. Como sempre detestei violência e achava que não era mercadoria para ficar exposta, preferia, muitas vezes, não ir as danças”¹⁵⁷.

Netinha fez parte de uma geração, assim como Lia Lucas e Antonieta Pereira que derrubaram tabus, e se impuseram diante dos obstáculos que lhes forma impostos, principalmente em uma sociedade forjada com base em preceitos oligárquicos e patriarcais, que dominavam Serra Talhada desde a sua origem. Cada uma destas mulheres ocuparam um espaço singular na conjura social e cultural de Serra Talhada durante a década de 1970.

¹⁵⁷ ALMEIDA, Vanete. Ser Mulher num mundo de homens. Parte 1 Parte 2 Parte 3. Vanete Almeida conta sua vida a Cornelia Parisius, Serra Talhada, MMTR-NE/Threshold Foundation, 1995. 2ª edição.

No outro pólo deste processo de quebra de tabus, promovidos pelas mulheres serra-talhadenses, que começou para muitas delas já na adolescência, quando elas começavam a ser expressa, ainda que tenha sido de forma tímida e gradual, porém, é preciso destacar que nesse período “beleza feminina” foi sinônimo de liberdade para as mulheres locais, lógico que para muitos a beleza em geral é visto com algo relacionado à vaidade humana. No entanto, está virtude física pode ser usada com um fato de gera conquistas, que vão muito além de um domínio carnal ou material. Porém, no caso de mulheres sertanejas, que foram criadas para serem excelentes executoras de atividades domésticas, viverem exclusivamente para a família e para servir seu marido. Sendo assim, ao passo que uma jovem sertaneja resolve adentrar em uma passarela, seja por vontade própria ou por estímulo de alguém, de alguma forma uma estrutura a então predominante começa a se desfazer, dando lugar a uma nova conjuntura cultural e social, onde a liberdade feminina se expressa através de sua beleza.

Desta forma, a participação de algumas jovens serra-talhadenses em concursos de beleza deixam sinais de uma ruptura com o conceito machista estabelecido, isso de alguma forma começou ainda em 1953 com a eleição de Maria Tereza de Godoy Bené como a Rainha da Festa do Algodão, que sai do anonimato para ser a grande estrela de um evento feito por homens, que tinha objetivos meramente políticos e econômicos. A beleza da mulher serra-talhada já havia sido descrita pelas palavras do poeta Waldemar Emygdio de Miranda, que viveu na cidade nas primeiras décadas do século XX e acabou morrendo precocemente na vizinha cidade Rio Branco, hoje Arcoverde. Segundo Lorena (2001), certa vez o poeta Emygdio de Miranda, homem de muita sabedoria e que sabia lidar com as palavras maestria, ao contemplar a beleza das mulheres da então Vila Bela, recitou de improviso os seguintes versos:

...“Não têm que ver cearenses,
Não têm que ver paraibanas,
Mas as vilabelenses
No andar têm mais encanto
No olhar têm mais ternura
No falar têm mais carinho
E no sorrir mais doçura”...(Lorena, 2001, p.198)

As palavras do poeta pareciam uma profecia e que foi confirmada através várias conquistas, principalmente na década de 1970, período em que as vilabelenses conquistaram três títulos consecutivos no concurso de Miss Pernambuco. Em 2016 a cidade voltou a ser campeão novamente e se tornou a cidade com mais títulos no concurso regional. Essa é uma passagem histórica da cidade e principalmente para as mulheres. Segundo Matilde Terto (Miss Pernambuco, 1976), em entrevista ao jornal Diário de Pernambuco (2016), “algumas delas tiveram que enfrentar a violência do pai, do irmão ou até dos namoradores para poder subir em uma passarela”.

Para alguns homens, não só de Serra Talhada, ver alguém próximo exposta em uma passarela, era como se fosse uma desonra, ou algo que causava vergonha a toda a família. Muitas garotas foram impedidas de competirem nos eventos de beleza. Somente três foram bem sucedidas durante há década de 70, e por isso foram aclamadas pela cidade e pelas autoridades, com direito a composição de hino, carreatas pela cidade, recepção na câmara de vereadores e um baile, além de várias outras homenagens pelo estado a fora. No entanto, todo esse processo teve início meio por acaso. Em 1974, os Diários Associados, responsáveis na época pela realização do Concurso de Miss Pernambuco, resolveram inovar e enviaram olheiros as cidades do interior. Sendo assim, o jornalista Ricardo Pinto foi incumbido de tal missão.



Imagem 83: Foto de Cilene Aubry (Fonte: Casa da Cultura de Serra Talhada)

Logo que chegou a Serra Talhada, o jornalista visitou a casa do então presidente do CIST (Clube Intermunicipal de Serra Talhada), José Aubry da Costa, mais conhecido Zé Aubry. No entanto, aquela visita se tornou um momento impar na história da cidade e de uma jovem serra-talhadense, e porque não dizer de todas as mulheres serra-talhadenses. O episódio nos remete aos contos de fadas, já que a filha do anfitrião adentrou a sala onde se encontrava o jornalista. A imagem 83 e da garota de 17 anos, loira, olhos verdes, cabelos longos e de 1m e 63 cm de altura,

entrou descalça e sem maquiagem. A sua beleza genuína chamou a atenção de Ricardo Pinto, que naquele instante não encontrava apenas uma candidata, mas a futura Miss Pernambuco.

Esse foi o início do reinado de Cilene Aubry (Cilene Aubry Bezerra da Costa) e da soberania da beleza serra-talhadense, que durou até 1976. Apesar da resistência da família ela acabou sendo inscrita no concurso e sendo eleita Miss Pernambuco, em 24 de maio de 1974, num evento realizado no Ginásio Geraldão, no Recife. A conquista de Cilene foi celebrada por toda a cidade com muita euforia e festa, a jovem foi homenageada, entre outras coisas, com um hino.



Imagem 84: Da esquerda para a direita, Isolda Lira Cabral, Miss Caruaru, terceiro lugar; Cilene Aubry, Miss Serra Talhada, primeiro; e Angélica Moura Lins, Miss Gravatá, segundo lugar. (Fonte: Diário de Pernambuco)

Um ano depois, a cidade novamente estava em festa para receber outra miss, dessa vez a eleita foi Fátima Mourato (Maria de Fátima Mourato). A bela Fátima Mourato nasceu na zona rural da cidade, no distrito de Bernardo Vieira, e na adolescência trabalhou como caixa de um supermercado da cidade. Ela passou pouco tempo com a faixa de Miss, pois poucos meses depois do título ela abdicou

da coroa para se casar com o Major José Ferreira dos Anjos, conhecido na cidade como “Ferreinha”. José Ferreira dos Anjos é um homem com um histórico de violência. Ele foi acusado por ter assassinado o Padre Pedro Henrique, auxiliar de Dom Hélder Câmara, no início da década de 1970. Em depoimento a Comissão da Verdade, em Recife, ele negou tenha trabalhado para o comando de caça aos comunistas e que tenha assassinado pessoas que eram contra o regime militar. Ele veio para a cidade com versão oficial de que o objetivo era prender o pistoleiro Vilmar Gaia, em 1975. Durante o período é que esteve na cidade impôs o seu estilo ríspido e violento, seus métodos eram reprovados pela maioria da população.

De alguma forma Fátima Mourato andou na contramão das outras moças que foram Miss. Viveu um casamento marcado por diversos conflitos, principalmente, pelo fato do marido ter se tornado um foragido da policia, logo após ter sido indiciado com um dos responsáveis pela morte do Procurador Federal, Pedro Jorge. Mourato acabou se separando do militar. Hoje ela vive reclusa e evita dar qualquer entrevista sobre a sua vida ou sobre a sua experiência como Miss Pernambuco.



Imagem 85: Fátima Mourato (Fonte: Revista Fatos & Fotos e Diário de Pernambuco)

Em 1976, foi à vez de Matilde Souza Terto (Tida), ser coroada a Miss Pernambuco. Cerca de 25 mil pessoas, que se faziam presente ao Geraldão, foram testemunha do inédito tricampeonato de Serra Talhada. No ano seguinte a representante da cidade foi Marta Lúcia, que infelizmente terminou na 21ª colocação, o que desestimulou a cidade a enviar representantes para o concurso. Somente em 2001 a cidade voltou a disputar o concurso com Poliana Oliveira. Posteriormente foi representada por Edlene, Penha Melo, Catarina Rodrigues, Natália Oliveira, Gabriela Leal, Malena Lopes, Thayane Pereira, e em 2016, por Tallita Martins. Em 2017 mais um tabu foi quebrado e Neidynha Olímpio tornou-se a primeira negra a ser eleita Miss Serra Talhada.



Imagem 86: Matilde após receber a coroa, a faixa e o centro, e ao fundo uma faixa destacando as três conquistas da cidade (Fonte: Blog do Professor Paulo César Gomes)

Todo o fascínio que a conquista das moças exercessem sobre a cidade não se refere tão somente a beleza e ao glamour. Deve se também ao fato que nessa mesma época a cidade foi dominada por uma onda de assassinatos. Em quatros anos foram assassinadas mais de 60 pessoas, a maioria foi vitimada em função de um ciclo de vingança sangrento. Os crimes ocorriam no meio da rua e assustavam e amedrontavam a população. Dessa forma, as conquistas do jovens servia para trazer um sensação de alegria e realização a todos os cidadãos serra-talhadenses.

2.6 A Ditadura Militar: os desfiles cívicos em Serra Talhada em tempos de ditadura militar entre 1964 e 1970 e os bastidores de uma ação militar na zona rural da cidade

A ditadura militar brasileira é assim caracterizada por Germano (2000, p. 55): No Brasil, a partir de 1964, o Estado caracteriza-se pelo elevado grau de autoritarismo e violência. Além disso, pela manutenção de uma aparência democrático-representativa, uma vez que o Congresso não foi fechado definitivamente (embora tenha sido mutilado) e o Judiciário continuou a funcionar, ainda que como apêndice do Executivo.

O autoritarismo se traduz, igualmente, pela tentativa de controlar e sufocar amplos setores da sociedade civil, intervindo em sindicatos, reprimindo e fechando instituições representativas de trabalhadores e estudantes, extinguindo partidos políticos, bem como pela exclusão do setor popular e dos seus aliados da arena política. Com uma expressão peculiar, diferente das outras representações gráficas e pictóricas, a decodificação da imagem fotográfica deve superar a própria imagem, explorando suas ambiguidades informativas, buscando compreender a prática do desfile cívico como uma abrangência histórica necessária para decifrar conceitos, atitudes e omissões.



Imagem 87: Desfile Cívico realizado em 31 de março de 1970, na Rua Cornélio Soares. Presença do prefeito Nildo Pereira, do vice-prefeito Tião Oliveira e do Comando do 14º Batalhão da Polícia Militar de Pernambuco, com sede em Serra Talhada (Fonte: Site Farol de Notícias)

A leitura de imagens de desfiles cívicos pode nos proporcionar certa visibilidade sobre o currículo e a cultura escolar existentes nas cidades do interior do Nordeste, e em particular para o nosso estudo, a cidade de Serra Talhada, tendo como fulcro na postura de alunos, professores e da comunidade escolar. Há que se destacar a relação direta entre as autoridades locais e os militares, a exemplo da imagem 87, onde se vê o comando da polícia militar e os representantes do poder executivo posando lado a lado em evento, que contou com a participação de várias escolas, durante o aniversário do Golpe de 1º de abril de 1964.

Alguma das imagens fotográficas pertencem ao acervo da Escola Antonio Timóteo, que pertence à rede estadual de ensino, na época do período referente ao estudo, entre 1964 e 1970, serviu como elemento para o estudo do civismo durante o regime ditatorial, visto a partir dos desfiles realizados pelo então Grupo Escolar Antonio Timóteo. Dentre os critérios de seleção foram separadas as imagens de atividades semelhantes, mas registradas em anos diferentes. As imagens revelam atitudes e apresentam lugares de memórias não mais existentes na cidade.

As teorias de Jacques Le Goff (2003) e de Boris Kossoy (2001) sobre o documento histórico fundamentam a proposta de análise na perspectiva de verificar a fotografia como uma representação a partir do real. Le Goff (2003) proporciona o conhecimento sobre o significado do documento histórico, enquanto que Kossoy (2001) apresenta a metodologia necessária para a análise do documento fotográfico.

“Quaisquer que sejam os conteúdos das imagens devemos considerá-las sempre como fontes históricas de abrangência multidisciplinar. Fontes de informação decisivas para seu respectivo emprego nas diferentes vertentes de investigação histórica, além, obviamente, da própria história da fotografia. As imagens fotográficas, entretanto, não se esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado. Elas nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (estética/ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência”. (KOSSOY, 2000, p.21).

Cenas da história oficial de Serra Talhada do período do regime militar foram “congeladas”, e produziram realidades momentâneas, desta forma, faz-se necessário analisar as construções ideológicas que produziram os discursos do “civismo”, do “patriotismo”, da “lealdade” e da “disciplina”. A fotografia como resultado de uma escolha do fotógrafo, do produto de sua criação, norteará o caráter da sua representação. As fotografias analisadas, também objeto de seleção de pesquisador, correspondem àquelas que apresentam cenas cívicas, de alunos e professores no afã de comemorar o aniversário da Independência do Brasil e outras datas do calendário cívico estabelecido pelos militares.

As imagens dos desfiles cívicos, que tiveram início em Serra Talhada em 1964 e 1970, mostravam uma participação significativa de toda a comunidade escolar. O momento do desfile cívico é praticado oficialmente em Serra Talhada às vezes em duas datas específicas, no dia 06 de maio, comemorando a emancipação política administrativa do município e no dia 07 de setembro em comemoração à Independência do Brasil. Mas no período em foco as escolas desfilavam em outras datas comemorativas. É importante destacar que o Grupo Escolar Antonio Timóteo,

que foi construído em um bairro periférico, desfilava apenas no dia 05 de Setembro, no dia 07 de setembro desfilava as escolas públicas que ficam no centro da cidade

O dia do desfile era o momento sublime para os alunos, em particular para aqueles que iriam ser destaque nas ruas e avenida da cidade. Nos primeiros desfiles, sobressaiam, os alunos que iriam carregar os mastros com as bandeiras municipal, estadual e federal, os alunos que iriam participar do pelotão da fanfarra e também as meninas que iriam ser balizas.



Imagem 88: Alunos do Grupo Escolar Antonio Timóteo participando do desfile cívico realizado em 05 de agosto de 1968. Os estudantes atravessam a Rua Joca Magalhães, que fica por trás da Igreja Matriz da cidade (Fonte: Blog do Professor Paulo César)

As balizas eram geralmente meninas que acompanhavam a banda ou a fanfarra da escola fazendo coreografias de ginástica artística e ou ginástica rítmica seguindo o compasso da música. Mas elas também poderiam ser usadas para chamar a atenção para as mensagens que o regime pretendia incutir na cabeça da população. Na imagem 88, percebemos um pelotão de estudantes carregando: civismos e tradição. O grupo é puxando por uma jovem baliza.

Participar das comemorações cívicas da escola, como membro de um pelotão ou figurante, ser membro da banda ou da fanfarra, tocar um instrumento musical ou ser balizas era para os alunos ficar em uma posição de destaque, o que trazia para o participante prestígio e reconhecimento, como afirma Gimeno Sacristán (2002, p.119):

“Ser reconhecido como alguém que é importante para o outros é um vínculo essencial para a integração no espaço social, além de ser uma necessidade básica do sujeito. Trata-se de um laço social cuja transcendência podemos ver em diferentes níveis: desde a carência que supõe a falta de aceitação da pessoa nas relações face a face até a carência que pode ser produzida nos vários âmbitos de atividade social em que, potencialmente, a participação do indivíduo pode ser motivo para a sua realização”.

Destaques foram criados durante os desfiles, com pelotões de alunos fantasiados. As fantasias estavam relacionadas a alguma temática que a escola desejava apresentar. Também havia os destaques nos carros alegóricos. Estes carros eram decorados obedecendo a uma temática específica atendendo os interesses da escola ou da Secretaria Estadual de Educação e Cultura

Nas imagens analisadas é possível verificar algumas práticas educativas presentes no currículo da escola. O que também induz a compreensão da cultura escolar representada pelos estudantes do período em estudo. Os desfiles cívicos vão ser então reveladores das práticas sociais durante a Ditadura Militar, utilizando assim cultura escolar como “um conjunto de ‘normas’ que define conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de prática” que permite transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIA, 2001, p.10).(Grifo do autor).

A escola brasileira durante o período da ditadura militar inculcou algumas condutas incentivando algumas práticas para que novos comportamentos fossem incorporados pelos cidadãos brasileiros. Para utilizar a escola como mecanismo de manipulação e *formação de almas*¹⁵⁸ o Estado fez intervenção direta na educação, com a proposta de formar cidadãos “cívicos” e morais. As práticas dos desfiles

¹⁵⁸ A expressão formar almas foi utilizado por Carvalho (2004) com o propósito de designar o uso dos símbolos cívicos na manipulação do imaginário social dos brasileiros nos primórdios da República.

cívicos e como eles aconteciam foi um instrumento do Estado para a efetivação do processo de elaboração do culto ao civismo, com o propósito de contribuir para a formação do homem “integrado”. O controle sobre a escola e sobre seu currículo era fundamental para evitar qualquer subversão contra o governo do Brasil. Os militares pretendiam formar cidadãos que se adequassem a sociedade em que estavam vivendo, garantindo ao governo autoritário e as elites dominantes a permanência no poder e a garantia da continuidade do seu *status quo*. Este procedimento remete a concepção positivista, utilizada desde o início da República brasileira.

As imagens analisadas mostram o desfile cívico cumprindo exatamente a função doutrinária do Estado Militar, que entre outras coisas, usava os jovens para atuarem de forma ingênua e sem conhecimento do que realmente acontecia. Os valores estabelecidos pelas práticas educativas percebidas eram: o patriotismo, a ordem e a obediência. Todos estes amalgamados e necessários para a formação de uma juventude “dócil”. O patriotismo é observado principalmente nas imagens que mostram o grupo de alunos que formam o pelotão de abertura do desfile da escola, no uso impecável do uniforme pelos alunos, ou até mesmo, nos símbolos exposto durante as apresentações públicas. Reforçando assim a idéia de um Estado forte e disciplinador.



Imagem 89: Estudantes desfilando pela Rua Enock Inácio, no dia 07 de Setembro de 1970. (Fonte: Blog do Professor Paulo César)

O patriotismo representado na imagem 89 reforça a idéia de um regime que pregava a disciplina e a ordem, e caso fosse necessário, usaria a força da máquina militar estatal, tendo com elemento um tanque guerra, com a inscrição “segurança da pátria”, que é admirado pela população que lota uma das principais ruas do centro da cidade, próximo ao prédio da Prefeitura Municipal e a Câmara de Vereadores. É importante ressaltar que os tanques foram utilizados para reprimir diversos movimentos de oposição contra o regime, e muito desses eventos o principal alvo de perseguição da ditadura eram justamente os estudantes. Vale destacar que o patriotismo também estava expresso na reverência aos grandes heróis brasileiros, os alunos até quase a metade dos anos 80, vestiam-se e representavam: D. Pedro I, D. Pedro II, Princesa Isabel, Duque de Caixas e Tiradentes. Os heróis nacionais estabelecidos nos livros didáticos de Estudos Sociais. Apenas a “*História vista de cima*”¹⁵⁹ era conhecida pelos alunos. Os professores e os alunos eram considerados apenas consumidores de “histórias fantasiosas”.

¹⁵⁹ Expressão usada por Peter Buker (1992) na obra “A escrita da História”.



Imagem 90: Os alunos do Grupo Escolar Antonio Timóteo ao lado do comandante da Polícia Militar, após o desfile em homenagem ao dia do soldado, em 25 de agosto de 1975 (Fonte: Blog do Professor Paulo César)



Imagem 91: Colagem com a foto dos alunos do Grupo Escolar Antonio Timóteo, professores e a diretora, ao lado do Prefeito Luiz Lorena, logo após o desfile em homenagem ao dia do soldado, em 25 de agosto de 1975, no Marco Zero da cidade. (Blog do Professor Paulo César)

As fotografias 90 e 91 nos mostram que os alunos em alguns desfiles cívicos representavam Duque de Caxias, como um “grande herói” nacional, saudando ele com bandeirinhas, cartazes e chapéus militares feitos de papel. O próprio cartaz feito pela escola, a foto utilizando na imagem 91, mostra a importância que se dava ao Dia do Soldado e a Duque de Caxias - o responsável por comandar a morte de milhares revoltoso durante a Balaiada¹⁶⁰ - Tudo sempre acompanhado por comandantes das Polícia militar de Pernambuco e o prefeito da cidade.

Outro viés bastante pertinente nesse período é a obediência. O obediente é aquele que independente da situação, cumpria as regras e normas, desconhecendo inclusive os motivos da existência destas ações. A obediência era fundamental para que o projeto da ditadura militar fosse executado. O Estado precisava da obediência da escola e esta precisava que os professores e alunos hierarquicamente tivessem atitudes de obediência.

¹⁶⁰ A Balaiada foi uma importante revolta popular que eclodiu na província do Maranhão, entre os anos de 1838 e 1841. Nessa época, a economia algodoeira maranhense entrou em decadência quando a produção dos Estados Unidos se normalizou com o fim da guerra da independência, retomando o fornecimento para a Inglaterra e ao mesmo tempo sendo feroz concorrente do algodão maranhense. A profunda crise econômica e o quadro de miséria do sertanejo, dos artesões e dos negros escravos explicaram os rumos tomados pela Balaiada. De uma população de cerca de 200 mil habitantes da província, noventa mil eram escravos. Eram frequentes as manifestações da resistência servil e as fugas deram origem a numerosos quilombos. A pecuária extensiva, importante atividade econômica da região, formou uma camada de homens livres pobres, os sertanejos. O próprio enfraquecimento da economia exportadora desenvolveu as atividades de subsistência e debandou a população. Essa camada popular era utilizada pela elite como ferramenta de luta nas brigas pelo poder. A Balaiada surgiu através do acirramento desses embates. Os Bem-te-vis, liberais, eram perseguidos politicamente pelos Cabanos, conservadores, que estavam no poder e tinham o apoio do governo central. Quando um subprefeito deu ordem de prisão a um vaqueiro, irmão de Raimundo Gomes, um dos líderes da Balaiada, desencadeou-se a revolta que rapidamente espalhou-se pela província. Os bem-te-vis tentaram se aproveitar politicamente da revolta, mas as condições sociais citadas acima fizeram com que o movimento escapasse do controle das elites e assumisse um perfil popular que deixou os grupos dominantes em pânico. Os bem-te-vis recuaram e tentaram uma conciliação com o governo central. A liderança passou para as mãos populares de um pobre fabricante de balaios, Manuel Francisco dos Anjos Ferreira (por isso o nome de Balaiada), do vaqueiro Raimundo Gomes e do negro Cosme Bento das Chagas, os verdadeiros líderes da rebelião. As lutas se estenderam pelo Piauí e Ceará. Luís Alves de Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias, recebeu poderes absolutos para punir severamente os que lutavam em nome da Guerra da Balaiada, o que só aconteceu no começo de 1841, deixando um saldo de milhares de mortos. A falta de unidade entre os revoltosos contribuiu com sua derrota para as tropas imperiais – todas as revoltas que surgiram nas províncias fracassaram. A violência das punições recaiu apenas sobre os humildes: negros, índios, mestiços e brancos pobres.

Estar submetido à vontade de alguém era uma prática da Ditadura Militar através inclusive da forma de organização dos desfiles escolares. Obedecer à ordem de representar em pelotões e ou em carros alegóricos os interesses do Estado era o exercício para a manutenção da ordem pré-estabelecida em favor do governo brasileiro e das elites dominantes. A obediência estava ligada também a reverência aos políticos que estavam sobre o palanque. Um local montado em um espaço privilegiado onde aconteciam os desfiles. Antes e durante a passagem das escolas um comunicador usando um mecanismo de som eletrônico informava sobre o desfile, parabenizava as escolas e elogiava as autoridades presentes ao ato cívico.

Com o passar dos anos alguns mensagens de cunho social passaram a ser expressa, mesmo que a repressão tenha tentado inibir. As imagens a partir de 1984, nos desfiles de algumas escolas, já começaram a realizar críticas tímidas a conjuntura política do país. A 'abertura', promovida pelos militares, também chegou a novas representações sobre a pátria. Esta agora não é mais utópica, mas uma pátria real e que está em decadência. Os carros alegóricos mostram alguns problemas sociais do Brasil como exemplo a urgência da reforma agrária e a necessidade de uma educação para todos.

Porém, mesmo atravessando a ditadura e chegando quase ao seu limite, percebe-se no desfile de algumas escolas, a forte presença da cultura escolar construída durante o regime militar. As escolas, mesmo livres da censura, continuam a representar o Brasil como o país das oportunidades e cheio de alegria, além de enaltecer as belezas naturais, a fauna e a flora local, deixando de lado muitos problemas sociais, como a fome, a miséria, o desemprego, a falta de saúde e a necessidade de uma educação pública, gratuita e de qualidade.

As imagens fotográficas que retratam os desfiles cívicos também nos permitem refletir sobre a percepção de mudanças no espaço urbano da cidade e o seu uso como forma simbólica de expressão do poder. Pois segundo Manguel (2001, p.21):

“As imagens, assim como as histórias, nos informam. Aristóteles sugeriu que todo processo de pensamento requeria imagens. Ora, no que concerne à alma pensante, as imagens tomam o lugar das percepções diretas; e, quando a alma afirma ou nega que essas imagens são boas ou más, ela

igualmente as evita ou as persegue. Portanto a alma nunca pensa sem uma imagem mental” (ARISTÓTELES *apud* MANGUEL, 2001, p.21).

Ao observarmos as ruas e ou avenidas em que as imagens dos desfiles cívicos são apresentadas podemos construir o passado a partir do presente. As imagens, em geral, mostram dois espaços significativos da cidade, a Rua Cornélio Soares, Enock Inácio de Oliveira, Joca Magalhães e o Marco Zero da cidade, a Praça Governador Agamenon Magalhães. A Rua Enock Inácio Oliveira, que ainda hoje é à passarela dos desfiles cívicos da cidade. É uma rua ampla, onde está localizado o poder econômico e político da cidade, que são representados pelo comércio, pelo setor bancário, além de ser a rua onde está localizado o prédio da Prefeitura Municipal de Serra Talhada. As Ruas Joca Magalhães e Cornélio Soares também são importantes vias de acesso a centro e as vias de acesso a saída da cidade, em todas no entorno da Praça Sergio Magalhães, a onde está localizada a Igreja Matriz.

É possível entendermos como era o cotidiano da cidade e suas características econômicas, sociais, políticas e culturais. As fotografias indicam a permanência de alguns lugares de memória e conduz a questionamentos sobre lugares que foram esquecidos pela memória coletiva. A magia do trabalho fotográfico como documento histórico, em particular com o acervo da Escola Antonio Timóteo proporciona uma análise significativa sobre a vida humana em Serra Talhada durante um período importante da história do Brasil. As fotografias nos permitem entender como os estudantes, professores e o meio político responderam ao projeto educacional do governo ditatorial brasileiro. Como o patriotismo, a ordem e a obediência foram inculcadas, usando as crianças, os jovens e adultos das escolas públicas de Serra Talhada– PE.

Um bom exemplo, é a ordem imposta pelo regime que era a de que toda a comunidade escolar deveria se fazer presente às comemorações cívicas. Os desobedientes e indisciplinados eram punidos pelas estruturas disciplinares criadas dentro das escolas. Dessa forma, o desfilar cívico acabou tornando-se um ato de lealdade para com a pátria. As fotografias, embora nos permita múltiplas interpretações, permite análise das questões postas ao tempo presente. Pois,

mesmo que ainda ocorram os desfiles cívicos, há um discurso saudosista sobre os desfiles do pretérito, mantendo assim uma tradição que se mantém até hoje quando a população lota as margens da Rua Enock Inácio de Oliveira para assistir o desfile das escolas.

Os desfiles atuais principalmente quando patrocinados pelo poder público tem como tendência fazer propagandas da produção e da natureza do município. Em outros casos, algumas escolas, utilizam o momento para que de maneira alegórica possam fazer suas críticas sociais. A permanência do desfile cívico, em tempos atuais, como momento de celebração do aniversário da cidade ou em comemoração do 7 de setembro, nos permite afirmar que a cultura escolar produzida no Brasil ditatorial ainda está presente, mesmo com rupturas, no currículo das escolas e isso produz alguns conflitos latentes à escola brasileira na atualidade.

Outra passagem importante diz respeito a passagem do ex-Major José Ferreira dos Anjos, que acabou casando com Fátima Mourato, a Miss Pernambuco de 1975, em que Ferreira é acusado de ter participado CCC (Comanda de Caça aos Comunistas) em Pernambuco, e com denúncias que envolvem o seu nome à morte do Padre Henrique, que era um dos auxiliares de Dom Helder Câmara. O Major chegou à cidade após toda a publicidade dada pela imprensa em torno de Vilmar Gaia, pistoleiro que foi acusado de vários crimes e por essa razão foi taxada pelos jornalista como sendo “o novo Lampião” ou como “o vingador”.

Um detalhe que chama atenção na controversa história de vida do ex-Major Ferreira, é a sua presença em Serra Talhada, no nebuloso ano de 1975. Em, 22 de março de 1975, o Governo do Estado de Pernambuco contratou, ao invés de nomear, o campeão brasileiro de tiro-livre, o ex-major, para perseguir e prender Vilmar Gaia. Cinco meses depois Vilmar Gaia é cercado em uma fazenda no Ceará e se entrega. Após ser apresentado em Serra Talhada Vilmar é conduzido ao Dops, o órgão que tinha a função de assegurar e disciplinar a ordem militar no país, no Recife. Vilmar voltou para Serra Talhada, de onde fugiu da cadeia e depois entregou-se, para em seguida ser levado para a cadeia de Caruaru. Durante esse período Ferreira percorreu as caatingas em jornadas longas e intermináveis, em operações que não foram registradas pela imprensa da época.

Após se casar com a Miss Pernambuco, a serra-talhadense Fátima Mourato, o ex-Major foi surpreendentemente exonerado em 16 de novembro de 1975, menos de oito meses depois da sua contratação. A curiosidade da presença do ex-Major aqui é o fato dele não ter sido um delegado de polícia e nem tão pouco Vilmar Gaia era um comunista que merecesse a atenção do CCC. No entanto, um cruzamento com outra informação pode corroborar para o surgimento de um novo significado para vinda de Ferreira ao Pajeú.

Algumas pessoas que conheceram de perto o ex-major avaliam que o militar estava na região para investigar a atividade de um grupo de militantes políticos que pretendiam atuar na região. Entre esses militantes políticos estava José Dirceu, na época ele era ex-presidente União Estadual dos Estudantes (UEE-SP) e integrante da UNE (União Nacional do Estudantes), que após ter se exilado em Cuba por alguns anos voltou ao Brasil como um nome falso.

Durante a clandestinidade, Dirceu passou por algumas cidades do interior de Pernambuco em 1975, como Caruaru, Arcoverde, Cruzeiro do Nordeste (distrito de Sertânia), Salgueiro e por Serra Talhada. Segundo José Dirceu, ele se hospedou em um hotel da cidade por alguns dias. Como Ferreira não conseguiu avançar nas caçadas em Serra Talhada, restou-lhe voltar para Recife, atendendo a pedido do Governador Moura Cavalcanti, para continuar sua rotina de violência contra os opositores ao regime ditatorial. A grande verdade dessa história é o fato de que pouco se sabe sobre a fase da Ditadura Militar no Sertão do Pajeú. O que implica dizer que é preciso realizar uma pesquisa mais aprofundada, com o estudo de documentos e o registro de testemunhas que viveram aquele triste e sombrio período.

A GUERRILHA NA CAATINGA

Reportagem de HELIO MOTA (da Sucursal Norte/Nordeste)

A infantaria sutil e rocha quente e perigosamente alta do morro do Cruzeiro, em Serra Talhada, sertão pernambucano, onde os guerrilheiros, entinchelados, permanecem em posição de expectativa. O pé cozinha dentro dos colunares, o capacete pesava 80 quilos e estava quase em brasa, sob o sol do meio-dia.

O luzi automático leve, sua zebra, era tudo, mesmo leve.

— Isso é terra boa pra lagartas — desabafou o soldado.

— Mas infante é lagartas — respondeu o oficial, continuando a rastejar.

Liderados por cem oficiais da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, num dos maiores deslocamentos de tropas já realizados em manobras brasileiras, homens do IV Exército, em ação conjunta, adestravam-se no combate anti-guerrilha. A operação cobria todos os locais onde é maior a possibilidade de luta rural no Nordeste: na zona caucana da Bahia; na serra do Itapipaba, fronteira do Ceará com o Piauí e no interior de Pernambuco, de região mais assolada pela seca.

GUERRA PSICOLÓGICA

Após localizarem o movimento subversivo, através de seu serviço secreto, integrantes do 15º Regimento de Infantaria, sediado em Jaboatão, na Paraíba, lançaram a Ação Cívico-Social (ACISO), visando de reformas em escolas nas cidades de Trilite e Santa Cruz, em Pernambuco. Com isso, ganharam as simpatias dos habitantes.

A ACISO consiste no emprego de unidades militares para suprir as dificuldades prioritárias das regiões atingidas pelos guerrilheiros, cujas populações, em sua maioria, carecem de recursos e instrução.

BRIGADA PAJED

Uma vez que o movimento reboteia não cedeia, as tropas regulares passaram efetivamente à ação militar. Unidades de infantaria, cavalaria mecanizada, artilharia, comunicação, inteligência, polícia do Exército e polícia Militar, unificadas sob o comando do general Duque Estrada, formaram a Brigada Pajed.

A utilização de brigadas dá maior mobilidade e eficiência ao trabalho do Exército. Entidade de força e administração, é criada e extinta de acordo com a necessidade da operação e sua desmobilização. A partir do dia, pode dissipar das batalhões de que necessita, com as armas ou serviço que se tornarem indisponíveis. Esse sistema está sendo implantado agora no país e foi pôto em prática, numa das primeiras vezes, durante as manobras no Nordeste.

MARTELO E BIGORNA

O emprego foi desenvolvido pela infantaria e aviação, com o apoio de outras unidades e da Força Aérea. A movimentação obedece a um plano para anular o inimigo contra um determinado ponto do terreno. Já a cavalaria, as tropas vão apertando o cerco, varrendo toda a área.

E o sistema do martelo e da bigorna, no qual as tropas funcionam como um verdadeiro martelo, esmagando o terreno geográfico (que já tem uma tropa por trás) para contra bigorna. É só empurrar um contra o outro e o cerco do inimigo estará completo, sem possibilidade de escape.

SALVO-CONDUTO

Com o cerco completo, surge nova guerra psicológica. Aí vem — que ao mesmo tempo vem para observação — atiram panfletos sobre

O general Candel de Faria, comandante do IV Exército, assiste ao desfile das tropas motorizadas que participaram das manobras anti-guerrilha em Serra Talhada. Ao seu lado, o general Duque Estrada, sob cujo comando a chamada Brigada Pajed executou uma das maiores operações do gênero já realizadas em nosso país.

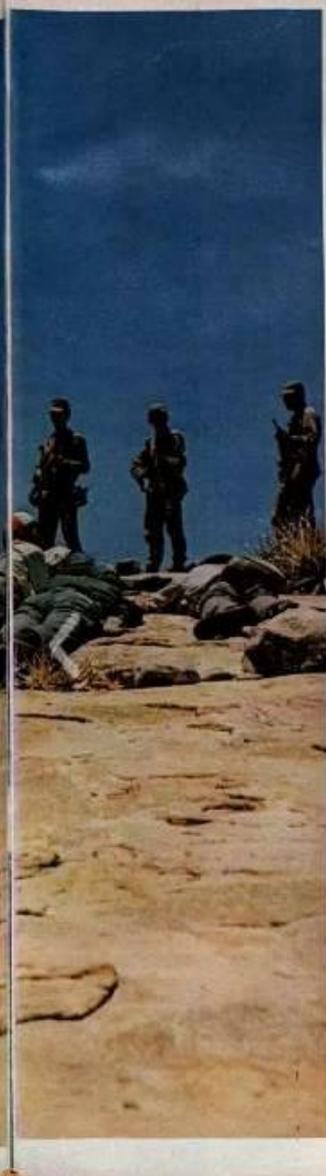



Imagem 92: Matéria sobre a operação militar em Serra Talhada (Fonte: Revista O Cruzeiro)

As atuações de grupos revolucionários durante a Ditadura Militar eram desconhecidas até então no interior de Pernambuco. No entanto, uma reportagem publicada na revista O Cruzeiro, - e também reproduzida pelo jornal Correio Brasiliense - realizada pelo jornalista Hélio Mota, produzida em novembro de 1970, conforme registro da imagem 92, e que apenas agora foi descoberta, coloca uma pulga atrás da orelha de historiadores, pesquisadores e membros da Comissão da Verdade. A matéria revela que os militares temiam que os sertões nordestinos fossem dominados por “guerrilheiros” comunistas, já que nos centros urbanos as atividades políticas estavam sendo violentamente sufocadas, restando aos ativistas de esquerda a opção de agir no interior. Visando organizar um grande número de

militantes para poderem assim derrubar o regime ditatorial. Desta forma iniciou-se o combate contra o que foi definido como sendo “a guerrilha na caatinga”. Os militares liderados por 100 oficiais da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Segundo a revista O Cruzeiro (1970), está foi uma das maiores manobras do exército brasileiro realizadas até então, em uma ação conjunta com os componentes do IV exercito, que realizavam atividades anti-guerrilha em lugares do Nordeste onde eles acreditavam poderia surgir algum foco de revolucionários.

Entre as regiões estava a zona cacauzeira, na Bahia; a serra do Ibiapaba, na fronteira do Ceará com o Piauí; e no interior de Pernambuco, na serra que dá nome a cidade. As simulações de combate na serra talhada e em outros pontos do município ocorreram durante vários dias, sendo observadas pelo general Candal da Fonseca, comandante do IV exército, e o general Duque Estrada, comandante da recém criada Brigada do Pajeú. Os militares usaram armamentos pesados e sofreram bastante com o clima semi-árido. Ao mesmo tempo, integrantes do 15º Regimento de Infantaria, que era sediado em João Pessoa, introduzia a Ação Civil Social (Aciso) que constava na construção e reforma de escolas em Triunfo e Santa Cruz da Baixa Verde - na época era apenas um distrito de Triunfo-, municípios vizinhos a Serra Talhada, o objetivo do trabalho social era ganhar a simpatia dos moradores da região. No final das manobras, os militares participaram de um desfile pelas ruas de Serra Talhada.

Segundo o empresário Rêmulo Callou de Alencar, que tinha 13 anos em 1975, entre as poucas atividades de denuncia à Ditadura Militar e ao Major Ferreira dos Anjos, registra-se apenas a existência de um jornal. “Lembro que nessa época, na casa dos meus pais, na qual todos faziam oposição à ditadura militar e aos políticos locais apoiadores, chegou um jornal clandestino de nome “Movimento” em que denunciava os crimes cometidos pelo então capitão Ferreira contra os opositores do regime”. O Sr. João Júnior, engenheiro aposentado, descarta a possibilidade de que Ferreira dos Anjos teria alguma relação com uma possível investigação a existência de militantes de esquerda na região:

“Tivemos a oportunidade de conhecer Ferreira e muitos de seus comandados, entre eles, Lopes e França. Mas não vemos sua presença

aqui ligada a supostas investigações com a esquerda. Todos sabem do mérito de sua presença, vivíamos um período violento, não era só questão ligada a Vilmar, nossa cidade era palco de ações de vinganças de outros municípios vizinhos em função da nossa feira que atraía gente de toda parte. Lembro-me de que na época todo fato acontecido, corria logo a notícia de que tinha sido Vilmar, ficou provado que nada disso era verdade. A manobra militar, tem a ver com treinamentos e não como fato de sufocar pelo menos essa suposta idéia. Como se sabe, nosso município calou e não participou de qualquer movimento de esquerda. Pode ser que hoje, apareça gente a título de aparecer mesmo, tal qual as 'estórias', o nome já diz, 'estórias mentirosa' com relação ao cangaço que vivem do comércio, como eu mesmo disse a dois historiadores, um da Paraíba e outro do Rio Grande do Norte por ocasião da celebração dos 80 anos de seu João Gomes, em Nazaré do Pico, distrito da cidade de Floresta - PE. Citei pra eles que ouvi da boca do próprio coronel Manoel de Souza Neto, o Mané Neto, que por várias vezes confrontou o seu agrupamento com o de Lampião. Desse cidadão militar, nunca a história foi mudada, era sempre a mesma contada pra soldados, cabos, sargentos ao último posto na hierarquia militar. Como imaginar grupos de guerrilhas tencionarem doutrinar e treinar sertanejos na caatinga, era muito difícil por várias razões, uma delas, não havia grandes concentrações de pessoas, pois a distância de uma fazenda pra outra era grande, não havia nenhum setor que empregasse muita gente" (JOÃO JÚNIOR, 2016).

Independente dos verdadeiros fins que levaram esta operação ser desencadeada no Sertão Pernambuco, é necessário que se faça uma análise crítica, para que o episódio não fica registrado apenas como mais uma manobra militar, principalmente por que a operação teve repercussão nacional justamente em um período em que alguns movimentos de esquerda e de oposição ao regime militar, passaram a investir na chamada "guerrilha rural".

2.7 A juventude e os palcos: uma geração projeta as suas conquistas e as suas memórias

Os anos de 1970 também foram destacados pelo papel de protagonismo exercido pela juventude, isso porque nas décadas anteriores, os jovens, em sua maioria da elite, eram educados para seguirem a vida de agricultor, comerciante, profissional ou a carreira política. A partir dos anos de 1950, muitos jovens foram enviados para estudar na capital, essa tendência se seguiu pelos anos de 1960, mas com o surgimento de curso técnicos de segundo grau e da Faculdade de Formação de Professores, boa parte dessa optou por ficar na cidade, alguns por razões

financeira, outros por opção própria. A primeira forma de expressão dessa geração se deu a partir do teatro.



Imagem 93: Encenação da Paixão de Cristo em Serra Talhada (Fonte: Site Farol de Notícias)

Serra Talhada já foi palco de grandes eventos teatrais que atraíram a atenção de pessoas de toda a redondeza. Eventos que geralmente contava com a participação dos jovens idealistas. Na imagem 93, vemos a encenação da Paixão de Cristo em Serra Talhada, tendo como destaque a figura do Pôncio Pilatos – na cena lavando as mãos – interpretado por Antônio Gomes (já falecido), ex-funcionário do Banco do Brasil.

A primeira vez que o espetáculo teatral da Paixão de Cristo foi encenada em Serra Talhada, foi em 1977, no estádio Pereirão, os papéis eram exercidos por pessoas de diferentes seguimentos sociais, a maioria atuou pela primeira vez em

uma peça teatral. O papel de Jesus Cristo foi encenado por Adailson Veras, funcionário do Banco do Brasil. O Satanás era Antônio Alexandre. O Judas era o professor Ivo Policarpo. Um dos apóstolo era o empresário Augusto Duarte, já falecido, o professor e advogado Antônio Pinto interpretava o papel de Caifás, o “bom ladrão” era Luiz Alfaiate (já falecido) e o agricultor Seu Raimundo fazia o papel do apóstolo Pedro.

Haroldo Azevedo (2013), servidor aposentado nos relatou como foi a sua a participação no espetáculo: “Eu participei dessa encenação, nesta mesma época participava de um grupo de jovens na Escola Normal na qual participava: Irmã Clara, Irmã Maria (Diretora na época da Genic) Gorete de Loura, Beto de Ielé, Seu Augusto Duarte, Agamenon, Lula, Ronaldo, Fernando (de Bernardo Viera) Aluizio e muitos outros, realmente foram bons tempos! Fui um dos ladrões e, inclusive foi o Luiz Alfaiate que foi o figurinista da peça. Lembro também de um Padre chamado Afonso, e o diretor da peça que era um funcionário do Banco do Brasil, que depois foi candidato a deputado, não lembro o nome no momento”. Anildomá Willans de Souza (2013), conhecido como Domar, atual presidente da Fundação de Cultura de Serra Talhada, também participou do espetáculo e nos fez o seguinte depoimento, tendo como referência a imagem 93:

“Foi minha estreia no teatro. Em 1977, na estréia da Paixão de Cristo, em Serra Talhada, no dia 8 de abril, estava eu lá, soldado do Palácio de Pilatos, comemorando 15 anos. Hoje, estou ainda no pé da conversa. Olha, o primeiro Cristo na peça foi Adailson Veras Borges. Depois é que foi Aluizio Nunes, em seguida Agamenon, Neco, João Batista Vieira...Quase que a cada ano, um ator pra viver Jesus Cristo. Quem está lavando as mãos é Pilatos (Antonio Gomes). Herodes era Daniel (esposo de dona Solange Nunes). Judas era Ivo Policarpo. Terminei fazendo o Centurião Chefe, que batia no Jesus (acho que daí vem minha vocação blasfêmica). Mas quero que me permita lembrar também outros nomes que carregaram nas costas a Paixão de Cristo de Serra Talhada, como de professor José Ferraz, todos os filhos de Expedito Pereirinha (Manoel, Alemão, Beto), Dalma e Bubua, professor Gerson, Cipriano, Fantástico da Celpe, Lili Jurubeba, João Duque, Netinha Almeida, Custódio Sá, Augusto Duarte e mais quatrocentas pessoas que faziam a figuração... Em 1982 aconteceu a última apresentação, sem apoio, sem patrocinadores, com uma dificuldade imensa até pra guardar os equipamento e, cenários e guarda roupa”.

Em meados dos 1980 a peça chegou ao fim. Segundo os próprios atores a falta de apoio financeiro por parte dos poderes públicos e da iniciativa privada foram os fatores que levaram o grupo a encerrar as suas atividades. Mas apesar disso, a encenação da Paixão de Cristo foi um marco na história teatral da cidade, por se tratar de um espetáculo ao ar livre que necessitava de uma grande estrutura e que reunia uma grande quantidade de atores e figurantes, bem como, uma inovadora estrutura de som e de efeitos especiais.



Imagem 94: Grupo de Teatro Amador de Serra Talhada década de 1974 (Fonte: Casa da Cultura de Serra Talhada)

Outro grupo importante foi o Grupo TAST (Teatro Amador de Serra Talhada), fundado em 1973 e que era composto por 14 atores, tendo a região Nordeste com tema central; seus trabalhos se identificavam perfeitamente com o público. Os trabalhos mais importantes do grupo foram: “A Flor do Mandacaru”, “O Beato João”, “O Profeta das Trevas”. A imagem 94 é do elenco da peça “O Profeta das Trevas”, escrita pelo jornalista serra-talhadenses Bartolomeu Rodrigues, radicado em Brasília – DF. A foto foi feita em 1974, quando o grupo se preparava

para uma apresentação no palco do Colégio da Imaculada Conceição, essa era a segunda montagem teatral do grupo TAST.

O grupo TAST marcou uma época na cidade sempre se apresentado com peças escrita por autores e com elenco formado por atores locais. No entanto, como em outros momentos da história de Serra Talhada, a violência deu novamente a cara, e um dos integrantes do grupo acabou sendo assassinado. A morte de Antônio Carlos da Rocha, o Carlinhos, dentro de uma sala de aula do Colégio Municipal Cônego Tôres chocou toda a população e colocou em cheque a sobrevivência do grupo. Após três anos da fatalidade o grupo voltou à ativa. Carlinhos é o terceiro do lado esquerdo para o direito, em pé e com uma cruz pintada no peito.



Imagem 95: Janela de onde assassino colocou uma escada e atirou em Carlinhos (Fonte: Alejandro J. García - 2015)

O colégio Municipal Cônego Municipal Cônego Tôres, foi inaugurado em 1954, no governo do então prefeito Moacir Godoy, e guarda em suas dependências muitas histórias felizes, de sucesso e de superação. Apesar disso, duas tragédias marcaram a vida de professores, alunos, funcionários e da população em geral. A primeira ocorreu em 1975, quando de forma abrupta a vida de Antônio Carlos da Rocha, foi ceifada, vitimada por um tiro disparado da janela que aparece na imagem

95. Carlinhos era um rapaz pacato e muito querido por todos. Mas, apesar de toda a simpatia, Carlinhos acabou sendo assassinado enquanto assistia a uma aula. O tiro – que até o hoje não se sabe de quem partiu e o verdadeiro motivo da ação criminosa – foi dado de uma janela do colégio. Ele ainda foi socorrido com vida e acabou morrendo dias depois na cidade do Recife. Segundo a reportagem do Globo Repórter, da TV Globo, exibido em 18 de outubro de 1977, as hipóteses para o crime teriam sido a inveja, já que ele havia passado em concurso para os Correios, ou por ciúme de uma moça que ele estaria namorando. Em 1987, o funcionário José Nogueira dos Santos, carinhosamente chamado de “Pai Herói”, perdeu a vida no saguão de entrada do Colégio, quando foi alvejado por um elemento que queria entrar nas dependências do colégio e funcionário se negou a abrir o portão. A tragédia gerou uma grande comoção na cidade e fez com que todas as escolas aumentassem os muros, e as normas de segurança se tornaram mais rígidas.

O assassinato do ator Carlinhos acabou abalando toda aquela geração. Segundo José Brasil, funcionário público municipal, a morte de Carlinhos foi o primeiro grande choque dos jovens daquela época. Brasil (2015), também descreve a noite da tragédia: “O caso de Carlinhos dos TAST (Teatro de Amadores de Serra Talhada, grupo criado por Bartolomeu Rodrigues). Foi o primeiro grande choque na vida dos estudantes, a agonia e o corre foi grande, a cidade vivia uma violência e ai não se sabia de imediato, o alvo daquele disparo, como poderíamos imaginar, Carlinhos, um cara fantástico de bom relacionamento com todos, tornar-se vítima de uma bala? Lembro da escada improvisada ainda em madeira verde, usada pelo criminoso. Foram muitas histórias a respeito do caso”. Adeilde Gomes (2017), que tinha o irmão, Antonio Gomes, estudando no Colégio, lembra que todos os alunos foram intimados para depor na delegacia. “Meu irmão foi chamado para depor e o delegado perguntou muitas coisas, uma delas era se ele tinha espingarda em casa”. Passados mais de 40 anos do crime, o mistério sobre a identidade e a motivação do crime permanecem sem esclarecimento.



Imagem 96: Antônio Alexandre e os participantes do Domingo Alegre (Fonte: Site Farol de Notícias)

“Eu me lembro com saudades o tempo que passou/ O tempo passa tão depressa, mas em mim ficou...”. Essa música de Roberto Carlos que remete ao movimento Jovem Guarda, mas para muitos, é um convite às recordações que vão até o final dos anos 70 e os primeiros anos da década de 1980, quando era realizado em Serra Talhada, semanalmente, aos domingos, no auditório do Colégio da Imaculada Conceição, ou no Cine Art, o programa de auditório “Domingo Alegre”, apresentado por Antonio Alexandre, o popular Toin Galinha, conforme o registro feita na imagem 96.

Segundo o Presidente da Fundação de Cultura de Serra Talhada, Anildoma Willams de Sousa (Domar), irmão do Toin Galinha, “o auditório ficava lotado por jovens usando roupas coloridas, crianças, famílias inteiras indo se divertirem, com as mágicas de salão, com a brincadeira de fazer alguém botar um ovo, desaparecer relógios e aparecer em lugar inusitado, tirar pombo ou coelho da cartola, as dublagens que levavam o público as gargalhadas, como ‘você vai me matar de rir, fazendo cócegas...’, ‘Pisa na Barata’ ou ‘Não se Vá’, da dupla Jane e Herondy”.

O jovem e irreverente Antônio Alexandre era o apresentador - na imagem 95 está cantando com o violão - fazia as mágicas e dublagens, finalizava com o tão esperado “Show De Calouros”, onde foram revelados artistas da cidade como Noroba, Lila, Juscelino, Edson Lima e vários outros cantores e cantoras que vieram a fazer sucesso nos anos de 1980. Ainda segundo o Secretário, “a comissão julgadora era carregada de rigor, com as caras fechadas, sisudas, fazia tremer qualquer concorrente. A premiação era patrocinada pelo comércio, que durante a semana Toim batia em todos os estabelecimentos na busca de patrocínio. Todos ajudavam. Era a cidade aguardando o domingo, domingo de festa”.

Segundo Domar, a divulgação do show não precisa de tantos recursos, “bastava anunciar na Voz da Liberdade (sistema de difusão com alto falante), de Nizinho, e a cidade inteira ficava sabendo. O horário nobre da difusora era à tarde, e os anúncios eram feitos durante o programa ‘Boleros em Surdinas’, hora que o comércio estava finalizando o expediente, em seguida vinha a ‘Hora da Ave Maria’, entrando na noite, com uma sequência musical de sucessos da época. Entre um bloco musical e outro Nizinho anunciava o ‘Domingo Alegre – Antonio Alexandre Show’ e sua programação de variedades”.

Com se ver, a transição entre a década de 1970 e 1980, foi marcada pela criatividade dos jovens e episódios de violência. Para Gomes (2013), o início da década de 1980 foi marcado pela decadência de vários movimentos, por exemplo, “o movimento cultural e o esportivo na cidade viviam um período de decadência, principalmente com o fim do grupo de Teatro Amador de Serra Talhada – TAST e do Comercial Esporte Clube, seguindo essa trajetória lamentável, o Cine Art e o Cine Plaza fecharam as portas. O lazer dos jovens resumiam-se aos banhos no “Poço do Curtume” e no “Poço do Padre¹⁶¹”, ambos no rio Pajeú, além de jogos de futebol disputados nas areias do rio”. Dois fatores contribuíram para essa crise, a falta de investimentos públicos nas áreas culturais e esportivas, em uma série de círculos de violência que amedrontava e vitimas jovens inocentes.

¹⁶¹ GOMES, Paulo César. D.Gritos: do sonho à tragédia. A história da maior banda de rock do Sertão Pernambucano. 1. ed. Serra Talhada: Desafio Art & Gráfica, 2013. p. 25.

CAPITULO III – LUZ, PROJETORES, IMAGENS E SONS: A CIDADE É SEDUZIDA PELO MODERNO

3.1 Do lampião a gás à energia elétrica; relatos de uma cidade que se ilumina

No início da década de 1930, Serra Talhada já comercializava o algodão e o caroá em volumes expressivos, ambos os produtos movimentavam a economia local e o comércio com as cidades circunvizinhas. Todo esse processo intensificou, ainda que em pequena escala, a interação entre a população da zona rural e urbana, fazendo com que a vida na cidade tornasse mais “movimentada”, inclusive durante a noite. Foi nesse contexto que brotou no meio político serra-talhadense o desejo de modernizar o simplório sistema de iluminação pública, visando entre outras coisas, aumentar “o conforto dos moradores” tornando “as noites da cidade mais iluminadas”. Essa mudança na iluminação passava pela substituição dos velhos lampiões a querosene.



Imagem 97: Rua João Pessoa, atual Praça Agamêmnon Magalhães, com postes já com lâmpadas elétricas (Fonte: Casa da Cultura de Serra Talhada)

A imagem 97 é da década de 1940, e mostra a atual Praça Agamenon Magalhães, na época em que o centro da cidade já estava sendo iluminado pela

energia gerada através de um motor. Em destaque os postes a onde ficavam as lâmpadas elétricas. Até o dia 12 de janeiro de 1930 a iluminação das ruas de Serra Talhada eram feitas através lampiões a querosene, depois desta data a cidade passou a ser iluminada por lâmpadas elétricas. A energia gerada a motor foi uma constante na cidade até a chegada da energia elétrica vinda da Usina Hidroelétrica de Paulo Afonso.

Em 1948, para atender as necessidades dos serviços emergência do HOSPAM, foi feita uma parceria entre o governo estadual e a prefeitura municipal, que para isso teve que recorrer um empréstimo¹⁶² no de duzentos mil cruzeiros para compra de um motor para a geração de energia elétrica para a cidade. O valor foi emprestado pelo próprio governo do estado, isso porque o hospital era gerenciado pelo Estado, desta forma o novo motor foi instalado nas proximidade do nosocômio.

No entanto, mesmo com a cidade contando a geração de energia através de um novo motor, os problemas com a falta de energia invariavelmente aconteciam. Um desses problemas foi relatado pelo Diário de Pernambuco, do dia 12 de março de 1957, e ocorreu durante a gestão do prefeito Luiz Lorena:

[...ILUMINAÇÃO ELETRICA: Há mais de dois meses, grande trecho da cidade está no escuro, por ter-se quebrado uma peça de um dos motores que fornece energia. O Prefeito está empenhado em remediar logo a situação...] (Diário de Pernambuco, 1957).

O registro jornalístico mostra como a falta de iluminação interferia no cotidiano da cidade e de como a sociedade se sentia incomodada pela situação, ao ponto de reclamar da quebra do motor junto aos órgãos de imprensa. Vale registrar que as peças para o concerto do equipamento eram compradas na capital, e antes da chegada do trem, a viagem para realizar a aquisição do material era feita de automóvel. Segundo Seu Madeira (2017), que era o vice-prefeito da época e um dos

¹⁶²Lei 22 de 22 de setembro de 1948 – Contrai empréstimo junto ao Governo do Estado de Pernambuco no valor de duzentos mil cruzeiros para compra de um motor para geração de iluminação da cidade. Fonte: Câmara de Vereadores de Serra Talhada.

únicos donos de automóvel da cidade, era ele o responsável por ir até a capital comprar as peças para o motor.



Imagem 98: Prédio onde estava instalado o motor que gerava energia que iluminava a cidade. (Foto de Alejandro J. García, 2017)

A imagem 98 é do local onde ficava o último motor adquirido pela prefeitura municipal, o equipamento foi instalado em setembro de 1962, na gestão de Hildo Pereira. O motor potente Modae, proveniente das Usinas Três Marias, prometia ser, segundo reportagem do Diário de Pernambuco (1962), “a solução para um dos grandes problemas sociais da cidade¹⁶³”. O evento de inauguração contou com a presença do prefeito Hildo Pereira, o ex-prefeito Luiz Lorena e o Padre Jesus Garcia Riano, os três fizeram uso da palavra. Segundo Seu Vanduir (2017), funcionário aposentado da CELPE, que antes de entrar para empresa estadual, trabalhou na manutenção do gerador “o motor era abastecido diariamente com cerca de seis litros de óleo diesel”. O equipamento que geravam e distribuíam a energia, ficava no prédio que aparece na imagem 98, localizado entre as Ruas Cornélio Soares e a Joaquim Conrado, que na época era denominada de Rui Barbosa. Segundo dados

¹⁶³ Diário de Pernambuco, dia 21 de setembro de 1962.

da Enciclopédia dos Municípios do IBGE (1958), existiam em Serra Talhada, no ano de 1957, 700 ligações elétricas domiciliares, ou seja, menos da metade das residências urbanas possuíam energia em casa.

Chama atenção o fato de que o motor era desligado sempre às 21 horas, os moradores eram avisados através de um piscar nas luzes, após toque, segundo relato de Aldeilde Gomes dos Santos, “quem tava fora se encaminhava para a sua casa, as crianças encerrava suas brincadeiras e os rapazes se despediam das suas namoradas e em seguida as ruas ficavam às escuras e si licenciosas”. Durante mais de três décadas a população conviveu com essa rotina, que entre outras, obrigava os eventos noturnos como festas, atividades religiosas, filmes em cinemas e os outros eventos sociais a terem horários determinado para o encerramento.

Os transtornos só foram encerrados em 1965, em 18 de janeiro de 1965 a luz elétrica deixou de chegar por meio de gerador à população de Serra Talhada. Um banquete foi realizado para comemorar a notícia. A partir dessa data todos podiam sair após às 21 h sem medo da escuridão. A luz era garantida, agora, pelo complexo hidrelétrico de Paulo Afonso (BA).



Imagem 99: Banquete de comemoração chegada da luz elétrica em Serra Talhada (Fonte: Site Farol de Notícias)

Para celebrar a chegada da energia elétrica vinda da Usina Hidroelétrica de Paulo Afonso, e que ficou sendo distribuída para boa parte das cidades do interior do Nordeste a partir do distrito de Bom Nome, que pertence à cidade vizinha de São José do Belmonte, foi realizado um banquete e um baile no CIST. Na imagem 98 aparecem as autoridades da cidade presentes ao banquete. Da direita para esquerda: Egídio Torres, Modesto Sá, Miguel Nunes de Souza, Peixe Gomes, Domício Ferraz, Carlos Godoy, Seu Libano, Otacílio Batista Gaia e em pé, Dona Loza (irmã do empresário João Duque). Como se percebe, os comes e bebes ficaram restritos a classe política e empresarial da cidade, situação bem distinta da chegada do avião e do trem, onde a presença da população foi registrada.

Aos poucos também os televisores foram sendo introduzidos ao cotidiano da população, assim como algumas tradições que se mantêm até hoje. A energia elétrica tornou as noites mais alegres, cheias de novos sons e novas práticas. Enfim, novos usos. As mudanças eram muitas. No centro da cidade, conforme aponta a aposentada Dona Maria de Fátima Conrado, surgiram novos espaços de diversões noturnas. No pátio da Igreja do Rosário e na Praça Sérgio Magalhães, os namorados marcavam encontros. Aumento também o número de bares com expediente durante a noite e com apresentação de músicos durante os finais de semana.



Imagem 100: Primeira iluminação feita na fachada da Igreja de N. Senhora da Penha em 1969 (Fonte: Maria José Carvalho)

A imagem 100 foi gentilmente cedida pela Senhora Maria José Carvalho, viúva do empresário José Jared de Carvalho. A imagem retrata a primeira vez que a Igreja Matriz da Penha teve sua fachada decorada com luzes durante o novenário da santa, que ocorre entre os dias 29 de agosto e 08 de setembro, a festa religiosa e

profana é o maior evento popular de Serra Talhada, com repercussão em toda a região. A primeira iluminação ocorreu em setembro de 1969 e se deu por iniciativa de José Jared de Carvalho, popularmente conhecido como Jarinho. Além de ser um homem muito religioso, Seu Jarinho era também um grande amigo do Padre Jesus, dessa amizade surgiu à ideia de se decora a parte externa da Igreja, uma tradição que nesse ano completou 45 anos.



Imagem 101: Praça Sérgio Magalhães toda iluminada durante a Festa da padroeira da cidade no final da década de 1970 (Fonte: Casa da Cultura de Serra Talhada)

A imagem 101 é um registro que demonstra a importância da chegada da energia elétrica e o tamanho da parte profana da Festa de Nossa Senhora da Penha, vista a partir das luzes que dominam o cenário. Ao mesmo tempo em que notamos a Igreja Matriz toda iluminada, notamos também a presença de uma multidão que busca diversão nos parques de diversão.

Para Baudelaire, que descreveu as multidões o fenômeno da multidão na Paris do Segundo Império, na qual é visto como uma imagem flutuante, inconstante e fugidia. A urbe do poeta não se encerra com o relato sensível das formas de vê-la; tampouco é a pura descrição de sua materialidade, mas representa os momentos

culturais que a evidenciam como uma construção móvel, um organismo mutante e ágil para abrigar as inúmeras relações sociais que a caracterizam.

A imagem da multidão nas ruas era vista com entusiasmo, mas também com um certo medo ou receio. De acordo com Gervácio Batista Aranha, Baudelaire, apesar de ter se deixado levar por um certo fascínio frente às metamorfoses que Paris sofria, “não teria perdido de vista a terrível realidade social” (ARANHA, 2005, p. 83) que ali se desenhava.

Uma realidade vista em Serra Talhada a parti do momento em que nem todos poderiam passear em parque de diversão, e por isso, muitas crianças se aglomeravam no entorno das grandes que protegiam o parque apenas para observar os privilegiados que se divertiam entres risos e gritos. Outros procuram comer uma simples maçã do amor, ou que saber atirar pelo menos uma vez na barraca do tiro ou tentar a sorte na roleta. Também tinha aqueles que reunião os amigos em barracas para beber e comer até o amanhecer o dia, para daí partir em direção ao desfile cívico de 7 setembro. As pessoas mais recatadas só saíam na ultima noite da festa apenas para acompanhar a procissão da padroeira Nossa Senhora da Penha. Com passar dos anos muitos serra-talhadenses passaram a comemora alguns dias da festa em clube privados, como o CIST e o Batukão, nesses locais os organizadores contratavam banda para animar os bailes. João Bosco Feitosa Júnior, ainda se recorda de momentos impares da festa com, a hora dos miseráveis. Segundo ele, em uma certa altura da madrugada do dia 7 para 8, as luzes se apagavam e as pessoas abandonavam as mesas sem pagar a contar ou ate furta alguns objetos do ambulantes que comercializavam no lugar. Irenilda Pereira, professor, disse que gostava de estar na roda gigante com o namorado, por que enquanto as luzes se apagavam e o parque parava e ela ficava aos beijos com o namorado.

Infelizmente os tempos mudaram e hoje a festa mudou bastante. Ocorreu um forte divisão entre a tradição e a necessidade de moderniza a festa, isso porque a festa virou um grande produto comercial e político. Enquanto a festa religiosa ocorre na Praça Sergio Magalhães, a profana é realizada em parque de eventos, onde várias atrações culturais de gosto duvidosos se apresentam.

3.2 A chegada da TV e a cidade que se que se ver através da sua face mais triste

A televisão chegou a Serra Talhada no final da década de 1960 e início de 1970, os primeiros aparelhos foram adquiridos pelas famílias mais ricas. Segundo Seu Madeira, um dos primeiros aparelhos a chegarem na cidade foi de um funcionários dos Correios e Telégrafos, “tinha um chefe dos Correios aqui. Ele comprou uma televisão e o povo foi assistir na casa dele... um jogo de futebol. Ele era dos ‘carvalhos’ e viciado em torrado (rapé).” Adeilde Gomes dos Santos relatou que ouvir falar de pessoas assistindo televisão na cidade durante a copa do mundo de 1970. “Meus mais novos gostava de jogar bola e foram com os amigos da Rua dos Correios (Rua Cornélio Soares), assistir um jogo na televisão da casa de Lia Lucas, lá na rua por trás da Igreja Grande. Ela colocou a televisão na calçada e muito gente foi assistir. Os meninos disseram que foi uma festa grande depois do jogo”.

Outra passagem importante foi narrada por Maria do Carmo Gomes Bezerra, aposentada de 76 anos, ela narra que viu pela TV a vitória das três Misses. “A gente sempre assistia na televisão de Albenor, que era um vizinho. Vi Cilene, Matilde ganharem, inclusive fui para a carreata que fizeram pra elas. Mas a que mais me marcou foi a vitória de Fátima. Ela era uma moça simples e morou perto da casa da gente, ele veio pra cidade para estudar. Quando ela ganhou teve gente que ficou dizendo: como é que uma moça pobre pode ser miss? Eu sei que fiquei feliz vendo ela na televisão”.

No entanto, um episódio triste mostrado na TV marcou a cidade. Em 1975, uma série de crimes chocou a cidade. A onda de violência teve início no ano de 1971 e estendeu até aquele. Os crimes envolveram famílias tradicionais e autoridades policiais, nesse período mais 30 pessoas, que tinham relação direta ou indireta com o conflito, foram assassinadas. Vários jornais da capital e de outros estados do Brasil enviaram correspondentes a cidade.



Imagem 102: Vilmar Gaia (Fonte: Reprodução do youtube/ Print do Globo Repórter)



Imagem 103: Major Ferreira (Fonte: Reprodução do youtube/ Print do Globo Repórter)

Apesar de várias matérias escritas, o que mais marcou até os dias atuais foi a reportagem feita pela TV Globo, que foi à cidade de Serra Talhada para produzir um globo repórter com o pistoleiro. Enquanto Vilmar era alçado à condição de estrela, sendo acusado de ter matado 36 pessoas, a população viu as conquistas das “meninas” - que era acompanhada por aparelho de TV – agora se deparava com

uma tentativa de se resgatar o cangaceiro Lampião. A comparação deve ao fato de que Vilmar Gaia voltou a Serra Talhada, após passar alguns anos na cidade de São Paulo, para vingar a morte de seu pai, Batista Gaia, que havia sido assassinado com requintes de crueldade.

Em 1975 a imagem de Vilmar Gaia, imagem 102, foi exposta exaustivamente em matérias de TV e de jornais e revistas de todo o Brasil. A tentativa de idealizá-lo como um novo Lampião – já que ele era natural de serra-talhadense assim como o famoso cangaceiro que a imprensa nacional nunca teve acesso – deu a história um sentido muitas vezes de fábula ou de mera fantasia, aonde chegou-se ao exagero de compará-lo com uma espécie de *'Dom Juan'*, isso porque muitas jovens faziam filas para poder visitá-lo na cadeia, muitas dessas moças levam carteiras de cigarros ou cartas com pedido de casamento para o temido, odiado e admirado, Vilmar Gaia.

Na verdade, o que ocorreu em Serra Talhada, entre 1971 e 1975 foi uma verdadeira tragédia, onde muito sangue inocente foi derramado de todos os lados - das famílias e dos policiais - que se envolveram na chamada "intriga" ou "questão", no final não houve vencedores, apenas derrotados. Uma derrota que 40 anos depois ainda é sentida pelas pessoas que participaram de forma direta ou indireta dessa página nebulosa da história da cidade. Mas, apesar de muitas feridas ainda estarem abertas, a história de Vilmar Gaia certamente será objeto de estudo de historiadores e pesquisadores de alguma parte do Brasil. E como aconteceu com Lampião, alguns escritores poderão incorrer no erro de olhar apenas para os aspectos criminais, ou se deixarem levar por paixões, sem buscar compreender os diversos elementos que envolveram essa controversa passagem histórica.

Serra Talhada, terra de "Lampião", terra de Vilmar

SEU nome hoje é notícia no Brasil inteiro e muitos vivem sob uma redenção de Virgolino Pereira, o Lampião, também nascido e criado naquele Município do alto sertão de Pernambuco (v. Como se Faz um Lampião em 1975, Caderno B de 9/4/1973). Matador por vingança ou bandido vulgar, o fato é que Vilmar Gaia transformou Serra Talhada na cidade do medo. Vive-se ali em clima de tensão, na expectativa de novos crimes (os dois últimos, em dias seguidos, ocorreram há menos de um mês). Ninguém quer falar no bandido, olha-se os estranhos com desconfiança, as pessoas ainda estão marcadas para morrer. O comandante do novo destacamento (o antigo, em função de Vilmar, foi todo substituído) procura minimizar a situação — "é um caso comum no sertão, de vingança de famílias" — mas Vilmar, embora desaparecido, está presente. E a qualquer momento pode reaparecer, armas na mão, em busca de seus inimigos, tal como fazia o Capitão Virgolino, 40, 45 anos atrás.



O DESTACAMENTO POLICIAL DO 1900 SUBSTITUÍDO, PARA MAIOR EFICIÊNCIA NA CAÇA À VINGANÇA

A ESPERA E O SILÊNCIO NA CIDADE DO MEDO

LUIZ ROBERTO MARRAS

Serra Talhada — Depois das 18 horas, são poucos os que se aventuram às ruas. A noite, nos jardins da praça principal, a conversa amena e trivial já não concentra tanto as pessoas nas varandas, enquanto o *Jornal* do dia de jovens e memorados reduz-se bastante. As tranças de muitas portas foram retiradas, as calçadas aumentaram suas varandas, as armas deixaram na rua. E Serra Talhada, cercada no vale sertanejo e árido do Pajeú. A maior parte dos seus quase 25 mil habitantes vive sob a ameaça de Vilmar Gaia, para continuar a execução da sua lista de vingança.

O clima instalado na cidade é facilmente perceptível a qualquer visitante: a temer e a não temer, nas poucas palavras, nos gestos dos habitantes de Serra Talhada. Pouca gente se aventura a falar abertamente sobre Vilmar Gaia e os silêncios assassinais ocorridos na cidade. Até mesmo as pessoas policiais militares do novo destacamento local são ledescos. Um retrato fiel deste clima verificou-se na tarde da última segunda-feira, dia de feira, quando a gente nas ruas, bastou uma pequena corrente de alguns policiais para prender um bandido que não pagara um prêmio de Cr\$ 5 mil a uma mulher para que matasse tranqüilamente, em paz, procurassem algum nas lojas, nas casas, na Prefeitura, as cadaveras postas para dentro rapidamente. Supunha-se que Vilmar voltaria.

A corrida tinha seus motivos. Em todos ainda está bastante viva a memória da última morte na cidade, ocorrida no fim da tarde do dia 18 último. Naquela ocasião, Álvaro Gaia, cunhado de Vilmar, foi morto a tiro de revólver e rifle, em pleno centro, um dia após o assassinato de um soldado do destacamento local pertencente à família Ferraz, mameca e temida no sertão do Pajeú, crime que teria sido cometido por Vilmar.

A contraponto da sua população, Serra Talhada revive, no momento, uma tradição vinda desde a época áurea do cangaço, encarnada na figura lendária do Capitão Virgolino Pereira e Lampião, um dos seus filhos mais famosos, nascido no sítio São Francisco, no Distrito de Pajeú, um dos sete pertencentes ao Município, segundo consta na terceira página de um velho livro de registros do cartório de Taquaranga. Tal como há cerca de 45 anos, o modo está nas ruas.

"Em Serra Talhada, mata-se um hoje e se deixa outro amarrado para se matar amanhã" — é o ditado que corre na

cidade e nos municípios vizinhos, como em Triunfo, cidade de clima ameno a 42 quilômetros de lá. Provavelmente por isso, o Prefeito de Serra Talhada, Sr. Sebastião Andrade de Oliveira, do Arroz, tenta evitá-lo, durante dois dias, qualquer contato com a reportagem. Escara sempre austeridade da Prefeitura — um prédio amplo e moderno para a pobreza da cidade, onde convivem os rituais oficiais do atual Presidente da República, do ex-Presidente Emílio Médici e do ex-Governador Erasmo Góes. — e suas ruas encontram-se em casa.

Assim como ele, seus assessores evitam tocar no assunto. Na rua, na farmácia, nas lojas de tecidos e miudezas, Vilmar Gaia é tratado à boca miúdo, principalmente para os que vêm de fora. Um dos membros do novo destacamento policial — o sargento França — por exemplo, recusou-se, polidamente, na ausência do seu comandante, a prestar qualquer informação, segundo os critérios superiores. E os que falam, como um velho ex-político da região, é com temor, pedindo com insistência que não lhe citem os nomes. Uma imagem de Vilmar, misto de fascínio e medo, confundido se forma entre os habitantes da cidade, notadamente entre os mais humildes, acostumados a conviver com a legião de Lampião há mais de quatro décadas.

Para um dos dois párocos de Serra Talhada, o Padre Afonso de Carvalho Boinville, há oito anos lá, o povo tem Vilmar Gaia como elemento místico, ao mesmo tempo em que o teme pela sua violência.

— O machismo de Vilmar, expresso no desejo de vingança pela morte de parentes, na sua aparente instabilidade no manejo das armas, na capacidade de escapar à prisão, identifica-se profundamente com uma linha de pensamento popular necessitada de mitos e heróis, canalizada notadamente no sertão.

Traçando um ligeiro quadro da personalidade do bandido — filho natural criado em ambiente favorável ao culto da violência, sem influência econômica e social na comunidade, influenciado pela convivência com uma polícia corrupta, que o usou como pistoleiro profissional — Padre Afonso é de opinião que o cartismo que vem se formando em Serra Talhada, fortalecido pela excentricidade dos traços que costuma usar (roupa e chapéu pretos, óculos escuros), tenderá a distingar com a sua prisão ou seu lento desaparecimento.

O pároco considera a detecção de Vilmar bastante difícil, pois acredita na existência

de um suporte econômico, político e político por trás dele, através da Justiça. Embora evite citar um detalhe, revela, porém, ter havido estreitos laços entre Vilmar Gaia e a antiga polícia local, que o deturba e usou como pistoleiro a serviço de interesses pessoais. Tanto assim que o destacamento foi substituído recentemente por ato do Governo do Estado.

— Os Gaia, e muitos deles no sertão bem, são, em geral, trabalhadores, voltados para a pequena e média agricultura do algodão, feijão e milho. Mas, sem dúvida, há entre eles um forte impulso para a violência.

MALDADA

O comandante do novo destacamento de Serra Talhada, formado por 28 policiais sem ligação com a cidade, o jovem Capitão João Ferreira dos Anjos, diz, tem voz seca e gestos calmos. Para ele, Vilmar Gaia não passa de um homem comum, um pistoleiro profissional elevado às características de imaginário popular da cidade, acostumada ao mito Lampião.

— O que está acontecendo é um caso comum no sertão, originado por questões de vingança entre famílias. O resto fica por conta da imaginação do povo, que liga a figura de Vilmar Gaia guardadas certas propriedades, a de Lampião.

Delega a violência de voluntários à cura de Vilmar nas castiças e do clima de insegurança na cidade. Mas esse clima é facilmente constatável.

Segundo o Capitão João Ferreira, existem oficialmente sete crimes atribuídos a Vilmar Gaia, contra os 23 que lhe imputa a população. Muitas mortes na região são atribuídas a Vilmar, unicamente por causa de sua evidência no momento. O homem considera Serra Talhada uma cidade recia, na pequena cidade local, a maior parte deles condenada por homicídio. Os policiais, muito alertas e vigilantes, andam ao seu grupo fortemente armados pelas ruas. No quartel de comando, um avião prendido num quadrel, mostrando uma velha foto 2x4 de Vilmar, diz ser ele "elemento de alta periculosidade (pistoleiro profissional)", com mandado de prisão decretado em outubro do ano passado. Enquanto isso, o delegado especial Jorge Tasso, designado pela Secretaria de Segurança Pública para acompanhar o caso, faz visitas constantes a Serra Talhada.

SAGA DE SANGUE

A saga do sangue de Vilmar Gaia, 25 anos, casado, de cor morena e cabelos lisos, começou em 1970, numa frente de trabalho implantada pela *Subcom* para ocupar mão-de-obra ociosa em face da grande seca que assolou o Nordeste naquele ano. Como dois seus irmãos — Antônio, Ezequiel, Clever, Eduardo e Tonho — mataram dois soldados da Polícia Militar que protegiam um engenho encarregado de pagamento, por haverem sido humilhados os trabalhadores, segundo se diz.

De lá para cá seguiu-se uma lista de assassinatos violentos: o patrão dos Gaia, João Batista, foi morto a tala e a face, em 1971, como vingança pela morte dos dois policiais, um ano antes, Vilmar, depois, matou o coronário Pedro Inácio do povoado de Jardim, que estaria ligado à morte do pai. Teriam sido mortos também por Vilmar, talvez quatro filhos de José Cipriano, ex-combatente de veteranos contra Lampião, que fugiu de Serra Talhada. Esta sucessão de homicídios, a que se incluem outras, ainda sobrios, culmina com o assassinato de um soldado do destacamento de Serra Talhada pertencente ao 1.º do Ferraz, no dia 18 de março último, morte prontamente reivindicada no dia seguinte, com a de Álvaro Gaia, cunhado de Vilmar, no centro da cidade.

Diz-se que a luta de Vilmar, agora, é contra a família Ferraz, tendo em todo o sertão do Pajeú. De leria, ali, uma lista de oito nomes marcados para morrer, na qual estaria incluído alguns dos Ferraz, entre eles o proprietário de uma papeteria, a Ferraz, Ferraz & Cia. O Capitão João Ferreira afirma já ter sido procurado por alguns componentes dessa lista, que lhe disseram, inclusive, não conhecer pessoalmente nem nunca terem visto o bandido. A expectativa geral em Serra Talhada é de que novas mortes irão acontecer, mesmo porque há muitos Ferraz e Gaia na cidade.

Enquanto a esperteira de novos assassinatos ritos em Serra Talhada, uma cidade de ruas altas, muros altos em que o algodão e a cultura de subsistência firmam a principal base econômica e onde ainda hoje vivem velhos remanescentes dos combates a Lampião, as crianças locais abandonaram temporariamente a casa de passarinhos, de estalique e arapuca, para se entregarem a uma nova diversão: armadas de revólveres de plástico ou madeira, brincam "de Vilmar".

Imagem 104: Reportagem do clima medo da cidade de Vilmar Gaia (Fonte: Jornal do Brasil do Rio de Janeiro)

DIARIO DE PERNAMBUCO

PERNAMBUCO — BRASIL — SÁBADO, 10 DE MARÇO DE 1966

Testemunha-bomba dirá onde está Vilmar Gaia

Arrestados
Três juízes

Embora que a polícia ainda não tenha conseguido, até agora, descobrir a identidade do "teste bomba" que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, o delegado encarregado da investigação, o delegado João de Deus, afirmou que o teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...



O distrito de Carqueja parecia um deserto. Poucos são os pessoas que se atrevem a sair de suas casas e que correm risco de serem vítimas do crime

Identidade

Após cinco dias de buscas, o delegado encarregado da investigação, o delegado João de Deus, afirmou que o teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

Pistoleiros assassinam o cunhado e ferem agricultor em um hotel de Araripina

ARARIPINA. — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

Jurubeba é destemido

JURUBEMA. — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...



O teste Jurubeba chama "O Vingador"

Concluiu inquérito sobre morte de Luiz

CONCLUÍDO. — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

Flagrantes de cidade

FLAGRANTES. — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

Alcides Moraes refuta as acusações de "Dona Duda" e aguarda ação da Justiça

ALCIDES MORAES. — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

ALCIDES MORAES. — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

SERVA TAVIARA — (Deu notícias especiais) **Manoel Cavalcanti e Joaquim Gomes Viana** — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

DELEGADO — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

DELEGADO — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

DELEGADO — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

DELEGADO — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

DELEGADO — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

DELEGADO — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

DELEGADO — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

DELEGADO — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

DELEGADO — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

DELEGADO — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

Concluiu inquérito sobre morte de Luiz

CONCLUÍDO. — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

Flagrantes de cidade

FLAGRANTES. — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

Alcides Moraes refuta as acusações de "Dona Duda" e aguarda ação da Justiça

ALCIDES MORAES. — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

Delegado não aponta matadores de Alvaro

DELEGADO. — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

Delegado não aponta matadores de Alvaro

DELEGADO. — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

Delegado não aponta matadores de Alvaro

DELEGADO. — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

Delegado não aponta matadores de Alvaro

DELEGADO. — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

Delegado não aponta matadores de Alvaro

DELEGADO. — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

Delegado não aponta matadores de Alvaro

DELEGADO. — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

Delegado não aponta matadores de Alvaro

DELEGADO. — Um teste bomba, que testemunhou a fuga de Vilmar Gaia, é um homem de nome desconhecido, que vive em uma casa de rua...

Classificados do DP
— A satisfação de todos os serviços.

Liderança não se compra
adquirida, e não conseguida
por meio de um tratado
comercial, mas sim por meio
de uma qualidade de caráter
que todos sabem — basta
uma pessoa honesta, que
tenha de fato o mesmo ideal
para abertura de uma nova
empresa, e não se preocupe
com a falta de recursos.
— FURNAS
CASA e obra de Doméstica
de Ribeirão Preto.

Y Uma empresa
está aberta a qualquer dia.

Y LUGAR DAS TENTAS
AV. GETÚLIO VARGAS

DETETIVE PARTICULAR
ADEMAR CASTRO
SPECIALIZADO EM INVESTIGAÇÕES

RUA DO COMÉRCIO, 100 - FONE: 2111



O COMANDANTE JOSÉ FERREZ está no distrito de Carqueja

Imagem 105: Reportagem sobre a fuga de Vilmar Gaia da cadeia (Fonte: Diário de Pernambuco)

A imagem 104 é uma reprodução de uma portagem publicada pelo Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, na qual traduz o clima medo que dominava a cidade. A imagem 105, também reproduz as expectativas com relação a prisão de Vilmar.

Todos esses elementos fazem com que uma perspectiva história seja aberta seja aberta através das fontes, como as mídias escritas e os relatos orais. Tudo esse cenário implica na necessidade de que os historiadores locais comecem a se debruçar sobre o assunto e gradativamente quebrem as barreiras que cercam o polêmico tema. O que não podemos esperar que alguém venha de fora e narre os episódios ocorridos nos anos de 1970 como um mero embate de “*bang bang*”. Há mais que isso nessa tragédia. Há legados de várias vidas que precisam ser lembrados. A História não existe para ser um tribunal, para julgar e condenar, ou para ser a dona da verdade absoluta.

A História existe para analisar “os vestígios” deixados pelas antigas gerações, preservando assim, a memória e a identidade de um povo. É por essas e outras razões que a História já registrou as guerras mundiais, o holocausto, as cruzadas, a colonização das Américas, o terrorismo, bem como os amores, a poesia, as aventuras, e tudo aquilo que a vida pode nos oferecer. Sejam coisas boas ou ruins. Esse é um dos papéis que os historiadores estão chamados a realizar.

Em Gomes (2015), é possível ter uma visão crítica sobre o episódio, principalmente pela exploração sensacionalista em torno da violência: “o fato é que o sensacionalismo jornalístico da época não levou em consideração a dor das famílias envolvidas – feridas que ainda hoje estão abertas e que por isso merece todo o nosso respeito -. O ponto alto desse momento triste da história de Serra Talhada foi quando a TV Globo, levou ar no Programa Globo Repórter, uma reportagem produzida pelo conceituado cineasta Eduardo Coutinho, intitulada de “O pistoleiro de Serra Talhada” e que foi exibido em 18 de outubro de 1977. Em pouco mais de 50 minutos, a “Vênus prateada” ressuscitou todos os crimes da época e além de outros que não faziam parte do conflito entre as famílias”. Gomes (2015) ainda acrescenta que a emissora de TV ignorou os aspectos positivos da cidade: “Lamentavelmente a emissora carioca deixou de abordar questões importantes da cidade, entre elas o teatro, representado pelo TAST, e o futebol, representado pelo Comercial e outros clubes da época. Vale destacar que na época o Comercial já era citado em reportagem da revista Placar como uma referência do futebol do interior de Pernambuco”.

Em 1981, outra reportagem vinculada pela mesma emissora de TV, voltou a chamar a atenção da cidade e do país, desse vez o tema foi “Escândalo da Mandioca”, que entrou na pauta do noticiário nacional, e novamente a Rede Globo, voltou o foco para a violência em Serra Talhada. Com havia feito anos antes, ignorou as perspectivas positivas oferecidas pela cidade. O fato é que boa parte dos moradores, entres parentes das vítimas e os mais antigos, não gostam de conversar sobre o assunto, situação que dificulta a aquisição de depoimentos fotos ou de colher depoimentos orais. A título de informação, os dois programas de TV encontram-se disponíveis na íntegra na internet.

3.3 A ascensão e a decadência dos cinemas de Serra Talhada

O cinema, uma das mais geniais invenções do homem, a mais jovem de todas as artes nascida de uma vulgar técnica de reprodução mecânica da realidade, não poderia escapar da condição a que todas as grandes invenções humanas se submetem; a de tentar transpor os limites da humanidade. O cinema tenta fazer-se imagem e semelhança da vida, quando se faz cinema busca-se também ser um pouco Deus, e nessa tentativa criamos, copiamos, reproduzimos, guardamos em películas fragmentos de realidade. Em muitas análises ele configura-se como um dos símbolos máximos da modernidade. As palavras de James Donald citadas por Nicolau Sevcenko traduzem bem o tema tratado. A metrópole moderna e a instituição do cinema surgem praticamente no mesmo momento. Sua justaposição fornece várias chaves sobre a 65 estética pragmática pela qual experimentamos a cidade não apenas como cultura visual, mas acima de tudo como espaço psíquico. (SEVCENKO, 2004, p.522).

Os novos recursos técnicos, por suas características mesmo, desorientam, intimidam, perturbam, confundem, distorcem, alucinam. No mínimo porque as escalas potenciais e velocidades envolvidas nos novos equipamentos e instalações excedem em absoluto as proporções e as limitadas possibilidades de percepção força e deslocamento do corpo humano. (SEVCENKO, 2004, p.516).

Mas com o advento das novas gerações, que já nascem habituados a fluidez dessa sociedade vamos nos acostumando e nos adaptando a esta condição de ser moderno. Sobre essa necessidade Berman (1986) alerta: “para que as pessoas sobrevivam na sociedade moderna qualquer que seja a sua classe, suas personalidades necessitam assumir a fluidez e a forma aberta dessa sociedade, homens e mulheres modernos precisam aprender a aspirar a mudança” (BERMAN,1986, p.94). Uma das mudanças mais estarrecedoras e ao mesmo tempo mais fantásticas foi sem dúvida o cinema “o cinema não explica nem persuade, ele seduz”. Nicolau Sevcenko (2004), confessa a impossibilidade humana em resistir à sétima arte, chegando a conclusão que de todas as práticas culturais que nasceram com a modernidade no século XX o cinema é a mais forte, a mais encantadora e sedutora.



Imagem 106: Ingresso de entrada do primeiro cinema de Serra Talhada (Fonte: Blog do Professor Paulo Cesar)

A imagem 106 é uma reprodução de um ingresso de entrada do primeiro cinema de Serra Talhada – na época ainda era chamada de Vila bela – começou a funcionar o Cine –Theatro São José, que pertencia a Sérgio de Souza Mello. Não se têm registros de sobre a encenação de peças de teatro no local, no entanto, sabe-se que o outros cinemas da região do Pajeú fundados na mesma época, também

receberam o nome de cineteatro, a exemplo dos cinemas de Triunfo e de Afogados da Ingazeira. O cinema São José funcionou precariamente na popular Rua Grande, na época era oficialmente chamada de Rua Monsenhor Afonso Pequeno, hoje Praça Dr. Sérgio Magalhães. No São José sempre eram exibidos os “filmes mudos”, com destaque para os filmes dirigidos e estrelados pelo genial Charles Chaplin. No final dos anos 30, foi inaugurado o cinema no Clube Social Líder, de propriedade do Sr. José Rufino da Silva.

O mais popular de todos os cinemas de Serra Talhada foi o Cine Art, que foi construído pelos irmãos empreendedores Gomes Lucena em 1951, nas imediações da Rua Agostinho Nunes Magalhães e Rua 15 de Novembro, com a exibição do filme inaugural “Romance em Alto Mar” com Dóris Day e Jack Carson. Em 13 de maio 1973, o Cine Art foi reinaugurado com suas novas estruturas já Praça Agamenon Magalhães – o marco zero da cidade -, com capacidade para mais de 459 pessoas.



Imagem 107: Cine Art (Fonte: Site Farol de Notícias)

A imagem 107 é do Cine Art, logo após a sua inauguração, em 1973, já que na Praça Agamenon Magalhães. O prédio do cinema construído com traços da arquitetura predominante na época, fica a direita da foto, apesar de que a imagem pode deixar a impressão de que o cinema não atraiu a atenção dos serra-talhadenses, já que não há nenhum tipo de movimentação em frente a ele, sejam pessoas esperando para entrar ou saindo de uma sessão, ou até mesmo por que várias crianças brincam tranquilamente na praça em frente ao cinema. Na verdade existia uma escola primária, chamada Escolas Reunidas Ana Ribeiro, próxima ao Cine Art, certamente essas crianças fardadas estão brincando durante o intervalo do horário de aula, ou estavam aguardando a hora da entrada na sala de aula, seria então uma imagem de um dia comum, e não de um momento que antecederia a exibição de um filme.

Para se ter uma idéia da experiência dos serra-talhadenses, no início da década de 50, as duas salas cinematográficas, Cineart e Cine Plaza, viviam lotadas nos dias de exibição. E quem nos contou algumas dessas histórias foi Raimundo Santana (2016), uma das poucas testemunhas desse período e que trabalhou em um dos cinemas de Serra Talhada. Hoje com 75 anos, Seu Raimundo, que não gosta de ser fotografado, lembra do passado com carinho e percebe, sereno, que dedicou grande parte do seu tempo a anunciar os nomes das películas que seriam exibidas no Cine-Art. Este cinema corresponde hoje a um prédio de festas próximo à Concha Acústica, na região central da cidade. E teve como primeira sede todo um quarteirão, dividido em duas partes - sala de exibição e lanchonete - e que se estendia de onde atualmente funciona a Farmácia Tupan, indo até a Praça Sérgio Magalhães, as primeiras instalações tinham acentos para acomodar 500 pessoas.

Aos 15 anos de idade, Raimundo Santana abraçou a oportunidade de trabalhar como projetor de filmes. E assim pegou gosto pelo ofício. O cinema que foi inaugurado em 1951, só veio a contar com o trabalho e a dedicação de um garotinho franzino, de olhos fundos e tímido, em 1955. Foi aos poucos que Santana foi mostrando toda a pujança das suas cordas vocais anunciando as películas que seriam exibidas na sala de projeção:

“Primeiro eu fazia o anúncio num carro de som, saía rodando a cidade. Estacionava numa esquina e via as pessoas parando para ouvir a novidade da semana. Casais de namorados aproveitavam para trocar afagos, um grupo de amigos trocava piadas, outros trocavam gibis. De repente, as pessoas eram surpreendidas com a minha voz dizendo anunciando: Hoje, no Cine-Art, cinemascope colorido, filme Tarzan, com Johnny Weiss Muller. Ao chegar no cinema lotado, as pessoas se acomodavam. Então a luz se apagava e o silêncio reinava. E daí por diante o filme ganhava vida nos olhos do público”. (SANTANA, 2016)

Segundo Raimundo Santana (2016), ele anunciou e projetou mais de 1000 filmes durante o período em que trabalhou no Cine-Art. “Era bom demais. Sempre lotava e várias vezes eu tive que fazer duas sessões por dia do mesmo filme”. Outra forma adotada pela proprietária do cinema, a Senhora Zefinha Gomes, de chamar a atenção do público para o início da sessão, era tocar uma sirene que ficava na porta de entrada da sala exibição. Quem acionava a sirene era Seu Raimundo, “teve um dia que trouxeram de São Paulo uma corneta poderosa. Quando chegou a hora de anunciar o filme eu dei corda nela e o som foi tão grande que causou medo e veio gente lá do bairro da Bomba desesperada pensando que era o fim do mundo. Depois me disseram que o senhor José Olavo de Andrada (empresário da cidade e que morava nas proximidades), que estava de cama, quase morreu do susto”, completou”, relata Santana (2016).

O ex-presidente da Fundação Casa da Cultura de Serra Talhada, Tarcísio Rodrigues, foi contemporâneo das salas de cinema Cine Arte Cine Plaza. Ele conta que era comum ver, em dias de matinê, o alvoroço das crianças à espera das películas. “Quantas e quantas vezes ficamos sentados na calçada do Cine Art à espera do filme, que estava atrasado. Esperávamos Raimundo que havia de deslocado até a estação ferroviária para buscá-lo”, recorda. Os filmes viajavam de trem de Recife até Serra. “Sabíamos a duração do filme pela quantidade de latas. Sem contar que os filmes eram em inglês, legendados. Praticamente aprendemos a ler no cinema.” As pessoas que acompanharam o apogeu cinematográfico da terra de Lampião guardam consigo, hoje, os bons frutos gerados pela experiência. Assim, através de filmes, Raimundo conseguiu projetar sonhos na mente de crianças e jovens de toda a região. “Flash Gordon”, “Perdidos no Espaço”, “Fu Ma Chu”, “Os Perigos de Naiwoaka”, “Capitão Marvel”, “Os Dois Moleques Mexicanos” foram alguns dos filmes exibidos por Raimundo Santana. “Às vezes o povo saía chorando

de emoção”, revelou. Da herança do trabalho como projetor de filmes, Seu Raimundo continuou apenas no ramo da propaganda-volante, com o seu inseparável carro de som, agora, divulgando marcas de empresas, festas e velórios. Infelizmente os cinemas de Serra Talhada chegaram ao fim. Raimundo Santana não sabe dizer com certeza o por quê da extinção, mas acha que foi devido ao advento da televisão, que invadiu, a partir de 1950, os sertões nordestinos transformando o gosto da população do interior.



Imagem 108: Cine Plaza, início da década de 1980 (Fonte: Site Farol de Notícias)

A imagem 108 é do Cine Plaza, que foi inaugurado em 12 de julho de 1958, com um auditório que cabia mais de 700 pessoas. O empreendimento pertencia ao José Aureliano Acioly, mais conhecido por 'seu' Lourinho, e ficava localizada na Rua Agostinho Nunes de Magalhães. Durante quase três décadas os Cine Arte o Plaza disputaram as atenções dos serra-talhadenses. Mas no início dos anos 80, com a massificação do uso do aparelho e TV, os cinemas foram perdendo espaços. Mesmo sendo usados para festas e eventos de colação de grau de escolas e da FAFOPST, os dois cinemas não resistiram e fecharam as portas. Na imagem 98, dois jovens pousam em frente ao Cine Plaza, pelo registro é possível dizer que naquele momento não havia exibição de nenhum filme, visto que a rua está praticamente deserta.

Um dos saudosistas do cinema é o escritor Adelmo Santos (2017), que nos prestou o seguinte depoimento:

“Meu nome é: Adelmo José dos Santos. As imagens eram do Repórter Esso com as notícias do Congresso e do Canal 100, com os lances de um Fla X Flu com os gols de Fio Maravilha. Minha reação foi de muita emoção, eu fiquei vendo as cortinas tremulando, parecia que os atores estavam atrás se preparando. Esse choque foi causado com a chegada da televisão, ela acabou com os cinemas, com o jeito de falar e com as brincadeiras nas calçadas. O acesso era difícil, a gente não tinha dinheiro para pagar a entrada. Eu tive que pegar frete na feira pra poder ir pro cinema. Foi em 1967, no Cine Plaza, com o filme "Coração de Luto". Esse foi o filme que mais botou gente dentro dos cinemas de Serra Talhada. Quando o rancho pegou fogo, olhei pra um lado e pro outro, e vi todo mundo chorando, eu senti muita emoção, não consegui segurar, não deu nem tempo de lembrar que era feio homem chorar e acabei chorando também. Fiquei muito triste, eu já morava em SP. Um dia cheguei de férias e presenciei a cena. Quem perdeu foi a cultura da cidade. Foi triste o fim dos cinemas que concorriam ao sucesso dos seus filmes no passado, e morreram de repente, todos os dois de mãos dadas”

Hoje, poucas cidades do Sertão pernambucano, como Afogados da Ingazeira, Arcoverde e Triunfo, que mantêm ativos os seus cinemas, depois de uma ampla reforma com apoio do poder público. No caso de Serra Talhada, as reformas já praticamente impossíveis. O Cine Art foi vendido e hoje é uma luxuosa casa de recepções e o Cine Plaza foi adquirido pela Igreja Universal do Reino de Deus.

3.4 Rádio Voz do Sertão: Primeira rádio de Serra Talhada ainda vive no imaginário popular

O rádio chegou a Serra Talhada na primeira metade do século XX, os primeiros aparelhos foram adquiridos pelos comerciantes e as lideranças políticas, ou seja a elite da cidade. Várias emissoras de rádio do Rio de Janeiro, Salvador e Recife eram bastante ouvidas na cidade e na zona urbana. A primeira transmissão de rádio feita em Serra Talhada ocorreu durante a realização da Festa do Algodão, em 1953, direto da Fazenda Saco, local do evento.

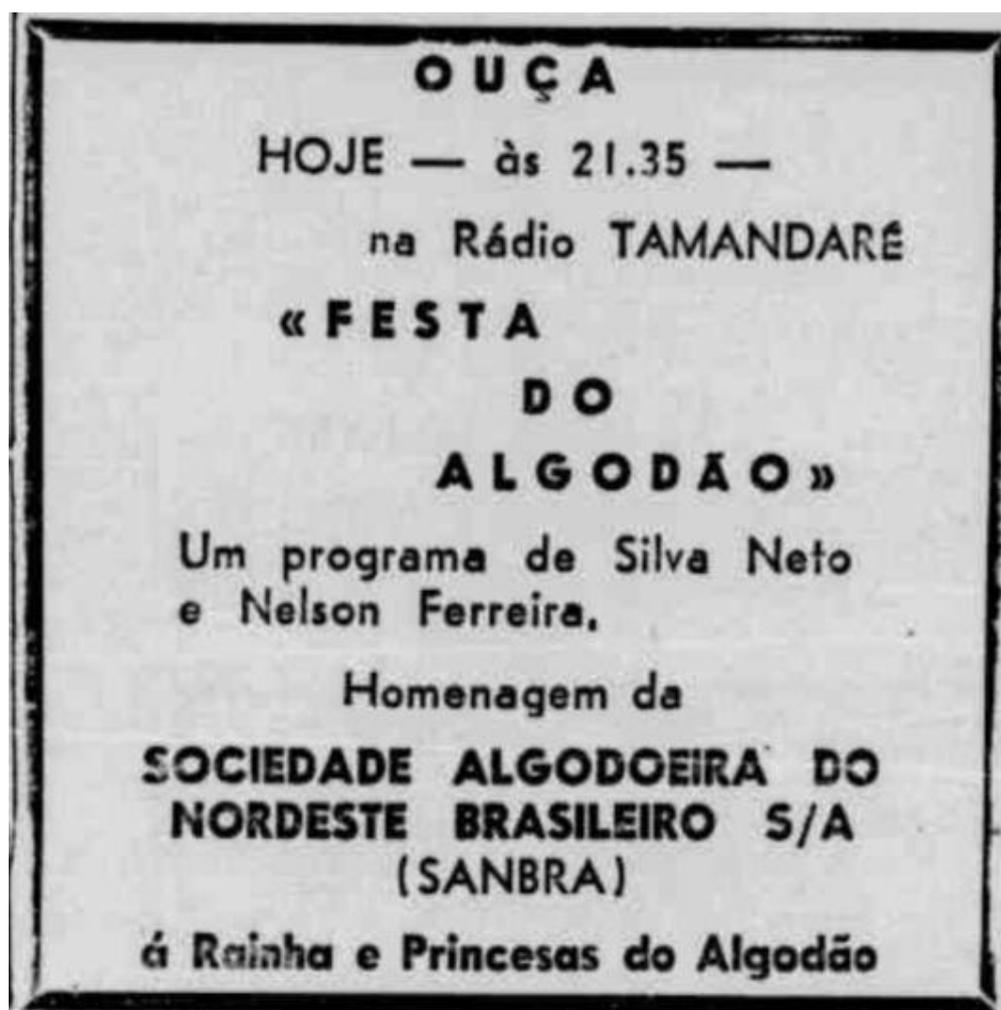


Imagem 109: Anúncio do programa de rádio sobre a Festa do Algodão (Fonte: Diário de Pernambuco)

Antes de surgir a primeira rádio de Serra Talhada ocorreu uma transmissão história feita da cidade até os estúdios da rádio Tamandaré em Recife, conforme consta na imagem 109. Essa transmissão foi feita durante a Festa do Algodão em 1953, segundo o Diário de Pernambuco, de 18 de agosto de 1953, a direção da emissora fez o seguinte relato.

[... Apesar da grande distância que separa as duas cidades Recife e Serra Talhada e dos inúmeros óbices técnicos a vencer, a Rádio Clube de Pernambuco que conseguiu oferecer aos seus milhares de radio-escultas, uma reportagem completa sobre o grande acontecimento econômico-social, em que se constituiu a Festa do Algodão. Reportagem feita diretamente do local, e não em simples gravações para Irradiação posterior Reportagem com o calor vivo da autenticidade, com os fatos bolindo na hora exata em que aconteciam, Reportagem rica de movimento e pitoresco, repleta de interesse e vida...] (Diário de Pernambuco, 1953).

Segundo Melo (1951), existiam na cidade duas difusoras, que surgiram nos anos de 1950 e que resistiram até os fins dos anos de 1970. Nas difusoras eram feitos anúncios comerciais e avisos de falecimento, aniversários, casamentos e batizados, além tocar músicas nos intervalos das propagandas ou dos avisos. Era através das difusoras que a população ficava informada dos principais acontecimentos da cidade.



Imagem 110: Prédio onde as primeiras transmissões da rádio a Voz do Sertão foram realizadas
(Fonte: Victor Oliveira)

O rádio é visto por muitos historiadores como o grande responsável pela integração brasileira ainda nos anos de 1930, um processo que teve início com a primeira transmissão radiofônica, em 07 de setembro de 1922, ocorrida na cidade do Rio de Janeiro, através da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Edgar Roquette Pinto. Podemos também dizer que esse veículo de comunicação tenha sido o pioneiro no processo de globalização, antecedendo de forma pontual, a internet. Um bom exemplo é que o início e o fim da Segunda Guerra Mundial foram anunciados ao mundo pelas ondas do rádio.

A primeira emissora de rádio do Sertão pernambucano foi a Rádio Pajeú AM, de Afogados da Ingazeira. Em Serra Talhada, a primeira emissora foi inaugurada em 8 de janeiro de 1979, a rádio A Voz do Sertão (imagem 110), que pertencia ao ex-deputado Inocêncio Oliveira. Embora componha um dos setores da indústria cultural por esta entre os veículos de comunicação da radiodifusão, o rádio passou por transformações consideráveis depois da implantação da televisão no Brasil. “O surgimento da televisão no Brasil, em 1950, anunciava o fim do glamour da Era do

Rádio, que passaria ao ostracismo interiorano, resultando o novo meio como forma de entretenimento e informação para as metrópoles (CRUZ, BARROS E TAVARES, 2000, p. 33). O ostracismo interiorano do rádio sugerido pelos autores caiu como um “luva” para os políticos, sobretudo para aqueles com base em municípios de pequeno porte, que passaram a utilizar o rádio como instrumento eleitoral.

Nesse cenário, Inocêncio Oliveira não hesitou em cair em campo para conseguir uma concessão de rádio. Logo no início da sua vida pública – foi eleito deputado federal pela primeira vez em 1974 -, o parlamentar recebeu, em 1977, no governo do presidente militar Ernesto Geisel, a outorga de um canal de rádio em Serra Talhada, a voz do Sertão, de frequência AM. Foi a primeira de uma série de três rádio que o deputado tem, ainda hoje, no Sertão pernambucano. O ato foi assinado pelo Ministério das Comunicações em 10 de maio de 1977 e publicado no Diário Oficial no dia seguinte. No dia 8 de janeiro de 1979, A Voz do Sertão entrou no ar. Segundo Marcos Oliveira, ex-diretor da empresa radiofônica, A Voz do Sertão foi um dos primeiro veículos de comunicação a cobrir toda a região do Sertão pernambucano. É importante fazer uma observação sobre o interesse de Inocêncio Oliveira pelos veículos de comunicação. Logo depois da instalação da primeira rádio, o deputado criou um jornal impresso, que funcionava no mesmo local de A Voz do Sertão.

Uma das bases teóricas que fundamenta o estudo do coronelismo eletrônico é a economia política da comunicação, a qual deveria da economia política. Para Vincent Mosco, a Vertente teórica pode ser definida como “o estudo das relações sociais, particularmente das relações de poder, que constituem mutuamente a produção, a distribuição e o consumo de recursos” (MOSCO, 1996, p. 25). Janet Wasko (2006) resume a preocupação dos economistas políticos ao afirmar que esses estudiosos documentam e analisam as relações de poder, as classes sociais e outras desigualdades estruturais. A situação também colabora para que uma das faces da concentração ainda permaneça em voga, como demonstra o pesquisador Venício Lima, no artigo “As Brechas ‘Legais’ do Coronelismo Eletrônico” (2007):

O “coronelismo eletrônico” é uma prática antidemocrática com profundas raízes históricas na política brasileira e perpassa diferentes governos e partidos

políticos. Por isso mesmo, ele se constitui num dos principais obstáculos à efetiva democratização das comunicações. Através dele se reforçam os vínculos históricos que sempre existiram entre as emissoras de rádio e televisão e as oligarquias políticas locais e regionais na maior parte do país (LIMA, 2007, p. 125).

Alguns autores ligados a história das comunicação no Brasil, usam o termo coronelismo eletrônico em analogia ao coronelismo histórico, definido no clássico livro *Coronelismo Enxada e Voto*, de Victor Nunes Leal, lançado em 1947. Para Leal (1978), o coronelismo:

“(...) é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influencia social dos chefes locais notadamente dos senhores de terra. (...) é uma forma peculiar de manifestação do poder privado, ou seja, uma adaptação em virtude da qual os resíduos do nosso antigo e exorbitante”.

Os traços desse fenômeno também já haviam sido reconhecidos em pesquisa anterior, realizada por uma das autoras desse artigo, quando essa se debruçou acerca do conceito e reconheceu o termo como uma forma metafórica de retomar a definição histórica lançada por Leal. Entre as várias definições desse novo fenômeno, os pesquisadores Venício Lima e Cristiano Lopes (2007) apontam similaridades entre os dois termos.

As emissoras de rádio e televisão dão origem a um tipo de poder agora não mais coercitivo, mas criador de consensos políticos, sociais e culturais. São esses consensos que facilitam (mas não garantem) a eleição (e a reeleição) de representantes – em nível federal, deputados e senadores - que por sua vez permitem circularmente a permanência do coronelismo como sistema -. Ao controlar as concessões, o novo coronel promove a si mesmo e aos seus aliados, hostiliza e cerceia a expressão dos adversários políticos e é fator importante na construção da opinião cujo apoio é disputado tanto no plano estadual como no federal. No coronelismo eletrônico, portanto, a moeda de troca continua sendo o voto, como no velho coronelismo. Só que não mais com base na posse da terra, mas no controle

da informação – vale dizer, na capacidade de influir na formação da opinião pública (LIMA; LOPES, 2007, p. 3).

Como podemos constatar, apropriação do público pelo privado tem sido a maior característica de tais fenômenos, que também exerce um profundo controle do que deve ser informado e de como as informações devem ser repassar a sociedade. Com interesses políticos ou capitalistas, os veículos de comunicação e, por conseqüência, os empresários da mídia têm uma forte ligação com o poder, o que facilita a barganha política em torno das concessões de rádiofusão e, por conseguinte, a pratica do “coronelismo eletrônico”.

Sendo assim, o controle político de Inocêncio Oliveira foi exercido através dos meios de comunicação, sendo A Voz do Sertão, a primeira ponta da lança. Os estúdios da rádio foi instalados no prédio da gráfica O Sertanejo (Foto), que também pertencia ao político. A antena que retransmitia os programas da emissora, através das ondas modulares (AM), ficava localizada no bairro da Cohab. A Voz do Sertão deu nova perspectiva de comunicação e socialização à cidade, que na época vivia ascensão dos aparelhos de TV. Os primeiros aparelhos com válvula chegaram à cidade nos 70 ainda em preto e branco, e em compasso com o declínio dos cinemas.

Pelos microfones da rádio passaram nomes que marcaram a história da radiodifusão em Pernambuco, entre eles, Octávio Júnior, José Honório, Wiston Monteclaro, Moacir Alexandre, Nildo Gomes e Eduardo Godoy (Pé de quento). Um dos últimos remanescentes da geração dos anos 80, que se projetaram na “Pioneira da Cidade”, foi o comentarista esportivo, Agnaldo Silva. O comunicador hoje faz parte da equipe de esporte da rádio VilaBela FM, assim como Francisco das Chagas (Francys Maia).



Imagem 111: Entrevista do locutor Octávio Júnior com o presidente do Comercial para a rádio a Voz do Sertão (Fonte: Blog do Professor Paulo César)

Imagem 111 é um registro de como “a rádio pioneira da cidade” foi responsável por integrar a cidade através de coberturas, como por exemplo, as dos jogos de futebol, principalmente das partidas que envolviam o time do Comercial, que por sinal, foi o primeiro clube profissional do Sertão de Pernambuco, e chegou a disputar os estaduais de 1980/81/82. No livro “Comercial: Um clube imortal” (Gomes, 2015), encontra-se o depoimento importante do radialista e ex-diretor da rádio José Honório, que relata o passa-a-passo de como era feita as transmissão esportiva da rádio A Voz Do Sertão, a grade da programação esportivas e suas lembranças do clube de futebol da cidade:

“A primeira equipe esportiva da A Voz do Sertão tinha como comandante o grande Otávio Jr., que também era comentarista ao lado de Milton Baiano, e Wilsom de Souza e Gilberto Santos, eram os repórteres, o narrador era Wanderley Galdino, o plantão esportivo era feito José Honório. Em meados de setembro de 1979, Zé Honório passou a ser narrador e Gildo Godoy o comentarista, e as reportagens a cargo de Gilberto Santos e João Filho, o plantão ficou por conta de Roberto Nascimento. Na época os jogos eram transmitidos com linhas da TELPE e era usada uma mesa portátil para transmitir os jogos. No Pereirão a emissora disponha de uma linha exclusiva, mas quando os jogos eram fora, era preciso solicitar duas linhas a TELPE com uma antecedência de 72h., já para as partidas fora do estado as linhas usadas eram da EMBRATEL. Quando indagado sobre o período em que narrou jogos do Comercial, Zé Honório não disfarça a emoção. “Narrei vários jogos do Comercial. Era um time imponente, quase imbatível

quando jogava em seus domínios. É difícil dizer qual jogo foi mais emocionante, pois foram muitos. Contra os três grandes da capital pernambucana, Madureira e São Cristóvão, do Rio de Janeiro (amistosos). Mas teve um que me lembro bem, pois foi muito marcante. Foi um amistoso contra o Ceará, que terminou empatada em 1 x 1, que Fio Maravilha jogou pelo Comercial e fez jogadas inesquecíveis. Para ele existiram grandes jogadores que vestiram a camisa do time alvirrubro em suas diferentes fases. “É difícil dizer qual o melhor time do Comercial, mas muitos jogadores fizeram a diferença em épocas distintas, como os goleiros Edson I, Edson II e Beto do Batukão, Bria, Paulo Moura, Messias, Gula, Lula, Batista, Willams, Toninho, Colorado, Puritó, Grego. E tantos outros como o inesquecível Mimi, que pra mim, junto com Bria e Gula, eram jogadores diferenciados” conclui Honório¹⁶⁴.

Com o processo de migração da frequência das rádios AM para FM (frequência modulada), A Voz do Sertão silenciou, restando apenas alguns aparelhos dos antigos estúdios e muitas histórias que fazem parte da vida de ouvintes e funcionários da extinta rádio. Segundo Neves Rodrigues, a popular Nevinha, a mais antiga funcionária da empresa, algumas histórias lhe marcaram bastante, principalmente as que envolviam uma espécie de “amor platônico”, entre ouvinte e locutor:

“Cheguei aqui na rádio em meados dos anos 1980, fiz muitas amizades e sempre me lembro do carinho do deputado Inocêncio Oliveira com os funcionários. Uma das histórias que mais me marcaram foi quando uma mulher que se apaixonou por um radialista, que ela apenas ouvia a voz. A ouvinte resolveu acampar aqui na rádio com uma mala, dizendo que só saía casada com o locutor. Depois de muita conversa, eu consegui fazer com que ela mudasse de ideia, mas pense que foi um sufoco.” (Rodrigues, 2017).

¹⁶⁴ GOMES, Paulo César. Comercial: Um clube imortal. Relatos e histórias do primeiro time do sertão na elite do futebol pernambucano. 1. ed. Afogados da Ingazeira: Gráfica Asa Branca, 2015. p. 70-71.



Imagem 112: O radialista Gilberto Lima, também começou sua carreira na A Voz do Sertão e hoje atua na Líder FM (Fonte: Alejandro J. Garcia, 2017)

O radialista Gilberto Lima, imagem 112, começou a sua carreira na A Voz do Sertão, hoje ele faz parte da Rádio Líder FM, que pertence ao mesmo grupo. Segundo Gilberto, uma das histórias marcantes sobre a emissora, é sobre um locutor que conseguiu passar várias horas no ar, sem intervalos e falando todo o tempo:

“Na época se usava ‘pickup’ onde se tocava os LP (discos de vinil) e os comerciais eram gravados em fitas cassetes. Acontece que as duas ‘picakps’ quebraram e os tocas-fitas também. O locutor ficou falando sem parar no microfone, para a rádio não sair do ar. Não sei onde achou tanto assunto para falar, mas dizem que ele falou por horas a fio até que outro funcionário percebeu e entrou nos estúdios para ajudar o rapaz”.(Lima, 2017).



Imagem 113: Victor Oliveira, empresário e neto Inocêncio Oliveira, responsável pela administração das emissoras do avô (Fonte: Alejandro J. García, 2017)

As empresas radiofônicas do grupo Inocêncio Oliveira estão sob a administração do jovem empresário Victor Oliveira, imagem 113. O herdeiro é neto do ex-deputado e fala com orgulho da história da emissora e do amor que o seu avô tem pelas rádios que adquiriu. “Tudo começou ainda nas dependências da gráfica do meu vô. A Voz do Sertão conseguiu ser ouvida em vários lugares do Brasil e até do mundo, já recebemos cartas de outros países. O vô sempre fala sobre o sentimento que tem pelas rádios e já disse que não é para se desfazer delas de jeito nenhum, porque ele tem um carinho muito especial por elas”, comentou Victor.

3.5 A história do pioneiro na fotografia de Serra Talhada, do lambe-lambe ao binóculo: ‘olha o passarinho!’

Desde a sua criação a fotografia serve para eternizar momentos importantes e contar histórias através das imagens. A fotografia congela o passado para se movimentar no presente. Em Serra Talhada, nos anos 60 e 70, um dos fotógrafos mais conhecidos e solicitados para bater os retratos foi o seu Oliveira Burrego.



Imagem 114: Seu Oliveira Burrego pioneiro da fotografia em Serra Talhada (Foto: Alejandro J. Garcia)

Nessa época os retratos eram feitos em preto e branco, não tinha câmera digital. Os retratos eram revelados mergulhados numa bacia, era quase um milagre que o fotógrafo fazia na hora que a imagem aparecia. Hoje em dia, mesmo com a tecnologia para o fotógrafo fazer uma boa fotografia, não basta ter um bom equipamento se não tiver o olhar de quem bate o retrato.

É no olhar do fotógrafo que está toda a candura que esconde a magia. Antes de bater a foto o fotógrafo antecipa a imagem vendo a foto na moldura. Seu Oliveira Burrego, imagem 114, era craque na arte de fotografar. Com a máquina lambe, lambe registrou coisas importantes com o poder da criação. Batendo fotografia teve a arte e a magia de poder parar o tempo na palma de sua mão.

Seu Oliveira Burrego era o fotógrafo das famílias, retratando a gravidez com as senhoras de barriga. Ele só não batia foto na hora que o bebê nascia, mas depois acompanhava a vida no dia a dia. Foi revelando em papel e revelando em binóculo que Oliveira Burrego foi fazendo as suas fotos, registrando o passado, através de um gesto instantâneo, sem deixar passar inócuo um determinado momento.

Segundo o fotógrafo, “quando tinha uma festa aqui em Serra Talhada, as pessoas iam para praça, os pais levavam os filhos para tirar fotografia, ajeitando seus cabelos se olhando no espelho. Eram meninas e meninos chegando, arrumando as roupas, procurando o coreto. Um grande momento, todo mundo procurava a frente de um monumento. Eu atendia todos com carinho e mirava a máquina e gritava: Olha o passarinho!”. Com o clique da sua máquina Burrego (2016) registrou imagens de casamentos, batizados, formaturas, carnavais, festas juninas, festas de setembro, festas natalinas e de ano novo. Segundo ele, a sua máquina era antiga e por isso tinha que usar um tripé e as fotos logo que reveladas eram entregues sem demora. Foi assim que Oliveira Burrego exerceu com dedicação e presteza a sua profissão.



Imagem 115: Francisco de Assis da Silva, o Pelé da fotografia e sua câmara Yashica (Fonte: Alejandro J. García)

Entrevistamos também o Francisco de Assis da Silva, ou simplesmente ‘Pelé’, imagem 115, natural de Serra Talhada, que iniciou a profissão em 1977. Tranquilo e com um jeito manso de falar, Pelé começou fazendo fotografia com o saudoso Jesus Vasconcelos, que montou um estúdio no prédio onde funcionava o antigo Cine Art,

na Rua Agostinho Nunes Magalhães. “Tudo o que aprendi em fotografia foi com o seu Jesus e sou muito grato. Os tempos eram outros e ainda guardo muitas recordações. Inclusive do Cine Arte e dos seus grandes filmes”, relembra. Aos 55 anos e com a vida consolidada, Pelé diz que todo o sustento da família foi através das lentes fotográficas. “Se eu fosse nascer de novo e pudesse escolher eu queria nascer fotógrafo novamente. Criei meus filhos e ainda vivo de fotografia. Não tenho dúvidas que faria tudo de novo”.

Segundo Francisco de Assis (2017), foi o acaso que o levou a ser conhecido por Pelé, apelido que acabou se tornando a sua identidade profissional. “A coisa aconteceu durante o desfile de 7 de setembro, em 1978, eu estudava no Cornélio Soares e ia desfilando de marinheiro. Tava tudo certo. O tema era a Copa do Mundo e uma homenagem à seleção brasileira. O menino que ia desfilando de Pelé faltou. Então disseram: “entra aí Francisco, você vai ser o Pelé. Pois bem. Fiquei Pelé até hoje”, destaca Francisco de Assis, sem esconder o orgulho do apelido.



Imagem 116: Foto da feira-livre de Serra Talhada feita por Pelé (Fonte: Site Farol de Notícias)

A imagem 116 foi feita por Pelé no final dos anos de 1970, logo no início da carreira do fotógrafo. O destaque é para Antônio de Bia, que na época vendia revistas na calçada da loja “A Majestosa”. Pouco tempo depois o Antônio passou a vender as suas revistas, gibis e jornais em uma barraca que ficava em frente à agência do Banco do Brasil, na Praça Sérgio Magalhães.

Antonio de Bia foi o pioneiro em trazer informação escrita para Serra Talhada, onde tinha dezenas de clientes que faziam encomendas das revistas nacionais, livros de bolsos e tudo do gênero. Muitos dos produtos comercializados por Antônio chegavam a cidade de trem ou nos ônibus, que na época já faziam transportes de passageiros e de encomendas, entre as principais cidades do Brasil e Serra Talhada. Sempre simpático, o livreiro tinha um bordão bem peculiar ao atender os clientes: “Tu é meu amigo ou não é?”.

A fotografia acima também retrata o cotidiano da tradicional feira livre, que teve início no dia 10 de fevereiro de 1778, uma segunda-feira, na então fazenda Serra Talhada. No fundo da imagem é possível perceber as diversas barracas de ferro e lona que tomava conta do centro da cidade. A feira livre deixou de ser realizado no centro da cidade em 2006 e foi transferida para uma estrutura moderna denominada de “Pátio da Feira”. A velha feira ainda continua viva na memória da pessoas. Domar (2017) nos fez o seguinte relato:

“Muitas coisas povoam minha cabeça, maravilhosas lembranças, das feiras no verdor da minha juventude, morando na parte da cidade onde se concentrava o maior volume de feirantes: no final da Rua XV de Novembro. Olhando com o olhar de hoje, parece até que a feira era um grande evento cultural com tanta coisa bacana que se via: as bancas com bonecas de pano, bonecos ou animais feitos com palha de coqueiro ou catolezeiros, rosário de coco de catolé, carrinhos de brinquedo feito com tábuas e latas de óleo, hoje só vemos estas coisas nas feiras de artesanatos. Havia ainda as apresentações de artistas mambembe quebrando uma pedra de meio fio no peito com alguém batendo com uma marreta, ou alguém puxando um caminhão com uma corda amarrada nos longos cabelos e a outra ponta no pára choque do automóvel, alguém que fazia chover moedas (chamávamos de prata) debaixo de um pé de figo na praça, outros engolindo faca e cuspiendo fogo, sempre aparecia um tal de Índio do Paraguai desafiando deus e o mundo para uma luta corporal anunciando ser tão forte quanto Sansão. Os mais inteligentes da cidade diziam que aquilo era magnetismo. Até hoje não consegui entender o que tem haver uma coisa com a outra, mas era isto mesmo que diziam”.

Indiscutivelmente, os fotógrafos de hoje e do passado, ajudaram e ajudam a registrar as diversas etapas vividas por Serra Talhada e pela a sua população, e, são essas imagens, que ajudam a manter vivas as memórias e as histórias dessa importante cidade do Sertão de Pernambuco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas páginas que antecedem essas considerações finais, procuramos revelar a chegada do moderno na cidade de Serra Talhada, no Sertão pernambucano, dentro do recorte temporal que se estende por pouco mais de duas décadas (1940 – 1980). Rastreamos indícios ligados a temática em questão, trabalho esse que não foi fácil, visto que a cidade em estudo é bastante carente de arquivos públicos organizados. Procuramos utilizar fontes variadas, a exemplo de: livros, revistas, sites das internet, depoimentos orais, jornais, e principalmente, das fotografias. A modernidade é um tema amplo e complexo que não se esgota. A cidade é um espaço de lutas, desejos e utopias, e tem uma longa história. Os vestígios mais antigos com relação a aglomerações urbanas, com exceção da histórica cidade de Jericó, datam de aproximadamente 3.000 a.C.

Já na antiguidade, a cidade se constituiu como centro de diversidade, pois passou a receber indivíduos egressos de diferentes lugares e culturas. Enfim, as cidades foram os grandes cenários da modernidade e, hoje o lugar emblemático das suas ruínas e das suas tentativas de reconstrução. Assim sendo, recuperamos indícios ligados ao processo de modernização da cidade de Serra Talhada, numa trajetória, que procura entender a implicação que tal atividade passou a exercer no imaginário social da urbe.

Nesse contexto, os jornais e revistas se mostraram uma fonte importante para o nosso trabalho. Pois, a partir deles foi possível acessar indícios ligados as transformações que a cidade viveu, transformações essas que dizem respeito tanto a modernização, quanto ao imaginário moderno que tinha como centro as grandes metrópoles do mundo. Procuramos trazer para o debate atual, características físicas e sensíveis de uma cidade que não existe mais, graças a uma série de reportagens a memória da cidade foi preservada, e dessa forma guardar, apesar de tantas mudanças, as inscrições de outros tempos.

Na medida do possível, isto é, até onde nos foi possível encontrar vestígios (relatos orais, contos, entre outros) que se relacionem com as transformações

sofridas pela cidade de Serra Talhada, dentro da temporalidade em questão, a fonte oral deu uma contribuição importante a esse trabalho. Visto que, foi a partir dela que pudemos revelar recortes ligados ao cotidiano: sobre a chegada do avião e do trem, revelar recortes ligados ao dia-a-dia, desde as conversas de banco de praça, até, a tragédias que marcaram a cidade, etc.

Vale destacar a importância das imagens, que foram utilizadas como parte importante para o presente trabalho. Tendo em vista que foi a partir do diálogo com essa fonte, aliada a escrita e oralidade, que buscamos trazer para as discussões atuais a temática da modernização e sua implicação na modernidade das cidades, tendo como objeto de estudo a cidade de Serra Talhada. Assim sendo, apesar do esforço, no sentido de viabilizar um estudo que possa dar sua contribuição aos estudos historiográficos, mais especificamente a temática das cidades, em nenhum momento se fez pretensão nossa escrever um trabalho infalível, e que dê por encerrada a temática abordada, ao contrário esperamos que o presente trabalho possa contribuir com a historiografia das cidades, em particular com a historiografia das cidades do interior de Pernambuco, e que fomenta vários outros trabalhos de pesquisa, e dessa forma, revele as histórias urbanas que se encontram a espera de historiadores para escrevê-las.

Nessa perspectiva, chegamos ao final (ainda que provisório) desse trabalho, com dúvidas e inquietações, porém, certos de que ainda existe muito a se pesquisar sobre a cidade de Serra Talhada, visto que, seria humanamente e/ou racionalmente impossível, recuperar toda a história de uma cidade em um único trabalho de pesquisa. Esperamos que muitos outros trabalhos historiográficos ainda sejam feitos sobre a cidade em questão, pois o nosso propósito é nos juntarmos a pesquisadores interessados na temática, e no objeto de estudo, para assim podermos adentrar o cotidiano dos habitantes da cidade de Serra Talhada. Isto é, revelar o mundo dos: trabalhadores das usinas de algodão e de caroá, dos operários da ferrovia, dos feirantes, dos flagelados da seca, dos moradores das periferias, das mulheres e seu gesto pioneiros, da juventude em busca do seu espaço e construído a sua identidade, enfim, procurar recuperar o dia-a-dia das pessoas que também fazem a história da cidade, mas quase sempre não aparecem na historiografia oficial.

Nessa perspectiva pesquisador tem como preocupação restaurar as tramas de vidas que estavam encobertas, procurar no fundo da história figuras ocultas, recobrar o pulsar no cotidiano, recuperar sua ambigüidade e a pluralidade de possíveis vivências e interpretações, desfiar a teia de relações cotidianas e suas diferentes dimensões de experiência, fugindo dos dualismos e polaridades e questionando as dicotomias. A exemplo das discussões sobre a importância do 'agamenonismo' para a política e a vida social de Serra Talhada, assim como, o desenvolvimento do algodão mocó, na Estação Experimental da Fazenda Saco.

Enfim, apesar da importância que os estudos do cotidiano representam para a historiografia atual, não foi possível para nós, desenvolvermos um trabalho focado no dia-a-dia das pessoas que viveram em Serra Talhada, dentro da temporalidade pesquisada, tendo em vista que trabalhamos com um recorte temporal extenso, para tal empreitada, além disso, devido à carência de produções historiográficas que tratam da temática da modernidade, tendo como objeto de estudo a cidade de Serra Talhada, decidimos então desenvolver uma abordagem mais ampla, que teve como foco a instalação de alguns equipamentos modernos na cidade, e o impacto que tal atividade exerceu no imaginário social dos serra-talhadenses.

Porém, a tarefa do historiador é imensa, necessariamente incompleta, pois os enigmas sempre exigirão novas leituras, dependendo do tempo e do espaço em que são, foram ou serão produzidos. Assim sendo, as nossas dúvidas e indeterminações, que não invalidam nem transformam nosso trabalho em mera ficção, ao contrário, servem como fomento para nossas inquietações, que buscam revelar cada vez mais e com mais coerência, os rastros e indícios que se encontram a espera de um historiador.

Seguimos então esperançosos, acreditando na continuidade das pesquisas ligadas a temática e ao objeto de estudo em questão, certos de haver ainda muito caminho a percorrer, nessa imensa e inconclusa, mas sobretudo, gratificante empreitada, que é recuperar o que for possível da trajetória de homens e mulheres que viveram em outros tempos. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância.

Portanto, procuramos na medida do possível, rastrear fontes que ofereçam respostas a nossas perguntas sobre a cidade de Serra Talhada, perguntas essas que procuram adentrar a cidade visível e a cidade sensível. Visto que, as cidades como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa. Desta forma, procuramos dar uma passo a frente, e esperamos que seja um singelo sinal de que os novos horizontes da historiografia Pajezeira estão surgindo.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALVES, Castro. **Espumas Flutuantes**, 1870.

ARRAIS, Raimundo. **O Pântano e o Riacho: A formação do espaço público no Recife do século XIX**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

ANDRADE, Maria Waleska Camboim Lopes de; LIMA, Tamires da Silva; RODRIGUES, Gerlânia Francelino; SILVA, José Lucena Nunes. **Sociodiversidade, Identidade e Valores no Semiárido**. I Congresso de Internacional de Diversidade do Semiárido. Campina Grande. PB. 2016.

ARANHA, Gervácio Batista. **Parahyba do Norte na passagem para o século XIX: vida urbana e modernidade**. IN: SOUZA, Antonio Clarindo, e SOUSA, Fábio Gutemberg (orgs). História da Paraíba - ensino médio. Campina Grande: EDUFPG, 2007.

_____. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas políticoeconômicas e práticas culturais (1825 -1925)**, Campinas-SP: UNICAMP, tese de doutorado, 2001.

_____. **A Nova História Cultural e a Antropologia: perspectivas e convergências**. In: BURITI, Iranilson; e DANTAS, Eugenia (orgs). Metodologia do Ensino e da Pesquisa – Caminhos da Investigação. João Pessoa/ Campina Grande: Idéia/ EDUFPG, 2008.

_____. **Trem de ferro em imagens literárias: advento triunfal da mecânica moderna no Brasil na transição do século 19 para o 20**. In: CITTADINO, Monique; GONÇALVES, Regina Célia. História em diversidade: ensaios de história e Ensino de História. Campina Grande: Editora Universitária-UFPG, 2008.

_____. **Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880 – 1925)**. IN: DO Ó, Alarcon Agra, e SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa, Paraíba no Império e na

República: Estudos de História Social e Cultural. Campina Grande-PB: EDUFCG, 2006.

_____. **Da vida pública noturna nas cidades do norte brasileiro: recepção ao teatro e ao cinema na passagem do século XIX para o século XX.** In: Ariús revista de ciências humanas e artes. V. 14, n 1/2 jan/dez 2008.

_____. **Campina Grande no espaço econômico regional: estrada de ferro, tropeiros e empório comercial algodoeiro (1907 – 1957).** Campina Grande –PB: UFPB, dissertação de mestrado, 1991.

_____. **Da história entre a retórica e a prova: por uma nova mimese renovada.** In: Anais eletrônicos do XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento e diálogo social. Natal-RN, 22 a 26 de julho, 2013 (P. 01-16).

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da Pós-modernidade.** Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1998, p. 13-48.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico.** 7ª Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BARTHES, Roland. **A mensagem fotográfica.** In: **ADORNO et. all. Teoria da cultura de massa.** Tradução, comentários e seleção: Luiz Costa Lima. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política.** Obras escolhidas. 3ª .ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo.** In **Obras Escolhidas III.** Tradução de José Carlos Martins Barbosa. São Paulo, Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar.** São Paulo: Cia das Letras. 1986.

BORGE, Maria Eliza Linhares. **História e fotografia**. 2ª Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BURKE, Peter (org.) **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

_____. **Escola dos Annales (1929 – 1989): a revolução francesa da historiografia**. 6ed São Paulo: UNESP, 1997.

BURKE, Peter. **Visto y no visto: el uso de la imagen como documento histórico**. Barcelona: Editorial Crítica, 2001.

CABRAL FILHO, Severino. **CAMPINA GRANDE – PB (1930–1950) Modernização, Cotidiano e Cultura Material**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação de História. 2010. V1. ISSN 2176-2767.

_____. **Imagens e Imagens: a pretexto de uma introdução**. In: **A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)**. Tese de Doutorado defendida no programa de pós-graduação em Sociologia da UFPB em 2007.

CADIOU, François... [et al.]. **Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

CAMPOS, Nilceia Protásio. **O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados**. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 19, 103-111, mar. 2008.

CANCLINI, Nestor Garcia. **A globalização imaginada**. Tradução Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CARVALHO, J. M. de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: companhia das Letras, 2004.

CAVALCANTI, Z. M. C. **DEC: A Biografia de uma Instituição Cinquentenária**. Recife: Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, 1986.

COSTA, Roberto Cataldo. **Visões da história: a fotografia como documento múltiplo**. Porto Alegre, 2001. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COSTA, Romana Maria Ramos. **Cultura e contato: um estudo da sociedade Paresí, no contexto das relações interétnicas**. Rio de Janeiro, 1985. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Fotografia e História**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1988.

_____. **Verbetes Imagens**. In: BURGUIÈRE, André. Dicionário das ciências históricas. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

DOMBRE, Louis Émile. **Viagens do Engenheiro Dombre ao Interior da Província de Pernambuco em 1874 e 1875**. Recife: Typographia de M. Figuerôa de F. & Filhos, 1893.

DOSSE, F. **A história**. Tradução Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru: EDUSC, 2003.

_____. **O império do sentido: a humanização das ciências humanas**. Tradução: Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC, 2003b.

DUBOIS, Phillip. **O ato fotográfico**. Tradução: Marina Appenzeller. 3ª ed. Campinas: Papirus. 1993.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

Harvey, David. (1992). **Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola.

LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento**. In:_____. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 5ª Ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História – novos problemas, novas abordagens, novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LEITE, Miriam Lifschitz Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: EDUSP, 2001.

LEAL, V. N. **Coronelismo, enxada e voto: O município e o regime representativo no Brasil**. São Paulo: Alfa-Ômega, [1947(1978)].

LESSA, M. **Indústria cultural & cultura da mídia: da modernidade à lógica cultural pós-moderna**. São Paulo, 2004. Disponível em: Acesso em: 12 jan. 2017.

LIMA, V. **Mídia: crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

LIMA, Ivan. **A fotografia é a sua linguagem**. Ed. Espaço e tempo. Rio de Janeiro, 1998.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo**. Álbuns de São Paulo (1887-1954). São Paulo: Mercado de Letras, 1997.

LIMA, Venício A. de; LOPES, Cristiano Aguiar. **Rádios comunitárias – Coronelismo eletrônico de novo tipo (1999-2004)**. 2007. Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor). Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=439IPB001>>. Acesso em 05 mar 2017, às 22h.

LIMA, Venício A. **Estado Laico e Radiodifusão Religiosa**. 2008. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/estado_laico_e_radio_difusao_religiosa>. Acesso em 01 mai 2017, às 17h.

LIMA, Venício A. **Política de Comunicações: o balanço dos governos Lula**. Disponível em:

<http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=490

2>. Acesso em 03 mai 2017, às 23h

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: a permanência e a revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____ ; SERROY Jean. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**; tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____ **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**; tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LORENA, Luiz. **Serra Talhada. 250 anos de história. 150 anos de Emancipação política**. Serra Talhada: Sertagráfica, 2001.

LORIGA, Sabina. “**A tarefa do historiador**”. In: GOMES, Ângela de Castro & SCHMIDT, Benito Bisso. *Memórias e narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição Densa: Por Uma Teoria Interpretativa da cultura**. In: **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil (1964 -1985)**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GASKELL, Ivan. **História das imagens**. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

GASPAR, Lúcia. **Barão de Lucena (Henrique Pereira de Lucena)**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 19 de junho de 2017.

GIMENO SACRISTÁN, J. **Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania**. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

_____. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: _____ **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

GOMES, Paulo César. **Comercial: Um clube imortal. Relatos e histórias do primeiro time do sertão na elite do futebol pernambucano**. 1. ed. Afogados da Ingazeira: Gráfica Asa Branca, 2015.

_____. **Histórias Perdidas (Serra Talhada). Um resgate da memória esquecida da cidade através de textos, fotografias e depoimentos**. 1. ed. Olinda: MXM Gráfica e Editora, 2015.

_____. **D.Gritos: do sonho à tragédia. A história da maior banda de rock do Sertão Pernambucano**. 1. ed. Serra Talhada: Desafio Art & Gráfica, 2013.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual**. ArtCultura, 2006, Vol. 8. n.12, p. 97-115.

KOOSSY, Boris. **Fotografia e História**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MACHADO, Antonio. **A ilusão especular**. Dissertação de Mestrado. PUC/SP.1983.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. **Signos em confronto? O Arcaico e o Moderno na Cidade de Princesa (PB) na Década de 1920**. João Pessoa – PB: Editora da UFPB, 2010.

MAUAD, Ana Maria. **O Olho da história: análise da imagem fotográfica na construção de uma memória**. Acervo-Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1-2, 1993, p. 25-40, jan.-dez.

_____. **Tempo. Rio de Janeiro, vol. 1 nº 2 texto: Através da Imagem: Fotografia e História- Interfaces.**1996.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho.** Bauru SP: EDUSC, 2002.

MATTOS, Meira. **Mascarenhas de Morais e sua época.** 1º Volume. BiBliEx: Rio de Janeiro, 1983.

MELO, Mário. **De fazenda de gado à sede de Comarca. In: Centenário da Serra Talhada. Monografia publicada em comemoração ao primeiro centenário da criação da Vila. 1851- 1951,** Recife, 1951.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. **Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares.** In. Revista Brasileira de História. V.23, nº 45. São Paulo: ANPUH / Humanitas Publicações, 2003. p. 11-36.

MICHELON, Francisca Ferreira. **A cidade de papel: a modernidade nas fotografias impressas de Pelotas (1913-1930).** 2001. 547p. Tese (Doutorado em História das Sociedades Ibero-Americanas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. 2. v.

MOSCO, Vicent. **The political economy of communication: rethinking & renewal.** London: Sage, 1996.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na História.** Tradução de Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

NAVARRO, E. A. **Dicionário de Tupi Antigo: a Língua Indígena Clássica do Brasil.** São Paulo. Global. 2013.

NETO, Berlamino de Souza. **Flores do Pajeú: histórias e tradições.** Recife: Print, 2004.

NEVES, Lúcia Maria Bastos; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia Maria Bessone (Org.s). **História e imprensa: representações culturais e práticas de poder.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

NORA, Pierre. **Historiens, photographes: voir et devoir**. In: CAUJOLLES, Cristian (Dir.). *Éthique, esthétique, politique*. Arles: Actes Sud, 1997.

OLIVEIRA, Alberto Rodrigues de. **Padre Afonso Carvalho Sobrinho: um homem entre os carvalhos, o meio ambiente e a igreja**. João Pessoa: Imprell Editora, 2014.

PANDOLFI, Dulce. **Pernambuco de Agamenon Magalhães: consolidação e crise de uma elite política**. Recife: Massangana, 1984.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História, História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales, a Inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

REZENDE, Antonio Paulo. **(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: FUNDARPE, 1997.

_____. **Cidade e modernidade: Registro históricos de amor e solidão no Recife dos anos de 1930**. In: MONTENEGRO, Antonio Torres, et al. *História: Cultura e sentimento: outras histórias do Brasil*. Recife: Ed. da UFPE, 2008.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

Serra Talhada (PE). In: **ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 18. p. 276-279. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_18.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2017.

SEVCENKO, Nicolau. **A Capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio.** In _____ (Org.). **História da vida privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das letras, 2004.

SOARES, Roberto Sávio de Carvalho. **Coronel Cornélio Soares: uma história de vida em Serra Talhada.** João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2013.

VELLOSO, Monica Pimenta. **História e modernismo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

WASKO, Janet. **Estudando a economia política dos media e da informação.** In: **SOUSA, Helena. Comunicação, economia e poder.** Porto-Portugal: Porto Editora, 2006.

WILSON, Luiz. **Município de Arcoverde (Rio Branco). Cronologia e outras notas.** CEPE, Recife, 1982.

RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Adelmo Santos

Adeilde Gomes dos Santos

Adriana Barbosa Oliveira

Ana Maria de Souza Neri (Aninha)

Anildoma Willams de Sousa (Domar)

Antônio Andrade Policarpo (Seu Madeira)

Expedito Nogueira

Francisco Charles Bezerra Cabral

Francisco de Assis da Silva (Pelé)

Gilberto Lima

Haroldo Azevedo

João Antunes

João Júnior

José Brasil

Maria de Fátima Conrado

Maria do Carmo Gomes Beserra

Maria Tereza de Godoy Bené

Neves Rodrigues (Nevinha)

Oliveiro Burrego

Raimundo Santana

Rêmulo Callou de Alencar

Severina Ramos de Lima

Tarcísio Rodrigues

Victor Oliveira

Seu Carlos do Bar

Seu Vanduir

Wilson Godoy

RELAÇÃO DOS PERIÓDICOS

Diário de Pernambuco

Diário da Manhã

Jornal Pequeno

Jornal do Brasil

Folha da Tarde

Jornal Desafio

Correio Brasilense

RELAÇÃO DOS SITE DA INTERNET

Farol de Noticias

Biblioteca Nacional Digital do Brasil

Blog do Professor Paulo César

FGV/PPDC

Site da Igreja Pentecostal do Brasil

REVISTA

Revista O Cruzeiro

INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

Câmara de Vereadores de Serra Talhada

Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE.

Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ

Museu do Cangaço de Serra Talhada

Prefeitura Municipal de Serra Talhada

Instituto Agrônomo de Pernambuco – IPA